

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- DOUTORADO

BIANCA NEVES

JACKSON DE FIGUEIREDO E A EDUCAÇÃO:
A MENTE DO ESCRITOR E AS MÃOS DO EDITOR (1908-1928)

PONTA GROSSA
2025

BIANCA NEVES

JACKSON DE FIGUEIREDO E A EDUCAÇÃO:
A MENTE DO ESCRITOR E AS MÃOS DO EDITOR (1908-1928)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Nívio de Campos.

Linha de Pesquisa: História e Política Educacionais.

PONTA GROSSA
2025

Neves, Bianca
N518 Jackson de Figueiredo e a educação: a mente do escritor e as mãos do editor (1908-1928) / Bianca Neves. Ponta Grossa, 2025.
218 f.

Tese (Doutorado em Educação - Área de Concentração: Educação),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Névio de Campos.

1. Jackson de Figueiredo. 2. Educação e catolicismo. 3. Escritos católicos. 4. Intelectuais católicos. 5. Igreja católica. I. Campos, Névio de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. III.T.

CDD: 370.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

BIANCA NEVES

"JACKSON DE FIGUEIREDO E A EDUCAÇÃO: A MENTE DO ESCRITOR E AS MÃOS DO EDITOR (1908-1928)"

Ponta Grossa, 27 de fevereiro de 2025

Tese apresentada para obtenção do grau de Doutora no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Prof Dr Névio de Campos - UEPG (Presidente)

Profª Drª Natalia Cristina de Oliveira - UFMS

Prof Dr Marcus Levy Bencostta - UFPR

Prof Dr Oriomar Skalinski Junior - UEPG

Profª Drª Maria Julieta Weber - UEPG



Documento assinado eletronicamente por **Névio de Campos, Professor(a)**, em 27/02/2025, às 12:02, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **ORiomar Skalinski Junior, Professor(a)**, em 28/02/2025, às 16:05, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Julieta Batista de Almeida Weber, Professor(a)**, em 28/02/2025, às 16:42, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Natália Cristina de Oliveira, Usuário Externo**, em 09/03/2025, às 17:40, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA, Usuário Externo**, em 04/04/2025, às 10:45, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **2418775** e o código CRC **60E6552A**.

Agradecimentos

Aos meus pais, Luíz e Tereza, que representam a minha origem e a minha base, e que me incentivam a ser uma versão melhor a cada dia. São eles que vibram comigo a cada conquista, e que registram o orgulho de ver a filha se tornar doutora, a primeira da família!

Ao meu marido, André, e às minhas filhas, Larissa e Estefany, que foram a alegria dos meus dias para que eu pudesse recarregar as energias para pesquisar e escrever.

Ao meu orientador prof. Dr. Névio de Campos, por ter feito parte da minha formação enquanto pesquisadora, e por ter contribuído no desenvolvimento e na concretização desta pesquisa. Foram muitos aprendizados a cada orientação! Sempre atencioso, de rápido feedback e com ótimas indicações de leitura!

Ao professor Dr. Oriomar Skalinski Junior, por toda a sua contribuição no meu processo de formação acadêmica, desde a graduação. Foi meu orientador no mestrado e o primeiro a me incentivar a continuar na pesquisa, sempre me emprestando bibliografias raras, e deixando mensagens positivas.

À professora Dra. Maria Julieta Weber, pelas leituras realizadas no decorrer das minhas pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação, sempre apresentando boas contribuições, e me incentivando a me posicionar mais enquanto autora.

À professora Dra. Natália Cristina de Oliveira, pela leitura rica e minuciosa na qualificação, e pelos momentos compartilhados no grupo de estudos. Apreendi bastante com as suas participações sobre intelectuais católicos e a educação. É uma inspiração de pesquisadora!

Ao Dr. Marcus Levy Bencostta, pela leitura do trabalho e as boas provocações acerca do meu objeto de pesquisa, no momento da qualificação, que me fizeram refletir e avançar nas discussões. Muito obrigada!

Ao grupo de Pesquisa História, Intelectuais e Educação no Brasil e no contexto internacional pelas discussões que proporcionaram muitas contribuições, e elevaram o nível de conhecimento acerca do meu tema de pesquisa.

Às minhas amigas do mestrado e doutorado, que hoje também são colegas de trabalho, Jaíne, Karina, Sandra, Michelle e Perla, por tornarem o processo de pesquisa mais leve, de incentivo mútuo, com muitas palavras positivas!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos os que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

Resumo

NEVES, B. **Jackson de Figueiredo e a educação**: A mente do escritor e as mãos do editor (1908-1928). 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2025.

Esta tese tem como objetivo analisar na trajetória do intelectual católico, Jackson de Figueiredo, as suas atuações de escritor e editor no campo da educação, no contexto circunscrito de 1908, em razão de ser o ano da sua primeira publicação, à 1928, ano de encerramento da sua direção na revista *A Ordem*, devido a sua morte. As fontes selecionadas foram os seguintes livros do autor: *Bater de asas* (1908), *Zíngaros* (1910), *Xavier Marques* (1913; 1916), *Garcia Rosa* (1915), *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (1916), *O crepúsculo interior* (1918); *A questão social na philosophia de Farias Brito* (1919), *Humilhados e luminosos* (1921), *Do nacionalismo na hora presente* (1921), *Pascal e a inquietação moderna* (1922), *A Reacção do Bom Senso* (1922), *Literatura reacionária* (1924), *Afirmações* (1924), *Auta de Souza* (1924), *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925), *A columna de fogo* (1925); e a revista *A Ordem*, de 1921 a 1928, período em que Figueiredo foi editor. Em termos específicos, esta pesquisa pretende reconstituir o processo formativo de Jackson de Figueiredo, enfatizando o seu percurso de leitor a escritor; explicitar as formulações de Jackson de Figueiredo em relação à educação à luz dos livros de marca católica do autor (escritos a partir de 1919); identificar a concepção de educação presente na revista *A Ordem*, no período em que Jackson de Figueiredo foi editor (1921-1928). A tese inscreve-se na História Intelectual, em que mobiliza a teoria dos campos de Bourdieu, especificamente os conceitos de *habitus*, campo, trajetória e capital. Sustenta-se a tese de que Jackson de Figueiredo converteu as atividades de escritor e editor em estratégias para reordenar e impulsionar o poder institucional e simbólico da Igreja católica no contexto brasileiro da década de 1920, assim como para congregar outros intelectuais católicos no seio desta instituição religiosa e nas disputas dos meios culturais e políticos. No período em que Jackson de Figueiredo foi editor da revista *A Ordem*, a educação foi uma preocupação nas publicações, explorada nesta tese a partir das seguintes categorias: educação religiosa, educação moral, educação intelectual e educação cívica, as quais estavam relacionadas de modo complementar. Os resultados mostram que, ao defender uma educação moral com base no catolicismo e reivindicar a presença do ensino religioso nas escolas públicas, Figueiredo fazia disso uma obra de patriotismo. Afirmava que a maioria dos brasileiros eram católicos e esse direito deveria ser respeitado, pois se pautava no argumento de inexistência de uma educação neutra. Recomendava que ministrassem o ensino científico nas escolas e universidades, de modo que não houvesse divergências entre a religião (católica) e a ciência, além de defender que a religião católica deveria ser a cosmovisão capaz de dar unidade às diferentes searas do saber humano.

Palavras-chave: Jackson de Figueiredo; Educação e catolicismo; Escritos católicos; Intelectuais católicos; Igreja Católica.

Abstract

NEVES, B. **Jackson de Figueiredo and education:** The mind of the writer and the hands of the editor (1908-1928). 2025. Thesis (PhD in Education) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2025.

This thesis aims to analyze the trajectory of the Catholic intellectual Jackson de Figueiredo, his roles as a writer and editor in the field of education, within the period from 1908, because it was the year of his first publication, to 1928, the year he ended his direction at the journal *A Ordem*, due to his death. The selected sources were the following works by the author: *Bater de asas* (1908), *Zíngaros* (1910), *Xavier Marques* (1913; 1916), *Garcia Rosa* (1915), *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* (1916), *O Crepúsculo Interior* (1918), *A questão social na filosofia de Farias Brito* (1919), *Humilhados e luminosos* (1921), *Do nacionalismo na hora presente* (1921), *Pascal e a inquietação moderna* (1922), *A Reacção do Bom Senso* (1922), *Literatura reacionária* (1924), *Affirmações* (1924), *Auta de Souza* (1924), *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925), *A Columna de Fogo* (1925); as well as the journal *A Ordem* from 1921 to 1928, during which Figueiredo served as editor. Specifically, this research aims to reconstruct the formative process of Jackson de Figueiredo, emphasizing his journey from reader to writer; to elucidate Jackson de Figueiredo's educational formulations in light of the author's Catholic-themed books (written from 1919 onwards); to identify the educational concept present in the journal *A Ordem* during the period when Figueiredo was editor (1921-1928). This thesis falls within the field of Intellectual History, in which it mobilizes Bourdieu's theory of fields, specifically the concepts of *habitus*, field, trajectory, and capital. It is argued that Jackson de Figueiredo converted his activities as a writer and editor into strategies to reorder and boost the institutional and symbolic power of the Catholic Church within the Brazilian context of the 1920s, as well as to bring together other Catholic intellectuals within the framework of this religious institution and the cultural and political disputes circles. During the period Jackson de Figueiredo was the editor of the journal *A Ordem*, education was a concern in the publications, explored by this thesis through the following categories: religious education, moral education, intellectual education, and civic education, which were related in a complementary way. The results demonstrate that, in advocating for a moral education grounded in Catholicism and in claiming for the presence of religious education in public schools, Figueiredo made this into an act of patriotism. He argued that the majority of Brazilians were Catholic and this right should be respected, based on the argument that neutral education does not exist. He recommended that scientific teaching be provided in schools and universities so that there would be no divergences between religion (Catholicism) and science, besides advocating that the Catholic religion should be the worldview capable of giving unity to the different areas of human knowledge.

Keywords: Jackson de Figueiredo; Education and Catholicism; Catholic writings; Catholic intellectuals; Catholic Church.

Lista de ilustrações

Figura 1 –	Jackson de Figueiredo com 3 anos de idade.....	27
Figura 2 –	Luiz de Figueiredo, pai de Jackson de Figueiredo.....	29
Figura 3 –	Regina de Figueiredo, mãe de Jackson de Figueiredo.....	30
Figura 4 –	Professora Etelvina Amália de Siqueira (1862-1935)	31
Figura 5 –	Liceu Alagoano na cidade de Maceió	36
Quadro 1 –	Características contínuas nos poemas de Figueiredo	42
Figura 6 –	A segunda edição do livro <i>Xavier Marques</i>	45
Quadro 2 –	Editoras que publicaram as primeiras produções de Jackson de Figueiredo	54
Figura 7 –	Contracapa do livro de versos e poesias <i>Zíngaros</i>	55
Figura 8 –	Figueiredo com a esposa, Laura, e a filha mais nova, Maria de Lourdes, em julho de 1928	59
Figura 9 –	Jackson de Figueiredo com seu primogênito Luís, em 1927.	60
Figura 10 –	Contracapa do livro <i>Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito</i> (1916)	71
Figura 11 –	Contracapa do livro <i>A Questão Social da philosophia de Farias Brito</i> (1919)	78
Figura 12 –	Capa do livro <i>Humilhados e Luminosos</i> (1921)	79
Figura 13 –	Capa do livro <i>Auta de Souza</i> (1924)	80
Figura 14 –	Capa do livro <i>Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora</i> (1925)	81
Figura 15 –	Contracapa do livro <i>Do nacionalismo a hora presente</i> (1921)	83
Figura 16 –	Capa do livro <i>Pascal e a Inquietação Moderna</i> (1922)	85
Figura 17 –	Contracapa do livro <i>A reacção do bom senso</i> (1922)	88
Figura 18 –	Capa do livro <i>A columna de fogo</i> (1925)	90
Figura 19 –	Capa do livro <i>Affirmações</i> (1925)	92
Quadro 3 –	Reconhecimento de Jackson de Figueiredo como intelectual.....	95
Figura 20 –	Classificações de intelectuais católicos escritores	98
Quadro 4 –	Características de intelectuais católicos ligados ao campo educacional	107
Quadro 5 –	Jackson de Figueiredo e a Escola Nova	121

Quadro 6 –	Variações nas publicações durante cada ano em que Figueiredo foi editor	127
Figura 21 –	Jackson de Figueiredo com Perilo Gomes	128
Figura 22 –	Primeira página publicada da revista <i>A Ordem</i>	130
Figura 23 –	Figueiredo escreve Bernardes nas eleições	134
Figura 24 –	Citação de Veuillot	147
Quadro 7 –	Educação religiosa: citações e autores	148
Quadro 8 –	Educação moral: citações e autores	162
Quadro 9 –	Educação intelectual: citações e autores	172
Quadro 10 –	Educação cívica: citações e autores	180

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 – Jackson de Figueiredo: de leitor a escritor	24
1.1 Origem familiar e a sua formação de leitor	25
1.2 Da escrita de poesias aos primeiros ensaios de crítica literária.....	40
Capítulo 2 – Jackson de Figueiredo: um escritor católico	64
2.1 A conversão a escritor católico	66
2.2 Intelectuais católicos e a educação.....	94
2.3 A educação na visão católica de Jackson de Figueiredo	108
Capítulo 3 – Jackson de Figueiredo: editor da revista <i>A Ordem</i>	123
3.1 A configuração d' <i>A Ordem</i>	123
3.2 As marcas das mãos do editor católico	130
3.3 A educação nas edições d' <i>A Ordem</i>	144
3.3.1 <i>Educação religiosa</i>	145
3.3.2 <i>Educação moral</i>	161
3.3.3 <i>Educação intelectual</i>	171
3.3.4 <i>Educação cívica</i>	179
Considerações finais	190
Referências	197
Apêndice A – Produções de acordo com o tipo de trabalho e a área do conhecimento	208
Apêndice B – Produções acadêmicas organizadas em categorias	209
Apêndice C – Textos analisados sobre educação na revista <i>A Ordem</i>	211
Apêndice D – As fontes que compõe a pesquisa	214
Anexo A – Poema <i>Andorinha ferida</i>	217

Introdução

Nosso objeto de pesquisa é Jackson de Figueiredo Martins (1891-1928) e a educação¹. Ele foi um intelectual católico de destaque no início do século XX, no Brasil, um dos responsáveis por iniciar o movimento de organização de um grupo alinhado aos propósitos da Igreja, notadamente em torno da revista *A Ordem* (1921) e do Centro Dom Vital (1922). Foi considerado um dos líderes do laicato católico e promoveu ações para o fortalecimento do grupo no mundo social, inclusive, sua ampla atuação atingiu o campo educacional. Destacou-se como escritor e editor, ou seja, como um agente que costumava atuar no espaço público para defender os valores e os interesses do seu grupo social por meio de suas ações e publicações.

O interesse pelo tema deu-se a partir dos estudos empreendidos para o desenvolvimento da dissertação de Mestrado, intitulada *Educação e catolicismo: a construção de um modelo de professor e as apropriações católicas da Escola Nova a partir de Everardo Backheuser (1928-1946)*, concluída e apresentada em julho de 2019, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGE-UEPG). Desse modo, ao estudar os intelectuais católicos e a sua relação com a educação no Brasil, o nome de Jackson de Figueiredo é um dos que mais se destaca, porém, ao realizar pesquisas daquilo que já foi produzido, foi possível notar que são poucos os trabalhos que atem-se a essa personagem, como veremos mais adiante.

A partir das leituras empreendidas em torno do objeto de pesquisa até o presente momento, é possível notar a relevância acadêmica e social de estudar Jackson de Figueiredo, por tudo o que representou como um intelectual católico, especialmente tendo em vista sua atuação nos campos religioso e educacional brasileiros. Jackson de Figueiredo é reconhecido no meio intelectual católico, na medida em que trabalhou em favor do catolicismo para pensar a cultura, a política e a educação no país. Sendo assim, torna-se significativo aprofundar os estudos para traçar a trajetória do seu pensamento intelectual por meio da sua atuação de escritor e editor.

¹ No presente trabalho entendemos o conceito de educação no seu sentido amplo, para além da educação formal institucionalizada.

Aliadas às justificativas já elencadas, está a razão institucional, que se encontra no campo da História da Educação, de modo a colaborar com a historiografia dos intelectuais católicos e a educação no Brasil. Esta tese será construída com apoio das discussões teóricas empreendidas no Grupo de Pesquisa “História, Intelectuais e Educação no Brasil e no contexto internacional” (GEPHIED), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). No grupo de pesquisa, estudamos as trajetórias intelectuais e suas articulações na organização e disseminação da cultura - bem como, sua relação com a educação, portanto, o estudo do intelectual católico Jackson de Figueiredo passaria a compor o coletivo de trabalhos.

Jackson de Figueiredo nasceu em outubro de 1891, na cidade de Aracaju, no Sergipe. Aprendeu a ler em casa muito cedo, pois tinha livros à sua disposição e uma professora particular. Iniciou os estudos no Colégio Americano Protestante, transferindo-se para o Ateneu Sergipense. Em 1908 ingressou no Liceu Alagoano, em Maceió, com vistas a prestar os Exames Preparatórios. Formou-se advogado em 1913 pela Faculdade de Direito da Bahia, em Salvador.

Em 1914, Figueiredo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, na qual estabeleceu novos contatos de sociabilidade, conforme vamos descrevendo ao apresentar sua trajetória, como a aproximação com Farias Brito, Nestor Vitor, Jonathas Serrano, Tasso da Silveira, Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima. Em 1919 tornou-se proprietário de uma livraria, focada em publicações ligadas à Igreja. Trabalhou como redator em vários jornais, como na *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*. Fundou a revista *A Ordem* em 1921, a qual se tornou o principal veículo de difusão do pensamento católico no país. Em 1922 instituiu o Centro D. Vital que era um instituto católico de grande importância para a Igreja, pois tinha uma influência significativa na sociedade, na medida em que reunia intelectuais leigos e do clero atuantes em diferentes setores da vida cultural e política (Menezes, 1977).

É importante mencionar que Jackson de Figueiredo não fazia tudo isso sozinho, mas contava com uma rede de apoio, como Dom Leme, por exemplo, dentro de um contexto de movimento de organização da Ação Católica no Brasil, oficializado por meio da Carta Encíclica *Ubi Arcano Dei*, de 23 de dezembro de 1922, a primeira do pontificado de Pio XI (1857-1939, papa desde 1922). Nesta, o papa sistematizou o projeto de Ação Católica de modo a incluir divisões leigas nas instituições que

estivessem dispostas a trabalhar em favor da Igreja, provida de caráter apostólico (Souza, 2006).

Tanto a Livraria Católica, quanto o Centro D. Vital e a revista *A Ordem*, serviram como meios para promover o catolicismo com o apoio dos intelectuais membros. O grande número de publicações de Jackson de Figueiredo em jornais e revistas do Rio de Janeiro implicou em inúmeras transcrições em outras cidades, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Maceió e, diversas cidades de Sergipe. Fato que destaca o seu alcance como escritor. Figueiredo publicou vários livros, participou de debates e ministrou palestras (Fernandes, 1989).

Sua atuação e produção intelectual era significativa, pois foi um representante do pensamento católico no Brasil, tinha o apoio de outros intelectuais católicos leigos e do clero, especialmente de Dom Leme. Apropriou-se de autores franceses para pensar além da ordem política, a doutrina da ordem sobrenatural. A organização equilibrada da vida e a hierarquia de realidades eram fatos que atraíam Figueiredo para a Igreja Católica: “Há uma hierarquia de realidades. O mundo dos corpos é dominado pelo mundo dos espíritos, e a vida do sentimento se liga, pela caridade, a vida divina” (Figueiredo, 1922b, p. 225).

Além de ser um homem de letras, Figueiredo foi um homem de ação, tornando o conhecimento e as suas palavras como armas nas suas mãos, em favor do catolicismo. Veremos que embora tenha nascido em uma família que tinha a presença do catolicismo, Figueiredo teve sua fase de afastamento religioso, mas retomou e ganhou força na sua trajetória de vida. A participação ativa e o comprometimento com o catolicismo foram sendo notados nas suas ações, desenvolvidas por meio de contatos que foi estabelecendo ao longo do tempo e do registro em meios de comunicação como jornais, revistas e livros, ou seja, por meio do seu trabalho enquanto escritor e editor.

Jackson de Figueiredo desempenhou várias tarefas que envolviam a sua concepção de pensamento católico, inclusive na área da educação. Foi membro da Comissão Examinadora das Escolas Secundárias², foi professor titular de Pedagogia do Instituto Profissional Wenceslau Braz (1917-1928), fatos que contribuíram para a

² O aluno que terminava o ensino primário no Brasil e desejava cursar o ensino secundário, precisava passar por um exame de admissão, até a promulgação da Lei nº 5692/71, que deu fim a esta prática de restrição.

divulgação do seu pensamento em relação à educação do país por meio de suas produções escritas, palestras e debates (Figueiredo, 1945; Fernandes, 1989).

Uma década após a morte de Jackson de Figueiredo, foi inaugurado em Aracaju, um colégio particular com o seu nome. O Colégio “Jackson de Figueiredo” foi fundado por Benedito Alves de Oliveira em 1938³. O nome foi escolhido pelo professor de ensino religioso, Monsenhor Mário Vilas Boas, que fazia questão de homenagear o patrono da instituição anualmente, as homenagens se encruzilhavam com as solenidades realizadas pelo Centro Dom Vital. Os professores eram católicos e tinham a religião como norte para educar (Pimentel, 2014).

A atuação dessa personagem estava inserida na conjuntura histórica e religiosa da Igreja Católica no início do século XX, período em que a instituição realizava uma ação teológico-política para fortalecer e revitalizar o catolicismo na sociedade sem modificar a sua tradição. Em 1916, Dom Sebastião Leme foi nomeado arcebispo de Recife e de Olinda, e publicou uma carta pastoral, a qual teria marcado um novo período para a Igreja Católica. Na carta, Dom Leme destacou a fragilidade da Igreja frente ao período de crise marcado pela “[...] falta de padres, o estado precário da educação religiosa, a ausência de intelectuais católicos, a limitada influência política da Igreja e sua depauperada situação financeira.” (Mainwaring, 1989, p. 41). A carta pastoral favoreceu o surgimento de publicações católicas leigas no Brasil, na medida em que representou uma nova atitude entre os intelectuais.

Dom Leme (1916) destinou uma boa parte da Carta Pastoral para escrever sobre a ignorância religiosa no meio intelectual brasileiro. Reforçou que tal fenômeno ocorria em todas as camadas sociais. Entendia que os intelectuais eram homens de letras, de ciências, atuantes no magistério e na imprensa. Diferenciava os intelectuais entre os tipos de literato: os literatos de sentimento cristãos, que embora respeitassem e falassem de Deus, cometiam blasfêmias em seus escritos; os literatos anticristãos que deformavam as nossas crenças, ignoravam a religião e desvirtuavam a nossa moral; os intelectuais incrédulos, que desafiavam e combatiam nossas crenças; os que idolatravam a ciência, como se ela fosse desvinculada da religião; os intelectuais indiferentes, que ignoram a religião; os positivistas, que eram ignorantes em matéria

³ Em 1981 o colégio foi vendido para o Estado, e passou a fazer parte da rede pública de educação, como “Colégio Estadual Jackson de Figueiredo”. O colégio passou a ser Patrimônio do Estado de Sergipe, pois era uma referência, tinha uma clientela plural e localização central (Pimentel, 2014).

de religião; e os intelectuais católicos, os quais estavam no caminho para defender os direitos da Igreja:

São inteligências cultas, eruditos professores, apreciados literatos, homens de ciência, escritores de nomeada e publicistas de nota. [...] Mas, dos nossos católicos, como esses, estudaram as questões religiosas? Quantos os que poderiam, como esses, defender os direitos da Igreja e os princípios da fé? (Dom Leme, 1916, p. 40).

Era preciso uma intelectualidade que estivesse disposta de fato a se alinhar com os princípios do catolicismo, para que tivessem conhecimentos religiosos e condições de atuação no meio social. Faltava instrução religiosa para a formação de uma intelectualidade católica. Entre os meios de conjurar a ignorância religiosa, Dom Leme propõe a instrução, o estudo da religião católica, para que fosse feita a pregação. A pregação não poderia se limitar as missas, precisaria ter método e ordem, para que fosse mais eficaz. A leitura e estudo eram pontos fundamentais, citados como um precioso meio de instrução, desde os livrinhos de missa, de catecismo, assim como o próprio evangelho. A educação, no lar e na escola, foi apontada como relevante para combater o mal da ignorância religiosa.

Entre 1890 e 1916, de modo geral, a preocupação da Igreja Católica estava voltada para a consolidação de reformas internas e adaptações institucionais frente aos desafios da república. A partir de 1916 foram empreendidas ações com o objetivo de cristianizar a sociedade, ou seja, conquistar mais poder dentro das principais instituições públicas. A fundação do Centro D. Vital, em 1922, foi uma estratégia importante para cumprir essa missão, tendo sido significativa a ponto de congregar “[...] uma das mais influentes gerações de líderes leigos católicos na história da América Latina.” (Mainwaring, 1989, p. 46). Desde então, os líderes católicos marcaram presença no campo político, na tentativa de estabelecer alianças com o Estado, e assim, obter maior êxito em sua presença social. Tal modelo de ação adotado pelos católicos atingiu seu apogeu com o governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

A Igreja Católica, em regra, teve uma participação significativa na educação escolarizada do país, em alguns momentos com maior presença e em outros com menor. No entanto, a atuação dos intelectuais alinhados aos propósitos da Igreja foi significativa e decisiva para a estratégia de ascensão da instituição na sociedade, especialmente, após a Proclamação da República, em 1889, que culminou na ruptura

legal entre o Estado e a Igreja Católica na Constituição de 1891 (Silveira; Arduini, 2016). Nesse sentido, essa intelectualidade contribuía com o debate pedagógico, a partir da fundamentação do pensamento católico, ou seja, com base em autores aceitos pelo grupo para organizar uma proposta de educação.

O início do século XX, que marca a maior atuação de Figueiredo, permite compreender como se deu o movimento de organização dos intelectuais católicos frente aos novos desafios que a Igreja passou a enfrentar com a separação do Estado, bem como diante do amplo processo de modernização. Segundo Pécaut (1990, p. 23), “[...] o processo de conversão dos intelectuais em agentes políticos assumiu, a partir de 1915, o caráter de um movimento global e realizou-se sob diversas formas: vaga nacionalista, modernização cultural, ressurgimento católico e impulso antiliberal”. Desse modo, Jackson de Figueiredo teve um papel de destaque ao criar a revista *A Ordem* (1921) e contribuir para a fundação do Centro D. Vital (1922), que foram importantes medidas para o fortalecimento do grupo católico junto às demandas do mundo social.

A partir dos estudos mencionados é que construímos o problema de pesquisa que busca entender: Como a questão da educação está presente na trajetória intelectual de Jackson de Figueiredo, a partir das suas intervenções de escritor e editor? O argumento desta pesquisa é que Jackson de Figueiredo converteu as atividades de escritor e editor em estratégias para reordenar e impulsionar o poder institucional e simbólico da Igreja católica no contexto brasileiro da década de 1920, assim como para congregar outros intelectuais católicos no seio desta instituição religiosa e nas disputas dos meios culturais e políticos.

A partir disso, elencamos o objetivo geral da presente pesquisa, que é analisar na trajetória do intelectual católico, Jackson de Figueiredo, as suas atuações de escritor e editor no campo da educação, especificamente entre os anos de 1908 e 1928. Para compor os objetivos específicos, elencamos os seguintes: 1) Reconstituir o processo formativo de Jackson de Figueiredo, enfatizando o seu percurso de leitor a escritor; 2) explicitar as formulações de Jackson de Figueiredo em relação à educação à luz dos livros de marca católica do autor (escritos a partir de 1919); 3) Identificar a concepção de educação presente na revista *A Ordem*, no período em que Jackson de Figueiredo foi editor (1921-1928).

Para mapear os estudos realizados a partir do tema desta pesquisa, foram acessados os seguintes sites/portais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

Dissertações, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Portal de periódicos da CAPES, Redalyc, Scielo, e Google Acadêmico. A busca foi feita com as seguintes palavras-chave: Jackson de Figueiredo; Intelectuais católicos; revista *A Ordem*; Imprensa católica. Foram encontrados muitos trabalhos, que inclusive resultaram em produções semelhantes devido a aproximação dos temas pesquisados. Assim sendo, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão.

Durante a seleção, foram separados todos os que tinham maior proximidade com os temas que serão discutidos nesta tese, ou seja, trabalhos que apresentavam Jackson de Figueiredo como objeto de estudo, ou ainda, relacionados a seus intelectuais contemporâneos, à revista *A Ordem*, com foco nos primeiros anos após sua criação (período em que foi dirigida por Figueiredo). Desse modo, o critério de exclusão das pesquisas foi o distanciamento com o foco das discussões pretendidas na tese.

A partir desta organização prévia, com base nos critérios explicitados, foram selecionadas para compor a revisão de literatura o total de 33 produções acadêmicas, sendo 8 teses, 8 dissertações e 17 artigos, conforme apresentadas no apêndice A, juntamente com o ano de publicação e a área de conhecimento. A partir da leitura e análise dos resumos destes trabalhos acadêmicos, foram organizadas cinco categorias, de acordo com as aproximações dos temas abordados, a saber: Jackson de Figueiredo e a revista *A Ordem*; Jackson de Figueiredo como intelectual católico; Jackson de Figueiredo e a educação; Imprensa católica; Igreja católica no Brasil no início do período republicano. O apêndice B apresenta os autores, os títulos dos trabalhos e os anos de publicação, totalizando os 33 trabalhos selecionados para compor a revisão de literatura.

As produções acadêmicas da primeira categoria, “Jackson de Figueiredo e a revista *A Ordem*”, concentram trabalhos relacionados ao estudo da revista *A Ordem* no período em que Jackson de Figueiredo foi diretor (1921-1928). *A Ordem* representou a primeira expressão leiga da produção intelectual a respeito da Igreja Católica no Brasil. Ela era o meio de produção e divulgação das discussões e formações realizadas pelo Centro Dom Vital. Entretanto, no processo de revisão de literatura, é possível notar que a maioria dos trabalhos sobre a revista *A Ordem*, partem de análises do período após 1928, quando Alceu Amoroso Lima assumiu a direção da revista, depois da morte de Figueiredo. Não se discute sobre Figueiredo como editor da revista e sobre o papel da educação nas primeiras edições.

A segunda categoria, “Jackson de Figueiredo como intelectual católico”, agrupa trabalhos que mostram a atuação dos intelectuais católicos contemporâneos a Jackson de Figueiredo, de modo a evidenciar as suas práticas nos diversos campos sociais, como no campo religioso e político, por exemplo. Figueiredo é apresentado como um dos intelectuais mais ativos e de destaque. Nesse período, a Igreja católica reivindicava sua manutenção institucional e simbólica na sociedade, portanto, o trabalho dos intelectuais leigos e do clero fez toda a diferença para marcar presença nos espaços sociais a partir de algumas estratégias, entre as quais a estratégia editorial, sobre a qual há pretensão de aprofundar-se nesta tese, em especial a partir das publicações de Jackson de Figueiredo e do seu trabalho como editor e diretor da revista *A Ordem*.

A terceira categoria, “Jackson de Figueiredo e a educação”, concentra menos trabalhos, no entanto, são produções relevantes para conhecer as discussões educacionais promovidas por essa personagem e um pouco mais das publicações do seu período como editor da revista *A Ordem*. Dessa forma, os trabalhos apresentam contribuições para o estudo da configuração da revista *A Ordem*, durante o período em que ele foi editor e para mostrar o lugar da educação nas suas primeiras edições, que é um dos objetivos da presente pesquisa.

A quarta categoria, “Imprensa católica”, foi inserida nas buscas com a finalidade de entender o que estava sendo produzido na imprensa católica, no início do século XX no Brasil, pois a partir disso, é possível situar o lugar das produções de Jackson de Figueiredo nesse contexto. Com o início do sistema republicano, os intelectuais católicos utilizaram a estratégia editorial para uma maior inserção no espaço político, assim como para ganhar força em outros, como no campo religioso e no campo educacional. Desse modo, os posicionamentos institucionais eram importantes frente às mudanças ocorridas a fim de manter o *habitus* religioso-católico entre seus leitores e combater seus adversários.

A quinta categoria, “Igreja católica no Brasil no início do período republicano”, inserida após a análise dos trabalhos mapeados, mostrou posturas diferentes por parte da intelectualidade católica no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, isso porque a proposta católica voltada para a formação da identidade brasileira buscava uma articulação e pontos de conciliação de argumentos em relação à modernidade.

Dessa formulação, põe-se o desafio metodológico, isto é, como desenvolver a própria pesquisa. Isso posto, partiu-se para as buscas dos dados ou das fontes históricas. Identificamos o conjunto da produção de Jackson de Figueiredo, em particular os livros escritos antes e depois de sua conversão engajada ao catolicismo, suas publicações em jornais, que resultaram em livros, e sua atuação como editor na revista *A Ordem* (1921-1928). Esse volume de dados, antes de tudo, será classificado de acordo com as necessidades de cada capítulo desta tese.

As fontes selecionadas para compor o primeiro capítulo foram os primeiros livros escritos pelo autor antes dele se tornar um escritor católico, os quais são: *Bater de asas* (1908), *Zíngaros* (1910), *Xavier Marques* (1913; 1916), *Garcia Rosa* (1915), *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (1916), *O crepúsculo interior* (1918). Para o segundo capítulo serão utilizados os demais livros do autor, escritos após o engajamento ao catolicismo, os quais são: *A questão social na philosophia de Farias Brito* (1919), *Humilhados e luminosos* (1921), *Do nacionalismo na hora presente* (1921), *Pascal e a inquietação moderna* (1922), *A Reacção do Bom Senso* (1922), *Literatura reaccionária* (1924), *Affirmações* (1924), *Auta de Souza* (1924), *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925), *A columna de fogo* (1925).⁴ Para compor o terceiro capítulo a fonte primária utilizada é a revista *A Ordem* (1921-1928). Realizamos uma análise de todas as publicações, de forma a filtrar os assuntos referentes a educação, pois neste capítulo trabalhamos com Jackson de Figueiredo como escritor e editor da revista *A Ordem*.

As fontes sinalizadas foram analisadas tomando o conceito de discurso de Bourdieu, sistematizado e aplicado em *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer* (2008). Neste livro, o autor desvela o poder distintivo das palavras a serem compreendidas a partir de sua conjuntura social que é repleta de tensões. Existe uma singularidade a ser analisada no momento dos discursos para entender os diferentes posicionamentos dos emissores e dos receptores. Sendo assim, as trocas linguísticas além de implicarem no conhecimento e reconhecimento estabelecido por meio dos discursos, estão inseridas nas relações de poder simbólico, portanto, nunca são neutras. Nesse sentido, entendemos que:

Para romper com essa filosofia social é preciso mostrar que, embora seja legítimo tratar as relações sociais – e as próprias relações de dominação –

⁴ As demais fontes da pesquisa contam no apêndice D.

como interações simbólicas, isto é, como relações de comunicação que implicam o conhecimento e o reconhecimento, não se deve esquecer que as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se sinalizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos (Bourdieu, 2008, p. 23-24).

As práticas de produção de bens culturais, como resultado da tarefa de intelectuais como escritores e editores, contemplam os significados e os valores envolvidos no seu processo de desenvolvimento, assim como do contexto em que estão inseridos, uma vez que podem resultar da complexa relação que vai da produção à apropriação. De acordo com Miceli (1979), em cada período histórico, determinados tipos de escrita foram sendo estrategicamente priorizados pelos intelectuais, a depender das relações dessas personagens com suas origens sociais, com campos específicos, assim como com o público. Desse modo, esta tese pretende analisar a trajetória de Jackson Figueiredo, destacando suas facetas de escritor e editor.

A escrita é uma ferramenta de mobilização cultural, considerada como uma das armas mais poderosas dentro dos debates do meio intelectual. É um recurso que permite a utilização de diversos tipos de estratégias, a depender dos objetivos do grupo de intelectuais (Miceli, 1979). A tarefa do editor, segundo Chartier (2014, p. 38), está relacionada às “[...] múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”, sendo o editor responsável por editar, analisar, corrigir, reescrever e modificar textos para publicar. Portanto, a mente pode ser do escritor, mas é as mãos do editor⁵ que determina a palavra final, bem como o sentido e a linguagem do texto.

No título da presente pesquisa usamos o termo mente para trabalhar com o escritor Jackson de Figueiredo, porque nossa pretensão se remete a um conjunto complexo de pensamentos inerentes à condição humana, portanto, associado ao seu intelecto, para entender a forma como registra o seu pensamento. A analogia referente às mãos do editor, está ligada a uma ação mais prática enquanto operador de símbolos, que deve ter em mente o propósito geral do veículo de informação com o qual está trabalhando.

A presente pesquisa está fundamentada na História Intelectual, que segundo Chartier (2014) não é facilmente definida por várias razões, a começar pelo

⁵ Nesta tese, invertemos as expressões que constam no livro de Roger Chartier. Ao invés de a mão do autor e a mente do editor, fizemos opção por mente do escritor e mãos do editor.

vocabulário, que é algo muito específico nacional e pode apresentar outras designações até mesmo para traduzi-las para outra língua e outro contexto intelectual. Chartier (2014, p. 24) acrescenta que: “cada historiografia nacional possui sua própria conceituação e, em cada uma delas, diferentes noções, dificilmente distinguidas umas das outras, entram em competição.” Por mais que tenham vocabulários diferentes, no fundo remetem a um mesmo propósito, que está em como os historiadores recortam suas unidades de observação em cada momento histórico. Deste modo, cada trabalho fundamentado na História Intelectual vai ter suas próprias ferramentas conceituais e sua metodologia.

A fundamentação na História Intelectual se faz necessária para a discussão da trajetória de Jackson de Figueredo como intelectual escritor e católico. Uma das características gerais que perpassa o conceito de intelectual é o seu engajamento e comprometimento com as produções escritas no seu campo de atuação, que o qualificam como intelectual escritor. A respeito disso, Leclerc (2003) mostra que há uma ligação evidente dos intelectuais com as profissões de escritores, jornalistas e artistas, e ressalta que é comum notar que os intelectuais tratam de assuntos variados nas suas produções escritas, ou seja, até mesmo fora da sua área de atuação: “O intelectual é um indivíduo intrometido, curioso por natureza, que vai além, devido ao seu espírito investigador e crítico, de toda implantação profissional”. (p. 17). Desse modo, são considerados como seres híbridos, produtores de obras artísticas ou científicas ao mesmo tempo em que estão engajados nos assuntos da vida pública, ultrapassando o campo da competência profissional.

Pelo exposto, sublinha-se que esta tese problematiza Jackson de Figueiredo como intelectual católico, tomando suas ações de escritor e editor. Nesse aspecto, a operação analítica dialoga com a teoria dos campos de Pierre Bourdieu, especialmente no que diz respeito ao uso na escrita da trajetória de um intelectual. Desse autor, tomamos os conceitos de campo, *habitus* e trajetória, uma vez que foi proposto um modelo geral para pensar as sociedades diferenciadas, pois entende que “[...] o cosmo social é constituído pelo conjunto desses microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específica e irreduzíveis àquelas que regem os outros campos” (Bourdieu; Wacquant, 1992). Cada campo tem suas especificidades e obedece a regras próprias de funcionamento, cabendo-nos o desafio de perceber a sua fecundidade para esta tese.

O conceito de campo intenciona mostrar os diferentes espaços estruturados e posições sociais que correspondem a um *habitus* próprio e que pertencem ao espaço social, o qual inclui todos os campos de modo que estejam interligados, e que ao mesmo tempo cada campo possui uma autonomia relativa e leis próprias de funcionamento. Cada campo, como mundo social, apresenta determinado grau de autonomia em relação a outros campos, quanto mais resistente aos fatores e leis sociais externas, maior é autonomia do campo (Bourdieu, 2004b).

Ao tratar a respeito de campo, rede e posições, Bourdieu (2021) ressalta que o campo – que é invisível – torna-se visível por meio das pessoas e das posições que elas ocupam, formando assim, as redes. As redes de pessoas representam projetos, interesses e fins em comum, e as relações objetivas de interação constituem um dos fatores que pode impulsionar a posição do agente no campo social, somado a outras propriedades. O autor explica que, por mais que os intelectuais almejem marcar presença em mais lugares ao mesmo tempo, não se pode ocupar mais de um lugar no mundo social:

O mundo social considerado desse ponto de vista é um espaço de forças possíveis, uma ordem de coexistência na qual cada agente, singular ou coletivo, é definido por sua posição no interior do espaço onde ele se encontra, propriedades que são inseparáveis da estrutura global do espaço. Falar de posição é, portanto, lembrar a todo instante que não há propriedade nesse espaço que não seja relacional. Com efeito, é impossível definir uma posição se não for através da relação com o espaço global das posições (Bourdieu, 2021, p. 272).

Portanto, o intelectual ocupa uma determinada posição e sua esfera de atuação se concretiza na interseção entre os campos. Deste modo, a presente pesquisa pretende mostrar a ação do intelectual católico, Jackson de Figueiredo, nos campos religioso e educacional, por meio de sua produção escrita. Nesse sentido, é importante ressaltar que há uma estrutura organizada dentro de cada campo, assim como há também lugares de interseção. O lugar de interseção que vamos focar, visa mostrar como o escritor católico repercutiu uma proposta de educação a partir do catolicismo.

O campo educacional é compreendido a partir de atividades voltadas especificamente para a educação, por meio de atividades pedagógicas, pautadas na relação entre a teoria e a prática, desenvolvidas por agentes e instituições especializadas para promover o conhecimento. A formação humana desenvolvida nas

instituições de ensino abre espaço para pensar nos diferentes fins educativos, tendo em vista qual o modelo de homem que a sociedade deseja. Por mais que a educação seja efetivada no espaço social, o campo educacional é um palco de disputas por esse modelo de homem que se objetiva formar, a partir de diferentes propostas dos grupos sociais. Os intelectuais católicos estão posicionados no espaço de lutas, na medida em que trabalham na interseção entre os campos educacional e religioso.

O campo religioso é formado a partir de uma distinção entre especialistas religiosos, os quais são detentores de capital específico – o religioso, e o os leigos profanos. Neste campo, há uma concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação, o que garante o exercício legítimo do poder religioso, capaz de:

[...] modificar as bases duradouras, as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (Bourdieu, 2007b, p. 57).

Para entendermos um pouco mais do conceito de campo, é necessário compreendermos outros conceitos utilizados por Bourdieu, como *habitus*, que indica um conhecimento adquirido, uma disposição incorporada de um agente em ação. *Habitus*, para Bourdieu (2004a, p. 22), é uma “[...] relação entre o agente e o mundo” que se dá por meio da aquisição de esquemas individuais práticos, os quais organizam os princípios e orientam as ações. Deste modo, as práticas são previsíveis, pois há uma regularidade de condutas entre os agentes de um mesmo campo social em determinadas situações, o que confirma que as práticas são produto do *habitus*. Segundo Bourdieu (2021, p. 423): “para compreender o que são as pessoas, em cada momento de sua trajetória, é preciso conhecer seu *habitus*.” Sendo assim, os conceitos do autor são complementares entre si, e nos permitem reconstituir uma trajetória intelectual, como a de Jackson de Figueiredo, que passou por um processo de incorporação do *habitus* católico, e ganhou condições para atuar também no campo religioso.

O conceito de trajetória é importante para entender Jackson de Figueiredo como um intelectual ligado ao campo religioso, especialmente à Igreja Católica. Para Bourdieu (2008, p. 82):

[...] só se pode compreender uma trajetória à condição de construir anteriormente os estados sucessivos do campo onde ela passa, o conjunto das relações objetivas que ligam o agente em questão [...] ao conjunto dos outros agentes no mesmo campo e que se defrontam com o mesmo espaço de possíveis.

É fundamental apresentar a trajetória da personagem estudada de modo indissociável aos seus escritos, pois estão sempre relacionados aos condicionamentos sociais que os envolvem. Permite um olhar para a personagem a partir dos elementos complexos do mundo social, ou seja, a sua origem familiar, cultural, religiosa etc., o que pretendemos trabalhar no primeiro capítulo desta tese.

Estão previstos 3 capítulos para o desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro capítulo apresenta alguns aspectos da trajetória de Jackson de Figueiredo, que visa estudar esta personagem a partir da sua origem familiar, do contexto e dos lugares em que viveu, para mostrar como se deu a sua formação como leitor e os condicionamentos que favoreceram o nascimento do escritor, bem como suas primeiras publicações. Por meio das suas publicações será possível acompanhar a evolução do seu pensamento dentro dos diferentes gêneros de escrita – poesias e ensaios – até que se tornasse um escritor católico. O segundo capítulo explicita as formulações católicas de Jackson de Figueiredo em relação à educação, de modo a mostrar a sua ascensão a intelectual e escritor católico. O terceiro capítulo pretende identificar a concepção de educação presente na revista *A Ordem*, no período em que Jackson de Figueiredo foi editor (1921-1928), dentro das categorias que se sobressaíram na leitura das fontes.

Capítulo 1

Jackson de Figueiredo: de leitor a escritor

Para alcançar o objetivo específico de reconstituir o processo formativo de Jackson de Figueiredo, enfatizando o seu percurso de leitor a escritor, designado especificamente para o primeiro capítulo da presente tese, partimos das suas origens familiares, dos lugares onde morou, das instituições de ensino que frequentou, do contexto em que viveu, do meio cultural e religioso até o momento em que publicou seus primeiros livros. Será trabalhado o início da sua trajetória de vida.

Em relação à escrita de uma trajetória ou de uma biografia, Bourdieu (1986, p. 189) ressalta que uma história de vida “conduz à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.” Portanto, o conceito de trajetória empregado nesta tese é operacional, no sentido de mostrar nos deslocamentos de Jackson de Figueiredo, suas atuações de escritor e editor, conforme descrito no nosso objetivo geral.

As trajetórias são questionadas dentro de um conjunto relacional, no qual se observa a estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo nos campos pelos quais o agente vai se colocando e se deslocando. Nesse sentido, optamos por trabalhar com o conceito de trajetória a partir de Bourdieu (1986), para mostrar as mudanças ocorridas com a incorporação do *habitus* religioso católico, e reconstituir os estados sucessivos de campo pelos quais Jackson de Figueiredo foi demarcando espaço, como nos campos literário e religioso.

Para tanto, selecionamos como fontes para o primeiro capítulo os livros que Jackson de Figueiredo escreveu antes de se tornar um intelectual católico, cujo marco dessa conversão engajada será entendido no decorrer do capítulo. Os livros de sua autoria são os seguintes: *Bater asas* (1908), *Zíngaros* (1910) Xavier Marques⁶ (1916a), *Garcia Rosa* (1915) e *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (1916b) e *O crepúsculo interior* (1918). As fontes registram o pensamento do jovem escritor, os assuntos que costumava ler e escrever, e os autores que tiveram influência na sua leitura e produção. Como fontes complementares usamos as seguintes

⁶ Tomamos como fonte a segunda edição do livro, de 1916, pois o conteúdo é o mesmo da edição de 1913.

biografias: *Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada (1989)*⁷, escrita pela filha de Jackson de Figueiredo, Cléa de Figueiredo Fernandes, e *Jackson de Figueiredo (1976)* de Hamilton Nogueira, que foi amigo próximo de Jackson de Figueiredo.

O critério utilizado para a seleção das fontes foi priorizar a produção de Jackson de Figueiredo de modo a acompanhar as mudanças no seu pensamento e de entender o percurso de leitor a escritor católico dentro da sua trajetória de vida. Desse modo, dividimos o presente capítulo em 2 partes. Na primeira parte, trataremos da origem familiar para entender sua formação como leitor para que pudesse se tornar escritor. Na segunda parte, vamos explorar as primeiras publicações, que foram as poesias e a passagem destas para os escritos de ensaios de crítica literária.

1.1 Origem familiar e a sua formação de leitor

Com a finalidade de apresentar o leitor Jackson de Figueiredo, no processo de conversão a escritor, vamos partir da sua origem familiar, pois é importante para entender as heranças da personagem a ser estudada. Assim, será possível entender como ele se tornou um leitor, para posteriormente se tornar escritor. A família é a primeira instituição responsável por passar os primeiros valores morais e cognitivos, e importante em relação aos tipos de capital que deixa como herança, até mesmo nas escolhas das instituições de ensino que pode oportunizar aos filhos. Segundo Pierre Bourdieu (2007c, p. 231):

[...] a transmissão da herança depende, doravante, para todas as categorias sociais (embora em graus diversos), dos veredictos das instituições de ensino que funcionam como um princípio da realidade brutal e potente, responsável, em razão da intensificação da concorrência, por muitos fracassos e decepções. A instituição do herdeiro e o efeito de destino que ela exerce – até então, atribuições exclusivas da palavra do pai ou da mãe, depositários da vontade e da autoridade de todo grupo familiar – competem, hoje, igualmente à Escola, cujos julgamentos e sanções podem não confirmar só os da família, mas também contrariá-los ou opor-se a eles e contribuir de maneira absolutamente decisiva para a construção da identidade.

A partir dessa definição de herança vamos notar as impressões do escritor Jackson de Figueiredo, via experiências relatadas, das instituições de ensino e lugares pelos quais passou, bem como a presença e as heranças deixadas pela família e seus impactos na sua trajetória intelectual. Segundo Bourdieu (2007a),

⁷ O livro foi resultado de uma pesquisa acadêmica realizada por Fernandes na Universidade Federal Fluminense, por meio do uso do direito de dedicação exclusiva no horário didático.

herdar é aceitar tornar-se um projeto de reprodução, ou seja, a família projeta uma continuação do estilo de vida por meio da transmissão da herança. Traçamos a trajetória de Jackson de Figueiredo, a fim de mostrar o deslocamento coletivo em que essa personagem esteve envolvida, ou seja, de forma a mostrar o contexto e as condições sociais em que viveu, as escolhas feitas por sua família e por ele, as pessoas que conheceu e que marcaram sua vida, pois são fatores responsáveis pela formação singular do escritor.

Por meio dos registros de Cleo Figueiredo Fernandes (1989) é possível notar que Jackson de Figueiredo manteve uma boa relação familiar durante toda a sua vida. Mesmo quando mudou de cidade, sempre que podia, voltava para sua terra natal para visitar os pais. Ele nasceu em 09 de outubro 1891 na cidade de Aracaju, no Sergipe, filho de Luíz de Figueiredo Martins e Regina Jorge de Figueiredo. O avô paterno de Jackson de Figueiredo, Jacintho de Almeida Martins de Figueiredo, emigrou para o Brasil no início do século XIX, vindo de Porto, Portugal. Em 1855, o comerciante conheceu Joaquina Maria Pinto de Figueiredo, filha de uma família portuguesa abastada, proprietária do Engenho Lagoa Grande. Eles se casaram e tiveram oito filhos, sendo que o segundo, Luíz, foi o pai de Jackson.

Figura 1 – Jackson de Figueiredo com 3 anos de idade



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. **Jornal A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 221.

Alencar (2021) explica que o avô paterno de Jackson de Figueiredo alcançou influência na sociedade sergipana, ele foi um dos fundadores da Associação Comercial de Sergipe e da Loja de Maçonaria de Sergipe. Foi eleito o terceiro prefeito de Aracaju nos anos de 1898 e 1899. Dessa forma notamos que conquistou espaço no meio intelectual sergipano, garantindo lugar de relevo e herança política ao neto. Jacintho voltou para Portugal e foi promovido a postos altos do exército e eleito a deputado. Fernandes (1989, p. 19) apresenta um trecho de quando ele faleceu, em julho de 1905, e foi anunciado na Revista de Aracaju e no Jornal do Sergipe, descrito como: “[...] possuidor de uma grande inteligência, o que aliás era predicado de sua família onde se contam escritores de apreço.” Como vemos, ser escritor já fazia parte da herança familiar de Jackson de Figueiredo.

Do lado materno da família de Jackson de Figueiredo, sua mãe, Regina, era filha de Marcelino José Jorge, farmacêutico baiano de procedência espanhola, e de Cândida Leopoldina Alves de Sampaio, que tiveram cinco filhos. A família teve nomes de destaque nas artes e na literatura brasileira, como por exemplo, o poeta Castro Alves, que era primo segundo de Regina, escultores e produtores de projeção internacional, como Marina de Góis Jorge e Mário Cravo Jorge, que eram tios de Regina, entre outros. Regina nasceu em um lar permeado de artistas, e desde pequena já produzia poesias. Pode ter sido inspiração para Jackson de Figueiredo, já que nasceu nesse meio de produção literária e artística.

Luiz de Figueiredo, pai de Jackson de Figueiredo, formou-se farmacêutico, no entanto, trabalhou boa parte da vida como professor. No início, era porque não levou jeito com os negócios na farmácia e queria exercer uma profissão, mas com o tempo foi perdendo bens herdados e passou a trabalhar por necessidade. Lecionou Geografia, História e Grego. Entre as instituições de ensino que trabalhou, destacamos o Ateneu Sergipense e o Colégio Tobias Barreto (Fernandes, 1989; Fontes, 1952). Aqui acrescentamos a herança familiar com os pés no campo educacional.

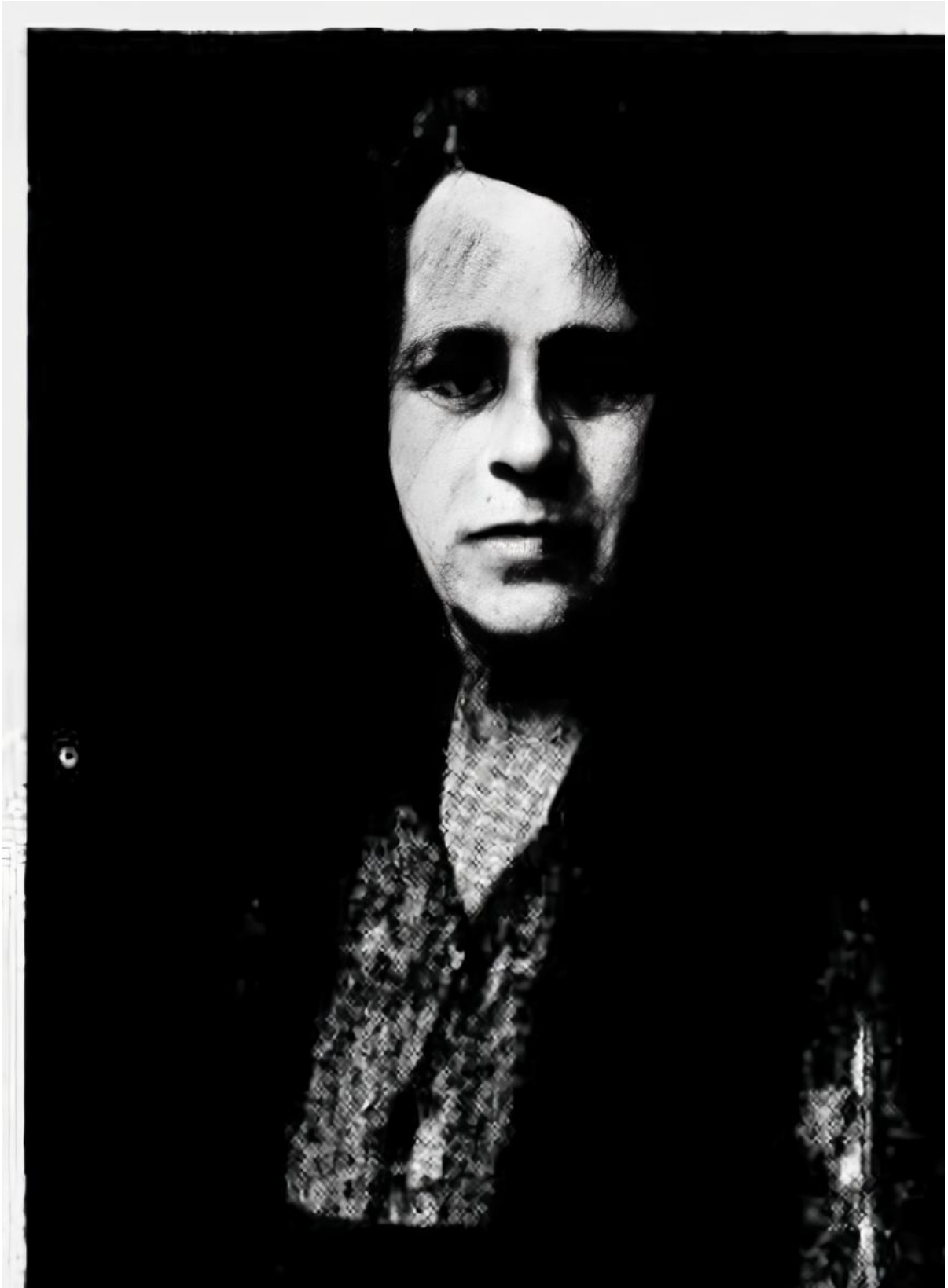
Luiz de Figueiredo Martins casou-se com Regina em 1888. Os dois primeiros filhos do casal nasceram e morreram, logo em seguida. Depois nasceu Jackson de Figueiredo (1891) e outros seis filhos. Até 1911, tiveram um padrão de vida elevado (Fernandes, 1989; Fontes, 1952). Até mesmo o próprio Jackson de Figueiredo lembra da sua infância e adolescência de boa vida: “[...] já me considerei rico e talvez mesmo tivesse sido relativamente ao meio em que vivi” (Figueiredo, 1946b, p. 151).

Figura 2 – Luiz de Figueiredo, pai de Jackson de Figueiredo



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 221.

Figura 3 – Regina de Figueiredo, mãe de Jackson de Figueiredo



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 228.

Jackson de Figueiredo teve a oportunidade de aprender a ler em casa muito cedo, vivia em um meio favorável, pois a família tinha uma biblioteca particular e o hábito da leitura. Teve uma professora à sua disposição e uma família que o estimulava constantemente a aprender. Ouviu aulas de professoras renomadas de Aracaju, como Dona Etelvina Amália de Siqueira (1862-1935), que era poetisa, contista, jornalista e oradora, declamadora brasileira. Segundo Nunes (1984, p. 157), Etelvina “foi a pioneira das mulheres sergipanas nas atividades intelectuais”, deixou contribuições no campo da História e da Literatura da Educação. A professora escreveu artigos em jornais como a *Gazeta de Sergipe* e o *Estado de Sergipe*.

Figura 4 – Professora Etelvina Amália de Siqueira (1862-1935)



Fonte: ETELVINA Amália de Siqueira Disponível em:
<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/46071?locale-attribute=pt_PT> Acesso em: 28 de jun. 2023.

Além das aulas com professoras particulares, Jackson de Figueiredo frequentou a Escola Americana do pastor protestante Finley, no qual assimilou e decorou trechos da bíblia. Aos nove anos de idade já escrevia seus primeiros versos e redações. Segundo Costa (2018), a Escola Americana Protestante iniciou os trabalhos em Aracaju em fevereiro de 1899, com o pastor Woodward Edmund Finley na direção. Os alunos da escola eram filhos da elite sergipense, devido a sua qualidade no ensino. Naquele período, o Decreto n. 179 da Constituição Federal de 1824 previa um ensino primário gratuito, mas as escolas ainda eram poucas. Deste modo, o campo educacional estava aberto às escolas particulares que desenvolvessem um trabalho de qualidade, as quais eram, normalmente, ligadas à Igreja Católica, que com as escolas americanas protestantes ganharam concorrência no campo religioso e no campo educacional. As escolas protestantes tinham locais próprios para a formação de professores e tinham escolas para meninas, o que era novidade na época, pois a sociedade patriarcal dominante não se preocupava com o ensino escolarizado para o sexo feminino.

Os protestantes foram portadores do ideal do liberalismo na época, muitos deles eram ligados à maçonaria, e entendiam que a separação da Igreja Católica com o Estado elevaria o nível da educação no país, pois a consideravam como um entrave para o progresso nacional. As escolas progressistas tinham mais foco nas ciências e apresentavam novidades nos métodos de ensino, diferenciando-se da escola tradicional vigente, características que facilitaram um maior alcance da elite brasileira, mesmo que, em sua maioria, continuasse distante da questão religiosa evangélica. Com isso podemos entender, em parte, porque o pai de Jackson de Figueiredo escolheu matricular o filho em uma escola protestante e não em uma escola católica naquele momento (Gabatz, 2011).

Podemos pensar que as relações de contato social também favoreciam as escolhas realizadas pela família Figueiredo. Fernandes (1989) relatou que o pai de Jackson de Figueiredo contava aos amigos que o filho tinha gosto pelos estudos. Ele teve uma infância na qual se mostrava:

Devorador de livros. Em seguida a maior agitação de garoto, de menino traquinas, dava-se um bom tempo de quietude, concentradíssimo em leituras e reflexão. Às vezes, escrevia seus versos incipientes na forma, mas já contendo o sentido de sofrimento, de saudade, de repúdio à maldade, à injustiça, e mostrando a surpresa do mundo em torno, que desvendava a cada dia (Fernandes, 1989, p. 54).

Desde criança já tinha o hábito e o gosto pela leitura, devido a influência do meio social no qual vivia. A leitura fazia parte do *habitus* familiar, portanto, não foi um processo forçado, mas sim, natural. Como vimos, seus pais eram leitores e escritores. Segundo Fernandes (1989), a mãe escrevia poesias, não sabemos se as publicava, e seu pai como era professor, vivia em meio as leituras e impressos. Jackson de Figueiredo lia com frequência e logo começou a criar suas primeiras poesias. Os primeiros versos eram uma prática para que pudesse aprimorar o ofício de escritor.

Fernandes (1989) confirma que a família de Jackson de Figueiredo se considerava católica. Acreditamos que o motivo que levou Luiz Figueiredo a ter optado por matricular o filho em um colégio protestante foi sua posição de um católico não praticante, pois se considerava um católico-maçom. Desse modo, se mostrava mais flexível na questão religiosa. Sabemos que a Igreja Católica rejeitava essa prática. O Papa Leão XIII (1810-1903, papa desde 1878), na Carta Encíclica *Humanum Genus* de 1884, escreveu sobre a maçonaria, explicando que esta prática era condenada e oposta à Igreja Católica, portanto, não existiria católico-maçom, se era maçom, não poderia ser católico.

O pai de Jackson de Figueiredo frequentava a loja maçônica, já que seu pai havia sido o fundador. Fernandes (1989) explica que quando o pai de Jackson de Figueiredo passou pelo câncer, não aguentava mais sofrer e fez um pedido de cura para Nossa Senhora e foi curado.⁸ A partir do episódio tornou-se católico praticante e retirou-se da loja maçônica. No entanto: “O ato de converter-se prejudicou lhe até nos negócios, pois antigos amigos de seu pai e afins não apreciaram a nova situação; restringiram ou negavam apoio necessário para algumas iniciativas e investimentos na área de negócios e de política.” (Fernandes, 1989, p. 33). Conforme o relato, é possível notar que uma rede de contatos foi afetada com a conversão de Luís de Figueiredo.

Nogueira (1976) defende que o fato de Jackson de Figueiredo ter sido matriculado em colégio protestante logo cedo não representou uma boa experiência, pois não respondia às suas dúvidas e o deixaram enfraquecer na fé e cair no ceticismo religioso. Podemos ver em *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (1916) que ele confessou que veio de um colégio protestante no qual aprendia a bíblia

⁸ Nesse período Jackson de Figueiredo já era católico praticante e desejava que o pai deixasse de frequentar a loja maçônica.

como aprendia a aritmética: “Quando vi pessoas que só falavam em nome da razão, pus-me a escutá-las com a ingenuidade de um crente fervoroso – tive os meus novos dogmas, e aquilo que ferisse tinha o meu desprezo.” (Figueiredo, 1916b, p. 15).

Figueiredo mostra que, por mais que tivesse estudado em um colégio religioso, outras leituras dominavam seu pensamento. Especialmente no seu período da adolescência, tinha muitas dúvidas em relação a religião, por isso acabou se afastando, como podemos notar nos seus primeiros livros. Nogueira (1976), como católico, tirou proveito desse relato para mostrar que se tivesse estudado em uma escola católica, isso poderia não ter acontecido.

Para Jackson de Figueiredo (1916b), as doutrinas materialistas fizeram sucesso na sua trajetória inicial nos estudos porque seduziam o seu espírito ansioso por respostas. É possível notar, quando se descreve na adolescência, com a imagem de uma personagem que é amargurada, e que buscava explicações em doutrinas materialistas, as quais por um período dominaram o seu pensamento, e tal amargura o conduzia para o “mal”. Um dos exemplos que Jackson de Figueiredo mostra é relatado em forma de poesia no livro *Zíngaros*⁹ (1910, p. 3), sobre a história da *Andorinha ferida* (ANEXO A).

A poesia da andorinha ferida foi escrita quando Jackson de Figueiredo refletia sobre seu pensamento, que antes vinha com a ideia de que existia o direito do mais forte, na natureza, pois parte de um episódio em que ele maltratou uma andorinha até a morte, em uma Sexta-Feira Santa, e para ele, naquele momento, estava certo. Foi reprimido pela família e após refletir, pesou a consciência dos seus atos e de como ele foi impiedoso e covarde. A história marcou sua vida e virou a poesia que integra o seu livro, *Zíngaros*. O volume de poesias tem 104 páginas e foi escrito em 8 meses, de janeiro a agosto de 1910, e em seguida publicado.

Podemos notar a configuração do capital cultural de Jackson de Figueiredo a partir dos relatos da sua infância e adolescência, e dos investimentos realizados pela família. Notamos a presença das três formas de capital cultural conforme apontados por Pierre Bourdieu (2007c). O capital cultural no estado objetivado, quando Fernandes (1989) relata que Figueiredo cresceu em meio aos livros e tinha uma biblioteca em casa. O capital cultural em estado incorporado, pois teve uma professora

⁹ O significado de *Zíngaros* é aquele que é cigano ou nômade.

particular para ensinar as primeiras lições, aos 9 anos já escrevia poesias, até ir para a escola e garantir o capital cultural institucionalizado.

Na adolescência, Jackson de Figueiredo se refugiava nos fundos da casa, no quarto biblioteca, que era onde ele estudava, lia e produzia nos cadernos as suas obras poéticas, que representavam seus sentimentos e a sua forma de ver o mundo. Não encontramos que tipo de livros tinha na biblioteca da família, mas acreditamos que no período em que produzia suas poesias, era o gênero que costumava ler. Em alguns trechos de suas obras, Figueiredo (1915, p. 41-42) sinaliza alguns autores que teria lido, como: Alvares de Azevedo, Casemiro de Abreu, Varella, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Tobias Barreto e Castro Alves. [...] Raymundo Correa, Machado de Assis, Bilac, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Luiz Delfino astros de primeira grandeza.”

Assim, do mesmo modo quando passou a escrever os ensaios, é possível notar suas leituras por meio de sua escrita. Jackson de Figueiredo iniciou pela poesia, que é uma produção mais intimista. Aos 16 anos de idade já editava seu primeiro livro de poesias, com 31 páginas, que foi o *Bater asas*, se tratava de uma produção de poemas dos mais variados assuntos, publicado quando ele completou 17 anos de idade.

Segundo Fernandes (1989), Jackson de Figueiredo estava entre os melhores alunos na escola, no entanto, costumava questionar e enfrentar a autoridade dos professores até a última consequência, com base seus próprios argumentos, que para ele eram lógicos. Sua adolescência no colégio foi registrada de forma resumida, da seguinte forma:

No Ateneu, obtinha boas notas. Mas como todo jovem intelectualizado, bordava suas reações, de laivos neuróticos. Julgava-se incompreendido e infeliz, encontrando nos livros o consolo e a luz. Salvo algumas exceções, não tardou a chocar-se com vários professores e o próprio diretor. Quanto aos colegas, seu isolamento irritava-os, não menos que o andar aprumado, de cabeça levantada, que traduzia um permanente desafio ao mundo circundante (Fontes, 1952, p. 25).

O livro de Fontes (1952), que é resultado da sua tese de doutorado, mostra que em 1905 Jackson de Figueiredo foi matriculado no Ateneu Sergipense, e em 1908, para evitar conflitos com os professores, o professor Luiz Figueiredo, pai de Jackson, o transferiu para o Liceu Alagoano na cidade de Maceió. Segundo Santos e Carvalho (2016), ambos os colégios eram os primeiros estabelecimentos de ensino secundário

público dessas províncias e atendiam alunos que tinham condições de passar nos seus exames para continuar os estudos, que eram alunos de famílias mais abastadas. O Liceu Alagoano incorporou em 1849 todas as aulas secundárias que existiam na capital para um funcionamento pleno e unificado, foi organizado para atender a elite local, caráter que perdurou por muito tempo.

Figura 5 – Liceu Alagoano na cidade de Maceió



Fonte: LICEU Alagoano Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-liceu-alagoano-o-colegio-estadual-de-alagoas.html>>. Acesso em 08 de jul. 2024.

Em Maceió, Jackson de Figueiredo fez novas amizades, e passou a escrever para o jornal do colégio, pois já escrevia artigos para a imprensa local, como no *Correio da Manhã*, por exemplo. Foi um período em que iniciou uma vida boêmia, festeira e que culminou em dívidas para a família. No ano seguinte, mudou-se para Salvador e iniciou o curso de Ciências Jurídicas na *Faculdade da Bahia*, concluindo em 1913 (Fernandes, 1989).

Na Bahia, morou em uma república, mas tinha uma vida confortável de estudante, na qual contratavam cozinheira, tinha uma mesa grande de jantar, um quarto com cama, mesa, estante para os livros e até uma rede. Nesse período, era mantido financeiramente pelo pai. Figueiredo fez novas amizades, seu grupo era chamado de a “Nova Cruzada”. Os amigos se reuniam para estudar, debater e se divertir. Certa vez, Jackson de Figueiredo liderou o grupo de estudantes para

apedrejar e impedir o desembarque dos jesuítas que, expulsos de Portugal, vieram para o Brasil (Fontes, 1952).

Segundo Fernandes (1989), essa história foi motivo de arrependimento anos depois, pois quando aconteceu, Figueiredo justificava seu ato com o argumento de que a religião era uma crendice como tantas outras, pois estava em um momento de auge do agnosticismo, anticlericalismo e anarquismo. Fontes (1952) explica que seus professores da faculdade eram, em sua maioria, evolucionistas, positivistas e mecanicistas, fãs de Comte, Spencer, Ferri, entre outros. Figueiredo, juntamente com Pedro Kilkerry, Melo Leite, Álvaro Reis, Edgar Sanches, Fernando Caldas, Durval de Moraes, entre outros, eram leitores de Stendhal e Nietzsche. Era em Nietzsche que Figueiredo encontrava respostas para suas dúvidas relacionadas a dor de sua existência. Para ele, as leituras tinham um importante sentido para o seu modo de pensar e de ser. Nietzsche foi indicação de leitura do seu amigo Kilkerry.

Fernandes (1989) registra que as amizades de Jackson de Figueiredo eram lembradas nos seus escritos/poesias e no contato via correspondências, como Jorge Lima que ele conheceu em Maceió, e amigos de Sergipe, como Carlos Campos, Adalberto Deodato e Nelson Sampaio. Na Bahia, conheceu muitas mulheres, chegou a ficar noivo de uma jovem chamada Maria Lins, mas romperam meses depois. Maria Lins era irmã da esposa de um grande amigo e colega da faculdade de Figueiredo, Edgar Sanches, e por esse motivo não compareceu à formatura e nem tirou foto formal de diplomado com os colegas.

Hamilton Nogueira (1976) explica que o período da adolescência de Figueiredo foi marcado por um ambiente intelectual e moral de influência do materialismo e do ceticismo cientificista. O próprio Jackson de Figueiredo, no seu livro *Xavier Marques* (1916a), admitiu que buscou algumas fontes indicadas por amigos para aliviar suas indagações a respeito da ordem moral e da vida como um todo, que nos permite compreender a constituição de sua trajetória, desde o seu início ao direcionamento para escritor católico:

Criança ainda eu tive a febre das indagações que atormentam o homem. Criança ainda pude notar que as minhas preocupações eram mais de ordem moral que intelectual, que me torturava a ideia do Destino, que me afligia o problema da consciência em face da vida. [...] Eu queria a razão da dor e do crime, a significação do dever e o porquê dos arrependimentos (Figueiredo, 1916a, p. 4).

Com isso, notamos que Figueiredo, por ter tido contato desde cedo com livros, questionava o mundo a sua volta e o viés de alguns autores o confortavam: “Os livros foram o alívio dessa infância incompreendida e infeliz, apesar o amor infinito dos meus pais. Mas os livros, durante muito tempo, *máxime* os que foram companheiros na adolescência” (Figueiredo, 1916a, p. 4). Sabemos que Figueiredo não foi educado sem a presença da religião cristã. A mãe, dona Regina:

Era católica, procurava seguir, mesmo sem conhecimento mais profundo, o que aprendera na infância. Fazia suas promessas, venerava seus santos e rezava muito. Segui os costumes de penitência na Semana Santa, os rituais e assim por diante. Enquanto foi possível, fez com que os filhos a acompanhassem na reza da noite, no terço e nas festas religiosas. O Prof. Figueiredo era católico, como já disse, à moda tradicional da época, e tinha algumas restrições: não apreciava o sacramento da confissão, nem frequentava a Igreja. Como católico-maçom era anticlerical. Não permitia que D. Regina fosse sem companhia à Igreja (Fernandes, 1989, p. 35).

Era comum a família se reunir em oração, assim como era um costume da época que mulheres casadas não fossem a alguns lugares, como Igreja, festas etc., sem a presença do marido. Por mais que a mãe tenha tentado repassar a doutrina católica para os filhos, Jackson de Figueiredo não deu continuidade. Sabemos que ele já tinha se confessado duas vezes, mas Fernandes (1989) não especifica quando isso aconteceu, até 1919, que foi quando ele voltou frequentar a igreja.

Após uma leitura geral das fontes, notamos que houve uma conversão engajada¹⁰ de Jackson de Figueiredo ao catolicismo, especialmente nos que constam na categoria “Jackson de Figueiredo como intelectual católico”¹¹. Isso porque Figueiredo foi criado em um ambiente familiar católico, chegou a fazer alguns sacramentos. Fernandes (1989) explica que ele se casou na Igreja, e para realizar o matrimônio, a Igreja Católica exige os ritos de iniciação, os quais são o batismo, a comunhão ou eucaristia e a crisma. Se ele já havia recebido a comunhão por duas vezes, acreditamos que pode ter ocorrido quando fez a primeira comunhão e no momento do seu casamento com Laura, mas de qualquer forma, ele passou pelos sacramentos religiosos.

¹⁰ Aliamos os termos “conversão engajada” no sentido de unir o conceito de conversão/reconversão (trabalhados no item 2.1) ao conceito de engajamento, que foi observado em Jackson de Figueiredo durante sua trajetória intelectual, devido a sua participação ativa nos assuntos de relevância cultural, política e social em favor do catolicismo.

¹¹ Ver apêndice B.

Defendemos que quando Figueiredo decidiu, em 1919 fazer a eucaristia, como ato que marca sua “conversão” ao catolicismo, consideramos que foi um ato para se aproximar da Igreja, de Deus, de maneira mais consciente, pois passou a demonstrar uma vontade para exercer as práticas da doutrina católica. E o período de transição, ou seja, do momento em que passou de católico à agnóstico, foi marcado por um afastamento da religião católica. A partir do momento em que voltou para a Igreja, notamos um engajamento ao catolicismo, cujo marco impactou nos seus trabalhos de intelectual escritor e editor, conforme veremos na presente pesquisa.

A trajetória inicial de Jackson de Figueiredo nos mostra como ele se tornou um leitor e como foi se transformando em escritor nesse processo, somado aos acontecimentos que evidenciam sua singularidade. Segundo Chartier (2014, p. 13-14):

O ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulamentá-los. A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio dos arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação.

Nossa interpretação enquanto leitor é singular, na medida em que temos uma determinada articulação em relação ao mundo do sujeito, que é leitor, com o mundo do texto. A apropriação dos discursos depende do nosso nível de compreensão e da maneira como nos afeta no momento da leitura. Portanto, as leituras são variáveis devido as diversas possibilidades de interpretação, fato que torna os leitores produtores de sentido quando passamos a escrever.

A origem familiar mostrou o percurso de leitor a escritor, de Jackson de Figueiredo, de como foi possível que ele tivesse a oportunidade de ter sido alfabetizado cedo, de ter uma biblioteca em casa e de ter heranças na produção literária e artística, para que pudesse se tornar um escritor. Na sequência, veremos que os escritos de Jackson de Figueiredo que marcaram sua trajetória de vida são sempre resultados das suas leituras e da sua rede de contatos mais próxima. Os primeiros gêneros textuais explorados por ele resultaram nas primeiras produções de poesias e de ensaios de crítica literária, as quais também foram possíveis a partir da sua origem familiar e da soma dos capitais econômico, cultural e social.

1.2 Da escrita de poesias aos primeiros ensaios de crítica literária

As duas primeiras publicações de Jackson de Figueiredo (1908, 1910) foram livros de versos e poesias, os quais foram publicados ainda na sua adolescência. De acordo com Tomé (2020), podemos ver que os versos e poesias eram considerados gêneros menores no campo literário. As poesias eram a forma mais aceita a ser explorada por mulheres, ou ainda, uma porta de entrada para intelectuais do sexo masculino. O gênero literário costumava ser o mais publicado entre as mulheres por estar mais relacionado aos sentimentos e emoções, ou seja, ligado à sensibilidade natural que era associada às mulheres, em especial a escrita de versos e romances. No entanto, por mais que não fosse tão esperado que as mulheres publicassem naquele período, quando publicavam pautavam-se nesse gênero, fato que estava relacionado a cultura do período, nas primeiras décadas do século XX. Portanto, era comum que os escritores utilizassem esse tipo de produção como ponto de partida para publicar e ir adentrando no campo literário.

Assim, é possível entender o motivo que Jackson de Figueiredo começou a escrever pelo gênero literário de versos e poesias, considerado como um gênero menor/dominado. Vemos como um modo de ingressar no universo literário como escritor, a fim de conquistar espaço e escrever outros gêneros de maior prestígio no campo. Na sequência da sua trajetória, Figueiredo começou a escrever ensaios, pois já tinha certa notoriedade no meio literário devido às relações estabelecidas com outros autores e agentes somado ao acúmulo do seu capital global.

Nos primeiros livros de poesias, escreveu sobre assuntos muito diversos, inclusive, em vários versos encontramos questões que abrangem até mesmo sobre religião, já que a espiritualidade era uma marca do Simbolismo nas suas poesias. Por mais que tenha passado por um período em que se considerou agnóstico, as fontes mostram que ele nunca abandonou o conceito de Deus como ser superior, ou mesmo deixou de usar outros conceitos do cristianismo, que algumas vezes representam analogias e outras vezes que deixam dúvidas sobre o seu pensamento. Vejamos um exemplo na sua primeira obra de poesias, *Bater Asas* (1908, p. 6), especificamente na poesia *Gotas claras de orvalho*: “Igual a vós oh! Gotas cristalinas. Que nos lembram sorrisos de Jesus. São nossas ilusões, róseas, divinas...” Quando cita Jesus, é possível perceber o sentido positivo caracterizado na poesia, ou seja, como uma boa representação da espiritualidade.

Nos poemas da obra *Zíngaros* (1910) também eram frequentes o uso dos termos de Deus e Jesus, não só com o sentido espiritualista e abstrato, mas com base da história bíblica reconhecida: “E no meu sonho me aparece Judas pregado numa cruz... há dois mil anos que padece.” Pois sabe que quem foi crucificado foi Jesus, e no seu sonho poético aparece Judas, e acrescenta que era melhor se Judas tivesse sido crucificado no lugar de Jesus.

A poesia é uma forma de arte que combina palavras, significados para o autor e qualidades estéticas, as quais prevalecem sobre o conteúdo que está sendo exposto. Nesse jogo de combinações são utilizados dispositivos fonéticos, sintáticos e semânticos. A poesia é um gênero que permite uma maior expressão dos sentimentos, de tudo o que comove o escritor, por isso as interpretações são variáveis. Jackson de Figueiredo escrevia poesias em forma de poemas líricos, que em geral, apresentavam uma estrutura de soneto - formado por 14 versos, sendo 2 quartetos e 2 tercetos, com rimas alternadas.

A poesia no Brasil, no início do século XX, se encontra no período denominado pré-modernismo, sendo este um conceito mais histórico e sociológico do que estético, por ser considerado um dos períodos mais vagos quando estudamos as escolas no Brasil: “Trata-se, na verdade, de um conceito negativo, que só se pode definir pela negação, referindo-se àquilo que, sem ser ainda modernista, já não seria mais exatamente parnasiano ou simbolista” (Bueno, 2017, p. 7). Isso porque a virada do século XIX para o século XX foi marcada por uma coexistência entre elementos finais do Simbolismo e do Parnasianismo, até que a Semana de Arte Moderna de 1922 marcou o início do modernismo, que começou a delinear novas direções para a poesia brasileira.

Foi um período em que os poetas acabaram transitando entre o Parnasianismo e o Simbolismo na carreira literária, como é o caso de Cecília Meirelles e Manuel Bandeira, ou o caso de poetas que chegaram à fronteira entre o último Simbolismo e o Modernismo, como o caso de Pedro Kilkerry. O período em que Jackson de Figueiredo escreveu suas poesias era de transição para a poesia moderna. Fase em que poetas, como Olavo Bilac e Cruz e Souza, começaram a explorar novas formas de expressão (Bueno, 2017).

Esteves (2022), ao comentar a obra *Crepúsculo Interior* (1918), escreveu que Jackson de Figueiredo era familiarizado com um estilo de Mário Pederneiras e Nestor Victor, a quem inclusive ele dedicou a sua coletânea de poemas. E acrescentou que

os poemas exalavam o simbolismo no seio da *Belle Époque* carioca, em meio a uma pluralidade de estilos que marcavam o período do chamado pré-modernismo.

A escola literária do Simbolismo descende de Charles Baudelaire (1821-1867), a partir do seu soneto *Correspondências*, o qual inaugura uma concepção metafísica na poesia, ratificando a tradição do platonismo, com metrificações irregulares e versos mais livres, se comparados aos do Parnasianismo. No Simbolismo estão presentes as temáticas voltadas para a interioridade humana, com conceito musical de poema, o uso frequente de antíteses e oposições e reticências, a exploração do plano material e espiritual, e a sinestesia – descrever sons, aromas, cores (Barros Jr., 2016, p. 16). As características podem ser observadas nos poemas de Figueiredo, desde as suas primeiras produções publicadas em *Bater Asas* (1908) até as últimas em *Crepúsculo Interior* (1918). Os temas eram diversos nas suas poesias. O quadro abaixo mostra dois exemplos:

Quadro 1 – Características contínuas nos poemas de Figueiredo

Bater Asas (1908)	Crepúsculo Interior (1918)
GOTAS CLARAS DE ORVALHO... Gotas claras de orvalho, cintilantes, Que luzis nestas pétalas de rosas Dando beleza a elas tão formosas, Sóis pequeninos, trêmulos, brilhantes, Gotas puras d'alvor de diamantes Que o Sol as faz secar, tão, tão mimosas, Murchando já também as fulguosas Pétalas, de cetim tão radiantes. Igual a vós oh! gotas cristalinas Que nos lembram sorrisos de Jesus, São nossas ilusões, róseas, divinas... Primeiro luzem como estrelas puras. Depois se finam, e de nossa alma a luz Empalidece ao Sol das amarguras.	A PAIXÃO Quando ela vem e estende-me os seus braços E promete-me o céu, da própria vida O sentido, a razão, meus membros lassos Sentem horror da estrada percorrida... Sentem a dor de todos os cansaços, E o coração tomado de investida Escuta a voz do amor pelos espaços E se ajoelha ante a visão querida! Mas minh'alma somente em Deus confia... Já sofreu tanto! debateu-se tanto! Tem tão vivas a chagas da ironia... Que se arma e vai... e à fé em que se inspira Afoga o coração no próprio pranto, Mas junto ao morto coração delira...

Fonte: A autora.

A evocação da espiritualidade está presente nos versos dos seus poemas, em que aparece palavras como Deus, Jesus, Sol com letra maiúscula, como uma entidade, ou seja, que denota uma vida espiritual oculta por trás da existência material das coisas. Nos livros de poesias de Figueiredo, notamos que utilizava com frequência

as antíteses, expressas especialmente nas palavras corpo e alma, luz e sombra, vida e morte. A sinestesia como recurso estilístico tornava viva as sensações nas suas poesias, sendo estas algumas marcas das suas poesias em geral.

Segundo Jackson de Figueiredo (1915, p. 41), as poesias naquele período do Brasil, costumavam a ser escritas mais em forma de verso do que em prosas: “Não creio como João Ribeiro que a prosa esteja a suplantiar o verso no Brasil.” O que mostrava sua preferência de leitura e produção de poesia. Na trajetória do autor notamos que os lugares que passou e as leituras que fez impactaram diretamente no seu pensamento registrado nas suas produções, na forma e no conteúdo.

Jackson de Figueiredo, ao ir para a Bahia cursar Direito, estabeleceu uma rede de contatos, entre as quais destacamos a figura do escritor Francisco Xavier Ferreira Marques (1861-1942). A leitura deste autor, também indicada pelo amigo Kilkerry, no período de transição entre a adolescência e a juventude, contribuiu com o amadurecimento do seu pensamento. Jackson de Figueiredo tornou-se um admirador de Xavier Marques, que era jornalista e escrevia poesias e romances. Segundo Fernandes (1989, p. 109): “Quando Jackson o conheceu, já era venerado em seu estado e se projetava no meio intelectual fora da Bahia.” Figueiredo tanto o admirou como escritor e como pessoa, que dedicou a escrita de um livro sobre a obra dele. Ao fazer uma análise sobre as principais produções de romances de Xavier Marques, escreve que:

Tudo também vejo no poema religioso, no poema cristão de *Pindorama*. Em *Janna e Joel* foi um artista religioso, mas de uma religião despreocupada, feita só de adoração, quase amorosa. Em *Pindorama* o caráter religioso é quase militante, é o Poema da Cruz na Conquista da Terra, é tão acentuado este caráter cristão da obra que poderíamos dizer ali se objetivou, não mais um artista religioso e sim um religioso artista (Figueiredo, 1916a, p. 95).

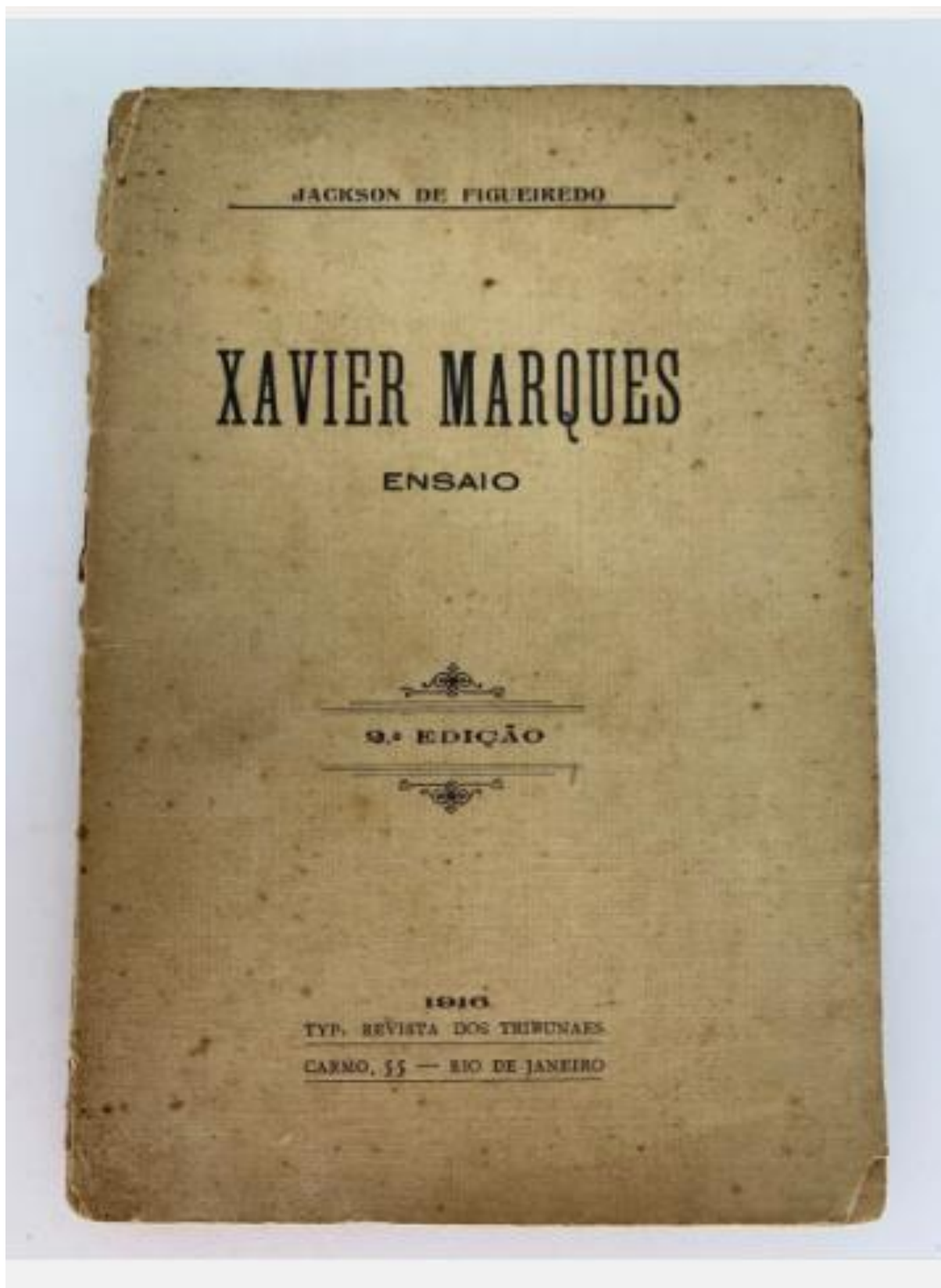
Jackson de Figueiredo (1916a) escreveu como conheceu Xavier Marques. Depois de dois anos de muitas leituras, o estudante de direito, tímido, como se considerava, venceu a timidez e foi fazer uma visita ao escritor, quando tinha seus 19 anos de idade. Ao ouvir Xavier Marques, Figueiredo relatou que:

Ouvi-lhe a palavra séria e comedida, vi, em que eu via um verdadeiro sábio, opiniões absolutamente contrárias às da minha arranjada sabedoria, e de todas elas apresentadas com uma arte de bondade aparecendo ao sabor da palestra, raramente como resposta à que eu expusera, sem me contrariar, mansamente, como um aviso de Pai que entendesse daquelas mágoas (Figueiredo, 1916a, p. 10).

Isso mostra que as leituras e as falas de Xavier Marques marcavam Jackson de Figueiredo na sua forma de ver o mundo, ele mesmo diz que ele o levava a refletir. Como Figueiredo se mostrava um jovem cheio de angústias e questionamentos que não encontrava respostas, passou a encontrar algumas com esse autor, que marcou sua trajetória. Ele o via como exemplo de pessoa, que mesmo vindo de uma família pobre e construído sua carreira com o fruto do seu trabalho, não teve uma vida fácil e via a vida de forma positiva. A história de Xavier Marques levou Jackson de Figueiredo a pensar: “Que será, pois que o leva, ainda assim, a encarar a vida com tanta bondade, a ter para tudo um perdão tão natural, tão sem artifícios?” (Figueiredo, 1916a, p. 10).

Depois de ter conhecido e conversado com Xavier Marques, pode repensar várias questões de cunho filosófico, e ao organizar sua leitura das obras dele, Figueiredo voltou para sua terra natal e em apenas 8 dias escreveu seu ensaio sobre Xavier Marques. A escrita foi em 1913, quando estava no último ano do curso de direito. Em 1916, foi publicada a segunda edição do livro.

Figura 6 – A segunda edição do livro *Xavier Marques*



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Xavier Marques**: ensaios. Salvador: Typ. Bahiana, 1916a.

É importante destacar que sempre que citarmos a fonte da segunda edição de Xavier Marques (1916), seus escritos retratavam o pensamento do autor em 1913, ano da primeira edição, pois no prefácio ele anuncia: “[...] publico novamente sem a menor alteração”. Ainda completa explicando que o livro retrata: “[...] o estado do meu espírito, marca precisamente a transição do meu pensamento” (Figueiredo, 1916a, p. 4). No livro, a primeira parte apresenta suas angústias, dúvidas e crises existenciais, conforme podemos ver:

Foi a dúvida que escrevi essas primeiras páginas que querem exprimir todos os tormentos da minha consciência, oscilante entre a negação e a afirmação moral do mundo - entre o materialismo utilitário e imoral que eu professara, arrastado pela turbamulta dos seus proclamadores, e o espiritualismo que me levava até Deus, um supremo Bem que será o fim dos que sabem sofrer (Figueiredo, 1916a, p. 12).

Nessa passagem podemos perceber que Figueiredo estava mudando os seus pensamentos ao buscar respostas que traziam um conforto para sua existência. O materialismo que ele utilizava como base de pensamento para entender a realidade, já não era suficiente, pois não mudava em nada o seu sofrimento interno. Começa então, a engatinhar para os caminhos de uma perspectiva espiritual, pois já que suas angústias não passavam, restava a ele buscar meios de viver da melhor forma com essa situação, sendo Deus um caminho para tentar entender a si próprio.

Vale ressaltar que Jackson de Figueiredo trocou muitas correspondências com Xavier Marques, as quais permitiram que eles pudessem se aproximar e se conhecer melhor. Ainda na primeira edição, Figueiredo afirma que Xavier Marques era seu autor e artista preferido, devido a sua simplicidade, humildade, bondade e conforme se nota nas leituras, pela sua forma de ver e expressar-se sobre a vida. Assim, aos poucos o seu pensamento materialista vai sendo transformado, sendo esse um período de transição do seu pensamento e ação em relação a suas crenças: “Com Pedro Kilkerry li os livros de Xavier Marques, com Pedro Kilkerry aprendi a amá-lo. Mas ainda assim demorei dois anos sem aproximar-me do grande artista que me interessa tanto.” (Figueiredo, 1916a, p. 9). Podemos afirmar a contribuição de Xavier Marques, nesse período, na medida em que Figueiredo assimilava várias ideias do escritor.

Em março de 1914, Jackson de Figueiredo chegou ao Rio de Janeiro, na época, a capital federal. Nos primeiros dias foi hospedado por um amigo que conheceu

na Bahia, Mello Moraes Filho¹², a quem dedicou seu livro *Affirmações* (1925a). Em pouco tempo, encontrou outro amigo, Dias de Barros, deputado por Sergipe e médico em Aracaju. Por Figueiredo ter ajudado na sua campanha eleitoral, o indicou para o seu primeiro emprego na cidade, como revisor de debates da câmara. A cidade do Rio de Janeiro tinha uma estrutura já bem estabelecida, e foi muito importante para alavancar Figueiredo no meio intelectual, pois era onde se concentravam os dominantes dos espaços culturais (Fernandes, 1989). Acreditamos que Figueiredo foi para o Rio de Janeiro com a pretensão de ter mais oportunidades de trabalho intelectual e crescer no campo literário, uma vez que notava que grandes nomes de escritores saíram de lá:

Entretanto o Rio assombra a nossa imaginação, de lá nos vêm, todas as semanas, dezenas e dezenas de jornais, revistas e até livros, e o só relancear de olhos por aquelas páginas nos dá a ilusão mais perfeita de um grande mundo de ideias e trabalho valioso. Os grandes nomes renovam-se todos os dias; ora é um poeta genial que aparece, uma arte nova que luz nos horizontes da pátria, ora um filósofo extraordinário que se revela (Figueiredo, 1915, p. 4).

Os contatos estabelecidos e entre Figueiredo e alguns autores tornou-se uma característica marcante da sua produção como escritor. Quando não escrevia sobre a vida e a obra de algum autor, escrevia poesias e dedicava a eles, como no caso do seu livro publicado em 1918, intitulado *O Crepúsculo interior*, que foi dedicado a Nestor Victor (1868-1932).¹³ Nesse livro, já é notável a convicção do seu pensamento sobre a presença de Deus na sua vida, mesmo que vai dando um passo por vez. Nas primeiras páginas que antecedem as poesias, Figueiredo (1918b) ressalta que seu objetivo de escrita não era artístico, mas representava suas confissões em relação às dúvidas e a esperança, e relata que embora se sentisse mais seguro, ainda se considerava um “espírito agonizado”. No entanto, apresenta algumas poesias que remetem a Deus:

A Ciência mostrou-me a lagoa fria....
Amei a força bruta e está escondida...
A fraqueza de tudo o que é terreno...
Então ouvi a voz de Deus, na altura:

¹² Alexandre José de Mello Moraes Filho (1843-1919) foi poeta, folclorista, jornalista, etnógrafo, médico e diretor do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro. Nasceu em Salvador, e depois morou no Rio de Janeiro (Coutinho, 2001).

¹³ Escritor de ensaios, poesias, romances e críticas literárias.

--- Olha a teu lado a Fé – E a desventura
 Fez-se me aspiração, e estou sereno (Figueiredo, 1918b, p. 6-7).

Podemos notar que Jackson de Figueiredo estava encontrando um refúgio, um consolo para suas angústias. Em muitos versos ele cita a palavra Deus e a palavra Cristo. No início na mesma poesia, chamada *Fé*, ele escreve que seu espírito clamava por ajuda, e a ciência não poderia ajudar. Em outra poesia, chamada *A aposta*, ele escreve que Cristo disse que não seria fácil, mas Ele mostraria os melhores caminhos e estaria ao seu lado (Figueiredo, 1918b).

Ao escrever suas primeiras poesias e ensaios dedicados a intelectuais que admirava e costumava ler, Figueiredo foi se desenvolvendo como escritor, de modo a mostrar os principais autores que contribuíram para a construção do seu pensamento em relação ao modo de ver a vida e o mundo. O seu próximo livro, intermediário entre a primeira e a segunda edição de *Xavier Marques* (1913 e 1916), foi publicado em 1915 e trazia Garcia Rosa como protagonista.

Garcia Rosa foi um poeta sergipano que Figueiredo conheceu durante as férias na sua terra natal. Em 1913, Figueiredo contou que escreveu um primeiro ensaio sobre a personalidade literária de Garcia Rosa, que foi retomado tempo depois para ser publicado com o objetivo de tornar o amigo artista conhecido pelo público carioca. Garcia Rosa nunca publicou nada, mas Figueiredo teve a oportunidade de ler as suas poesias, e ressalta que teria se identificado com suas ideias, pois os versos o levavam a muitas reflexões e respostas internas.

A identificação de pensamento e a amizade que estabeleceram, resultaram na produção do ensaio sobre *Garcia Rosa* em 1915. Garcia Rosa era um modelo de homem a ser seguido, segundo Jackson de Figueiredo, pois suas produções contribuíram para muitas reflexões; por isso dedicou-lhe a escrita do livro como forma de agradecimento: “À Garcia Rosa eu devo muito do que há de melhor no meu espírito. Este livro é um modo de beijar-lhe as mãos.” (Figueiredo, 1915, p. 43). Desse modo, Figueiredo registra alguns pontos da literatura do autor que mereciam se tornar conhecidos.

Nas 58 páginas do livro, Figueiredo procurou mostrar a profundidade da obra do escritor Garcia Rosa, ao apresentar alguns trechos e autores que o inspiravam e colocava a sua crítica à prova. Garcia Rosa era agnóstico, e esse era um dos pontos que Figueiredo já explorava para a organização do seu pensamento sobre a vida. Ao avaliar um dos trechos do autor, Figueiredo (1915, p. 19) diz que não ignora as teorias

citadas por ele, mas as via como uma orientação particular da evolução, no entanto, pensava que: “esta orientação pode falhar para felicidade do pensamento humano.” Figueiredo explicou que mesmo por meio de poesias era possível notar a visão do autor sobre as coisas.

Em *Garcia Rosa*, Jackson de Figueiredo encontrava muitos pontos de análise, especialmente as de essência do pragmatismo e do ceticismo, pois para ele a busca da verdade era uma capacidade que a mente humana poderia alcançar, sem contar que considerava importante trabalhar com os sonhos e as fantasias. Por mais que alguns conteúdos fossem analisados criticamente, e comparado a outros poetas, Figueiredo via o escritor Garcia Rosa como um poeta completo. Nesta obra é um pouco mais difícil captar o pensamento do autor, devido ao seu foco estar mais restrito na análise da obra do poeta, e porque apresenta menos de si em relação aos outros ensaios que escreveu.

O gênero textual ensaio surgiu no século XVI com Montaigne e Bacon, embora já tivesse sido usado anteriormente, por Aristóteles e outros filósofos em algumas passagens de seus escritos, pois o gênero pode ser definido de diferentes modos, a partir das suas características:

Por isso, a história do gênero depende do conceito de ensaio que pode ser definido de diversos modos. Se, de um lado, o conceito de ensaio pode ter origem empírica, a partir de alguns textos considerados exemplares, com características e padrões fornecidos pela tradição. De outro lado, o conceito de ensaio, no sentido mais rigoroso, depende de um quadro referencial teórico, sistemático e coerente, que o define enquanto tal (Paviani, 2009, p. 2).

Muitos autores utilizaram o ensaio como parte de sua obra e com algum sentido. Locke utilizava o gênero como liberdade de pensamento e passatempo, em especial nas horas difíceis, enquanto Montaigne escrevia para si mesmo e amigos/parentes mais próximas. Foi com Kant que o gênero ganhou novas características de dimensão racionalista, rompendo com o experimentalismo dos empiristas ingleses nos ensaios. Para Adorno, o gênero ensaio representava uma forma aberta de expor seu pensamento. É um gênero textual que perpassa outros:

Desde os escritos de Galileu, Pascal, Espinosa até Habermas, Derrida, Barthes e centenas de outros autores, o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico

para o científico ou, ao contrário, sem diminuir o rigor da exposição (Paviani, 2009, p. 3).

O ensaio é um gênero textual muito utilizado no campo literário, porém, expor suas características é uma tarefa difícil, já que pode ser usado por diferentes áreas e especialistas. No entanto, há algumas características que são consensuais: trata-se de um estudo formalmente apresentado dentro de determinados padrões; apresenta uma reflexão que não possui a pretensão de acabamento; ensaio como forma de texto pode ter natureza científica, literária e filosófica; é necessária uma lógica na sua exposição, que demonstre os passos da análise realizada com rigor de argumentação ao mesmo tempo em que se tem liberdade de expressão. Segundo Paviani (2009), tais características não esgotam as possibilidades de descrição do gênero ensaio, mas servem para conhecimento geral do perfil utilizado pelos escritores ensaístas.

Para Adorno (1994), o ensaio permite uma “liberdade de espírito” já que as interpretações não são rígidas. Possui movimentos dialéticos ao passo que a descontinuidade se torna essencial para o escritor que sustenta os seus conceitos e sua linguagem própria de abordá-los. O ensaio tende a desenvolver os argumentos de maneira ensaiada, ou seja, questionando sua fonte, fazendo uma crítica e desenvolvendo uma reflexão, o que faz dele um gênero textual que é crítico e interpretativo.

O gênero textual ensaio é publicado por escritores considerados mais experientes e originais ao mesmo tempo em que é permitido ser utilizado por escritores principiantes, diante das suas características, por isso que é visto como um meio termo no campo literário, ou seja, um passo a mais para autores que saíram de gêneros considerados menores, como o caso das poesias e versos, do qual saiu Jackson de Figueiredo. É como o próprio nome sugere, um ensaio para novos escritos de outros gêneros (Paviani, 2009). Para Jackson de Figueiredo, vemos o ensaio como um exercício de escrita a partir das leituras que ia estudando, as quais foram mudando seu pensamento ao longo de sua trajetória até a conversão a intelectual católico, conforme foi conquistando mais espaço no campo literário.

Alexandre Eulálio (1989, p. 9), ao publicar sobre ensaio literário no Brasil, descreve o tema como “uma península estética de maré muito variável.” Sua pesquisa apresenta uma análise desde 1750 a 1950, e conclui que tratar de ensaio é uma das atividades mais complexas da literatura brasileira. Eulálio (1989) posiciona os principais ensaístas em grandes grupos que, posteriormente, fazem parte de

agrupamentos menores, por vezes, concomitantes. Jackson de Figueiredo aparece como integrante do grupo de ensaísta crítico e interpretativo, o qual, segundo o autor, inclui os maiores nomes das letras brasileiras, e apresentam um teor de prosa artística; neste último quesito, se encaixa na prosa de não-ficção:

Afrânio Peixoto, Humberto de Campos, *Jackson de Figueiredo*, Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde, Sud Menucci, Plínio Barreto, José Maria Belo, Fernando de Azevedo, destacam-se na prosa de não-ficção deste período, em que continuam a produzir alguns dos grandes nomes que vêm do Segundo Reinado ou dos primórdios da República, que sobreviveram aos contemporâneos: Laet, Neto; Afonso Celso; Constâncio Alves; Medeiros e Albuquerque. Ensaístas diferentemente motivados, tendendo para a erudição pura, para o combate ideológico, para a crítica estética, sociológica ou sincrética, esse período que os contém a todos é dos mais fecundos para o gênero. O espírito essencialmente analítico e judicativo da época propicia um geral estabelecimento de critérios de apreciação da realidade, nas mais diversas áreas (Eulálio, 1989, p. 45, grifo nosso).

A literatura pré-modernista mostra que os escritores e editores transitavam entre variados tipos de texto, como romances, poesias, ensaios, panfletos de cunho político, entre outros, como era o caso de Jackson de Figueiredo e Monteiro Lobato, para exemplificar. Assim, cada autor tinha seus projetos literários próprios, e suas características nos diversos tipos de ensaio.

Serrano (2002) ressalta que os escritores críticos, em geral, eram bem-posicionados no campo literário, na medida em que costumavam publicar em outros gêneros textuais, e possuíam formação universitária, a maioria em Direito, assim como contavam com um círculo de legitimação recíproca que os instituíam como intelectuais escritores. A maioria dos ensaístas críticos de destaque no campo literário eram do Rio de Janeiro e de São Paulo, e mesmo os de outras regiões, eram de famílias economicamente favoráveis, como cita o exemplo de Lins e Leão de Pernambuco e Coutinho da Bahia, de famílias pertencentes às oligarquias nordestinas.

Podemos notar nos ensaios escritos por Jackson de Figueiredo um tipo de autobiografia, ou seja, uma descrição de si ao retratar os autores escolhidos para tecer seus questionamentos e reflexões. Em várias passagens percebemos esse movimento de Jackson de Figueiredo, como por exemplo, nessa passagem em *Xavier Marques*, quando diz: “Eu, por exemplo, por ceticismo, posso duvidar do valor mesmo da dúvida, e batido, maltratado pelas contradições, correr para o asilo do salvador do Dogma” (Figueiredo, 1916b, p. 49).

É como se Jackson de Figueiredo fosse construindo sua identidade como escritor na medida em que lia e comentava as obras dos autores que tinha algum apreço. Para ele: “Escrever é agir de um certo modo para os juízes e guias sociais, e como estes sempre limitava a ação pensam que não devem consentir a publicação de todas as ideias.” (Figueiredo, 1916b, p. 50). Fazia parte do trabalho do escritor ser lido e receber críticas do seu trabalho, sejam elas positivas ou negativas. No prefácio da segunda edição de Xavier Marques (1916a), Figueiredo respondeu a algumas críticas que teria recebido da primeira edição e procurou se justificar e reconhecer alguns defeitos:

Afinal de contas são outros e bem grandes os defeitos daquela parte da minha obra: acúmulo de ideias sem o seu completo desdobramento, impossível em ao reduzido espaço, o ecletismo a que me forçava a dúvida imperiosa, são os principais sendo que o último é para mim o maior defeito do livro: Eis porque eu ainda queria ver no determinismo a solução científica do destino, e me dava por um ateu religioso (Figueiredo, 1916a, p. 13).

Figueiredo estava em processo de transição do seu pensamento em relação a forma de ver o mundo, especialmente a questão espiritual. Dos poucos trechos que apresenta suas ideias, já é possível ver a presença do conceito de Deus, de forma mais elaborada: “Possuir Deus é possuir todas as dores, só a perfeição pode sentir a imperfeição de todas as cousas, mas também refleti-las em si mesmo com a abstração dos defeitos, perfeitas no claro espelho da sua divina inteligência” (Figueiredo, 1915, p. 33).

Jackson de Figueiredo viveu a adolescência e a juventude na busca de respostas para suas angústias, e ele estava começando a encontrar sentido nas leituras e encontrava nas poesias um “entusiasmo da própria dor”, como ele mesmo escreve, que representa a missão do nosso espírito, é um modo de alimentar sua coragem. No diálogo com Garcia Rosa, Figueiredo acreditava que na vida há mistérios profundos que nossos olhos não são capazes de alcançar. Considerava que Garcia Rosa era um idealista cético nos seus versos.

Aos poucos, Jackson de Figueiredo foi trilhando os passos de escritor. Começou com as poesias, gênero que não deixou de escrever, ler e comentar durante sua vida, e seguiu publicando ensaios sobre personagens que conhecia e tinha apreço. Estas são as marcas da primeira exposição como escritor. Figueiredo (1916a) iniciou a escrita dos ensaios se declarando como “cético que duvida da própria

dúvida”, e ao decorrer da sua caminhada como leitor e escritor, é possível acompanhar a mudança na sua mentalidade.

Ao escrever sobre personagens que tinha apreço, nas primeiras publicações analisadas, foi possível notar que Jackson de Figueiredo registrou uma certa autobiografia, pois ao descrever aspectos das personalidades de escritores que biografava, mostrava com quais pontos ele se identifica ou não: “Tudo em mim é espontâneo, o gesto mais brusco e o mais amigo. [...] Há um tom de confissão em tudo o que escrevo; mas ao ateu que sou, qualquer religiosidade é das faces mais amadas do seu espírito” (Figueiredo, 1916a, p. 37).

A partir das suas leituras, Figueiredo registrava suas impressões nos ensaios que produzia: “Quando saiu em primeira edição traduzia bem este pequeno ensaio sobre Xavier Marques, o estado de meu espírito e, como tal, constitui para mim, um precioso documento da minha vida” (Figueiredo, 1916a, p. 3). O autor mostra, logo no início de sua obra, que ao ler a primeira edição do seu ensaio sobre Xavier Marques de 1913, ele se via e se entendia, pois retratava o “estado do seu espírito” naquele período. As obras dos escritores estudados por Figueiredo passam a facilitar o compartilhamento de ideias, o que foi um processo significativo para a aproximação ao catolicismo, ao passo em que organizava suas crenças a partir dos autores. Estava tirando suas conclusões por meio de autores católicos e agnósticos, como Xavier Marques e Garcia Rosa, respectivamente.

As primeiras publicações de Figueiredo, as poesias, foram escritas no período ao final da sua adolescência, 16 e 18 anos (ver Figura 7). E demais publicações selecionadas como fontes para o presente capítulo estão concentradas na fase em que Figueiredo já era um jovem que tinha se formado em direito fora da sua terra natal, já morava no Rio de Janeiro, portanto, era mais experiente em termos de contatos com diferentes pensadores. Sua primeira publicação, livro de poesias *Bater Asas* (1908) foi na editora e livraria Brasileira de Aracaju, a qual não encontramos maiores informações. As demais fontes se concentram nas editoras Typographia Bahiana e *Tribunaes*, conforme podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 2 – Editoras que publicaram as primeiras produções de Jackson de Figueiredo.

Publicação/ ano	Editora
Bater Asas (1908)	Livraria Brasileira
Zíngaros (1910)	Typographia Bahiana
Xavier Marques (1913)	Typographia Bahiana
Garcia Rosa (1915)	Tribunaes
Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito (1916)	Tribunaes
Xavier Marques (1916)	Typographia Bahiana
Crepúsculo Interior (1918)	Tribunaes

Fonte: A autora

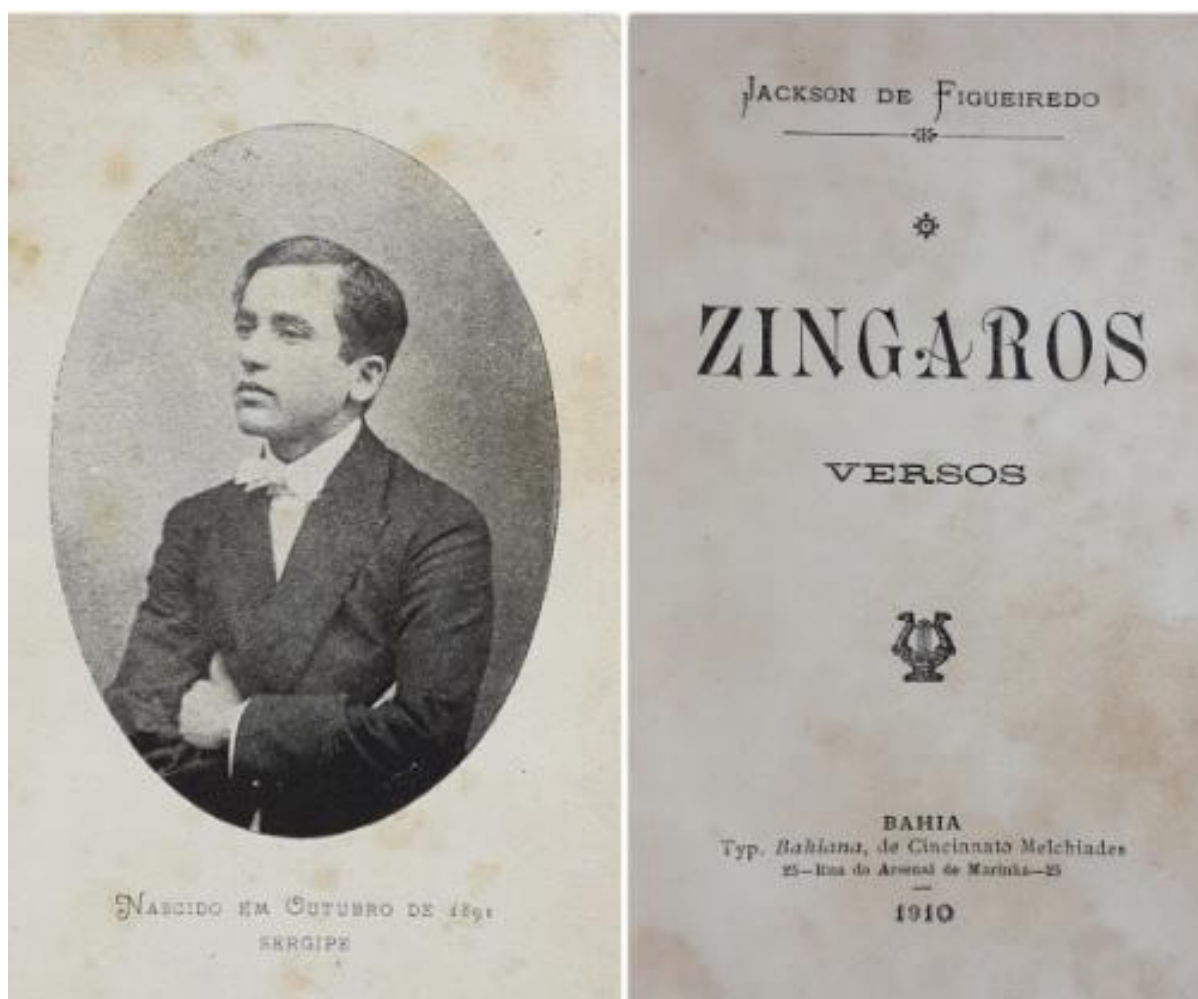
A editora *Typographia Bahiana*, localizada em Salvador, foi fundada em 1896 pelo empresário Clincinnato José Melchiades¹⁴. Publicava livros, periódicos e teses de escritores como Xavier Marques, Almachio Diniz e Sílio Boccanera Junior, de políticos como Ruy Barbosa, Pedro Lago e Virgílio Lemos, de médicos, engenheiros e jornalistas como Nina Rodrigues, Arlindo Fragoso, e Aloysio de Carvalho. Estas publicações e autores em destaque fazem parte do levantamento parcial da produção da *Typographia Bahiana* no período de 1898 a 1922, realizada por Tavares (2002). O autor trabalhou com o total de 113 títulos da editora. Notamos a relevância da editora no meio intelectual baiano, ao verificar nomes como Ruy Barbosa. Acreditamos que a escolha da editora para as primeiras publicações de Jackson de Figueiredo está diretamente ligada com a sua rede de contatos, como podemos ver o nome de Xavier Marques. Um pouco antes de publicar sobre Xavier Marques, Figueiredo publicou o seu segundo livro de versos e poesias na editora, que foi *Zíngaros* (1910).

O intuito de Jackson de Figueiredo em produzir e publicar os ensaios sobre os escritores era de enaltecer o trabalho desses artistas brasileiros. Assim, quem não os conhecia, teria uma chance a mais de conhecê-los por meio das suas publicações. O advogado, Jackson de Figueiredo, oriundo de família de elevado capital social, econômico e cultural, se comparado a maioria dos jovens contemporâneos, morava na capital do país, onde a produção intelectual era forte, e teve a oportunidade de publicar pela editora jurídica *Tribunaes*, que concentrava livros e periódicos voltados para estudantes e profissionais da área do direito, portanto, esse era o principal público. Por mais que publicasse na mesma editora que Xavier Marques, na Bahia,

¹⁴ Jornalista baiano (1858-1920). Fundou a *Gazeta de Notícias* na Bahia (1894-1896), como jornal diário.

publicava na editora jurídica *Tribunaes*, no Rio de Janeiro. Desse modo, ao conhecerem uma obra de Figueiredo, poderiam ter acesso as demais. Não encontramos mais informações sobre pessoas que costumavam publicar pela editora no período em que Figueiredo publicava, mas sabemos que quem tinha a oportunidade de cursar direito e de consumir publicações divulgadas pela editora, pertenciam a uma classe social mais elevada.

Figura 7 – Contracapa do livro de versos e poesias *Zíngaros*.



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Zíngaros**. Salvador: Typ. Bahiana, 1910.

Em *Garcia Rosa*, Jackson de Figueiredo (1915) escreve que há uma diferença entre o meio literário do Rio de Janeiro e de algumas das cidades do Pernambuco e da Bahia. No Rio de Janeiro, os trabalhos literários eram mais valorizados, por isso queria usar desse espaço para divulgar obras que via com grande valor, mas que não eram reconhecidas, no caso de Garcia Rosa, por exemplo. Figueiredo (1915, p. 5)

justifica: “E não quero, nem poderia negar ao Rio de Janeiro o direito de considerar-se maior campo da nossa atividade mental; ninguém pode ignorar que ali vivem as maiores figuras da nossa literatura em todos os ramos”. Concluiu sua ideia registrando que: “No Rio há mais trabalho intelectual do que no resto do País” (Figueiredo, 2015, p. 7). Segundo o autor, era preciso valorizar escritores de outros lugares, como Xavier Marques da Bahia e Garcia Rosa de Sergipe.

Para Jackson de Figueiredo (1915), nem sempre as publicações mais conhecidas no campo literário tinham qualidade, mas a diferença é que tinham maior visibilidade. Portanto, o fato de estar no Rio de Janeiro, considerado um espaço onde circulavam os mais renomados autores, poderia garantir uma melhor posição no meio intelectual. A capital federal, naquele momento o Rio de Janeiro, era o lugar que concentrava “as maiores figuras da nossa literatura em todos os ramos, desde Bilac e Alberto de Oliveira como principais poetas, até Farias Brito, como a mais poderosa celebração da filosofia que conhecemos” (Figueiredo, 1915, p.5-6).

Para além da justificativa de Figueiredo está a discussão levantada por Arduini (2014), ao explicar que os autores escolhidos para suposta divulgação de obra, como Garcia Rosa, Auta de Souza e Xavier Marques, tinham representatividade política regional. Xavier Marques, por exemplo, foi eleito deputado estadual no ano em que Figueiredo publicou seu ensaio sobre ele. Se tratava de estabelecer alianças implícitas com os representantes políticos das elites regionais, afirmando assim, o capital social. Somado a isso, tem a questão estratégica de Figueiredo no campo literário quando passa a introduzir novos talentos nordestinos no Rio de Janeiro, de modo a alavancar seu capital social.

Em 1915 se aproximou de Raimundo Farias Brito¹⁵, frequentando sua casa. Farias Brito era filósofo e escritor, um amigo que Jackson de Figueiredo admirava, por sua capacidade de lidar com a vida sofrida, por sua dedicação aos estudos e por sua espiritualidade. Para Farias Brito, filosofar era um meio de aprender a morrer, saber lidar os problemas que surgem. Figueiredo (1916b, p. 09-10) admite que Farias Brito contribuiu fortemente para sua aproximação ao catolicismo: “Como Farias Brito, penso hoje em dia que as religiões são a prática do pensamento filosófico, mas continuo a pensar que o sentimento religioso é anterior ao pensamento filosófico.” Para

¹⁵ No livro de Fernandes (1989) é possível encontrar cartas de Farias Brito para Jackson de Figueiredo.

Figueiredo, esse era um ponto fundante para a compreensão dos seus pensamentos a partir da sua leitura de Farias Brito.

A leitura de Farias Brito e sua representação nas obras de Figueiredo inauguram uma escrita católica, ou seja, quando passa a utilizar argumentos religiosos, fato que marca sua conversão intelectual e engajada ao catolicismo. A primeira vez que leu Farias Brito, foi em 1910, e relata que na primeira leitura, tinha uma outra visão:

Li alguns capítulos, abandonei-o, e, mais uma vez, ri dos filósofos brasileiros... Compreende-se... A minha meninice andava mergulhada em todos os monismos, evolucionismos e mecanismos que vinha aparecendo em edições baratas. Eu era materialista, evolucionista, mecanista, um candidatosinho ao mandarinato científico, e afinal de contas hoje também me perdoe de tudo isto (Figueiredo, 1916b, p. 15).

As leituras de Farias Brito com maior frequência elevaram Jackson de Figueiredo a outro patamar. Depois dos poemas passou a escrever ensaios de críticas literárias. Com as leituras, especialmente de Farias Brito, o próprio Jackson de Figueiredo (1916b, p. 24) reconhece a importância para deixar o materialismo em segundo plano, mudando os seus referências de leitura: “Farias Brito está no pensamento contemporâneo entre os que reagem contra a grosseria materialista.” Ao ganhar proximidade com o filósofo, se aproximou da religiosidade e da ideia de necessidade de reforma social, que fica mais forte quando passou a trabalhar em favor do catolicismo. Segundo Arduini (2014), a obra de Farias Brito era uma tentativa de desenvolver um guia para uma reforma social, passando pela intervenção no campo político, especialmente envolvendo movimentos como o integralismo e defendendo a questão da moral.

Figueiredo leu as principais obras que Farias Brito escreveu para elaborar suas duas produções (1916b; 1919), as quais são: *A finalidade do mundo* (1896), *Filosofia Moderna* (1899), em que tratava da filosofia como atividade permanente do espírito; *Evolução e relatividade* (1905), como continuação das primeiras obras; *A verdade como regras das ações* (1905), obra que resultou de um programa desenvolvido no programa da Faculdade de Direito na qual lecionava; *A base da física do espírito* (1912); *O mundo interior* (1914). De certa forma, as leituras materialistas realizadas durante a formação de Figueiredo serviram de base para a construção de novos conhecimentos, e para que pudesse construir posteriormente uma crítica

fundamentada voltando-se para uma visão mais espiritualista, a partir dos novos estudos.

A amizade e proximidade com o pensamento de Farias Brito resultou na publicação de *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, por Jackson de Figueiredo, em 1916 com 226 páginas. Figueiredo esteve presente na vida de Farias Brito até os últimos dias de vida do amigo e escreveu no início do livro: “Dou a este livro o título de *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* e o apresento como uma profissão de fé espiritualista” (Figueiredo, 1916b, p. 9). Segundo Figueiredo, o ponto de encontro entre os dois era o espiritualismo. Portanto, a obra trata de algumas reflexões a partir das ideias do escritor.

Na casa de Farias Brito é que Jackson de Figueiredo conheceu Laura¹⁶ e começaram a trocar bilhetes nos livros da casa. Se apaixonaram e começaram a namorar¹⁷, se casaram no dia 25 de março de 1916, na cerimônia civil e religiosa realizada na Igreja São Cristóvão, para poucos convidados, entre parentes e amigos. (Fernandes, 1989). Em uma carta para Mário de Alencar, em 1916, Figueiredo (1946b, p. 285-289) diz que: “Laura não quis desfazer-se de tão boa companhia que testemunhasse, ante a grandeza da Igreja, o meu juramento.” Laura era católica e procurava conversar sobre a religião para mostrar sua forma de pensar ao marido. Eles tiveram 3 filhas e 1 filho:

E chegavam os filhos. Primeiramente, Regina, em 21.09.1917, recebida com maior enlevo, o nome da mãe de Jackson e, por coincidência, à medida que se desenvolvia, as feições da menina lembravam muito as da família materna do pai. Depois, em 18.03.1920, nasce Luís, nome dado em homenagem ao pai de Jackson, nova alegria e o desvanecimento do avô com gesto do casal. Em 18.04.1923, nasce Cléa, que recebia este nome em homenagem a uma irmã de Laura, que entrara no convento em 1919. Dom Sebastião Leme, oficiante do batismo, colocou na frente o nome escolhido o de Maria, nome cristão e no batistério ficou maria Cléa. Em 11.12.1927, nasce Maria de Lourdes, nome dado à Virgem Maria depois das aparições em Bernadete Sourbious na França (Fernandes, 1989, p. 174).

Laura foi esposa e companheira de Figueiredo, ela escreveu um depoimento sobre o marido, após sua morte, para lembrar sua personalidade, que ficou registrado no livro *In Memoriam* (1929), o qual conta com um conjunto de escritos sobre Jackson

¹⁶ Não foi encontrado até o presente momento da pesquisa o seu sobrenome de solteira.

¹⁷ No livro de Fernandes (1989), assim como no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para consulta presencial, é possível encontrar as cartas trocadas entre Jackson e Laura, e constatar o amor e admiração um pelo outro.

de Figueiredo, com autoria de grandes amigos. Laura viveu até os 70 anos de idade, tendo sido muito dedicada à família e à memória do marido. No depoimento, Laura destaca Jackson de Figueiredo como pessoa para os amigos e familiares, para além do intelectual que todos conheciam.

Figura 8 – Figueiredo com a esposa, Laura, e a filha mais nova, Maria de Lourdes, em julho de 1928



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 213.

Figura 9 – Jackson de Figueiredo com seu primogênito Luís, em 1927.



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 213.

Com o passar do tempo, os novos contatos estabelecidos por Jackson de Figueiredo, como Teixeira de Faria, Alfredo Cabral, Pedro Edgar Sanches, Nestor Victor e Mário de Alencar, foram fundamentais para a constituição do seu pensamento e aproximação em relação ao catolicismo. Mesmo os que ainda não eram católicos, foram parte importante para o processo de sua conversão intelectual e engajada, pois as divergências de pensamento não afetavam as relações de amizade. Em um trecho da carta de Nestor Victor para Jackson de Figueiredo, sobre Pascal e a inquietação moderna, ele escreve:

Sabes, o fato de te fazeres católico militante não nos separou de ti. No momento presente tal separação fora absurda. A inquietação religiosa característica deste momento traz consigo legítima tolerância, ainda entre os mais sérios espíritos, uma vez que deles acaso vão se afastando por ideias (Victor, 1924, p. 306).

Figueiredo, ainda no período em que se considerava um agnóstico, sempre respeitou e buscou dialogar com os amigos, assim como também depois do seu engajamento ao catolicismo não se afastou dos que não tinham as mesmas ideias. A amizade com os amigos mais próximos não foi abalada, pois era uma relação duradoura e profunda, de muita lealdade para o autor, que ultrapassa as questões de pensamento religioso:

Amizade é a minha única religião, mas não adoro a pasmaceira dos ídolos do pau nem a garganteice banal e gesticuladora. Sei romper com os enganos e com a sinceridade que, sem ser ofensiva, não se esconde. Neste templo só admito as maiores almas que encontro, possuo-me da beleza que elas contêm. Se me merecem o hino, terão esse hino que seria contra senso negá-lo pela única razão de adora-las (Figueiredo, 1916a, p. 37).

Então por mais que estivesse nessa fase de transição em relação a crença religiosa, era uma preocupação manter as pessoas que tinha uma boa relação por perto, pois todos faziam parte da sua história e da sua formação. No prefácio da segunda edição de Xavier Marques (1916) Figueiredo explica que em 1913, embora não fosse religioso, já se encontrava no início da fase de transição do pensamento e de rumo à sua volta ao catolicismo. Mostra muitos questionamentos e a busca das respostas que vão dando novos sentidos e abrindo novas possibilidades para os pensamentos e a efetivação de uma nova crença. Seus questionamentos partiam muitas vezes dos autores e amigos que fizeram parte da sua caminhada, e que ele

escolheu para escrever um ensaio e registrar seu pensamento. Para Figueiredo (1916a, p. 20):

A arte de escrever é um livro singular entre nós, revela uma verdadeira cultura e, dado nosso meio, o desregramento geral, a instabilidade das nossas cousas, é força convir que, se não nos espanta mais a erudição de alguns, a cultura propriamente é facto difícil de explicar-se como produto nosso, pois ela é sempre a harmonia entre uma individualidade original e um meio também culto, isto é, de forças equivalentes em todos os sentidos, moderadas por mais amplas que sejam no seu próprio desenvolvimento.

Jackson de Figueiredo via nos exemplos e no modo de vida de pessoas próximas algumas respostas que buscava, especialmente em relação a questão moral, que mais o intrigava. Queria entender como elas, que tinham uma vida difícil e sofrida, conseguiam encarar as situações com tanta bondade e conseguiam exercer o perdão. Para Figueiredo (1916a), era uma interrogação que ele se fazia frequentemente. O que marcou o processo de aproximação ao catolicismo foram os questionamentos que ele fazia a partir de uma perspectiva dialética, em que colocava o que via, confrontava com novas ideias e gerava um novo pensamento. O autor se mostrava como espírito que vivia em conflito e que era atormentado por perguntas que considerava dolorosas, como:

Por que o homem não é simplesmente um animal? Que é a consciência? Que me dita o dever? Por que sinto o mal? Por que me arrependo? Por que, impassível, eterna, inexorável, se levanta nos horizontes da vida humana a visão atormentadora de um julgador supremo, de um supremo juiz? (Figueiredo, 1916a, p. 9).

Somado aos questionamentos, aos exemplos que via na organização da vida social que o cercava, e aos amigos escritores pelos quais tinha apreço, estavam as leituras de outros autores, que contribuíram para esse processo de aproximação dos escritores católicos, como afirma o próprio Figueiredo (1916a), que enquanto alguns autores, como Augusto Comte, o deixavam com mais dúvidas, outros começaram a fazer mais sentido, como é o caso de quando começou a ler sobre Pascal:

Invadira o mais profundo da minha consciência, e eu sentia levantarem-se diante de mim os fantasmas da minha raça, as tradições da minha família, toda a religiosidade que se debatia, mau grado meu, no intricado das minhas meias ideias sobre religião e moral (Figueiredo, 1916a, p. 10).

Aos poucos a religiosidade foi ganhando força no pensamento de Figueiredo. O escritor afirma ter tido uma crise espiritual quando começou a ler as primeiras obras

de Pascal e de Carlyle. Foi um dos motivos que quis escrever para organizar e entender o seu próprio pensamento. Segundo Hamilton Nogueira (1976), o registro dessa transição de pensamento de Jackson de Figueiredo no ensaio de *Xavier Marques* mostra que algumas ideias já estavam solidificadas e radicalmente mudadas, ele estava abandonando os autores que mais admirava na sua mocidade, mas como se tratava de uma fase de transição, de aproximação ao catolicismo, é possível observar uma vaga religiosidade.

Ora mostrava um lado ateu e materialista, ora se mostrava rumo ao caminho do cristianismo. De um lado afirmava: “A sociedade com o direito do mais forte, se necessitar pode combater esse caráter. Não lhe reconhecer esse direito seria negá-lo a quem tenha mais direito de fazê-lo válido.” (Figueiredo, 1916a, p. 60). E de outro: “O espiritualismo que me levava até Deus, um supremo Bem, que será o fim dos que sabem sofrer.” (Figueiredo, 1916a, p. 12). Se tratava de um período de complexidade para a organização do pensamento do autor em relação a sua forma de ver a vida. No livro, é possível notar que o autor já considera o espiritualismo como uma verdade, e reconhece que há algo para além da natureza concreta do materialismo, mas a definição desse espiritualismo ainda está sendo trabalhada na sua mente.

Jackson de Figueiredo mostrou-se, por meio de suas primeiras publicações, um escritor de poesias e ensaios críticos que queria ganhar espaço no campo literário para ser reconhecido no campo intelectual brasileiro. Escreveu conteúdos que pareciam tratar de outros autores, ao mesmo tempo em que tratava dele mesmo e que registrava a forma como pensava. Os novos contatos estabelecidos e as novas leituras foram contribuindo para que ele fosse trabalhando seu pensamento até que chegasse a conhecer autores católicos e se tornasse um intelectual escritor, a partir de uma conversão engajada ao catolicismo, fazendo dele um escritor católico, conforme veremos na sequência do presente trabalho.

Capítulo 2

Jackson de Figueiredo: um escritor católico

A partir da análise inicial desenvolvida no primeiro capítulo, nos permitiu identificar que a obra *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* (1916) foi um divisor de águas em relação a sua conversão inicial a escritor católico, por isso nesse capítulo partimos da obra que publicou na sequência de sua trajetória, *A Questão Social da Filosofia de Farias Brito* (1919), que seria a primeira produção de Jackson de Figueiredo já engajado ao catolicismo, ou seja, a primeira produção completa dele como escritor católico.

Para atender ao objetivo do presente capítulo, que é explicitar as formulações de Jackson de Figueiredo em relação à educação, à luz dos livros de marca católica do autor, recorreremos as seguintes fontes primárias: *A Questão Social da Filosofia de Farias Brito* (1919); *Humilhados e Luminosos* (1921); *Do Nacionalismo a hora presente* (1921); *A reação do Bom Senso* (1922); *Literatura reacionária* (1924); *Afirmações* (1924); *Auta de Souza* (1924); *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925); *A columna de Fogo* (1925).

Para tanto, daremos continuidade a trajetória do trabalho intelectual do escritor, de modo a evidenciar o que foi escrevendo ao longo de sua vida. Conforme vamos explicando os acontecimentos a partir de quando ele se torna um escritor católico, é possível notar que o desenvolvimento do escritor ocorre simultaneamente a sua ascensão no meio intelectual. O trabalho intelectual desenvolvido por Figueiredo é importante para entender seu posicionamento em relação a sua visão católica de educação.

Diante disso, vamos recuperar a gênese do conceito de intelectual e explicar o seu caráter polissêmico, já que é possível notar que as diferentes épocas apresentam modelos distintos de representação, para que posteriormente possamos definir os marcos da atividade intelectual católica no Brasil, e entender o posicionamento e a autonomia na escrita de Figueiredo em relação à instituição religiosa. É importante destacar o conceito de intelectual porque era assim que Jackson de Figueiredo era reconhecido, conforme identificamos na leitura dos trabalhos contidos na categoria “Jackson de Figueiredo como intelectual católico”, e nas citações da sua rede de contatos contemporâneas a sua atuação no catolicismo.

A gênese do conceito de intelectual é apresentada a partir de duas figuras centrais fundadoras do intelectual contemporâneo, as quais são: os “intelectuais” à francesa e a intelligentsia russa, sendo que os dois termos estão voltados para homens de pensamento dedicados aos assuntos do seu local de inserção social. O primeiro termo, está ligado à conjuntura histórica francesa, no final do século XIX, por meio do Caso Dreyfus.

No Caso Dreyfus, o termo “intelectuais” passou a circular no cenário cultural após a publicação de uma carta no jornal *L’Aurore*, em 1898, na qual o escritor Zola denunciou o caso de Alfred Dreyfus. Dreyfus era um capitão judeu que foi acusado e condenado pelo conselho de guerra por entregar documentos a quem não deveria, no caso à embaixada da Alemanha, em 1894, até que em 1895 descobriram que ele era inocente, mas o exército abafou o resultado das investigações. O fato dividiu dois grandes grupos de opiniões, de um lado os “dreyfusistas” favoráveis a Dreyfus, de outro, os “antidreyfusistas”, agrupados na Liga da Pátria Francesa.

A partir da publicação de Zola no jornal, que defendeu Dreyfus, é que abre espaço para pensar a noção de intelectuais, uma vez que o movimento gerou um abaixo-assinado como forma de apoio e protesto, que contou com assinaturas de pessoas de destaque do mundo da literatura, da cultura e das artes. O jornal qualificou a petição em favor de Dreyfus e batizou o grupo com o nome de “intelectuais”, já que o acontecimento ficou conhecido como “Manifesto dos Intelectuais”. Após esse fato, vieram outras publicações sobre o caso que popularizaram o termo intelectuais: “A partir desse momento, ele entrou no vocabulário das ideias, da cultura e da política” (Leclerc, 2003, p. 55).

Em relação ao segundo termo ligado a gênese do conceito de intelectual, a intelligentsia, está ligada à história cultural e política da Rússia, na segunda metade do século XIX. A palavra intelligentsia parece surgir em meados de 1865, é formada por “inteligentes” (*inteligently*), ou seja, por figuras que expõem e representam os problemas sociais do povo em busca de encontrar possíveis soluções, são os portadores do discurso, que naquele momento histórico eram caracterizados como pertencentes à elite, ou seja, tinham uma distância cultural em relação às massas e portavam grandes responsabilidades (Leclerc, 2003).

Com o passar do tempo, as tentativas de definição do intelectual pareceram problemáticas devido ao conceito se modificar juntamente com a evolução da sociedade e da história, por isso a noção de intelectual, que é essencialmente

francesa, ainda se apresenta com um caráter polissêmico. A figura do intelectual emerge de um fundo cultural, sendo representado por um comportamento adotado frente à cultura e a necessidade do seu tempo.

Cada intelectual é dotado de particularidades e capitais específicos que lhe conferem uma posição no campo. Gisèle Sapiro (2012, p. 21) esclarece que o campo intelectual está “situado na intersecção do campo político e dos campos de produção cultural específicos”, de tal modo que uma variedade de intelectuais, oriundos de diferentes campos, tomam parte nas disputas ligadas à produção ideológica no espaço sociocultural, ou seja, “o campo intelectual participa do campo de produção ideológica”. Sendo assim, por meio da atuação e atividade desenvolvidas com a escrita e publicação, notamos a figura de Jackson de Figueiredo como um intelectual. Vamos apresentar o processo de conversão para escritor católico.

Após a leitura das fontes, buscamos destacar, em linhas gerais, os assuntos predominantes, sobre o que encontramos em relação à educação, e sobre os gêneros textuais mais utilizados pelo autor. Para isso, vamos discutir como foi o processo de conversão a escritor católico, ou seja, quando passou a escrever em defesa da Igreja Católica. Em seguida, apresentaremos as características que marcam os intelectuais católicos atuantes no campo educacional brasileiro, e ao final do presente capítulo, escrevemos sobre a visão católica de educação identificada em Jackson de Figueiredo.

2.1 A conversão a escritor católico

Para explorar a conversão para escritor católico, vamos discutir um pouco do processo em que Jackson de Figueiredo volta para o catolicismo, pois como vimos, ele era católico, passou um período em que se denominava agnóstico e com o tempo ele voltou para a religião com uma perspectiva de intelectual engajado, sendo uma das características que o tornou um escritor católico. Por meio do exame das fontes é possível perceber um movimento, a partir de vários elementos, que culminaram na aproximação de Jackson de Figueiredo ao catolicismo. Foi um processo que ocorreu em meio a reorganização de seu pensamento e suas crenças, de forma a se utilizar dos diferentes meios e pessoas que deixaram suas parcelas de contribuição. Nesse tópico vamos dar ênfase aos acontecimentos e relatos que mostram como foi o processo que o levou a conversão de escritor católico.

Jackson de Figueiredo tinha contatos no meio político, como vimos, os ensaios que escreveu dos escritores, todos tinham uma pretensão em cargos, deles mesmos ou da família. Fernandes (1989) mostra alguns exemplos, de quando Figueiredo mudou-se para o Rio de Janeiro e seu primeiro emprego foi revisor de debates da Câmara, como resultado de uma troca de favores com o deputado sergipano Dias de Barros, na medida em que as famílias contribuía nas campanhas eleitorais. O tio de Figueiredo, almirante Amintas Jorge, dotado de capital social, ocupava um cargo comissionado de Diretor do Arsenal da Marinha, e tinha relações com Dias de Barros e Pinheiro Machado.

Nesse sentido, a partir da abordagem de Pierre Bourdieu (2008), notamos que os intelectuais são sujeitos históricos, dotados de uma trajetória de vida social singular, que vão se utilizando do volume de capitais (social, econômico, cultural e simbólico) acumulados ao longo da vida como marcas de distinção. Desse modo, as oportunidades vão surgindo, bem como as heranças familiares propiciam os acontecimentos que o alavancam no meio de atuação, da mesma forma que aconteceu na vida de Figueiredo. A atividade social acontece no seio de disputas e as marcas de distinção diferenciam o intelectual.

As condições de atuação dos intelectuais brasileiros nas primeiras décadas do século XX perpassavam a circulação de meios impressos como medida de fortalecimento no campo de atuação. No período em questão, os leitores eram o público-alvo, porque poucos eram alfabetizados, os que eram, tinham melhores condições de vida, ou seja, eram dotados de capital econômico e cultural. Até mesmo a Livraria Católica adquirida por Figueiredo foi um espaço para conhecer os clientes leitores:

Nas livrarias, como era natural, conheceu gente interessantíssima e pessoas notáveis aos olhos do público. Também selecionava amigos, novas dedicações. Sem ter intenção de conhecer, por apenas conhecer, nomes importantes, em pouco tempo contava entre seus relacionamentos um bom número de pessoas dignas de seu apreço e de projeção que o atendiam bem, o apreciavam e acabavam cativos daquele nordestino culto, impositivo, sim, mas companheiro (Fernandes, 1989, p. 137).

Os novos contatos estabelecidos por Figueiredo, como os escritores Nestor Victor, Rocha Pombo e Mário de Alencar, o ajudaram a melhorar sua posição no meio literário. No entanto, não foram as poesias e nem os ensaios de crítica literária que mais promoveram Jackson de Figueiredo como intelectual escritor, e sim quando

passou à escrita em defesa dos interesses católicos. Nas primeiras décadas do século XX, o contexto foi propício para os escritores católicos não só no Brasil, mas em âmbito ocidental. A Igreja Católica vivia um momento de prestígio intelectual com a retomada dos escritos de São Tomás de Aquino, período em que se registraram a conversão ao catolicismo de vários intelectuais, como os franceses Jean Cocteau, Henri Bergson e Jacques Maritain, o inglês Chesterton, entre outros escritores renomados (Arduini, 2014).

Notamos o movimento empreendido por Figueiredo como escritor por meio de suas publicações, e no processo ele descreve como foi esse caminho até a volta ao catolicismo e ascensão como intelectual católico. No seu livro *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* (1916), é possível notar que Figueiredo já se aprofunda nessa fase espiritualista, ou seja, entra numa fase final que marca o início da sua conversão engajada ao catolicismo, conforme podemos ver:

Porque a liberdade é plenitude da consciência, é certeza de ser, e só a dor nos faz olhar para o abismo que contemos e somos, e, assim, só possui Deus ou liberdade, que se casa com ele pela consciência que se reflete em si mesma porque tudo que chega a si mesmo chega a Deus, que é verdade em si, como nos diz Platão no Mito da Caverna (Figueiredo, 1916b, p. 22).

Para Jackson de Figueiredo, a consciência humana era um reflexo do divino, é Deus em nós. Suas ideias mais céticas vão dando lugar a um novo modo de pensar e olhar a vida, colocando a razão em segundo plano, pois segundo ele, ela pode nos enganar, enquanto o nosso sentimento é o mais alto um critério de verdade. Com isso, sua nova forma de pensar mostra que: “Deus nos é dado, não pelo raciocínio, mas pela intuição.” E no mesmo trecho apresenta uma conclusão: “Deus não se prova, mas sente-se” (Figueiredo, 1916b, p. 224). Mostra-se, assim, próximo das ideias de Santo Agostinho.

Nas leituras, em geral, notamos uma inclinação agostiniana de Figueiredo no seu processo de conversão, de modo a evidenciar a razão em segundo plano, a qual é menor que a fé – teoria da iluminação divina¹⁸ - mas que não estão em oposição, e sim, em perfeita harmonia. Nesse sentido, a fé permitiria alcançar os pensamentos divinos para experimentar a verdadeira conversão (Agostinho, 1994). Sendo assim, a razão começa a ser pensada por Figueiredo (1922b) a partir de inspirações filosóficas

¹⁸ Chegamos à verdade, ao conhecimento por meio da iluminação divina.

da leitura de Pascal: “Assim o que marca a impotência da nossa razão pode bem ser a plenitude de nossa alma no seio da verdadeira felicidade, que só a certeza, a fé absoluta nos pode dar” (Figueiredo, 1922b, p. 96). Ele desejava alcançar a Filosofia de Pascal a qual dizia que: “Somos pequenos demais para compreendermos o que só uma inteligência infinita pode saber” (Figueiredo, 1922b, p. 110). Desse modo, ao estudar filósofos cristãos, Jackson de Figueiredo ia constituindo sua identidade filosófica católica.

Inicialmente, se mostrava com alguns pensamentos divergentes ao de Farias Brito, pois, por mais que as leituras contribuíssem para formar a lógica da sua forma de pensar, acontecia ora concordando, ora discordando com os autores. Nesse caso, como mencionado, Farias Brito apresentava a primazia da inteligência e do raciocínio, mas para Jackson de Figueiredo, a intuição era mais forte. A crítica que fez sobre a Teoria do Conhecimento de Farias Brito foi um exercício para se libertar da influência que tinha do materialismo. É possível notar nos seus escritos que a religiosidade estava dominando as reflexões filosóficas, mas ainda longe da sua concepção intelectualista de fé. Era a religião católica se mostrando cada vez mais presente e ocupando espaço nos seus sentimentos.

Villaça (2006, p. 161) resume as fases de Jackson de Figueiredo: “Jackson veio do materialismo, do cepticismo e do espiritualismo vago. O ensaio sobre a filosofia de Farias Brito, de 1916, é sua profissão de fé espiritualista. Como Pascal e a inquietação moderna será sua profissão católica.” Segundo Villaça (2006), Farias Brito era um pampsiquista panteísta, por isso notamos uma influência na fase “espiritualista” de Figueiredo, enquanto a leitura sobre Pascal o levou ao catolicismo. Fontes (1952) afirma que a Carta Pastoral de Dom Leme de 1916, mexeu com os pensamentos dele, que inclusive escreveu uma resposta ao arcebispo de Olinda. Eles se aproximaram e trocaram mais correspondências. Ficaram mais próximos quando Dom Leme veio para o Rio de Janeiro em 1921. Compartilhavam de algumas ideias em comum, mas muitas vezes pensavam diferente:

Dom Leme e Jackson representavam duas vertentes opostas de uma mesma cordilheira. Não só por se tratar de um leigo em face a uma personalidade marcada pela plenitude de um sacerdócio, não só por se tratar de um convertido em face a um companheiro que nunca se afastou do caminho inicial; não só por se tratar de dois temperamentos opostos - mas ainda porque viam de modo diverso a posição da Igreja em face do mundo moderno. [...] Jackson via a salvação na volta ao passado. Dom Leme na marcha para o futuro. Um representava o espírito de autoridade; o outro

espírito de liberdade. Em suma, Jackson representou como ninguém o pensamento reacionário e Dom Leme o contrarrevolucionário. No entanto se queriam tanto bem! (Lima, 1971, p. 41-42).

Assim como os demais contatos que Figueiredo estabeleceu na sua vida, tinha pontos de raciocínio que se aproximavam e que se diferenciavam na sua forma de pensar e expor seus argumentos. A estrutura do seu pensamento foi sendo construída com a contribuição e participação de outros intelectuais, especialmente católicos, nas conversas e trocas de correspondências. Jalles (2021) explica que a proximidade de Jackson de Figueiredo com Dom Leme foi fundamental para que suas iniciativas tivessem apoio e pudessem se concretizar no meio intelectual católico, após sua efetiva conversão engajada.

Dom Sebastião Leme, recém nomeado arcebispo de Olinda, publicou em 1916 uma carta pastoral como pedido de ajuda para a nação católica brasileira. Apontava para a necessidade de cristianizar as principais instituições sociais e para o desenvolvimento de um quadro intelectual, com o objetivo de alinhar as práticas religiosas aos procedimentos ortodoxos. O contato de Jackson de Figueiredo com Dom Leme foi importante para suas conquistas futuras no meio intelectual católico. O arcebispo tinha uma grande capacidade de estabelecer relações nos mais altos círculos atuantes, especialmente, o campo religioso e político (Mainwaring, 1989).

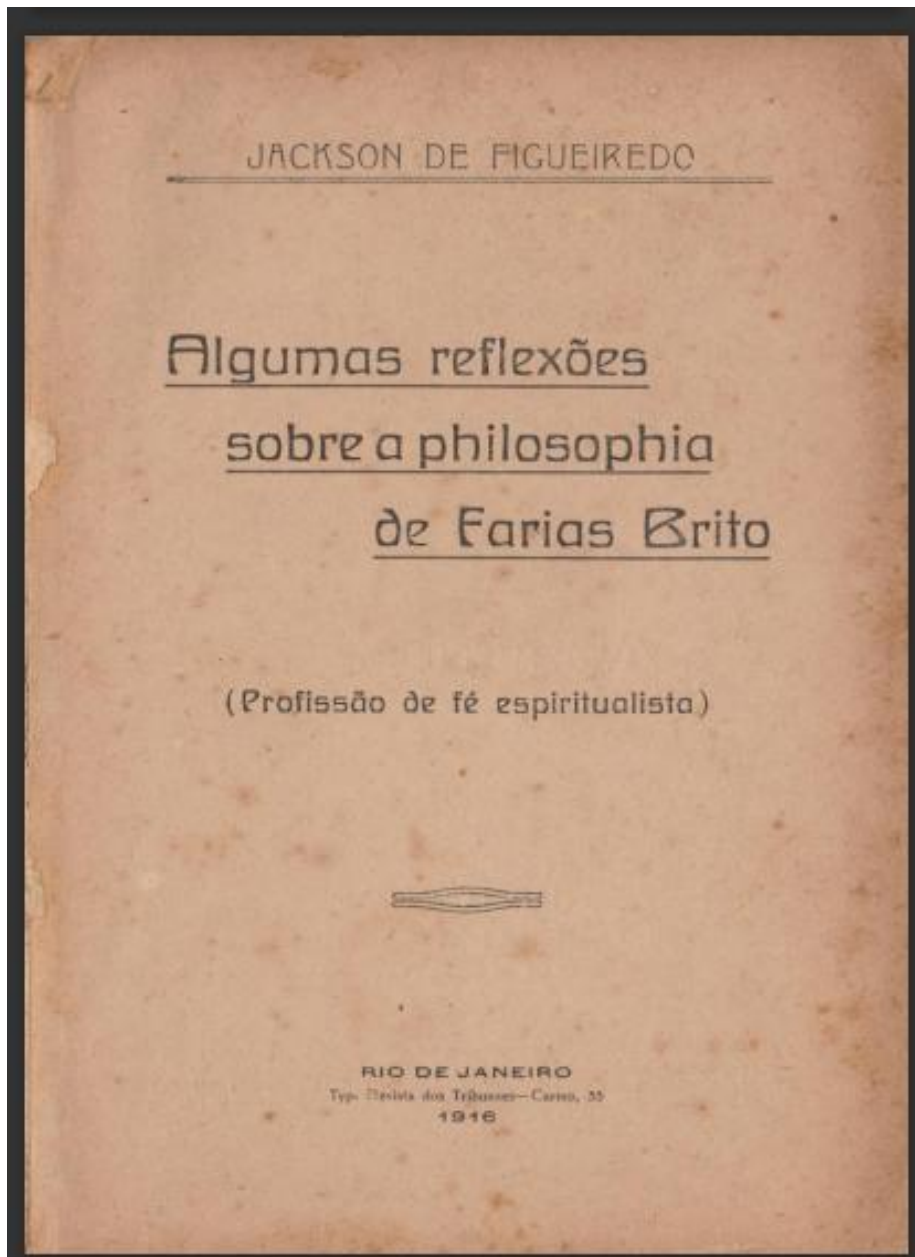
Jackson de Figueiredo tinha suas relações de amizade, de alta consideração, e sentiu muito quando perdeu alguns deles, em 1917, como Farias Brito, e no ano seguinte mais dois grandes amigos, Pedro Kilkerly e José de Magalhaes (Juca). No mesmo ano, Jackson de Figueiredo publicou um pequeno livro, de 17 páginas para escrever sobre seu amigo Juca, intitulado *Incenso de oiro*. A morte dos seus grandes amigos o fez refletir mais sobre a vida e a morte. Foi um processo doloroso para ele (Fernandes, 1989).

A obra *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito*, publicada em 1916, marca o início da trajetória de Jackson de Figueiredo enquanto um escritor católico, produzida e dividida em cinco momentos distintos:

Compõe-se de estudos que fui fazendo ao longo do tempo; o primeiro e o segundo, principalmente o primeiro, com algumas indecisões na minha maneira de ver, mas os dois últimos já encerram as linhas definitivas do que meu espírito aceitou como solução dos graves problemas do conhecimento (Figueiredo, 1916b, p. 9).

Ainda na introdução, Figueiredo explica que poderia ter modificado os primeiros capítulos, mas não fez justamente para mostrar as mudanças no seu pensamento, especialmente da filosofia espiritualista. Sendo assim, os dois últimos capítulos são de um escritor católico. E por isso que não há uma data precisa, até mesmo um ano para dizer quando ocorreu sua volta ao catolicismo. Notamos a partir desta obra, ou seja, a partir de 1916.

Figura 10 – Contracapa do livro *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (1916)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito**: profissão de fé espiritualista. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1916b.

No primeiro capítulo, intitulado *Uma Theoria do Conhecimento*, em *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, Figueiredo (1916b, p. 16) escreve que conforme o tempo foi passando, as leituras de Garcia Rosa e Xavier Marques fizeram com que ele percebesse que tinha um preconceito religioso: “Compreendi que eu também tinha preconceito religioso, que andava a crer cegamente, que era preciso escutar outras vozes que não as dos meus santos materialistas. E procurei escutá-las.” A aproximação de Figueiredo a religião, segundo ele próprio, se deu quando passou a ler críticos da religião, o que abriu novos horizontes. Relata que quando leu William James (1842-1910)¹⁹, aprendeu sobre olhar para a totalidade humana, e voltou a ler Farias Brito com outros olhos.

Notamos que Jackson de Figueiredo reconhece as mudanças no seu pensamento por meio de sua própria obra:

Confessei que renego a maior parte das ideias que fazem o primeiro capítulo deste ensaio, e disse o porquê desta mudança, mas como fiz ver, mesmo diante da nova taboa de valores que o meu espírito vem de levantar para uso próprio, a obra de Xavier Marques está ainda mais valorizada (Figueiredo, 1916a, p. 22).

Isso porque ele publicou em 1913 o ensaio de *Xavier Marques*, e não quis alterar o conteúdo dos capítulos na segunda edição de 1916, justamente por serem pensadas em momentos diferentes, o que ele explica na introdução. Na medida em que foi se aprofundando nas leituras de Xavier Marques, somando-se a outras leituras, como de Farias Brito, foi reorganizando seu pensamento e suas crenças religiosas e filosóficas.

Na sequência de sua trajetória, em 1916, Jackson de Figueiredo deixou a esposa sozinha pela primeira vez e viajou a trabalho para Muzambinho, cidade do sul de Minas. Foi indicado por Laudelino Freire para integrar a Comissão de Examinadora de Escolas Secundárias, que foi um período no qual teve a oportunidade de ingressar e atuar no campo educacional brasileiro, e ter uma ideia de como estava a educação daquele período. As escolas restringiam o acesso dos alunos ao ensino secundário por meio da exigência de documentação, pagamento e aprovação no exame de admissão. Apenas o ensino primário era gratuito. Estudavam os alunos que tinham melhores condições, pois deveriam estar preparados para dar continuidade aos

¹⁹ Filósofo e Psicólogo, cuja teoria afirmava que os sentimentos não eram produtos dos sentidos, mas da tomada de consciência de reações orgânicas.

estudos, conforme Jackson de Figueiredo registra na sua primeira impressão sobre a educação em uma carta a Anísio Teixeira:

Levo-lhe observações dolorosas sobre o ensino no Brasil. Tenho reprovado 50% dos meus examinandos e isto me tem aborrecido muito. [...] Quando ei chegar aí hei de lhe oferecer observações que fiz curiosíssimas do estado lamentável a que se está reduzido o ensino secundário no Brasil (Figueiredo, 1945, p. 333).

As provas que os candidatos ao ensino secundário faziam eram das matérias básicas ministradas no período, e era preciso demonstrar o mínimo de conhecimento para ser admitido. Em 1916, Figueiredo também trabalhou como professor titular de Pedagogia do Instituto Wenceslau Braz. Como participante da comissão examinadora pôde retratar aspectos da realidade educacional brasileira. Veremos que conforme Jackson de Figueiredo vai adentrando ao espaço intelectual católico, ele vai se preocupando com a educação, em especial com a religiosa, no sentido de olhar para a formação humana. Começou a se preocupar com uma educação moral católica (Sacardo, 2008).

Em 1918, período em que já se considerava católico, Figueiredo e sua família foram vítimas da epidemia de gripe espanhola. Laura estava grávida, passaram muito mal. A doença foi algo que afetou Jackson de Figueiredo, no sentido de o fazer refletir mais sobre a vida. Figueiredo foi vítima da gripe: “Viu a morte de perto. Sob os cuidados do médico do presidente foi melhorando devagar, mas impossibilitado de sair, de ler e escrever” (Fernandes, 1989). O que podia fazer, quando não dormia, era refletir sobre a vida e a morte. O Rio de Janeiro foi uma das regiões que mais sofreu com a gripe. Jackson de Figueiredo (1918a, p. 295) retrata o seu sofrimento daquele período em uma carta para Mario de Alencar:

Estive à morte, com desesperança de todos, exceto minha, é verdade. Mas o que sofri! Avalie que a Laura, em vésperas de dar à luz esgotada, cai também doente e como sabia, que a minha morte a mataria, procuraram evitar a dupla desgraça levando-a para uma casa de saúde, sem que eu a visse sair. Pensei até certos momentos, que ela tinha morrido. Ontem, após 20 dias de separação, tive licença para ir lá e fui. Encontrei-a muito abatida. Voltei alegre, entretanto e – coisa extraordinária! – às 8 horas me comunicam que ela deu à luz, com a maior felicidade, a uma menina.

O sofrimento com a doença já estava passando, nasceu sua primeira filha, Maria Luiza, mas infelizmente essa felicidade durou pouco, porque antes mesmo de completar dois meses ela morreu de infecção. E por incentivo de Laura, decidiram ir

para Muzambinho, e ficaram na casa de um amigo, Camillo. No mesmo ano teve seu primeiro artigo publicado no jornal *La Republica* de Buenos Aires, e passaria a ganhar por cada artigo que enviasse.

Em 1919, Ildefonso Araújo, amigo de Jackson de Figueiredo, precisou ir para o Ceará e ofereceu sua Livraria Católica. Figueiredo viu a compra da livraria como uma oportunidade, não só de lucro, mas de obter recursos para espalhar as obras católicas, no momento que tinha voltado para a Igreja. A livraria foi um espaço que reunia um grupo de amigos que estudavam os inspiradores da doutrina católica: Joseph De Maistre (1753-1821)²⁰, Louis de Bonald (1754-1840)²¹ e Louis Veuillot (1813-1883).²² A Livraria Católica divulgava e publicava livros católicos (Sgarbi, 2001).

Segundo Fernandes (1989), Laura e sua irmã, Julieta Alves, ajudaram Jackson de Figueiredo com seus investimentos para que ele pudesse comprar a livraria. Julieta emprestou uma parte do dinheiro para Jackson de Figueiredo, porque a família apoiava seu engajamento no catolicismo. As irmãs de Laura estavam sempre presentes para ajudar a família, como o exemplo de Helena Alves, irmã de caridade, que acolhia as sobrinhas nas férias no Colégio Nossa Senhora das Dores de São João Del Rey.

Não há consenso entre os autores em relação ao ano em que Jackson de Figueiredo volta a frequentar a Igreja e se considerar católico, no entanto, trabalhamos as fases que identificamos no pensamento do escritor, por isso evidenciamos não se tratou de uma simples decisão, mas de um processo, porque as mudanças ocorreram lentamente, de forma a reconfigurar a visão de mundo do autor. Em síntese, notamos que o processo de reaproximação ao catolicismo ganhou força quando começou a se identificar com as leituras de Farias Brito.

A partir da análise das fontes, entendemos que o processo que levou Jackson de Figueiredo a voltar para a Igreja Católica foi uma tomada de consciência e organização do pensamento por parte do escritor. A mudança em relação as crenças fazem parte de um processo pessoal e único, pois é carregado de significados relacionados às experiências pessoais, por isso varia de convertido para convertido. Converter-se é um movimento complexo que ultrapassa a vontade própria. É um processo psíquico que possibilita um novo olhar sobre a realidade. Mas, além de

²⁰ Foi um escritor católico, filósofo, diplomata e advogado francês.

²¹ Foi um filósofo político católico.

²² Foi um escritor católico e jornalista francês.

individual, correspondia a um movimento coletivo, cuja experiência era recorrente entre as mais diversas personalidades. A conversão religiosa ocorria para Jackson de Figueiredo simultaneamente a conversão intelectual, a ponto de poder caracterizá-lo como escritor católico e/ou intelectual católico.

Notamos que a fase final do processo de volta à religião se dá quando não há mais dúvidas em relação a sua forma de pensar. Seus questionamentos ganham respostas. Há uma mudança de mentalidade que interfere nas suas crenças e na sua forma de interpretar os fenômenos que o cercam. O conceito de conversão não é exclusivo da religião, vem de converter, que significa passar por uma transformação. Figueiredo utilizava com frequência conceitos religiosos nos seus escritos, o que demonstra que passou por uma fase de dúvidas em relação a religiosidade, que o manteve afastado no seu agnosticismo, mas que conforme passou o tempo, a conversão o levou a crer na doutrina católica, agora de forma mais madura e diferenciada.

Para Alves (1979), são muitos os sentimentos que levam um indivíduo a se converter, é comum que um sentimento de vazio e uma crise existencial culminem em algum tipo de ajuda, desse modo, a conversão religiosa é um dos caminhos mais procurados. É um momento marcado para olhar para si mesmo, que começa pelo pensamento e vai sendo passado pela linguagem e pelas atitudes, é a incorporação de um *habitus*. A conversão é um processo de reestruturação de esquemas interpretativos, e a linguagem é uma ferramenta importante para que o escritor possa registrar os diferentes pensamentos. O autor explica que a linguagem é como um quebra-cabeça, e na medida em que vai sendo montado, vai ganhando sentido.

O escritor Jackson de Figueiredo registra seu pensamento por meio de uma linguagem diferenciada após a passar a se considerar católico, quando já há um *habitus* religioso incorporado. Portanto, veremos que: “A conversão se revela por meio de um novo falar. Converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro. Por que fazemos isso? Por que migramos para os diferentes universos linguísticos?” (Alves, 1979, p. 54). Nas obras de Jackson de Figueiredo, passamos a notar que as dúvidas e os questionamentos que predominavam nos seus pensamentos, dão lugar às certezas e a defesa da verdade católica: “Se deixei de lado o intelectualismo dubitativo da primeira parte. E, hoje em dia ponho a Arte no quadro das minhas ideias religiosas” (Figueiredo, 1916a, p. 14).

Hamilton Nogueira (1976) ressaltou que ser reconhecido como escritor católico foi um segundo passo na vida intelectual de Figueiredo, pois já era conhecido no meio literário, tendo representado uma nova fase dos seus escritos em prol do catolicismo nas letras brasileiras:

Quando Jackson de Figueiredo transpôs o limiar da Igreja Católica, já o seu nome se firmara nas letras brasileiras. Seus primeiros livros, fortes de ideias e de uma grande originalidade, foram recebidos com muita simpatia pelo nosso meio intelectual, e os aplausos desse meio até então indiferente, quando não hostil, às manifestações profundas do pensamento humano, tinham naquele tempo o caráter de uma verdadeira consagração. É evidente que todas estas circunstâncias influenciaram favoravelmente o movimento reacionário católico dirigido pelo jovem escritor, cujas obras, na sua nova fase, continuaram a ter o mesmo carinhoso acolhimento (Nogueira, 1976, p. 70).

Nogueira (1976) destacou que Jackson de Figueiredo tinha “valor literário”, ou seja, era um escritor conhecido no meio intelectual, no entanto, seu diferencial foi compreender e defender o problema religioso em face da intelectualidade, de forma a representar uma liderança no seu tempo. Figueiredo notou a importância de estabelecer uma aproximação da Igreja com a literatura com a finalidade de contribuir com a organização social e combater a anarquia e indisciplina intelectual que estavam se sobressaindo no país, a partir da sua cosmovisão católica. Passou a trabalhar para ressurgir o espírito cristão na nova geração.

Em 1919, Figueiredo publicou *A Questão Social da filosofia de Farias Brito*. No livro, faz um diálogo com o livro o “Mundo Interior” (1914) de Farias Brito. Nele, aborda a questão social e as preocupações do mundo ocidental após a guerra e suas graves consequências, e justifica o motivo da sua escolha por fazer uma análise a partir de Farias Brito:

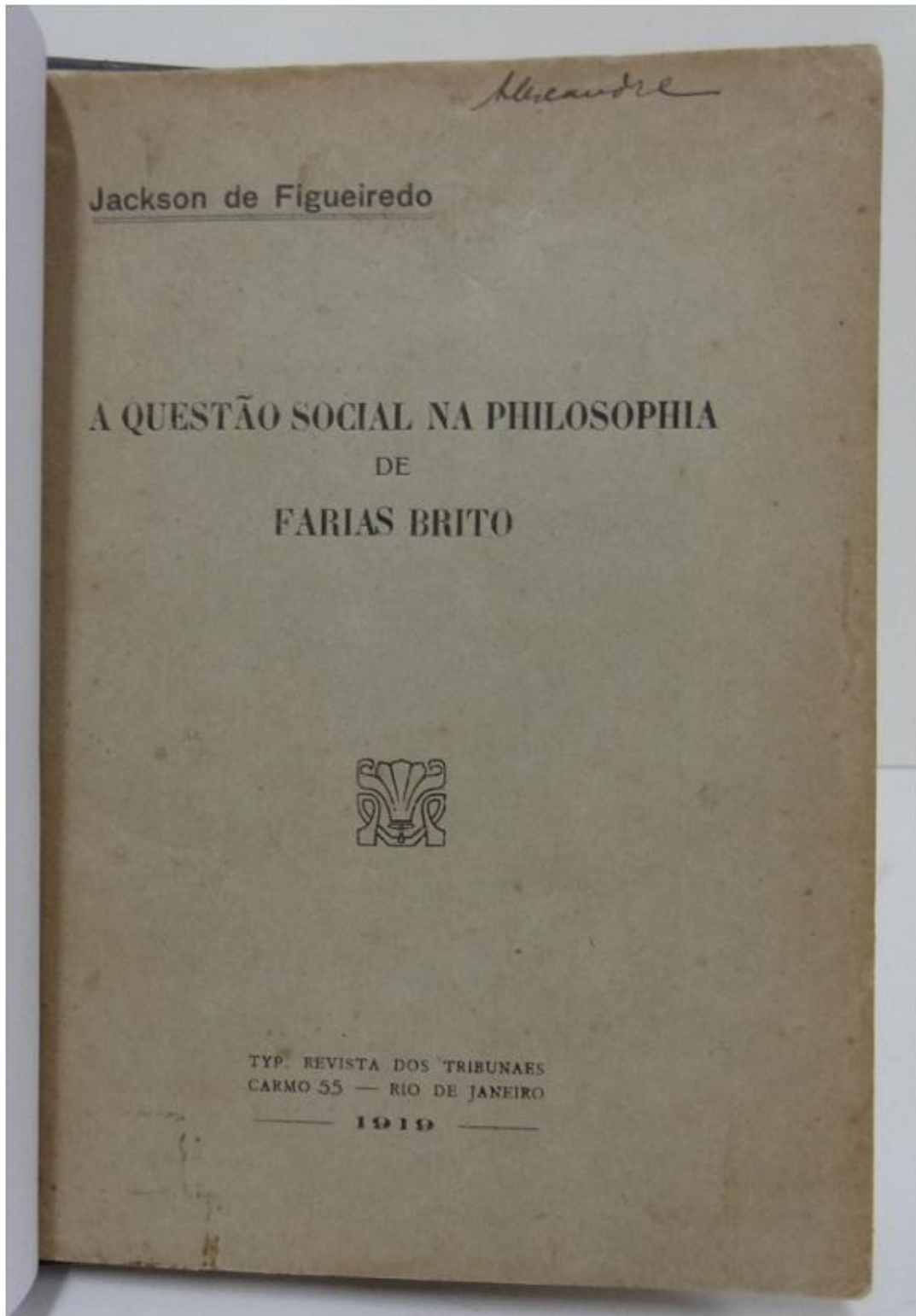
Escolhi Farias Brito por muitas razões. Primeiramente porque, a meu ver, se já ouvi no Brasil homem de tivesse a centelha do gênio, foi aquele, e do verdadeiro gênio que é o iluminado pela bondade. Segundo lugar porque, como Farias Brito só tratou desta questão do ponto de vista geral e humano, justamente o que vem debatendo com mais calor nesses últimos tempos, o seu pensamento foi como que a visão sul-americana, a nossa intuição filosófica de problemas que antes deveríamos afastar do nosso continente, cuja sua política seria a de um aproveitamento de todas as energias ideais com que se desse, a nossa sociedade, feição bem mais cristã, feição diversa da com que se apresenta a moderna sociedade europeia (Figueiredo, 1919, p. 17).

No livro, Figueiredo vai iluminando o pensamento de Farias Brito no sentido de aproximar a moral cristã com a justiça social, e ressalta três ideias positivas do autor:

1ª: que a sociedade, desde o século XVI, sofria muito mais do que sofria antes; 2ª: que este aumento da dor é devido à falta de convicção religiosa; 3ª: que a sociedade deve ser reformada em nome de um grande príncipe religioso, proposto pela filosofia, e não pelo critério do interesse (Figueiredo, 1919, p. 17).

Jackson de Figueiredo tomou para si a missão de participar na reformulação cristã do país, o que fica evidente na leitura deste livro. Apresenta como ponto de destaque a importância da religião para a ordem e organização moral da sociedade. Escolheu dialogar com Farias Brito por identificação de pensamento em relação a crise moderna que buscava respostas em correntes filosóficas como o positivismo, evolucionismo, socialismo, as quais seriam incapazes de responder às questões sociais. Perpassam pela retomada da metafísica com a questão da religião como proposta de unificação e coesão social.

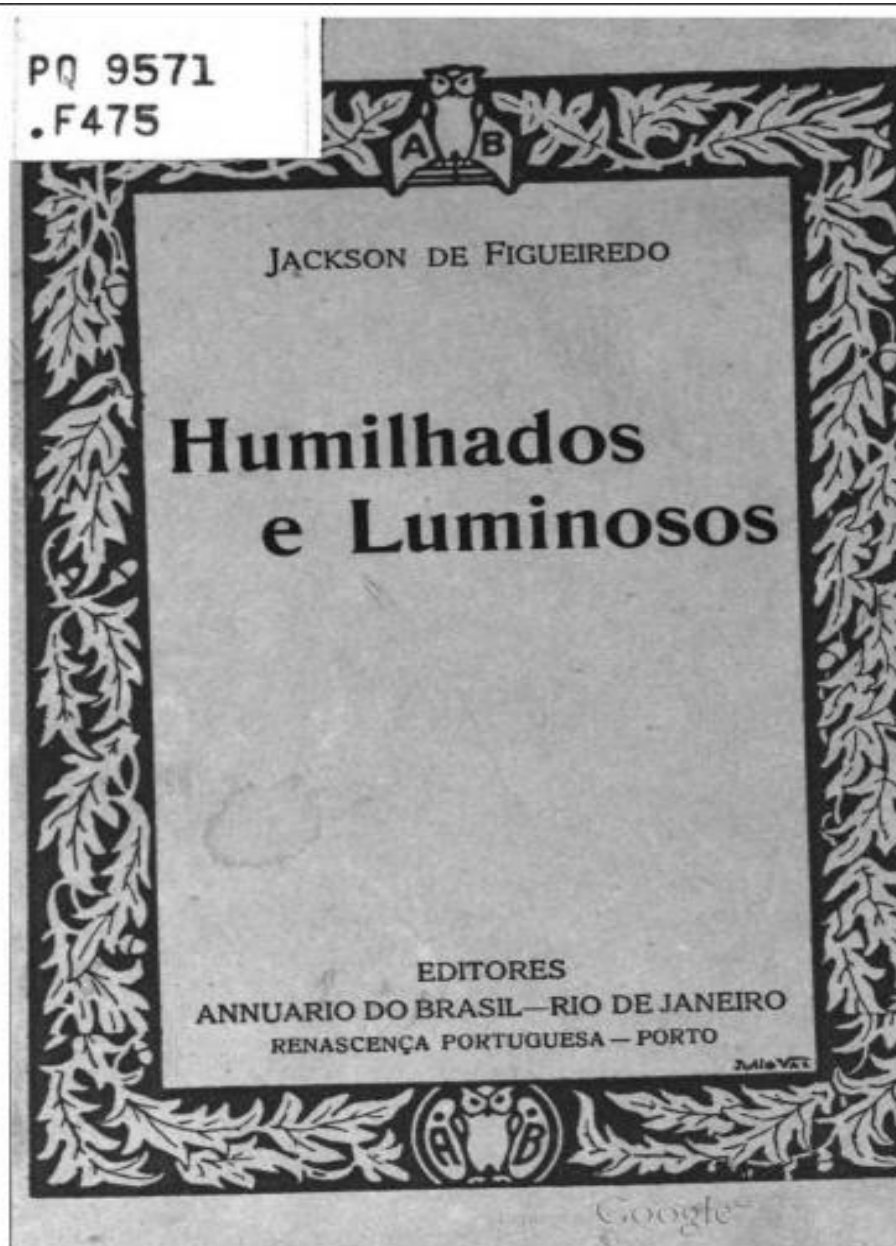
Figura 11 – Contracapa do livro *A Questão Social da filosofia de Farias Brito* (1919)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **A questão social na filosofia de Farias Brito**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1919.

Em 1921, Jackson de Figueiredo voltou a publicar críticas literárias, com *Humilhados e Luminosos*, obra que tratava da vida e das poesias dos autores Uriel Tavares, Pedro Kilkerry, Mello Leite e José Magalhaes. O título se justifica pela questão da importância da vida dos pensadores, as quais ficavam escondidas, mostrando-se apenas as suas obras. Por isso, nesse livro, Figueiredo (1921c), além de tecer as críticas literárias, comenta quem foram os autores, pois só assim teria total sentido, especialmente quando se trata de poesias.

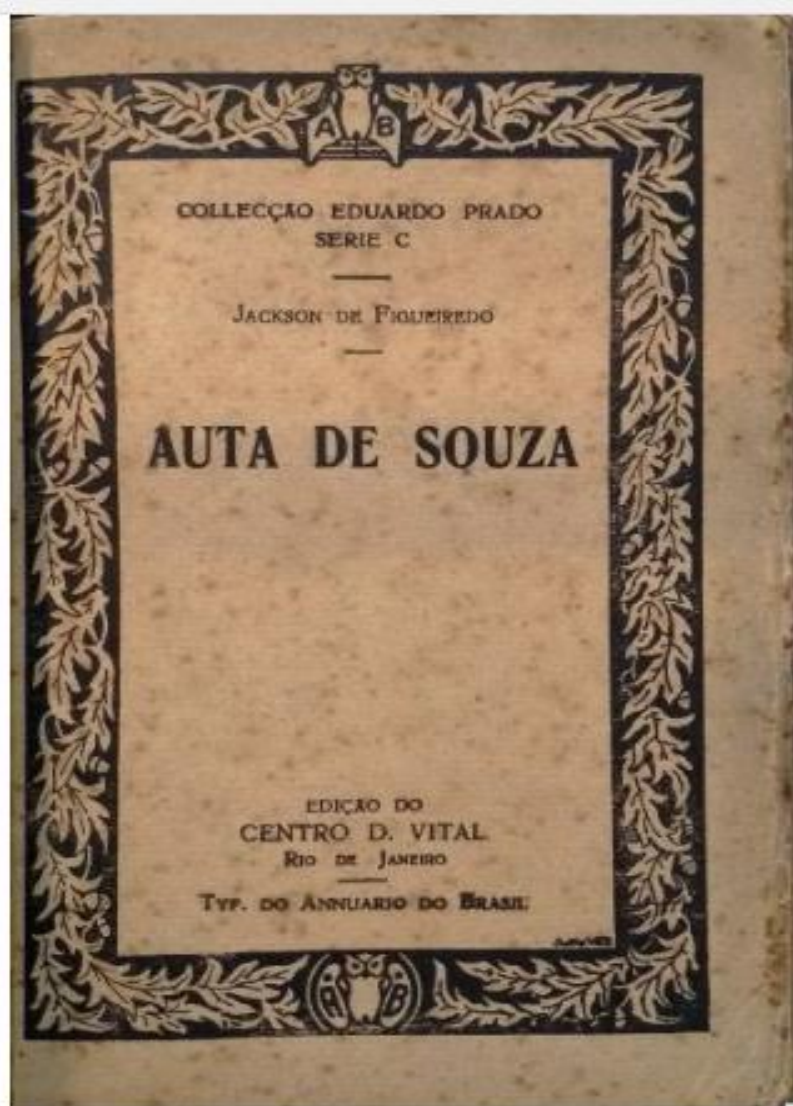
Figura 12 – Capa do livro *Humilhados e Luminosos* (1921)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Humilhados e luminosos**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1921c.

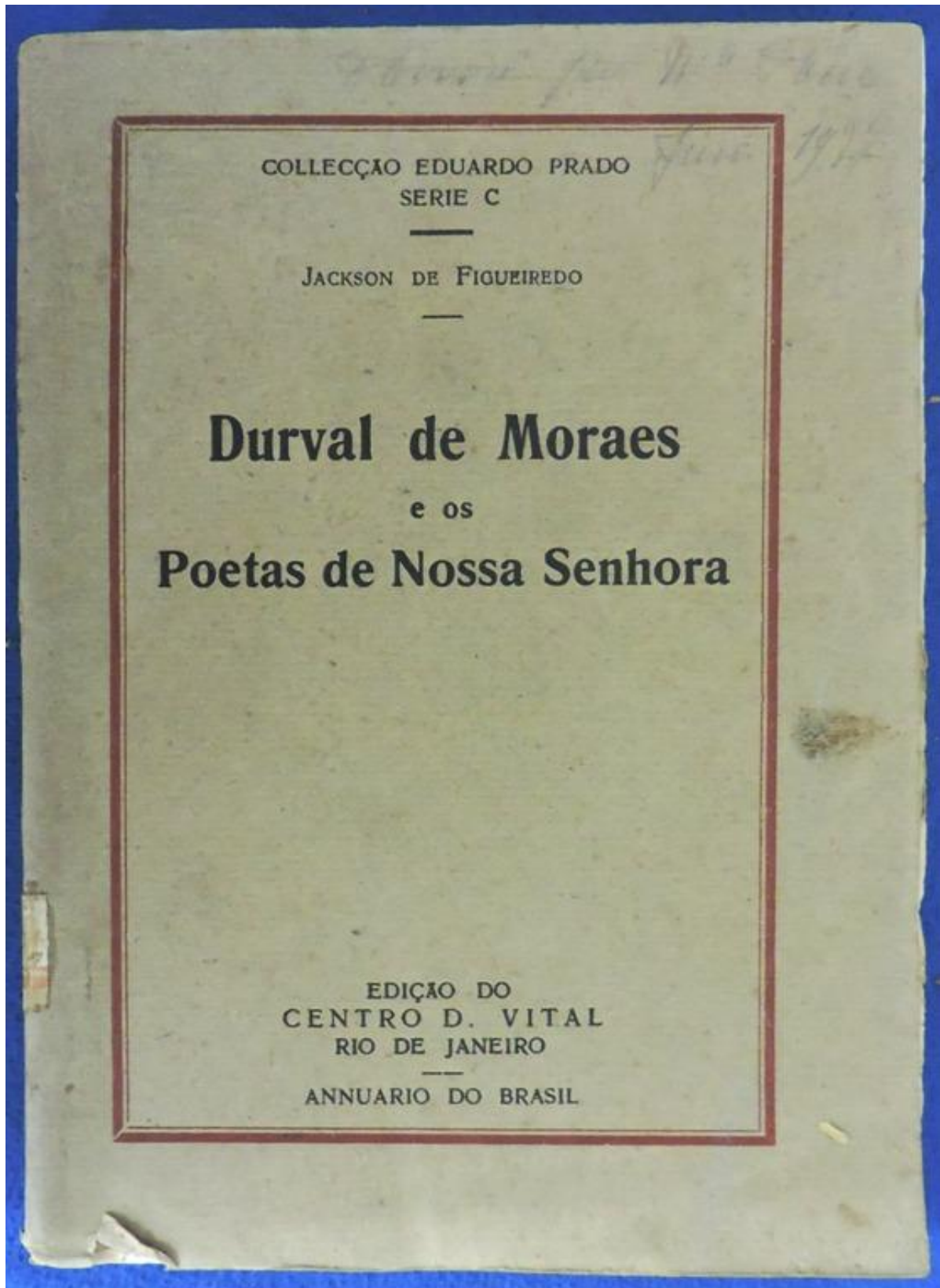
Ainda nesse mesmo gênero, de crítica literária, Jackson de Figueiredo publicou *Auta de Souza* (1924) para evidenciar o trabalho da poetisa que nasceu em Macaíbe no Rio Grande do Norte em 1876, e morreu em 1901. Destacava como uma das mais altas expressões da poesia católica nas letras femininas. Auta de Souza foi catequista e escrevia poemas românticos e católicos. Ainda nessa mesma linha, Jackson de Figueiredo publicou sua última crítica literária, *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925). Nesse livro, além de escrever sobre a vida e obra de Durval de Moraes, faz comentários sobre poesias de outros autores, em geral, que escreveram sobre Nossa Senhora.

Figura 13 – Capa do livro *Auta de Souza* (1924)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Auta de Souza**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1924a.

Figura 14 – Capa do livro *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora* (1925)

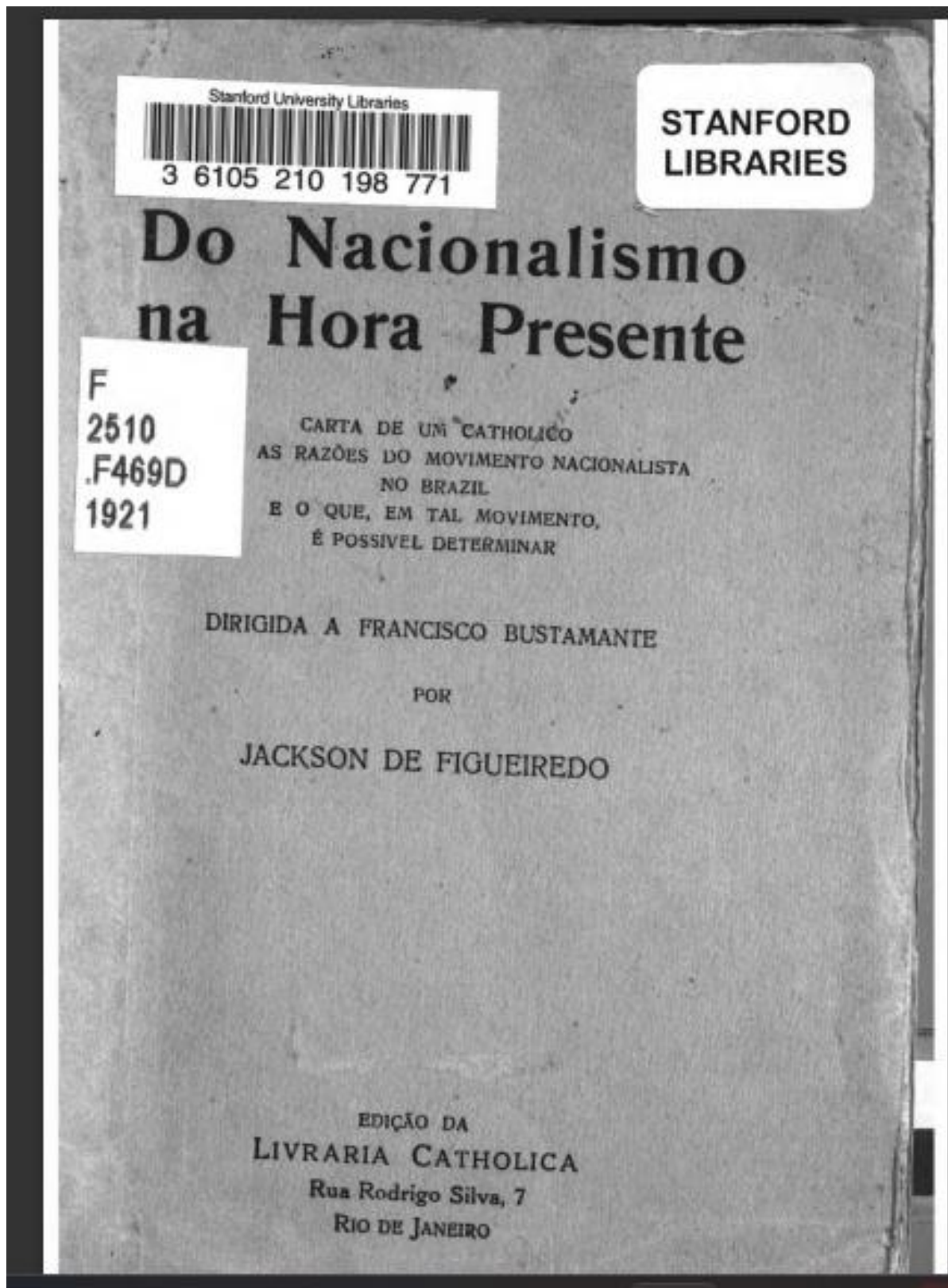


Fonte: FIGUEIREDO, J. *Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1925c.

Ao realizarmos uma avaliação geral das publicações de Jackson de Figueiredo, notamos que ao aumentar o volume de capital valorizado no meio literário e intelectual católico, passou a investir mais em argumentos relacionados a religião, dentro dos variados gêneros textuais, fato que predominou na sua produção como escritor católico. As críticas literárias, após o engajamento ao catolicismo, apresentam novas interpretações sobre as leituras e expressam suas convicções católicas, e não mais com dúvidas, como era comum nas críticas literárias antes da sua reaproximação com o catolicismo, conforme podemos ver nesses exemplos: “A poesia se faz então um meio de glorificar a Deus, uma forma de prece.” E apresenta afirmações como: “Porque se o pagão vivera para o tempo, o cristão é o homem que vive para a eternidade” (Figueiredo, 1925, p. 50).

No mesmo ano em que foi publicada a crítica literária *Humilhados e Luminosos*, em 1921, saiu *Do nacionalismo a hora presente*, livro estratégico no seu engajamento à causa católica nacionalista. Segundo Arduini (2014), Jackson de Figueiredo, antes de fundar o Centro Dom Vital, participou de movimentos que visavam pela expansão do ensino religioso nas escolas e a obediência à ordem constituída. Sua primeira iniciativa foi escrever na revista antilusitana *Brazileia*, fundada em 1917 por Álvaro Bomilcar e Arnaldo Damasceno. A revista expressava ideias antilusitanas no sentido de restringir certas atividades econômicas aos portugueses, em especial no comércio e na imprensa, pois muitas livrarias estavam nas mãos destes, os quais eram responsáveis pela maioria dos impressos vendidos no Brasil.

Figura 15 – Contracapa do livro *Do nacionalismo a hora presente* (1921)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Do nacionalismo na hora presente**: carta de um catholico sobre as razões do movimento nacionalista no Brazil e o que, em tal movimento, é possível determinar. Rio de Janeiro: Catholica, 1921. 62 p.

Para Figueiredo (1921b, p. 59), já estava mais que na hora dos brasileiros ocuparem posições estratégicas e importantes na imprensa brasileira, pois ainda representava um perigo de dominação: “O que, no entanto, não se poderá compreender é que as letras portuguesas venham a servir de instrumento de domínio.” Essa era sua visão desde quando adquiriu a Livraria Católica em 1919. Acreditava que os intelectuais católicos deveriam ocupar esse espaço na sociedade brasileira. Figueiredo (1921b) conclui que os brasileiros deveriam ser mais firmes para acabar com os privilégios da colônia portuguesa no Brasil.

Jackson de Figueiredo (1921b) defendia o nacionalismo, de modo que tínhamos as nossas próprias características de nação, e não poderíamos ser confundidos para não gerar antagonismos. Dessa forma, defendia no livro um nacionalismo católico²³, pois não era possível separar a nação brasileira do catolicismo, já que a religião era a base moral que regia a nossa sociedade:

Pode- se ser, verdadeiramente, um nacionalista brasileiro sem o amor da Igreja Católica? Ponho de lado, meu amigo, a discussão propriamente histórica sobre a influência do Catolicismo no Brasil, e formulo esta simples pergunta: Dado que o Nacionalismo quer ser a arregimentação de todas as forças do país, qual é a que, na ordem religiosa e moral, entre nós se apresenta com caráter universal qual a da maioria absoluta dos brasileiros? Parece -me que a resposta de todo homem de Boa fé, amigo ou inimigo da Igreja, só pode ser esta: o Catolicismo (Figueiredo, 1921b, p. 30-31).

As reflexões filosóficas continuam na sequência da citação, com argumentos para a construção de um nacionalismo católico. Figueiredo (1921b) escreve uma carta de um católico direcionada aos católicos envolvidos no movimento nacionalista brasileiro. Evitava conflitos com os portugueses, escrevia com cuidado ao demonstrar intenções pacíficas, era contra grupos radicais que perseguiram os portugueses, apenas defendia sua visão política e moral religiosa.

Em 1922, Jackson de Figueiredo publicou *Pascal e a Inquietação Moderna*. Blaise Pascal (1623-1662) foi um filósofo e matemático francês que inspirou o pensamento católico de Jackson de Figueiredo, foi uma leitura que o conduziu para o catolicismo, o qual respondia muitas dúvidas que ele tinha, por isso escreveu esse livro. Pascal apontava os limites da razão para mostrar que muitas coisas a ultrapassavam para se chegar ao conhecimento. Pascal escrevia num contexto

²³ O nacionalismo era uma das marcas das mãos do editor e escritor Jackson de Figueiredo, aspecto que aprofundado no item 3.2 desta tese.

marcado pela queda da autoridade da Igreja Católica e a ascensão do racionalismo moderno. Colocava a razão em xeque por ela mesma, sem necessariamente passar pela questão religiosa, mas com excesso de dúvidas, assim como as pessoas costumavam a fazer quando se afastavam da religião, quando não conseguiam respostas satisfatórias. Esse era um dos pontos que mais chamavam a atenção de Jackson de Figueiredo (1922b).

Figura 16 – Capa do livro *Pascal e a Inquietação Moderna* (1922)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Pascal e a inquietação moderna**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922b.

Caldeira (2009, p.265) caracteriza o livro *Pascal e a Inquietação Moderna* como apologética, aspecto que marcou a escrita de muitas obras católicas na primeira metade do século XX, para organizar os argumentos de que a fé se comprova pela razão e para “defender Pascal das acusações de irracionalismo feitas por aqueles que encabeçavam, ou eram os herdeiros, das ‘Luzes’”. Jackson de Figueiredo (1922b) compartilhava de alguns dos pensamentos de Pascal, como a questão das consequências catastróficas do início do século XX, as quais estavam acontecendo devido a crença humanista da autossuficiência do homem, por exemplo.

Pascal fazia parte de uma corrente teológica e filosófica chamada jansenismo – graça como privilégio inato e negação do livre-arbítrio. O jansenismo surgiu no século XVII com uma obra póstuma (1640) do bispo holandês Cornélio Jansênio (1585-1638). Desse modo, Pascal mostrava na sua obra que o homem por si só se inclinava para o mal, falhava, portanto, não poderia esquecer do Sobrenatural. Jackson de Figueiredo compreendia os escritos de Pascal dentro do contexto de produção:

Mas teria tido Pascal consciência clara do seu próprio individualismo? Creio que não. Ao estudar -se a obra de Pascal, no que diz respeito á Igreja, deve-se antes do mais, ter em conta a época em que ela foi feita, como a nossa de transição, de luta terrível entre as tradições do espírito humano e o espírito de novidade (Figueiredo, 1922b, p. 152).

Jackson de Figueiredo (1922b) buscou interpretar o pensamento de Pascal, de forma a tentar entender os motivos da sua filosofia, já que acreditava que o matemático não tinha plena consciência de um católico, mas que poderia ter se tornado um grande intelectual da Igreja. *Pascal e a Inquietação Moderna* foi uma obra de destaque na escrita católica de Jackson de Figueiredo, de forma reconhecida por seus contemporâneos:

Já dera esse passo quando publicou um ensaio sobre Pascal, trabalho esse cuja altura nunca o de outro escritor católico atingira no Brasil. Essas eram as primeiras páginas em que os representantes da hora nas nossas letras ouviam um militante da Igreja falar-lhes com a simpatia e o interesse de um irmão sem ser menos católico por isso. Jackson, assim, restabelecia no Brasil o contato entre a religião e as letras (Victor, 1929, p. 227)

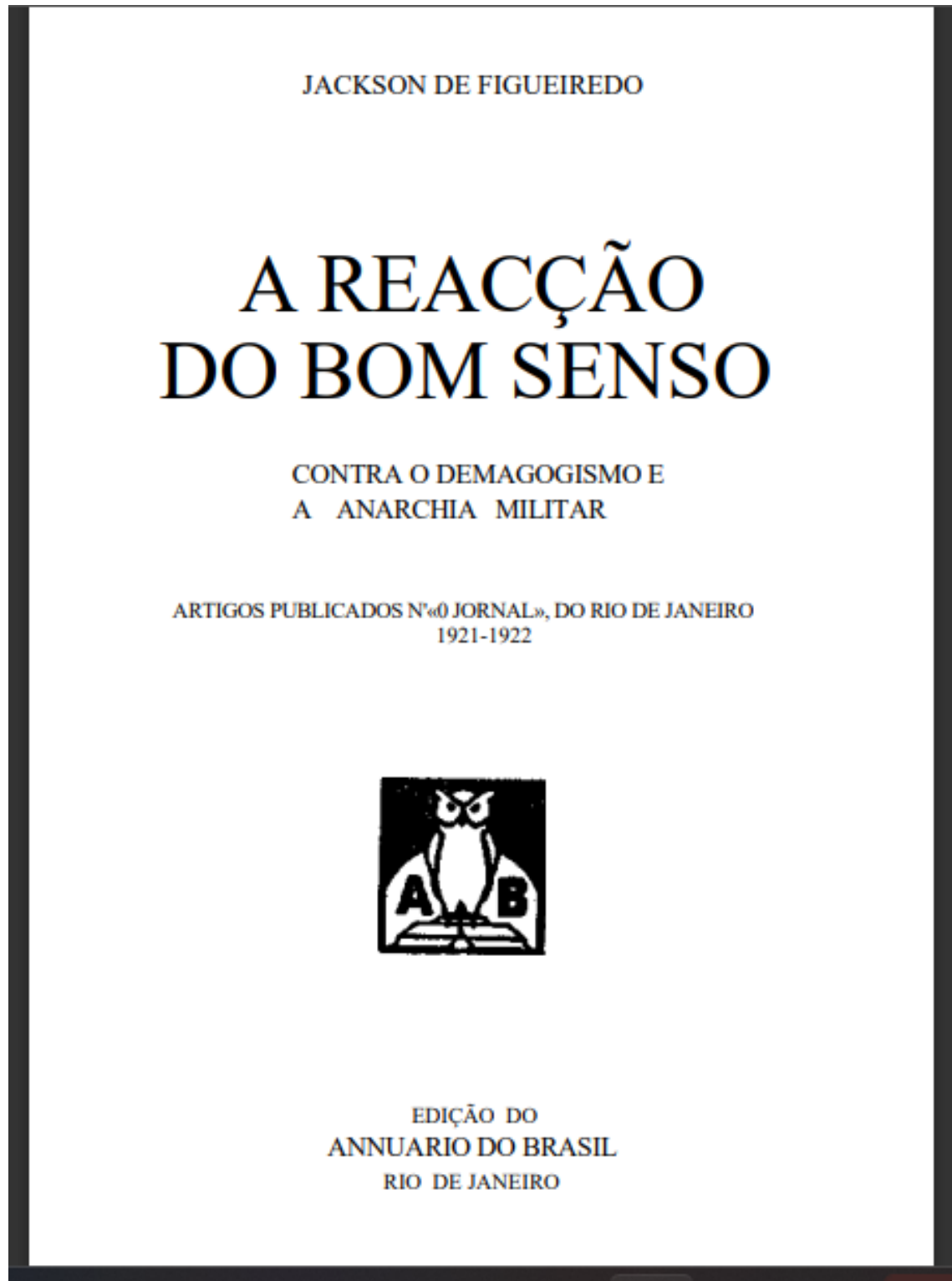
Na sequência de sua trajetória como escritor, Figueiredo publicou três livros, organizados a partir de uma coletânea de artigos de opinião escritos para jornais, sendo o primeiro intitulado *A reação do bom senso* (1922a) e o segundo, *Literatura*

reacionária (1924), e o terceiro, *A columna de fogo* (1925), cujos temas eram voltados especialmente para a política e a defesa do catolicismo nos meios social e cultural. Em *A reação do bom senso*, os artigos foram publicados em *O Jornal*, tempo de eleição presidencial, na qual Figueiredo defendia Arthur Bernardes e atacava Nilo Peçanha. Em síntese, os artigos mostravam que o país estava à beira do caos devido a desordem, e alertava especialmente os católicos para que fizessem bem suas escolhas na hora de votar, pois impactava todos os setores da vida social:

Ora, este artigo só se dirige aos católicos brasileiros, aqueles que lutam, como eu, pelo prestígio das crenças tradicionais do Brasil, e querem que elas influam cada vez mais em todos os domínios da vida social e política, direito que não lhes pode ser negado num país em que se diz que a democracia é verdade, e onde, por conseguinte, está mais que legitimamente assegurada a vitória das maiorias (Figueiredo, 1922a, p. 34).

A pesquisa de Arduini (2014) aborda o contexto de disputas na campanha eleitoral, e a defesa que Jackson de Figueiredo fazia do candidato Bernardes na política por meio da imprensa. Eram disputas político-ideológicas, que eram mais próximas às suas enquanto católico. Segundo Sacardo (2008), Jackson de Figueiredo teve sua máxima expressão na política, não pela ocupação de cargos públicos, mas pela escrita nos jornais, e aqui acrescentamos, nas revistas e livros que publicou. Sempre deixou explícita a sua posição política, bem com os seus motivos, especialmente como escritor católico que pensava no futuro do país.

Figura 17 – Contracapa do livro *A reacção do bom senso* (1922)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **A reacção do bom senso**: contra o demagogismo e a anarquia militar. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922. 254 p.

Além de escrever em *O Jornal*, foi colaborador de outros jornais²⁴ e revistas como *A Notícia*, *Jornal do Comércio*, *A União*, *A Cruz*, *Brasiléa*, *Sociedade Nativista*, *Boletim de Ariel* e *Revista Americana*, todos no Rio de Janeiro. De Belo Horizonte escreveu em *Minas Gerais*, e de Natal contribuiu com artigos para *A República*, de São Paulo, escreveu em *Revista do Brasil*, *América Latina* e *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*. Foi redator da *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro (Sacardo, 2008).

Em *Literatura reacionária*, Jackson de Figueiredo (1924b) reuniu quinze artigos publicados na imprensa carioca entre dezembro de 1923 a maio de 1924, para tratar de diferentes referenciais e modelos de pensamento a partir da sua interpretação, a qual visava pela defesa da moral e da ordem. Seu objetivo era de apresentar aos leitores:

[...] alguns aspectos dessa literatura de reação, antirrevolucionária, anti-sentimental, antirromântica, que vai, ora definidamente católica, ora revestindo-se somente do senso prático social do catolicismo, não só reduzindo a poeira dos abalados créditos das doutrinas individualistas e materialistas, como, de alguns anos para cá, assentando já as bases de uma remodelação social, consciente e positivamente inspirada nos ensinamentos da Igreja (Figueiredo, 1924b, p. 15).

Citou autores como o Padre Leonel Franca, de modo a elogiar suas contribuições à filosofia católica, entre outros autores como Ronald de Carvalho, Augusto Viatte. São autores que permitem interpretações e reflexões sobre o pensamento católico para Jackson de Figueiredo, os quais fazem parte de uma literatura reacionária, explicada a partir das características na citação acima.

Em *A columna de fogo*, Jackson de Figueiredo reuniu uma coletânea de artigos, principalmente os que foram publicados na *Gazeta e Notícias*, tanto é que dedica o livro ao diretor do jornal, Wlaldimir Bernardes, e ao amigo Dermeval Lessa. Seu propósito era que:

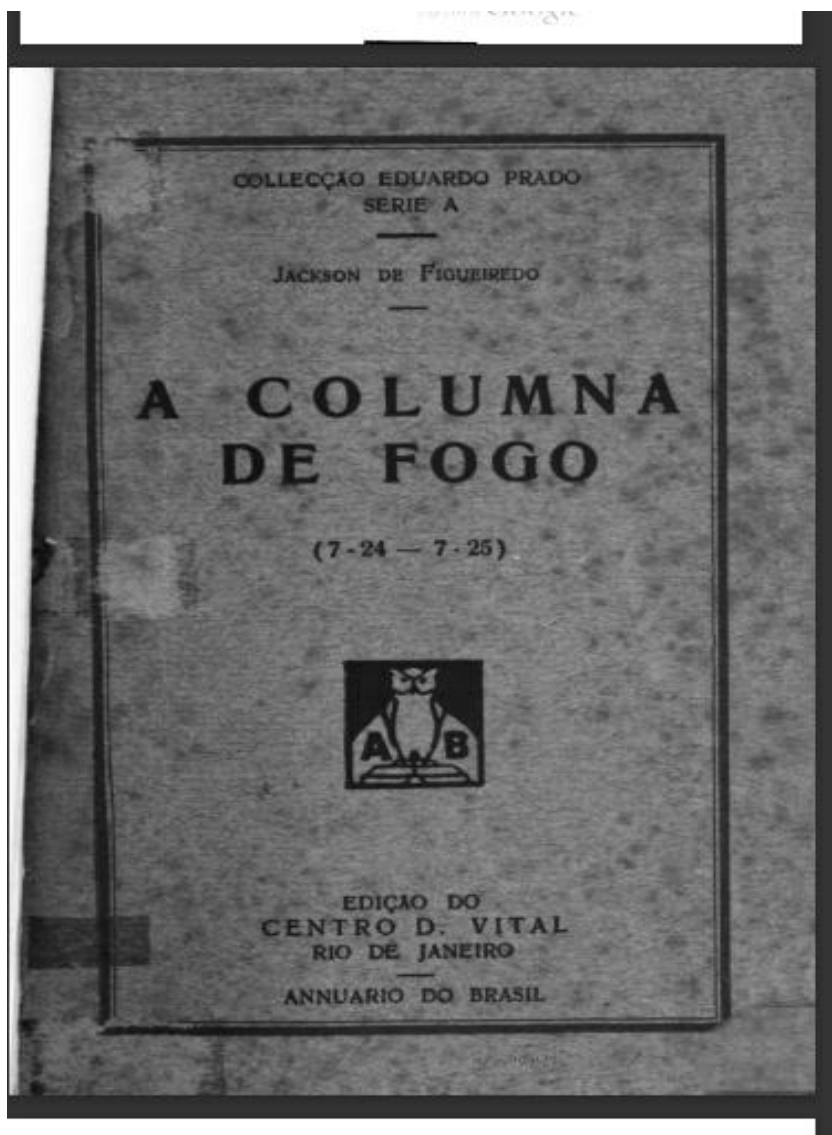
Quem refizer, acaso, ou quem fizer atentamente a leitura destes trabalhos, poderá verificar que não tem sido outra a minha atitude moral dentro do domínio político: defesa de homens honestos, porque é dever defender a honestidade, mas defesa, sobretudo, de toda a possibilidade de refazer, na

²⁴ Foi publicado em 2023 o livro *O amor da ordem*, organizado por Daniel Fernandes, que é uma coletânea de artigos de jornais de autoria de Jackson de Figueiredo, especialmente na *Gazeta de Notícias* e *n'O Jornal*, ambos do Rio de Janeiro.

consciência do povo brasileiro, o império da lei cristã e dos princípios em que ela assenta (Figueiredo, 1925b, p. 15).

A obra organizada foi marcada pelo espírito reacionário de Figueiredo, isto é, contra a revolução, contra as agitações que permitiam o avanço do liberalismo. As três obras que reúnem a coletânea de artigos entre os anos de 1922 e 1925, foi o período que consideramos ser o mais combativo de Jackson de Figueiredo, pelo teor dos discursos a serviço da ordem pública e do civismo antirrevolucionário que marcou a personagem do escritor católico como intelectual engajado. Contestava os governos de Epitácio Pessoa (presidente da República entre 1919 e 1922) e de Artur Bernardes (presidente da República entre 1922 e 1926).

Figura 18 – Capa do livro *A columna de fogo* (1925)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **A coluna de fogo**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1925b.

A tese de Ribeiro (2009) mostra que a disputa intelectual empreendida entre 1889 e 1930 em prol da formação da identidade brasileira, especialmente no campo político, teve grande participação de propostas elaboradas pela elite católica. A Igreja Católica como instituição do campo religioso era composta por grupos distintos e produtores dos discursos e práticas, sejam por intelectuais clérigos ou leigos. Os agentes dominantes, a partir da operacionalização dos diferentes tipos de capital, que conseguiam circular e atuar nos campos político e religioso é que foram responsáveis pela aceitação do projeto pensado para a sociedade brasileira. Assim, a disputa intelectual aceita passou pela modernidade católica.

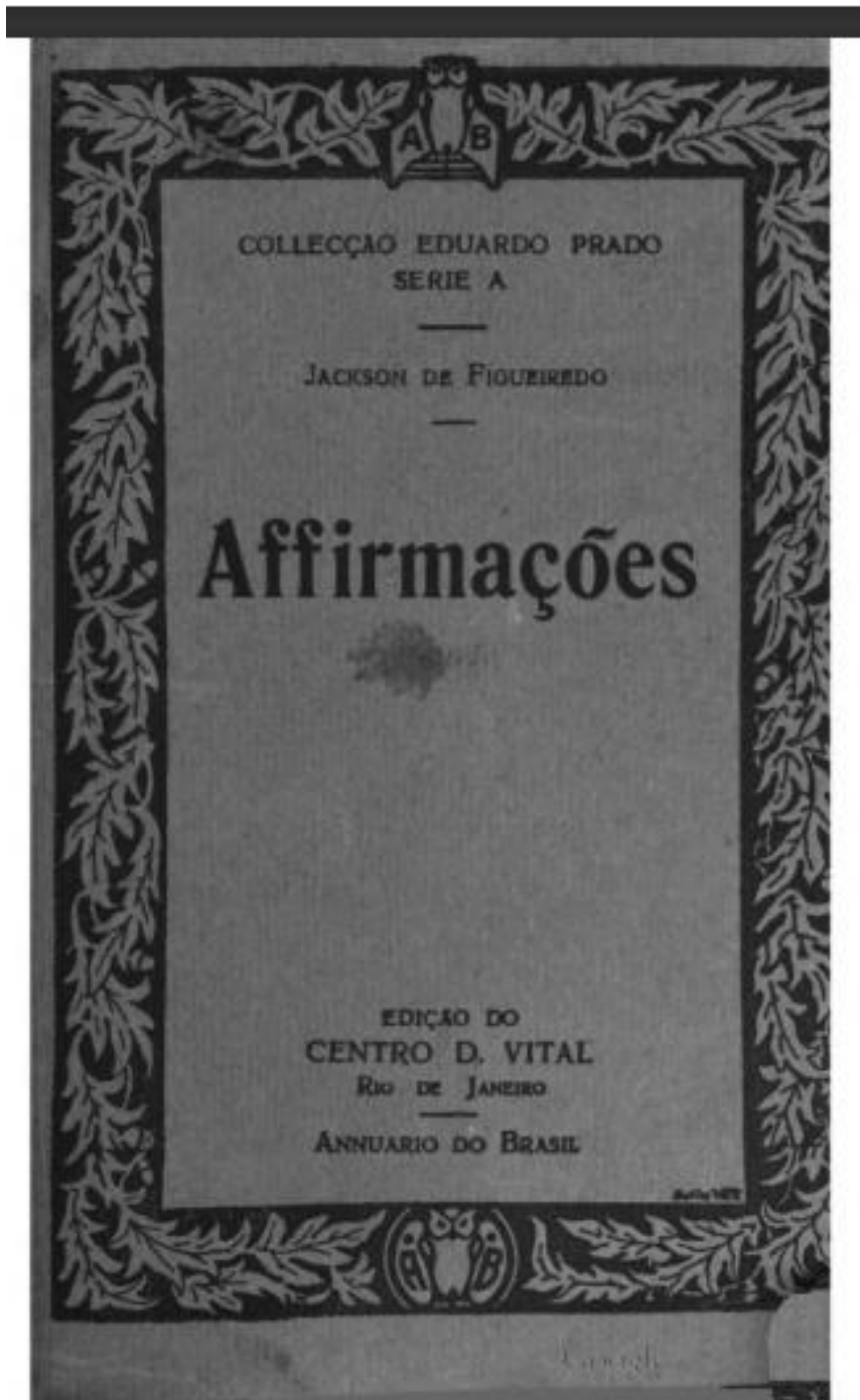
Nesse contexto, Jackson de Figueiredo como escritor e intelectual engajado ao catolicismo teve grande participação nos debates, pois no seu discurso ufanista defendia que a identidade nacional brasileira fosse formulada com base no catolicismo. Oliveira (1990, p. 166) explica que: “A crença no princípio de que a pátria brasileira sem a fé católica é um absurdo histórico permitiu a junção entre a corrente nacionalista de Álvaro Bomilcar e o catolicismo oficial. A figura mais importante desta união, sem dúvida alguma, era Jackson de Figueiredo.” A análise de Lúcia Lippi Oliveira (1990) ressalta a década de 1920 com a aproximação entre o discurso nacionalista e católico, que representava em peso as publicações de Jackson de Figueiredo.

Em 1925a, Jackson de Figueiredo publicou *Affirmações*, livro dedicado à Alceu Amoroso Lima: “a quem amo e admiro”, sobre a história da literatura brasileira, na qual faz suas ‘afirmações’ a partir de alguns critérios, sendo que a primeira era de que a criação da Igreja Católica foi primordial na civilização ocidental. O segundo: “Penso eu que é o selo da catolicidade, o sinete, a marca da civilização, cujos benefícios a Igreja, vítima de tantas ingratidões, não nega nem mesmo aos mais rebeldes de seus filhos” (Figueiredo, 1925a, p. 8). Desse modo, procurava expor sua visão de escritor católico sobre alguns autores na literatura brasileira e as influências vindas do exterior, como de Charles Maurras (1868-1952)²⁵ e Fidelino de Figueiredo (1888- 1967)²⁶.

²⁵ Escritor nacionalista francês, líder do movimento *L' Action Française*, que tinha como lema a monarquia tradicional e hereditária.

²⁶ Escritor português, foi professor de literatura aqui no Brasil entre 1938 e 1951.

Figura 19 – Capa do livro *Affirmações* (1925)



Fonte: FIGUEIREDO, J. **Affirmações**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital. 1925a.

Ao restituir o processo formativo de Jackson de Figueiredo, de forma a enfatizar seu percurso de leitor a escritor católico, no primeiro capítulo, verificamos que por meio de sua trajetória social foi possível estabelecer uma rede de contatos que o impulsionaram tanto no meio literário, quanto no meio católico. As indicações de leituras foram relevantes para que conhecesse autores que escreviam em defesa da Igreja Católica. Jackson de Figueiredo tornou-se um intelectual escritor, e com a aproximação ao catolicismo, abriu portas para que se tornasse um escritor católico.

O intelectual escritor é aquele que costuma atuar no espaço público para defender os valores e os interesses do seu grupo social de pertença por meio de suas publicações, normalmente ligado a uma rede de contatos, então não está restrito ao simples adjetivo de escritor, porque precisa representar muito mais do que isso, sendo que a escrita é uma das suas armas mais poderosas dentro dos debates do meio intelectual. A escrita é uma ferramenta de mobilização cultural, e está presente desde a gênese da noção de intelectual. É um recurso que permite a utilização de diversos tipos de estratégias, a depender dos objetivos do grupo de intelectuais.

O avanço nos gêneros textuais e na escrita de Jackson de Figueiredo inaugurou um novo momento na sua trajetória intelectual, que aconteceu concomitante com a sua volta ao catolicismo, fatos que o elevaram nos meios literário e intelectual. A conversão engajada de Jackson de Figueiredo ao catolicismo representou um divisor de águas em sua vida, pois foi a partir disso que ganhou notoriedade nos espaços religioso e educacional como um intelectual.

O trabalho de escritor impulsionou sua ascensão a intelectual católico. Isso porque os intelectuais escritores ligados a imprensa, ou os chamados jornalistas-intelectuais são descritos como atores sociais de dupla identidade, ou seja, aqueles que além de serem jornalistas transitam entre a imprensa, o meio político e o intelectual, como o caso de jornalistas-professores, jornalistas-escritores, jornalistas-militantes, entre outros exemplos. O campo jornalístico se situa em uma rede de dependência com outros campos sociais, como o campo político, o econômico e o intelectual. A relação de dominação no campo jornalístico está relacionada com a diversidade de mídia, suas especialidades (jornalismo científico, econômico, literário) assim como, com seus objetivos para atingir o público-alvo (Pereira, 2008).

A partir disso, verificamos que os intelectuais escritores passaram por mudanças no emprego da produção dos diferentes gêneros ao longo do tempo no Brasil, isto é, de acordo com as demandas de bens culturais. Para situar Figueiredo

no quadro intelectual, vamos desenvolver, na sequência do presente trabalho, as características de um intelectual católico no Brasil, e a sua visão católica de educação.

2.2 Intelectuais católicos e a educação

Pensando nas classificações de intelectuais escritores, na questão da autonomia na produção intelectual e no lugar que Jackson de Figueiredo ocupava no espaço social como escritor católico, procuramos definir o que marca um intelectual católico no Brasil e a sua relação com a educação. Para isso, partimos do processo de inserção dos intelectuais católicos no contexto francês entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, conforme mostradas por Hervé Serry (2023). O autor indica que a relação entre escritores leigos e literatura católica ocorreu lentamente, na medida em que a Igreja conseguia avaliar os desafios da circulação de ideias por meios impressos, como forma de apostolado: “Para muitos, o estatuto de convertido, um convívio com as ordens terceiras e com o clero secular, uma prática religiosa assídua indicam um estado a meio caminho entre o leigo e o clérigo” (Serry, 2023, p. 145-146). Dessa forma é que foi se definindo a figura do intelectual católico, a partir da necessidade de um “renascimento literário católico”.

De acordo com Serry (2023), a autonomia dos escritores católicos foi aumentando relativamente, uma vez que os debates intelectuais frente aos novos desafios, especialmente da modernidade, foram crescendo. A especificidade católica, no campo literário, somado aos capitais específicos, determina o alcance social e cultural do intelectual. Os intelectuais católicos, sobretudo os escritores, são partes do processo e do produto intencionados pela instituição, por meio do trabalho de influência social que realizam. Eles encontram na escrita uma ferramenta importante frente ao mercado potencial de leitores, que ao mesmo tempo em que fazem parte da luta contra a laicidade, atendem aos desejos da hierarquia eclesial de se fazer presente nos debates sociais.

No campo religioso, podemos distinguir o grupo formado por especialistas religiosos, como detentores de capital específico, e o grupo dos leigos profanos. Dentro destes grupos há disputas de pensamentos e projetos, e a soma dos tipos de capital diferenciam os agentes. Por esse motivo, as alianças são indispensáveis para os intelectuais, especialmente para que os católicos leigos tenham mais força no

campo. Intelectuais católicos leigos necessitam de uma aprovação por parte de um especialista religioso para poder falar em nome da Igreja (Bourdieu, 2007b).

Os intelectuais católicos não podem ser considerados como um grupo homogêneo, devido a pequenas discordâncias relativas à visão interpretativa dos eventos e fenômenos. No entanto, em síntese, de acordo Skalinski Junior (2021), os intelectuais católicos brasileiros eram definidos pelo alinhamento de sua atuação com base em um conjunto de princípios e valores da longa tradição da Igreja no campo de atuação.

Por meio dos trabalhos contidos na revisão de literatura, citados na categoria *Jackson de Figueiredo como intelectual católico*, organizamos algumas características específicas que identificamos em comum entre os intelectuais católicos brasileiros, que nos permitiu ampliar o conceito. Evidenciamos que Jackson de Figueiredo era reconhecido socialmente como um intelectual católico, sendo esta, a chave para empreender estratégias de promoção e autopromoção, de modo a se afirmar no espaço social como digno de tal classificação. Vejamos alguns exemplos do seu reconhecimento no livro *In Memoriam* (1929), no qual escreveram em sua homenagem:

Quadro 3 – Reconhecimento de Jackson de Figueiredo como intelectual

Autor	Citação
Dom Leme (1929, p. 2)	Do polemista inteligente e fogoso raros serão os adeptos no campo da intelectualidade.
Graça Aranha (1929, p. 73)	Tal homem, tal pensador, tal escritor faz uma falta considerável a inteligência brasileira. Era um extraordinário estimulante intelectual.
Perilo Gomes (1929, p. 86)	Sem dúvida, pus em relevo como o elemento pessoal, em Jackson de Figueiredo, serviu extraordinariamente a causa católica. Contudo, não descurei de focalizar, embora, em largos traços, que a sua atividade intelectual visava, antes de tudo, uma finalidade apologética.
Hamilton Nogueira (1929, p. 131)	Jackson soube reagir contra esse ambiente, e conseguiu mesmo orientar uma grande parte da intelectualidade brasileira.
Gaspar Vianna (1929, p. 269)	Jackson de Figueiredo que agora desaparece do nosso meio literário, deixa a sua obra incompleta. Tinha traçado um plano magnífico de ascensão intelectual.
Jonathas Serrano (1929, p. 295)	Não importa, porém, que tenha sido muito ou pouco. O que deixou é bastante para que possamos dizer:- é um belo nome da nossa história intelectual.
Mendes Campos (1929, p. 313)	Com a morte de Jackson de Figueiredo, num lance imprevisto de tragédia, perde a intelectualidade brasileira um dos seus mais nobres e eficientes valores, porque, ninguém como ele soube aliar a tempera rija de um caráter intrépido, a vitalidade combativa da sua ação doutrinária. [...] A sua obra, caracterizada pela constante preocupação de doutrina, mereceu o entusiasmo e a simpatia dos meios mais cultos do país e foi estudada pela crítica como trabalho da mais seria significação intelectual.

Fonte: A autora.

Embora as citações expostas não esgotem as possibilidades de representação social de Jackson de Figueiredo, verificamos que ele foi caracterizado por escritores contemporâneos, em linhas gerais, como um intelectual polemista, escritor da inteligência brasileira, cuja liderança que representava ao orientar a intelectualidade católica, com grandes probabilidades de ampliar seu capital simbólico no campo intelectual. Era reconhecido socialmente como intelectual católico e desse mesmo modo se reconhecia. No prefácio do seu livro *Pascal e a Inquietação Moderna* (1922b) diz ter abdicado de seu individualismo intelectual para assumir uma missão intelectual maior em favor do catolicismo:

Publico este trabalho sobre Pascal e a inquietação moderna para aproveitar o que pude salvar de volume muito mais alentado que compusera, há anos, quando ainda não me sentia, em matéria de filosofia e de crenças, o que, graças a Deus, hoje sinto que sou, isto é: um católico, na mais rigorosa significação do nobilíssimo termo, um homem que, conscientemente, abdicou do seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja Católica (Figueiredo, 1922b, p. 9).

A representação de uma figura intelectual deriva do reconhecimento público movido na experiência da vida social, nos diferentes espaços de circulação, firmadas em estratégias de promoção e autopromoção, conforme pudemos notar nas citações acima, de modo que não se tenha dúvidas. É um movimento de identificação, em que os intelectuais se reconhecem e se classificam entre si, na sua rede de contatos e diante da sociedade. Bourdieu (2020) discorre sobre estratégias de representação de si, compartilhadas por um grupo social: “Todos nós fabricamos estratégias individuais a partir de um artesanato de estratégias coletivas que não sabemos muito bem como adquirimos” (p. 50). Nesse sentido, os critérios de classificação intelectual provêm de construções simbólicas preexistentes, e de um universo de coisas já classificadas, que por meios estratégicos, se confirmam.

Vieira (2011), após dez anos de estudos e pesquisas em História Intelectual, formulou alguns aspectos com a finalidade de compreender o comportamento social dos intelectuais associados ao campo educacional, entre os anos finais do século XIX até os anos 60 do século XX, ao qual se circunscreve o período de atuação intelectual de Jackson de Figueiredo. Sua formulação elencou os seguintes aspectos:

a) sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos XIX e XX, produziu a identidade social do intelectual; b) engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou dever social; c) elaboração

e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade; d) assunção da centralidade do Estado como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social (Vieira, 2011, p. 29).

O primeiro aspecto apresentado está vinculado à questão da identidade social do intelectual, que em síntese, visa acumular especialmente capital social e cultural, portanto, trata-se de intelectuais que investem na ampliação da rede de contatos e na autoformação. Nesse sentido, precisa incorporar o *habitus* para reforçar o pertencimento e jogar as regras do jogo.

Após refletir acerca das classificações, e entender que os próprios intelectuais se definem e se reconhecem a si mesmos e entre si na coletividade do grupo, como resultado de uma construção histórica, social e cultural, identificadas nas redes de contatos contemporâneas, acrescentamos algumas outras características que vêm sendo trabalhadas e utilizadas como perfil classificatório de intelectuais católicos nas pesquisas acadêmicas. Para isso, vamos dialogar com as formulações estabelecidas por Carlos Eduardo Vieira (2011).

Podemos complementar o primeiro aspecto apresentado por Vieira (2011), relacionado com a questão da identidade do intelectual, agora com recorte para os católicos, a qual é construída a partir da incorporação do *habitus* religioso. Desse modo, temos o *habitus* como ponto de partida para estudar a trajetória intelectual de um católico, pois nos possibilita entender o objetivo do seu comportamento social nos diversos campos de atuação. A filiação religiosa é um aspecto relevante na identidade do intelectual católico, que converte o catolicismo como princípio gerador do seu comportamento social, ou seja, das práticas e disputas nos diversos campos sociais. Como meio de demarcar o engajamento religioso e reforçar o vínculo de identidade e pertencimento, notamos que os intelectuais católicos atuantes no campo educacional tinham uma ligação com a imprensa, ou seja, eram escritores.

Desde a gênese do intelectual é possível identificar sua ligação com a imprensa, marcando presença nos meios de comunicação, sejam eles jornalísticos, ou mesmo na comunicação propagandista, na propagação de conteúdo ou de entretenimento. Portanto a categoria de intelectuais católicos está contida na categoria dos intelectuais escritores. No trabalho de Pinheiro Filho²⁷ (2007),

²⁷ Fernando Antônio Pinheiro Filho (2007) apresentou a classificação de escritores católicos elaborada por Alceu Amoroso Lima (1967) para mostrar os diferentes perfis que constituem o universo da produção simbólica no país. Pinheiro Filho (2007) divide o grupo de intelectuais católicos em duas frações, sendo que na primeira estão Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo, de atuação mais

encontramos uma classificação de intelectuais escritores que eram católicos feitas por Alceu Amoroso Lima (1967), que os agrupa de acordo com as diferentes áreas de atuação, conforme podemos observar na figura a seguir:

Figura 20 – Classificações de intelectuais católicos escritores

- *Teologia e filosofia*: padre Leonel Franca, Jackson de Figueiredo, Alexandre Correia, padre Teixeira Leite Penido, Almeida Magalhães, Ubaldo Puppi, dom Estevão Bittencourt, frei Pedro Secondi, frei Boaventura, padre Ávila, Henrique Hargreaves.
- *História e jornalismo*: Felício dos Santos, Perilo Gomes, Jônatas Serrano, Oliveira Viana, Hamilton Nogueira, Pedro Calmon, Francisco Sá Filho, Vilhena de Moraes, Juarez Távora, Luiz Delgado, Hildebrando Leal, Almir Madeira, Américo Lacombe, Hélio Viana, Edgard da Mata Machado, Nilo Pereira, Fernando Carneiro, Daniel de Carvalho, Heráclito Sobral Pinto, Hildebrando Accioly, Affonso Pena Júnior, Alfredo Valadão, Hélio Tornaghi, Francisco Mangabeira, Celestino Basílio, Altino Arantes.
- *Letras*: Antônio de Alcântara Machado, Durval de Moraes, Jorge de Lima, Paulo Setúbal, Tasso da Silveira, Augusto Frederico Schmidt, Gustavo Corção, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Murilo Araújo, José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo, Andrade Muricy, Murilo Mendes, Otávio de Faria, Alphonsus de Guimarães Filho, Peregrino Júnior, Carlos Lacerda, Carolina Nabuco, Adalgisa Nery, Lúcia Benedetti, Henriqueta Lisboa, Roberto Alvim Correia, dom Marcos de Araújo Barbosa, dom Helder Câmara, Antônio Calado, Mário Matos, Adonias Filho, Odilo Costa Filho, Osman Lins, Gladstone Chaves de Mello, Sílvio Elia, Clóvis Monteiro, padre Augusto Magne, padre João Mohana, José Rafael de Meneses, João Etienne Filho, José Paulo Moreira da Fonseca.
- *Ciências*: Raimundo Bandeira, Nerval de Gouveia, Carlos Chagas Filho, Joaquim da Costa Ribeiro, Paulo Sá, Francisco Magalhães Gomes, Brito Velho, Luís Cintra do Prado, Rui Coutinho, Fernando Carneiro (cf. *Idem*, pp. 1871-72).

Fonte: PINHEIRO FILHO, F. A. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil, *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 1, p. 33-49, jun. 2007.

Pinheiro Filho (2007) explica que Amoroso Lima criou essa classificação de escritores católicos na década de 1960, partindo da conversão de Jackson de Figueiredo em 1916, para mostrar que a partir 1922 houve um número significativo de

marcadamente política, na qual tem o catolicismo como base da organização social desejada. Na segunda fração estão intelectuais que se posicionam mais de forma artística-literária.

conversões e expansão do catolicismo entre as elites intelectuais, que pode ser observado por meio das suas produções escritas. Pinheiro Filho (2007) alerta que a lista inclui nomes que escapam à definição de intelectuais católicos, no entanto, nos mostra uma posição privilegiada de Figueiredo sendo reconhecido como escritor católico, por estar situado na categoria de Teologia e Filosofia, isso porque o seu “posicionamento político não é plenamente inteligível sem a especulação metafísico-religiosa em que se ancora, vale acompanhar uma breve síntese do sistema que esboça nos dois estudos de Farias Brito” (Pinheiro Filho, 2007, p. 36-37).

Verificamos que a leitura de Farias Brito teria fomentado o surgimento do escritor católico no meio intelectual, fato que marcou seu engajamento ao catolicismo. A produção de conhecimento em diversas áreas e gêneros textuais publicados era uma prática comum entre os intelectuais daquele período. No entanto, é interessante observar como se destacavam e eram classificados no meio intelectual católico a partir dos seus contemporâneos, como é o caso da classificação apresentada por Amoroso Lima (1967) para designar Jackson de Figueiredo como escritor católico na categoria de Teologia e Filosofia.

O segundo aspecto formulado por Vieira (2011) é o engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou dever social, que também vemos presente nos intelectuais católicos ligados ao campo educacional. Isso porque cada grupo intelectual tem seus propósitos e trabalham nos diferentes meios para alcançá-los, por isso perpassa diversos campos sociais. No caso dos católicos, buscavam fortalecimento do grupo para a organização de demandas políticas da Igreja diante do Estado. Por esse motivo que a congregação de novos integrantes católicos no meio intelectual, foi o ponto de partida, já expresso na *Carta Pastoral* de Dom Leme de 1916, a qual apontava para essa necessidade de organização em prol do catolicismo.

Nesse sentido, Chrispim (2009) ressalta que ao estudarmos os intelectuais católicos, Jackson de Figueiredo é um ponto de referência obrigatório, porque marca justamente a organização da intelectualidade, dos leigos com o apoio do clero no Brasil. Sendo assim, esse movimento foi organizado em torno da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Os estudos das produções de Figueiredo são importantes porque influenciaram o quadro intelectual do país, sendo responsáveis, inclusive, por várias conversões ao catolicismo, como a de Alceu Amoroso Lima, esta, em especial por meio de troca de correspondências.

Costa (2015) escreve a respeito da onda de conversões notadas primeiramente na Europa, especialmente na França, mas que repercutiram no meio católico brasileiro, como o caso de Jacques Maritain (1882-1973) e Paul Claudel (1868-1955). Acrescentamos aqui, o importante trabalho assumido por Figueiredo de reconquistar a elite intelectual do país para o catolicismo, visto que os que se consideravam católicos não viviam plenamente o catolicismo, como apontado na *Carta Pastoral* de Dom Leme (1916), um exemplo era o próprio pai de Jackson de Figueiredo, que se considerava “católico-maçom”, ou seja, não era um católico para a Igreja.

Villaça (2006) mostra como Jackson de Figueiredo contribuiu com a renovação do pensamento católico, e cita alguns exemplos de convertidos brasileiros da década de 1920:

Deus lhe deu um dom assustador de tocar as almas. Despertar as almas. Convertê-las. Primeiro, Hamilton Nogueira. Depois, Perilo Gomes. Homens os mais diversos lhe sentiram a força ou a sedução da personalidade, o católico testemunho: Afrânio Peixoto, Pedro de Oliveira Ribeiro, Augusto Frederico Schmidt, Mário de Alencar, Durval de Moraes, Jonatas Serrano, Alexandre Correia, Barreto Filho, José Vicente de Souza, Francisco Karam, Alceu Amoroso Lima, o último convertido (Villaça, 2006, p. 168).

O próprio espaço do Centro Dom Vital era um meio de vivenciar o catolicismo, estudar a religião, fazer retiros espirituais, rezar etc. O argumento de Dom Leme (1916) de que o catolicismo caiu na ignorância, era visível no sentido de não ser representado conforme esperavam: “A ignorância religiosa é a causa última da descrença e do catolicismo por metade. - A falta da ação católica social é a causa da nossa própria influência nos destinos sociais do país.” (p. 5-6).

No Brasil, a onda de conversão ao catolicismo relacionado ao trabalho intelectual, segundo Pécaut (1990), foi notado a partir da década de 1920, período de efervescência político-cultural e da apresentação de diversas propostas para a organização social. Assim, de forma a alinhar os objetivos, os intelectuais católicos disputavam espaços de poder junto ao Estado, em prol da hegemonia católica. Batista (2020), cita a luta pelo ensino religioso, como exemplo da ação intelectual católica no campo educacional, e a vitória conquistada com a introdução do ensino religioso nas escolas oficiais em 1931.

No que se refere a porosidade do campo, os agentes estão posicionados de acordo com o volume e o tipo de capital valorizado, assim como constituem um *habitus*

próprio. Desse modo, as lutas que se desenvolvem, por mais que tenham uma lógica de funcionamento já estruturada, tem seus resultados de conquistas (econômicas, sociais, políticas etc.) impactados por lutas externas. Quanto melhor estruturado com regras próprias de funcionamento e de capitais específicos, mais autonomia um campo pode ter. É um espaço abstrato, sem fronteiras geográficas, marcado pelas relações sociais. O campo religioso no contexto brasileiro demorou se preocupar com a luta para impactar outros campos porque era dominante, na medida em que começou a perder espaço no próprio campo, passou a ter tal preocupação (Bourdieu, 2007b)

Para ilustrar a atuação política dos intelectuais católicos no campo educacional, Hamdan e Xavier (2011) os posiciona no seu estudo dos *Clássicos da Educação no Brasil* a partir do exemplo da figura de Amoroso Lima, que se converteu ao catolicismo sob a mediação de Jackson de Figueiredo, sendo estes dois nomes importantes do catolicismo a reivindicar para a Igreja o direito de intervir na educação escolar. Defendiam o ensino religioso sob argumento de liberdade de exercer a crença da maioria dos brasileiros. A revista *A Ordem* é outro exemplo que mostra a defesa constante da luta dos católicos por uma educação adequada aos seus princípios religiosos.

Oliveira (2004) reforça que a transição republicana representou as primeiras tentativas de ruptura da educação como marca distintiva da elite, ou seja, foi o período que deu início às diferentes propostas para a ampliação e organização do sistema de ensino no Brasil. O contexto mostra que a Igreja tinha uma posição dominante no campo educacional a partir do trabalho realizado em escolas particulares, ou seja, existia uma hegemonia católica que marcou o início da história da educação no Brasil, e que com a República e a adesão da intelectualidade aos ideais do liberalismo francês, estimulou algumas mudanças. Portanto, foi o período em que os católicos começaram a se preocupar com o campo educacional, pois pela primeira vez na história do país se viram ameaçados frente às novas propostas republicanas. Era preciso uma organização da intelectualidade católica para fortalecer o grupo nas disputas políticas que ficaram mais intensas nos anos seguintes, especialmente na década de 1930.

Somado o aspecto do engajamento político e a missão do dever social, verificamos a articulação com o elemento referente a assunção da centralidade do Estado, como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social,

citado por Vieira (2011); está é também variável presente nas preocupações dos intelectuais católicos. Como exemplo, Pécaut (1990) mostra que Alceu Amoroso Lima reconheceu e representou o entendimento de que os intelectuais como a *intelligentsia* disputavam o projeto de identidade cultural do país, sendo o Estado o agente articulador da construção nacional no período republicano. Por isso, a partir das formulações de Vieira (2011), acrescentamos para o estudo de intelectuais católicos, a defesa do projeto político da Igreja Católica na educação.

A preocupação da Igreja Católica em atingir outros campos deu lugar a consideração do trabalho intelectual em defesa do seu projeto político. Isso quer dizer que os documentos oficiais da Igreja, assim como as orientações da hierarquia baseada no sacramento de ordem, deveriam ser o norte da ação intelectual do laicato católico. Segundo Batista (2020), o movimento de Restauração Católica, no início do século XX, reuniu intelectuais para que trabalhassem com a doutrina católica nos espaços de poder. Sendo assim, os intelectuais católicos foram significativamente importantes para legitimar os movimentos religiosos na sociedade. A Restauração Católica foi um movimento liderado pela Sé Romana para reorganizar ações de combate aos projetos de laicização em vários países.

Os intelectuais católicos, leigos e clérigos constituem um grupo de reconhecimento recíproco que atuam a partir de um conjunto de crenças e valores consensuais pregados pela Igreja Católica. Segundo Chrispim (2009), o clero era o órgão de representação que organizava as ideias e ações dos intelectuais leigos. A autora destaca a *Carta Pastoral* de Dom Leme (1916) como marco da atividade intelectual do clero no Brasil. Ressalta que por mais que os intelectuais católicos em geral tivessem em vista o projeto político da Igreja Católica, se diferenciavam na defesa de algumas ideias, sendo alguns de cunho mais conservador, reformista ou revolucionário, a depender do contexto.

As diferenças de posição apontadas por intelectuais leigos e do clero estão relacionadas com aspecto referente a elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade (Vieira, 2011), que no caso dos intelectuais católicos está intimamente ligada com a religião. No Concílio do Vaticano I (1869-1870) foram discutidas algumas posições católicas, entre as quais estão o nacionalismo, o racionalismo, o materialismo e as questões da modernidade. A modernidade foi condenada nos documentos da *Dei Filius* e a *Pastor aeternus* (1870). No entanto, por mais que a Igreja tivesse se mostrado resistente as questões

modernas, acabou sofrendo maiores pressões e a tentativa de novos diálogos com a modernidade foi necessária.

A primeira tentativa de diálogo com a modernidade ocorreu com o pontificado de Leão XIII (1878-1903), por meio da publicação da encíclica *Rerum Novarum* (1891). Criticavam o liberalismo e o socialismo/comunismo, e frente ao movimento operário que vinha ocorrendo no contexto, a Igreja recomendava que os governantes protegessem os trabalhadores com leis, e guardassem o direito dos mais humildes. Os problemas do mundo moderno estavam se ampliando na medida em que a sociedade passava por rápidas transformações. No entanto, até a primeira década do século XX a Igreja Católica continuava a atuar contra a modernidade, pois a via como ameaça.

Na publicação da encíclica *Ubi Arcano Dei* (1922), Pio XI encorajou a participação dos leigos na Igreja, e a partir da Carta Pastoral de Dom Leme, juntamente com o seu soldado leigo, Jackson de Figueiredo, iniciaram o movimento de intelectuais no Brasil (Chrispim, 2009). Na carta encíclica *Rerum Omnium Perturbationem*, Pio XI (1923) nomeia São Francisco como “Padroeiro Celestial de todos os Escritores”, e deixa algumas instruções para escritores católicos na parte 33:

É nosso desejo que os maiores frutos sejam obtidos neste solene Centenário por aqueles católicos que, como jornalistas e escritores, expõem, difundem e defendem as doutrinas da Igreja. É necessário que eles, em seus escritos, imitem e exibam em todos os momentos aquela força sempre unida à moderação e à caridade, que era a característica especial de São Francisco. Ele, pelo seu exemplo, ensina-lhes, de maneira inequívoca, exatamente como devem escrever. Em primeiro lugar, e isto é o mais importante de tudo, cada escritor deve esforçar-se de todas as maneiras e na medida do possível para obter uma compreensão completa dos ensinamentos da Igreja. Nunca devem transigir quando a verdade está envolvida, nem, por medo de possivelmente ofender um oponente, minimizá-la ou dissimulá-la. Deverão prestar especial atenção ao estilo literário e tentar expressar os seus pensamentos com clareza e numa linguagem bonita, para que os seus leitores venham a amar a verdade com maior facilidade. Quando for necessário entrar em controvérsia, devem estar preparados para refutar o erro e vencer as artimanhas dos ímpios, mas sempre de uma forma que demonstre claramente que são animados pelos princípios mais elevados e movidos apenas pela caridade cristã (Pio XI, 1923).

Assim, é possível entender um pouco das tomadas de posição adotadas por Jackson de Figueiredo como escritor e editor, registradas no seu perceptível esforço de manter uma revista católica para divulgar os ensinamentos da Igreja, e não ter medo de enfrentar e debater com os “inimigos”. Figueiredo se manteve obediente nas

publicações a partir das permissões da Igreja na revista *A Ordem*, no período em que foi editor, assim como nos seus livros. O Papa XI reconheceu a colaboração dos escritores católicos em prol da defesa dos princípios católicos, mas alertou que é preciso ter conhecimento sobre os ensinamentos, ter atenção até mesmo no estilo literário utilizado para tal propósito. Em síntese, os escritores eram bem-vistos, desde que soubessem que não poderiam simplesmente escrever sobre catolicismo, era preciso saber como e o que escrever, e até mesmo em qual meio de divulgação.

Segundo Bourdieu (2008), os discursos produzidos são avaliados pelo senso prático de forma a prever suas chances de sucesso ou insucesso, de saber a forma de abordar certos temas, de censurar ou destacar outros. A produção do discurso pressupõe a condição de recepção, já que as falas se legitimam de acordo com o produtor do discurso, que vai além de ser um código a ser decifrado, envolve signos. A começar pelo portador do discurso, do qual a posição ocupada no campo de ação denota um valor de distinção, fazendo com que alguns discursos sejam mais valorizados que outros. Portanto, o produtor do discurso faz toda a diferença para o público-alvo:

Sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no ciframento e no deciframento, e portanto, na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca linguística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico (Bourdieu, 2008, p. 53).

O autor ressalta que o discurso é um signo de riqueza, ou seja, que além de ser decifrado precisa ser avaliado e apreciado. É um signo de autoridade, pois necessita de credibilidade e obediência. Por isso, muitas vezes notamos que embora tenham poucos textos escritos por clérigos na revista *A Ordem*, é comum a citação de documentos importantes da Igreja para agregar valor ao discurso. Mais importante que o discurso como instrumento de comunicação, é quem o constrói e como o expõe. No mercado linguístico, o discurso é um signo de autoridade e poder, portanto, a depender da situação pode gerar uma ação, de modo a se converter em lucro simbólico.

No Brasil também foi notado a literatura e a imprensa como principais meios de atuação dos intelectuais católicos. Na revisão de literatura, contida na categoria *Imprensa Católica*, identificamos que a divulgação em favor da manutenção do *habitus*

religioso-católico era forte, e que a imprensa católica nasceu para se opor a laicização da sociedade e dos costumes. Segundo Reis e Souto (2016), a Igreja Católica, no final do século XIX passou a ver a imprensa como um recurso importante frente aos movimentos ideológicos que a ameaçavam, como o liberalismo e o modernismo. O estudo que os autores fizeram mostrou que a Igreja se viu forçada a se adequar ao mercado de disseminação de informação como meio de defesa. Desse modo, os escritores católicos ganharam visibilidade na sociedade moderna como agentes atuantes no combate a laicidade, assim como na luta contra movimentos ideológicos que enfrentavam nos diversos campos sociais.

Em 1915 foi publicada a *Pastoral Coletiva e Constituições*, documento do episcopado nacional que marcou a história da imprensa católica no Brasil, a qual foi importante para estabelecer normas para organizar a Associação da Boa Imprensa. Esta surgiu para reforçar o Centro da Boa Imprensa, fundado pelo frei Pedro Sinzig, que tinha como objetivo auxiliar jornais e revistas que quisessem aceitar o seu plano de ação. A partir disso, congregações religiosas passaram a fazer um “apostolado pela boa imprensa”. O movimento pela Boa Imprensa rendeu frutos ao ser ampliado, ao passo que, foram construídas gráficas para imprimir e editar materiais, entre as quais podemos citar as editoras Ave Maria, Vozes e FTD (a sigla é em homenagem ao superior geral dos irmãos Maristas, Frère Teophane Durand).

Desse modo, podemos observar que o movimento pela Boa Imprensa impactou nos diversos campos sociais, como no campo educacional, por exemplo. A FTD foi responsável por impulsionar a publicação de livros para professores e alunos nas escolas da congregação católica. Segundo Sgarbi (2001, p. 20): “Neste período, os bispos brasileiros começaram a publicar portarias e circulares que incentivavam a imprensa católica a fundar seus periódicos.” Os bispos ressaltavam a relevância da imprensa de modo a cultivar o *habitus* católico no país.

Sgarbi (2001) apresenta no segundo capítulo da sua tese uma discussão sobre o impresso na formação dos intelectuais católicos, e destaca o Centro Dom Vital como instituição significativa para a organização desses agentes, e a Livraria Católica de Jackson de Figueiredo como um meio inicial importante de socialização, divulgação e publicação de obras católicas. A tese de Ribeiro (2009) mostra que as estratégias de mobilização do grupo de intelectuais católicos leigos eram tão importantes quanto o trabalho desenvolvido por intelectuais clericais, na medida em que trabalhavam por vontade própria e mostravam bons resultados.

Como o grupo intelectual católico não é homogêneo, com o passar do tempo notamos algumas diferenças nos discursos, de acordo com suas fontes de inspiração e interpretação dos documentos vindos da Igreja. Por exemplo, enquanto Jackson de Figueiredo era um entusiasta do pensamento conservador, autoritário, antiliberal, Alceu Amoroso Lima, seu sucessor na revista *A Ordem*, assumiu uma postura que conciliava o catolicismo com o humanismo e a democracia (Batista, 2020).

A tese de Ribeiro (2009) apresenta um estudo da documentação oficial da Igreja Católica (encíclicas e cartas pastorais), somada a fontes produzidas por intelectuais leigos católicos (com destaque para a bibliografia produzida pelos membros do IHGB e do IAHGP, entre outras produções), no período compreendido entre 1889 e 1930, e conclui que a proposta católica para a formação da identidade brasileira ocorreu por meio da conciliação de argumentos do catolicismo com a modernidade, que foi o que prevaleceu no período estudado.

No que diz respeito à relação entre educação e modernidade, observamos longos debates entre os grupos intelectuais, como vimos, entre os próprios católicos, o que refletia nas propostas que defendiam para a formação humana. O discurso da modernidade era um meio de pensar a cultura e a organização social:

A análise do discurso da intelectualidade no Brasil, nas particularidades dos agentes que se destacaram no campo educacional, bem como nas redes de sociabilidade intelectual criadas pelos jornais, revistas e instituições culturais confirmaram a tese, bastante difundida na área acadêmica, sobre a relação estreita entre os ideais da modernidade e a defesa de investimentos em cultura e em educação (Vieira, 2011, p. 39).

Vieira explica que os discursos sobre a modernidade eram frequentes na virada do século XIX para o século XX, e explica que o termo é polissêmico, pois tem início no século XVI com o Renascimento, e posteriormente inclui o Iluminismo, tendo uma segunda fase com a Revolução Francesa até que no século XX se expandiu mundialmente. As ideias de modernidade foram sendo incluídas nos diversos setores sociais, e na educação aparece com novos métodos pedagógicos difundidos em vários países da Europa e nos Estados Unidos, por meio da chamada Escola Ativa ou Escola Nova, que foi o movimento que demonstrou a modernidade na educação, que foi chegando aos poucos no Brasil no final do século XIX. Intelectuais ligados a educação passaram a estudar autores escolanovistas como Dewey, Kilpatrick,

Decroly, entre outros pedagogos, com a finalidade de implantar novos métodos nas escolas que estavam se expandindo no país.

Para Jackson de Figueiredo (1922a), a modernidade era sinônimo de desordem e na educação poderia representar falsas verdades, já que o único caminho possível era o catolicismo:

O católico, grande ou pequeno, tem, por conseguinte, uma atitude "necessária" no mundo moderno: a do reacionário contra a Revolução, e não só contra as suas parciais objetivações de ódio sanguíneo, mas também contra o que Malebranche chamaria as suas "falsas verdades", os maus princípios geradores de todos esses ódios (Figueiredo, 1922a, p. 254).

Deste modo, Figueiredo se mostrava contra as novas ideias pedagógicas modernas. No livro *Columna de Fogo* (1925, p. 48) mostra alguns exemplos de pensadores que defendiam a modernidade na educação, que em pouco tempo se decepcionaram: "No entanto, já são os próprios pensadores revolucionários, como Paulo Ghio, o famoso professor de Economia Política da Nova Universidade de Bruxellas, que confessam a enorme decepção." E acrescenta que a modernidade nas ciências representava "um grande desastre natural." No próximo tópico, vamos aprofundar as discussões acerca da sua visão católica de educação.

Podemos sistematizar as características identificadas nos intelectuais no campo educacional, a partir de Vieira (2011) com o acréscimo de outras observadas nos intelectuais católicos, a partir do seguinte quadro:

Quadro 4 – Características de intelectuais católicos ligados ao campo educacional

Intelectuais e a educação	Intelectuais católicos e a educação
Sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos XIX e XX, produziu a identidade social do intelectual;	Acrescentamos a ligação com a imprensa, ou seja, os intelectuais católicos eram escritores;
Engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou dever social;	Engajamento ao catolicismo propiciado pelo sentimento de missão ou dever social, realizado por meio da atuação na interseção dos campos político e educacional;
Elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade;	Elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade a partir da concepção católica;
Assunção da centralidade do Estado como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social;	Defesa do projeto político da Igreja Católica na educação;

Fonte: A autora.

Todas as características dos intelectuais católicos ligados ao campo educacional foram elencadas a partir das leituras da revisão bibliográfica, entre outras realizadas, especialmente a partir da formulação de Vieira (2011). As características estão relacionadas umas com as outras de modo que marcam a trajetória de grandes personagens, assim como a do intelectual católico Jackson de Figueiredo, possíveis a partir da incorporação do *habitus* religioso católico e da soma do volume de capital necessários para o agente em cada campo de atuação. Desse modo, nos permite entender a cosmovisão de Figueiredo defendida no debate público, como é o caso da educação, que será abordada na sequência desta pesquisa.

2.3 A educação na visão católica de Jackson de Figueiredo

Para iniciarmos o presente tópico, partimos da revisão de literatura, alocada na categoria *Jackson de Figueiredo e a educação* (apêndice B). A categoria abrange apenas duas dissertações (Sacardo, 2008; Simões, 2005) que fazem uma relação mais direta entre o escritor católico e seu pensamento em relação a educação. O escritor via a educação como uma importante aliada para avançar no seu projeto católico:

[...] a proposta de educação representou o maior projeto de Jackson de Figueiredo e a sua análise nos remete ao entendimento da manutenção da religião no contexto republicano e a predominância dos pressupostos católicos na explicação da realidade (Sacardo, 2008, p. 116).

A dissertação de Volnei Antônio Sacardo (2008), intitulada *A Autoridade acima de Tudo! O pensamento geográfico de Jackson de Figueiredo*, buscou desvelar o pensamento geográfico do intelectual católico. Para isso, discutiu questões relacionadas à sua concepção de Estado, as políticas de incentivo à natalidade, o combate à imigração e a defesa da educação católica. Sacardo (2008) concluiu que a proposta de educação representou o maior projeto de Jackson de Figueiredo.

Não havia um projeto educacional nacional nas últimas décadas do Império. No ato adicional de 1834 as províncias ficaram responsáveis por organizar e manter o ensino elementar e o ensino secundário, no entanto, a situação da educação pública era precária, não havia um currículo nacional e faltavam escolas e professores qualificados. Somente depois da Proclamação da República é que foram

aprofundados os assuntos a respeito da educação, o que abriu espaço para uma diversidade de manifestações e posicionamentos acerca do tema (Saviani, 2009).

Desse modo, os intelectuais católicos participavam ativamente das discussões no campo educacional. Utilizando-se da estratégia de marcar presença nas diferentes instituições, Jackson de Figueiredo, por meio do seu capital social e simbólico, publicou, mesmo que de forma fragmentada, sua opinião em relação à formação e à educação da população brasileira. Fragmentada no sentido de não ter escrito obras direcionadas especificamente à educação, e sim, de ter publicado seu pensamento em artigos de jornais e revistas, e em partes dos seus livros.

Na condição de intelectual católico, Figueiredo apresentou nos seus escritos uma proposta educacional que seria inseparável dos princípios cristãos e que tinha como direção ir além da instrução escolar, na medida em que colocava dentre seus objetivos formar o caráter dos indivíduos. Figueiredo acreditava que a educação do intelecto viabilizava a adesão aos valores de ordem, de disciplina e de subordinação, que seriam fundamentais para combater os perigos do liberalismo e de outras mudanças da modernidade (Simões, 2005).

A dissertação de Renata Duarte Simões (2005), intitulada *Integralismo e Ação Católica: sistematizando as propostas políticas e educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no Período de 1921 a 1945*, sistematizou as propostas educacionais dos representantes católicos mencionados a partir de suas publicações, especialmente na revista *A Ordem*. A autora concluiu que havia diferentes modos de pensar soluções para o Brasil por meio da educação, e por mais que os três intelectuais assumissem uma posição ortodoxamente autoritária, havia muitos pontos que os diferenciavam no modo de pensar as propostas políticas e educacionais.

A respeito da proposta política educacional apresentada por Jackson de Figueiredo, Simões (2005) e Sacardo (2008) destacam o modelo de educação diferenciado para a elite e para o povo, como ponto de conclusão em comum. Com base no seu pensamento de manter a ordem social, Figueiredo defendia uma educação que fosse diferenciada, na medida em que obedecesse a uma hierarquia pré-estabelecida socialmente, ou seja, marcada por quem seria responsável pela direcionar a educação para o povo, que seria a elite. Portanto, teríamos uma educação destinada aos futuros intelectuais, até para evitar possíveis conflitos sociais, como as

revoluções, por exemplo, e a educação para o povo, seria um modo de cultivar a obediência e de reconhecer a autoridade.

A visão de educação de Jackson de Figueiredo estava ligada ao contexto de transição republicana no Brasil. A constituição de 1891, no seu artigo 35, reservou à União a competência de criar instituições de ensino superior e ensino secundário nos Estados. Os Estados deveriam prover e legislar sobre a educação primária e o ensino profissional. Desse modo, o sistema diferenciava as classes pelo acesso e continuidade à educação, pois segundo Carvalho (1980, p. 64): “[...] a educação era a marca distintiva da elite política. Havia um verdadeiro abismo entre essa elite e o grosso da população em termos educacionais.” E na transição republicana, vemos uma continuidade das distâncias, em que a classe dominante tinha acesso às escolas secundárias e ao ensino superior, e o povo teria acesso ao ensino primário e profissional. Apenas o ensino primário era gratuito. Aos poucos é que se percebe uma complexidade das camadas sociais que exercem uma pressão para ampliação de oportunidades educacionais:

A expansão das oportunidades e a reforma das instituições escolares representavam um custo menor às elites do que a alteração da distribuição de renda e das relações de poder e, além disso, acalmava as frações mais combativas das camadas médias (Oliveira, 2004, p. 950).

No período em que analisamos a visão de educação propagada por Figueiredo, nas primeiras décadas do século XX, notamos que o rompimento do Estado com a Igreja logo chegou ao âmbito educacional, de modo que o ensino religioso foi abolido das escolas públicas. Como as escolas estavam aos poucos sendo ampliadas, para Jackson de Figueiredo era essencial que todos tivessem acesso aos princípios religiosos católicos, por isso reconhecia a luta pelo ensino religioso como essencial. Seu desejo se concretizou após sua morte, Figueiredo morreu em 1928²⁸, e em 1931 o ensino religioso retornou para as escolas oficiais como facultativo.

No entanto, a Igreja Católica possibilitou e incentivou a atividade intelectual com o objetivo de fortalecer e ampliar o catolicismo na sociedade brasileira. Jackson

²⁸ No dia 04 de novembro de 1928, Jackson de Figueiredo saiu para pescar, na companhia do seu filho Luíz, que tinha 8 anos de idade, se encontrando com o jardineiro Basílio e com seu amigo, Rômulo, jovem marido da filha de Farias Brito. Por volta das 14 horas, na ponta da Joatinga, Jackson de Figueiredo caiu de cima de uma pedra no mar, e assim perdeu a vida (Fernandes, 1989).

de Figueiredo a partir de inspirações, como a Carta Pastoral de Dom Leme (1916), iniciou um movimento intelectual de congregar outros católicos na causa, com isso, atingiu o campo educacional. A ideia inicial de Figueiredo era de organizar um partido político católico a fim de combater as “desordens revolucionárias”, mas acabou indo por outros caminhos. Por meio da iniciativa de criação da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, foi possível dialogar sobre o ensino religioso na educação. Foi um movimento político que a partir de alianças teve um resultado positivo no início da década de 1930. Intelectuais católicos próximos a Figueiredo, como o próprio Dom Leme e o padre Leonel Franca já escreviam sobre a importância do ensino religioso, mas ainda era preciso unir as forças que estavam isoladas (Oliveira, 2018).

Leonel Franca foi um dos intelectuais católicos que se dedicou a lutar pelo ensino religioso no país, com a aprovação de Dom Leme, apresentou uma redação legal que permitisse o ensino religioso nos currículos educacionais. Em 1931 se reuniu com Francisco Campos, ministro da Educação desde 1930, e foi concretizado o objetivo por meio decreto n. 19.491, assinado por Getúlio Vargas. Vale salientar que foi uma luta constante dos intelectuais católicos, mesmo depois da volta do ensino religioso como facultativo nos currículos, pois era preciso manter uma presença ativa (Oliveira, 2018). Figueiredo costumava consultar Franca para desenvolver seu trabalho no Centro Dom Vital e na revista *A Ordem*:

Meu querido amigo, Padre Leonel Franca. Ao voltar de uma longa e interessantíssima viagem pelos mais remotos sertões paulistas, encontrei sua bondosa carta de 18 do 01 e os seus favores ao Centro D. Vital. Muito obrigado por tudo. Continuo com a minha saúde um pouco alterada, apesar de ter feito muito bem a viagem a que acima me refiro. Não lhe quero falar das dificuldades que vamos vencendo por aqui, em relação A Ordem e ao Centro. São terríveis, mas ainda é quem está a frente dele. Porque a péssima educação que tive e o péssimo temperamento que me cabe dominar, são talvez os piores elementos com que luto [...]. Sei que não são poucas as pessoas que oram por mim, [...] aí me vem a esperança de que você não me abandonará. Oh, pode escrever para A Ordem o que bem lhe parecer. Ela está atrasada, mas vou ver se a ponho em ordem dando três números de uma só vez. O que lhe parecer, já lhe disse. Mas se quiser organizar a serviço bibliográfico de que me fala será excelente [...] (Figueiredo, 1923. In: Arquivo da Província dos jesuítas no Brasil).

Desse modo, é possível notar que a proximidade dos intelectuais católicos gerava um maior resultado. Figueiredo sempre atendia atentamente os conselhos da hierarquia da Igreja, e era reconhecido por eles, conforme podemos ver na décima

primeira edição da revista *A Ordem*, na primeira página, Dom Leme (1922, p. 161) registra que:

A fundação do Centro D. Vital é um acontecimento de grande alcance religioso e social para o Brasil. Pedindo a N. Senhor que abençoe os esforços do Dr. Jackson de Figueiredo, o iniciador dessa obra, aprovamos os seus estatutos. A todos os católicos, principalmente aos que se interessem pela restauração espiritual de nossos intelectuais, recomendamos o Centro D. Vital.

A citação é importante para entendermos o reconhecimento da hierarquia eclesiástica dado a Jackson de Figueiredo como responsável por colocar em prática, por meio da revista *A Ordem* e do Centro, a promoção do catolicismo no meio social. Eram recomendações positivas da Igreja aos católicos. O Centro Dom Vital, criado em 1922, sediado na cidade do Rio de Janeiro, que era o espaço de discussões, tinha a finalidade de cooperar com o movimento católico, e nos seus estatutos registraram a revista *A Ordem* como órgão oficial. Os integrantes ficaram com a responsabilidade de organizar uma biblioteca para fornecer informações de base católica, portanto, unir as publicações e as forças para divulgar o catolicismo, que foram partes de um processo importante para a configuração de políticas públicas para a educação. Os frequentadores do centro eram da elite da capital do país, desse modo representariam a Igreja nos diversos setores da vida social. Segundo Arduini (2014), a fundação do Centro Dom Vital representava um “estoque de possíveis aliados” em determinados posicionamentos dos órgãos públicos para atender aos ensejos da educação.

Os trabalhos do grupo intelectual católico tinham duas frentes de atuação, isto é, divulgavam os escritos católicos tanto entre a elite, quanto buscavam produzir para os trabalhadores da educação e do jornalismo, de modo estratégico para a formação cultural. Estabeleceram debates em torno dos currículos educacionais desde o ensino primário até o ensino superior. Os integrantes do Centro Dom Vital dividiam as tarefas para a divulgação das obras:

O papel de Franca é organizar os fundamentos filosóficos do grupo, enquanto Jackson (e, após sua morte, Amoroso Lima) vão traduzir o que significam estes fundamentos na seleção de quais obras artísticas e literárias merecem o conhecimento e o apoio dos católicos, e quais são aquelas que não merecem. No que diz respeito ao ensino religioso nas escolas públicas, a hierarquia entre os autores é menos visível; os autores que se repetem uns aos outros em seus argumentos e a opção deles é publicar no leque mais aberto possível de órgãos da imprensa para marcar posição (Arduini, 2014, p. 125).

Ao comentar as publicações de Jackson de Figueiredo, Arduini (2014) resume que é demonstrada uma preocupação com várias frentes de atuação, e que não se percebe um foco de atenção. Para complementar a ideia do autor, em especial nas obras que aqui descrevemos como filosóficas católicas, demonstram a finalidade de analisar e comentar obras de outros autores católicos, como Farias Brito e Pascal. Os fundadores do Centro Dom Vital possuem algumas características em comum, como a formação em Direito e práticas ligadas à educação, e por terem nascido praticamente junto com a República no Brasil, se converteram ou reconverteram ao catolicismo.

Sobre a criação do Centro Dom Vital, em maio de 1922, reuniram-se 25 intelectuais católicos para debater acerca da grave situação em que se encontrava o catolicismo se encontrava na vida pública. No que diz respeito a educação, a concorrência entre as escolas católicas e protestantes aumentaram, e o ensino religioso estava distante de ser introduzido nas escolas públicas, por meio das reformas implantadas nas décadas de 20. Foi levantada a questão de que os documentos oficiais da Igreja Católica, como as Encíclicas papais, deveriam ser ensinados e colocados em prática como meio de contribuir para solucionar as agitações sociais do período. A partir da necessidade de organização e ação do grupo católico, foi criado o Centro Dom Vital, tendo Jackson de Figueiredo como presidente, Hamilton Nogueira como vice-presidente, Perilo Gomes como secretário, José Vicente de Souza como tesoureiro, Vilhena de Moraes como bibliotecário e Leonel Franca como assistente eclesiástico. Entre demais colaboradores nas atividades intelectuais do centro, estavam Jonatas Serrano, Nestor Vitor, Tasso da Silveira, Von Acker, Alceu Amoroso Lima, entre outros.

Como visto, entre as queixas apresentadas pelo grupo católico em torno do Centro Dom Vital que começou a se estruturar, foi apontado que além da ausência do ensino religioso nas escolas públicas, a concorrência entre as escolas particulares católicas e protestantes estavam aumentando, e movendo disputas no campo educacional brasileiro. O próprio Jackson de Figueiredo estudou em uma escola protestante. Os colégios particulares confessionais disputavam a educação das novas gerações, pois no contexto, representava a formação da nova elite nacional, por isso, os intelectuais católicos pensavam na educação primária ao ensino superior (Arduini, 2014).

Dentre as estratégias políticas intelectuais católicas no campo educacional brasileiro estava a formação de professores. A formação direcionada para professores católicos passou a ter uma organização maior em 1919, quando foi criada a Liga do Professorado Católico, em São Paulo, por iniciativa do intelectual católico Everardo Backheuser. Não era uma prática comum naquele período reunir professores para estudar, mas passou a ser uma necessidade, pois com a expansão das escolas, era preciso direcionar os professores para o cultivo intelectual católico, e para discutir as propostas da Pedagogia Moderna, e assim, analisar o que poderia ser aproveitado pedagogicamente, e o que deveria ser reprovado. O que tínhamos antes desse período eram livros de catecismo e manuais pedagógicos escritos por intelectuais católicos como parte do material de formação.

Tendo em vista nosso recorte temporal da pesquisa, destacamos a Associação Brasileira de educação, criada em 1924, que embora fosse leiga, contou com a participação de intelectuais católicos, e a criação, em 1928, da Associação de Professores Católicos do Distrito Federal e a Associação Fluminense de Professores Católicos. As associações de professores católicos foram crescendo no país e deram espaço para a criação da Confederação Católica Brasileira de Educação em 1933, que representou em um movimento católico importante na educação, já que se somava as lutas, e atingia um alvo importante, que era o educador, ou seja, o responsável pela educação institucionalizada (Prachum, 2019).

A ideia da Confederação Católica de Educação surgiu a partir de reuniões realizadas no Centro Dom Vital, nas quais foram discutidas a possibilidade de sindicalização do professorado católico. A partir da confederação foi possível defender uma legislação escolar que permitisse expandir os direitos da Igreja e da família, assim como, de aprimorar a formação dos professores católicos de instituições filiadas, de modo a honrar com o catolicismo:

Sentindo-se ameaçadas pelas reformas governamentais, pela importação dos métodos pedagógicos norte-americanos (inspirados pelo “pragmatismo” de Dewey e outros) e pela “infiltração” dos educadores profissionais nos cargos de gestão em todos os níveis do sistema de ensino, as autoridades eclesásticas empenharam-se em defender seus interesses mediante a criação de um circuito de instituições – a Associação dos Professores Católicos, a Revista Brasileira de Pedagogia, entre outras – capazes de fazer frente à concorrência movida pelos educadores profissionais recrutados pelo Estado, cujas pretensões hegemônicas e matérias de doutrina pedagógica tiveram a contrapartida de uma prolixa literatura de proselitismo subsidiada pela Igreja (Miceli, 2001, p. 129).

A formação de professores passou a ser uma estratégia importante para a intelectualidade católica, por isso, investiram na produção editorial para demarcar espaço e poder no campo educacional, frente as propostas pedagógicas laicas que poderiam comprometer a visão de mundo das futuras gerações.

O Centro Dom Vital formou uma biblioteca significativa para auxiliar na Pedagogia católica, com a pretensão de criar um núcleo de educação tendo em vista a formação de professores. Tinham o desejo de fundar uma universidade católica. Foram criadas as Escolas Arcoverde de nível primário sob orientação católica, e o Centro apoiou a organização da Escola Normal Católica:

O Centro Dom Vital cuidou numa de suas sessões mensais, em fins de outubro deste, a criação de uma Escola Normal Católica nesta capital, a fim de que, os centros de educação católica, tenham de futuro, professores capazes de educar, cristãmente, a mocidade que lhe é confiada (Escola..., 1924, p. 250).

O texto produzido possivelmente por um dos redatores da revista *A Ordem*, evidencia que em matéria de ensino, os professores católicos estão sempre à frente, já que: “A experiencia e a prática em educação, a Igreja tem de sobra” (Escola..., 1924, p. 250). A missão do Centro Dom Vital era de recatolicização, e a educação era um meio fundamental, por isso a ideia de criar uma escola normal especificamente católica: “Mas a nossa Escola Normal terá de ser urna Escola Normal Católica. É mister, portanto, que as nessas alunas recebam uma educação católica e aprendam a ensinar o curso primário da religião católica (Escola..., 1924, p. 251).

E continua explicando que a orientação seria de que todas as matérias do curso geral tivessem o ensinamento religioso como ponto de partida: “Quero dizer que se todas as matérias do curso geral podem e devem partir do ensinamento religioso, a base indispensável da educação moral e da educação cívica” (Escola..., 1924, p. 251). O argumento era pautado na importância da formação dos professores com base no *habitus* desejado pelos católicos, para levar a diante o plano de recatolicização da sociedade. Assim, mesmo que não tivesse ensino religioso, todas as aulas levariam em consideração o plano católico: “Cada uma das aulas do curso geral é, portanto, uma aula de religião” (Escola..., 1924, p. 251). Fica visível a intenção de fornecer uma formação intelectual aos professores voltada para a doutrina filosófica católica, trabalhada no Centro Dom Vital. Desse modo, o esforço empreendido pelos intelectuais em investir nos professores para atuar na formação

inicial estava pautado no viés ideológico do catolicismo, que era um interesse da Igreja, de se fazer presente na educação das futuras gerações.

Jackson de Figueiredo demonstra apoio ao governo para reformar a constituição de 1891, e inclusive defendia, juntamente com os membros do Centro Dom Vital, as emendas católicas. Na revista *A Ordem*, em 1925, é transcrito um texto de Figueiredo, publicado praticamente no mesmo período na *Gazeta de Notícias*, intitulado “Um artigo para A Ordem”, no qual escreve sobre a interpretação do grupo acerca da reforma constitucional. Não mede palavras para expor os argumentos para a aceitação das emendas católicas por parte do governo, deixando evidente as consequências se optarem por desinteresse das questões apresentadas:

Se o que vier a verificar-se for o desinteresse, que já se vai murmurando como palavra de ordem, ficará bem claro o seguinte:

1º— que a Igreja, tal como sempre dissemos, jamais merecerá apoio sincero de governo a quem ela não dê apoio direto, visto, reconhecido, exposto a todos os riscos e perigos próprios da vida política (Figueiredo, 1925d, p. 166).

Após a transcrição, são feitos mais alguns comentários a respeito do resultado de insucesso, devido as emendas terem caído, e são transcritas cartas de agradecimento enviadas pelo Centro Dom Vital aos deputados que prestaram apoio ao grupo, como Plínio Marques e Joaquim Sales. Uma das emendas era a proposta de ensino religioso nas escolas no contraturno. A proposta previa o entendimento prévio com pais de diferentes confissões religiosas, não somente do catolicismo, e mesmo assim foi rejeitada, desse modo, acusam o Estado de ser ateu e não laico, já que neutralidade não existe diante das posições que se assumem.

A respeito do pensamento de Jackson de Figueiredo sobre a democracia, Simões (2005) explica que a ideia de o povo poder votar sobre questões de interesse geral, não era bem-vista por ele, por julgar que o povo não teria condições de tomar boas decisões. As decisões importantes estariam reservadas para a elite, por intelectuais representantes do povo, pois na visão do autor, seriam mais capacitados e responsáveis para pensar nas soluções dos problemas sociais. Para Figueiredo, a democracia era equivalente ao que chamou de “revolução-do-menos”, que diferenciou da “revolução-do-mais”.

A “revolução-do-menos” está lidada a desordem desencadeada pelo liberalismo devido a sua forma errônea de conceber a liberdade. Seria uma revolução negativa, que fazia parte do movimento armado, contra uma ordem já instaurada. Tal

tipo de revolução possibilitaria a criação de más orientações, as quais poderiam gerar revoltas contra as leis, sejam elas das leis da natureza ou divina. Logo, a “revolução-do-mais” é entendida como positiva por representar relações com a Igreja Católica e suas ações. A “revolução-do-mais” tinha como tarefa superar a “revolução-do-menos”, representava a união dos cidadãos católicos para defender as verdades da Igreja (Simões, 2005).

Para Figueiredo, era primordial eliminar os males sociais que enfraqueciam a fé e isso poderia ser feito por meio da educação, no sentido de uma ação de “purificação moral”. O autor reconhecia o poder da educação como uma arma de combate:

Não é isto a prova de que a educação, a educação repito, precisa passar neste país, não por mais uma reforma, mas por uma depuração? De alto a baixo não é ainda ela um instrumento de revolução, uma arma de combate às crenças tradicionais do nosso povo? Porque só mesmo um povo em que se tenha enfraquecido a verdadeira fé pode ser vítima do temor de tantos fantasmas, deixar-se dominar pelos truques de um espiritismo político tão grosseiro como o que aqui vemos ostentando-se com menosprezo das nossas leis (Figueiredo, 1922a, p. 205).

A educação para Jackson de Figueiredo estava embasada na ideia de um direito natural da Igreja Católica em conduzir os valores da nação, tendo em vista que instituição sempre esteve presente e ativa no desenvolvimento do país. Por esse motivo defendia que o ensino público deveria servir à Igreja, portanto, não havia como separar a instrução pública da educação religiosa. Era o início de um combate no campo educacional brasileiro, uma vez que o ideal republicano defendia a laicização do ensino público. Ao discutir a vida política de Jackson de Figueiredo, sua filha Cléa Figueiredo Fernandes registra que:

Na sua época ele pregou em primeiro lugar educação, e educação religiosa, como medidas eficazes no ensino e na conduta moral; não achava a alfabetização pura e simples, medida eficaz para formar um cidadão para prática do trabalho e opções conscientes, e obter uma sobrevivência digna. Era preciso muito mais com esforços conjuntos de Governo, Igreja, classe empresarial, etc. (Fernandes, 1989, p. 485).

A educação para Jackson de Figueiredo ultrapassava questões pedagógicas, e estava diretamente ligada à sua visão de mundo hierarquizada. Desse modo, o autor diferenciava os modelos de educação direcionados à elite e ao povo. Para Figueiredo, a educação da elite era muito importante para a construção do nacionalismo, portanto,

dela dependiam os rumos na nação. Com o engajamento ao catolicismo, Figueiredo tomou para si a missão de tirar o país do que entendia ser a desordem, e para que isso fosse possível era importante trabalhar na educação dos representantes do país, para que depois estes pudessem pensar na educação do povo (Simões, 2005). Em um discurso pronunciado aos concluintes da Faculdade de Filosofia de São Paulo, no ano de 1925, é possível verificar que Figueiredo mostrava preocupação com a educação das futuras gerações:

Eu nada mais sou – bem o sei – eu nada mais sou que um simples soldado – talvez mesmo o menos armado para a luta, mas a quem coube a missão de não cessar um momento de repetir, de gritar a todos os pontos cardeais de nossa vida: é esta a hora de vencer ou morrer, é esta a hora em que o Brasil tem que se definir como nação. [...] Ficai certos que a vossa influência na formação intelectual das futuras gerações brasileiras será bem maior do que à primeira vista poderá parecer, dado o vosso pequeno número, e a multidão que diante de vós representa o partido da indistinção, da indisciplina, do mistifório e da leviandade (Figueiredo, 1977, p. 77;88).

Uma das medidas estratégicas de Jackson de Figueiredo foi apresentar a proposta do ensino superior de orientação católica, no Rio de Janeiro, por meio do Centro D. Vital na década de 1920, embora de fato o mesmo só tenha se concretizado anos mais tarde, tal fato que mostra a sua preocupação com a formação de uma elite intelectual católica bem consolidada (Sacardo, 2008). Em contrapartida, a educação para as camadas populares, se ofertada da maneira como ele acreditava, serviria como uma blindagem para influências anticatólicas. Desse modo, o principal foco não estaria em superar o analfabetismo e elevar o conhecimento da população, mas sim em manter os costumes católicos:

A força mais útil da educação, sendo, não resta dúvida, o hábito ou o costume, o que há de fazer é educar a criança em são princípios de moralidade e habitua-la a amar os seus antepassados, não os apresentados em páginas de romance realista, mas nas suas virtudes, nimbadas de poesias histórica, o que não é, de modo algum, dar-lhe o hábito da mentira (Figueiredo, 1977, p.111).

Haveria ao menos um ponto em comum que serviria tanto para a educação da elite, quanto para a educação do povo, a saber, o reconhecimento do papel da Igreja como maior educadora. Para a elite seria importante tal reconhecimento para que tivesse a consciência dessa missão, e assim impulsionasse o progresso intelectual, moral e religioso. Para o povo era importante seguir os princípios religiosos

e morais, para o convívio em sociedade de maneira mais harmônica. Alfabetizar e passar outros conhecimentos científicos estavam em segundo plano, sendo que o primordial era educar moralmente.

No seu livro *A reação do bom senso*, Figueiredo (1922a, p. 179) explicou que a educação era uma construção histórica e natural, e a nossa teve suas bases no catolicismo, por isso: “não se deve distinguir uma nação pela raça e sim pelo caráter, formação natural e histórica, em que a raça entra somente como um elemento de muito menor valor que a educação.” Nossa educação era católica por natureza e os homens eram seres essencialmente políticos, pois toda nação tinha uma personalidade política para a organização social e o exercício da cidadania. Para isso, o autor sugere uma educação para a coragem cívica.

Jackson de Figueiredo não tratou especificamente de educação nos seus livros, o assunto perpassava seus escritos, em especial em *A reação do bom senso* (1922) e em *A columna de fogo* (1925b) quando trata da educação política, uma educação que em termos não seria neutra, pois por meio dela poderíamos nos reerguer como nação: “Não, não estará tão fundamentalmente perdido o caráter brasileiro. É a superfície dele, a parte que cabia a educação orientar e moldar [...]”. (Figueiredo, 1925b, p. 118). Jackson de Figueiredo trabalhava pela educação política como intelectual escritor para a formação da identidade nacional: “Inaugurou -se no Brasil a luta contra o espírito mesmo da Revolução, contra a sistemática apologia do ódio e da violência como processo de educação política, como idealidade civilizadora” (Figueiredo, 1925b, p. 58-59).

Na visão de Figueiredo (1925b), o Estado estava atrasando a educação no país, o que era perceptível na evolução do bom senso, pois para ele tudo passava pela educação: “Tudo isto devemos a nossa educação ou a nossa falta de educação.” (Figueiredo, 1925b, p. 216). O país teria regredido quando separam a educação do catolicismo, quando para o autor não poderia separar:

Mas, senhores, o que há a responder primeiramente já o disse uma vez é porque, povo cristão, a educação resultou assim entre nós, e ainda mais difícil de conceber é a falta de educação em um povo criado no seio da Igreja Católica, quando desta, sem em nada a diminuir, mas sem esgotar lhe o conceito, se pode dizer que é o mais perfeito sistema de educação que se conhece (Figueiredo, 1925b, p. 217).

Para o autor, a Igreja Católica era o sistema de educação mais perfeito, e não poderia se desvincular, porque a separação da educação com a Igreja representava a origem do mal na sociedade. Para Figueiredo (1921, p. 1) era necessário “dar a educação caráter de uniformidade moral – único capaz de assegurar uma vida social menos agitada”, ou seja, a educação como um norte que determinaria o futuro da sociedade, segundo ele, uma sociedade mais organizada. O autor chamava atenção em relação as leituras que considerava imorais, para que a sociedade tivesse consciência de que poderiam levar “para o mau caminho”:

Se os palatinos da campanha em prol da educação nacional, não fizerem simultaneamente, uma outra, e não menos vigorosa, contra o livro imoral, o jornalismo pornográfico etc., não fazem outra coisa a meu ver, se não, castelos de areia ao alcance das ondas (Figueiredo, 1921, p. 1).

Este trecho faz parte de um artigo que escreveu em *O Jornal* em 1921, com o título: *Leitura imoral e educação*, no qual foi motivado por uma situação que presenciou no bonde, quando viu uma adolescente ler um livro de romance que segundo ele, seria impróprio e imoral – *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. O livro de romance, segundo Figueiredo, poderia incentivar que uma jovem como aquela se apaixonasse pelo primo, visto como algo possível e natural na literatura considerada por ele como imoral. Era preciso ter atenção com o que as crianças e adolescentes estariam lendo.

Na *Gazeta de Notícias*, Figueiredo (1927) transcreveu e comentou sobre uma carta que recebeu de um professor de Filosofia católico brasileiro residente nos Estados Unidos. O professor escreveu sobre as leituras observadas na educação do Brasil e dos Estados Unidos, e registra que as variadas orientações filosóficas trabalhadas na década de 1920 estavam se mostrando cada vez mais ameaçadoras para as futuras gerações, e que se nada fosse feito, a sociedade caminharia rumo ao ateísmo e a imoralidade. Que era preciso urgentemente organizar um sistema de ensino católico desde o ensino das primeiras letras à universidade, pois os católicos em sua maioria estavam aprendendo a respeito de tudo, menos sobre ser católico. Após a transcrição de trechos da carta, Figueiredo (1927, p. 2) diz que: “quase não tenho coragem de arriscar um comentário”, e que concordava com o professor católico, na sequência citou o importante trabalho intelectual iniciado por Dom Leme no Brasil, e citou trechos da *Carta Pastoral* de 1916, de modo a ressaltar que a

situação só não estava pior porque ainda existiam esforços de alguns poucos intelectuais católicos.

Havia a preocupação com a modernidade que se estendia ao campo educacional, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Para ilustrar as impressões e o ideal católico de Jackson de Figueiredo sobre as novas propostas para a educação a partir da Escola Nova, Sacardo (2008, p. 115) construiu um quadro comparativo:

Quadro 5 – Jackson de Figueiredo e a Escola Nova

Proposta educacional escolanovista	Proposta educacional de Jackson de Figueiredo
O futuro da nação dependia do progresso material e da elevação cultural da sua população.	O futuro da nação dependia do resgate da tradição católica e da elevação religiosa da população.
Adaptação da educação às transformações sociais.	Reação da educação à modernidade.
Cooperação, solidariedade e superação dos interesses de classe como finalidades da educação.	Autoritarismo, reação ao liberalismo e defesa da hierarquia social como finalidade da educação.
Colaboração entre escola, família e Estado – o Estado como principal responsável pela educação.	Sobreposição da Igreja Católica e da família Católica ao Estado – a Igreja como detentora natural do monopólio da educação.
Educação laica	Educação religiosa
Obrigatoriedade da educação – Educação para todos. A proposta de universalização da alfabetização partia da convicção de que todos os indivíduos possuíam direito natural à escola.	Educação Religiosa. Educação católica em oposição à educação laica. Preferência pela ignorância à educação laica - ausência de um projeto de combate ao analfabetismo.
Defesa da ciência	Defesa dos dogmas católicos
Ideais da democracia	Ideais da monarquia
Aprendizado centrado no aluno	Aprendizado centrado no professor e nos manuais
Educação como direito	Educação como imposição
Desenvolvimento das aptidões naturais do educando – educação como liberdade.	Domínio dos espíritos rebeldes – educação como forma de controle.
Método de ensino baseado no interesse do educando e no desenvolvimento de atividades livres, em grupos e de expressão corporal.	Método baseado na repetição, respeito à hierarquia, submissão à dura disciplina e aplicação de castigos físicos.

Fonte: SACARDO, V. A. **Autoridade acima de tudo**: O pensamento geográfico de Jackson de Figueiredo. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

A visão católica de educação identificada em Jackson de Figueiredo é compreendida a partir do contexto histórico, social e cultural descritos, presente na sua postura intelectual que defendia a primazia da ordem, a partir de um modelo tradicional pedagógico pautado nos princípios religiosos. A Escola Nova apresentava propostas que seriam contrárias à sua concepção de educação.

A partir das leituras empreendidas na revisão de literatura, entendemos que a congregação de intelectuais católicos iniciada por Jackson de Figueiredo, com ajuda

de Dom Leme teria sido um movimento em prol da educação, como pensamento de formação humana. Ao organizar um grupo em torno da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, Jackson de Figueiredo trabalhava sua concepção de educação, na medida em que objetivava consolidar a formação de uma elite intelectual representante da Igreja Católica no país, que perpassaria os diversos campos sociais. Notamos que o público da revista *A Ordem* era voltado para discussões entre intelectuais, ou seja, a elite pensante.

Ao formar um grupo de intelectuais católicos, seria mais fácil de pensar na organização do sistema educacional, a partir dos princípios que defendiam, e de qual educação a ser priorizada. Só assim, teriam mais espaço no campo político e mais força para lutar e ocupar espaço nos outros campos sociais, representava um primeiro passo, que foi seguido por seus sucessores, como é o caso de Alceu Amoroso Lima, que entre outros intelectuais católicos contribuíram com a renovação da Pedagogia católica²⁹ no país, em meio ao contexto de modernização. Por mais que as ideias defendidas tivessem mudado, conforme notamos, foi com Jackson de Figueiredo que o movimento católico ganhou forma e força para lutar nos campos político e educacional.

A escrita como ferramenta do trabalho intelectual foi um móvel de luta, pois Jackson de Figueiredo disseminava suas produções de forma a atingir o espaço que detém contundente poder de decisão e de organização sociocultural, a saber, o político; tendo em vista que: “As lutas políticas envolvem disputas intelectuais, princípios de visão e de divisão” (Bourdieu, 2021, p. 206). Desse modo, no campo político disputa-se a imposição legítima dos princípios de organização da vida social e cultural. Portanto, verifica-se que os intelectuais, assim como Figueiredo, ligados diretamente ao campo político ou não, tem seus meios estratégicos de intervenção para alcançar seus objetivos.

²⁹ Ver tese de Oriomar Skalinski Junior (2014).

Capítulo 3

Jackson de Figueiredo: editor da revista *A Ordem*

O objetivo específico do presente capítulo é identificar a concepção de educação presente na revista *A Ordem*, no período em que Jackson de Figueiredo foi editor (1921-1928). Para tanto, será destacado seu trabalho de edição, de modo a ressaltar como organizava a configuração da revista, tendo em vista o contexto de sua criação, os seus apoiadores, os seus leitores e as características marcantes do período analisado (1921-1928) para então fazer uma análise do que os católicos defendiam para a educação.

Focamos nas marcas das mãos do editor, Jackson de Figueiredo na revista *A Ordem* e destacamos outros portadores do discurso que integravam seu trabalho, de modo a mostrar quais os limites do editor. Em seguida, apresentamos a análise sobre o que encontramos relacionado ao assunto da educação para a formação humana nas páginas da revista. Foram organizadas categorias que se sobressaíram na leitura, por proximidade de assunto, as quais são: educação religiosa, educação moral, educação intelectual e educação cívica.

Para escrever o item 3.3, foi realizada uma leitura da revista *A Ordem* e selecionados textos e trechos que tratam do assunto referente a educação, de modo a verificar o que estava sendo escrito e divulgado. Desse modo, podemos notar a frequência com que escreviam sobre a educação, bem como, o que era defendido por esses intelectuais católicos naquele contexto histórico.

3.1 A configuração d'*A Ordem*

A criação da revista *A Ordem* emerge de um contexto privilegiado de debates acerca de questões consideradas centrais para o laicato e para a hierarquia da Igreja Católica no Brasil. Rodrigues (2021) destaca que o Brasil passava por uma crise que se configurava no binômio liberalismo e democracia, assim como a expansão de ideias socialistas. Desse modo, a revista transitava no cenário entreguerras, de modo a promover discussões articuladas entre a religião e a política. Os intelectuais católicos estavam rumo a um projeto coletivo bem definido de intervenção social e cultural. Dois projetos estavam em cena:

De um lado, havia o desejo da figura eclesiástica mais importante do período, o então arcebispo coadjutor Sebastião Leme, de arregimentar um batalhão de escritores para a defesa dos pontos de vista da Igreja Católica no Brasil. De outro lado, Figueiredo desejava fazer da revista a trincheira de defesa de um nacionalismo que reafirmasse nossa tradição católica e pacífica e justificasse a condenação irrestrita de todas as revoltas sociais e do modernismo literário (Arduini, 2012, p. 41-70).

Os projetos ocorriam em outros países, de forma a formular e divulgar um pensamento religioso católico, a partir das diretrizes do Vaticano. No início do século XX é possível notar uma retomada da “filosofia do espírito”, ou seja, com foco no antimaterialismo, trazendo o neotomismo para o cenário brasileiro. Jackson de Figueiredo liderou intelectuais católicos ligados à revista *A Ordem* e ao Centro Dom Vital de modo a defender as tradições nacionais, tendo o catolicismo como eixo norteador dos portadores do discurso (Rodrigues, 2021).

Nesse quadro é importante mencionar o processo de romanização da Igreja no país, movimento que centralizava o poder em Roma de modo a determinar os parâmetros a serem seguidos no interior da Igreja Católica. Desse modo, a Sé exercia influência por meio de nomeações episcopais, pois os bispos eram os representantes mais importantes da Igreja no país. Podemos afirmar que Roma deu a direção do desenvolvimento da Igreja Católica no Brasil na República (Bandeira, 2000).

A revista *A Ordem* representava um *locus* privilegiado do discurso católico, a partir de uma base de produção, circulação e aceitação da Igreja vindas da Europa, principalmente com a contribuição de autores franceses, os quais fizeram parte da formação do pensamento católico no Brasil. Entre os nomes que podemos citar como os mestres de Jackson de Figueiredo estão: Joseph de Maistre, Henri Massis, Auguste Viatte, Charles Maurras e Louis Veullot, cujas citações estavam sempre presentes na revista *A Ordem* (Villaça, 2006).

Jackson de Figueiredo tinha particularidades que o diferenciavam em relação aos demais intelectuais devido à sua forma de defesa da nacionalidade e de pensar a organização social, representadas por meio da sua visão caracterizada como autoritária, de negação à sociedade democrática liberal e de defesa da construção de uma monarquia cristã (Figueiredo, 1922a). Por isso trabalhamos com a questão da mente do autor, e com as mãos do editor, porque Jackson de Figueiredo era, ao mesmo tempo, um escritor e editor que costumava expor seus pensamentos e estimular a reflexão do seu leitor, e um homem de ação, que nos permite, aos poucos, entender seu trabalho como intelectual católico.

No período em que a Igreja Católica intensifica sua política de ampliar sua influência na sociedade, abre espaço para atuação de intelectuais leigos, cenário no qual Figueiredo ganhou notoriedade, a partir do seu trabalho na revista *A Ordem* e no Centro Dom Vital, e tornou-se um expoente. Representou uma postura de fundo conservador³⁰ europeu, com base especialmente nos autores Joseph de Maistre e De Bonald, que eram portadores do discurso intelectual católico da aristocracia francesa, e defendiam a ordem religiosa sobre as demais (política, cultural etc.) para manutenção e estabilidade social. Com esse mesmo propósito foi marcada a trajetória de Jackson de Figueiredo como intelectual católico que buscava combater o liberalismo, o socialismo e a ideia de revolução, e daí surgiu o nome que escolheu para a revista, *A Ordem* (Rodrigues, 2021).

Dom Leme já apontava na carta pastoral de 1916 para a necessidade de organização intelectual leiga como movimento significativo de força social católica. O projeto de criação da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital representaram novos tempos para a Igreja no país. O primeiro passo seria converter/reconverter ou ainda estimular um engajamento ao catolicismo para a elite, para posteriormente difundir o catolicismo em massa. Acreditamos que a ideia de criar um veículo de informação católica tenha vindo de conversas estabelecidas entre Jackson de Figueiredo e Dom Leme, tendo conseguido assim uma aprovação prévia para a criação da revista, tanto é que o arcebispo foi nomeado coadjutor da *A Ordem*.

Em março de 1921, Jackson de Figueiredo escreveu uma carta à Afrânio Peixoto na qual comentou a necessidade de um veículo de comunicação próprio e urgente para defender suas ideias. Relatava que não estava suportando tantas situações de injustiça, e que os jornais limitavam os autores para escreverem o que seria preciso, frente ao momento político efervescente em que viviam, e a questão da religião era um assunto muito discutido. Figueiredo queria ter voz:

E eu sem nada poder fazer nesta vida, sem a grande arma, a única que um católico precisa ter neste momento do mundo – um jornal! E será possível que eu morra sem conseguir empunhá-la, alguns meses pelo menos? Deus não me negará este prazer, este amargo prazer de criar mais alguns inimigos (Figueiredo, 1921a, p. 388).

³⁰ Conservador católico é caracterizado por defender os valores tradicionais cristãos para a manutenção da ordem social e cultural de modo ordenado e duradouro com base nos preceitos da Igreja, sendo resistente ao progresso, transformações ou reformas (Codato, 2004).

Como a ideia de um jornal seria mais problemática devido aos embates ideológicos, a ideia de uma revista seria a melhor opção. Juntamente com contatos de escritores católicos que tinha, Hamilton Nogueira³¹, Perilo Gomes³², e Durval de Moraes³³, fundaram a revista católica brasileira *A Ordem*. Nogueira (1976, p. 140) relatou que:

Jackson convidou um pequeno grupo para encontrar-se com ele no Café Gaúcho, situado na Rua Rodrigo Silva, esquina da Rua de São José. Lá chegamos à hora marcada, numa noite desse mês; além de Jackson, estavam presentes Perilo Gomes, Durval de Moraes, José Vicente e eu. Disse então nosso amigo: <<Não é possível trabalharmos para a Igreja se não dispusermos de um jornal para expormos as nossas ideias.>> Não tínhamos capital. Ele então sugeriu que cada um de nós concorresse mensalmente, com uma pequena quantia. Estava assim lançada *A Ordem*.

Nogueira (1976) explicou que Figueiredo pediu para ele um artigo em dois dias, e a reunião realizada no Café Gaúcho aconteceu no mesmo mês em que a revista foi fundada, em agosto de 1921. Ele entregou o artigo, conforme combinado, Figueiredo leu e disse: “O artigo está bom, mas o português não” (Nogueira, 1976, p. 140). E assim teria sido a estreia de Hamilton Nogueira como escritor na revista *A Ordem*, e de Jackson de Figueiredo como editor. Como podemos ver, Figueiredo teria um olhar rigoroso quanto aos textos que seriam publicados.

Hamilton Nogueira (1976) ressaltou que foram bem aceitos nos meios católicos, e receberam uma aprovação bem positiva de vários bispos do Brasil. Como vimos no primeiro capítulo, Figueiredo tinha contato com Dom Leme e logo na primeira edição da revista anunciou que o arcebispo seria o coadjutor *d’A Ordem*. Nas primeiras edições da revista é possível notar com frequência trechos da Carta Pastoral de Olinda (1916) escrita por Dom Leme, que tanto inspiravam Jackson de Figueiredo.

A revista *A Ordem* sob a direção e edição de Jackson de Figueiredo teve o total de 64 números publicados, de forma sequencial, no período de agosto de 1921 à agosto de 1928. Foram 7 anos consecutivos dele como editor. Teve Perilo Gomes como redator desde a fundação da revista, tendo continuado quando Alceu Amoroso Lima assumiu a direção em 1928, trazendo algumas mudanças na configuração. As

³¹ Professor e médico fluminense, que nasceu em 1897 e morreu em 1981.

³² Alagoano, que nasceu em 1926 e morreu em 1952.

³³ Diplomado em Química e Farmácia. Exerceu cargos públicos. Nasceu em 1882 e morreu em 1948. (Coutinho; Souza, 2001).

edições iniciaram com publicações mensais, no entanto, ao longo do tempo sofreram algumas modificações. Passaram a sair com 2 ou três números na mesma edição. Os números agrupados fazem parte de uma edição, cujo processo de desenvolvimento gerou diversas tiragens da revista. Cada número correspondia a um mês de atividade desenvolvido na revista. É importante mencionar que no período em que realizamos a busca das fontes, os números 34, 35 e 36 de 1924 e o número 50 de 1926 não foram encontrados no site do Centro Dom Vital, onde estão disponíveis as demais edições da revista. As edições as vezes demoravam até 3 meses para sair, mas saíam com os números correspondentes aos meses atrasados na mesma tiragem, conforme podemos observar no quadro a seguir, variando assim o número de publicações ao longo de um ano:

Quadro 6 – Variações nas publicações durante cada ano em que Figueiredo foi editor

Ano	Números publicados	Total de edições
1921	1 a 5	5
1922	6 a 17	11
1923	18 a 29	6
1924	30 a 38	5, 6 ou 7 ³⁴
1925	39 a 48	8
1926	49 a 52	4
1927	53 a 56	4
1928	57 a 64	5

Fonte: A autora.

³⁴ Porque faltam os números 34, 35 e 36 no site do Centro Dom Vital, onde coletamos as fontes, e não sabemos se saíram em 3, 2 ou 1 única edição.

Figura 21 – Jackson de Figueiredo com Perilo Gomes



Fonte: AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 228.

A edição de uma revista envolve um processo de organização e definição dos conteúdos abordados, um planejamento visual e uma diagramação. O editor moderno surgiu no final século XVIII, na França, Inglaterra e Alemanha, em um contexto de notável aumento demográfico e da escolarização. É o mediador entre os autores e o público consumidor no jogo cultural. Suas aptidões vão além da capacidade técnica, o editor é uma personagem dotada de capital social e cultural para atuar no meio literário. Por isso discutiremos os portadores do discurso que trabalhavam com o editor da revista católica, Jackson de Figueiredo (Durand; Glinoer, 2005).

O editor tem um papel social relevante desenvolvido no sistema de produção de um livro, ou revista, como no caso *d'A Ordem*. O nome do editor confere uma autoridade somada ao nome dos autores. É como uma marca, a autoria passa pelas mãos do editor para a finalização do produto a ser propagado. O material finalizado tem sua assinatura, seu papel de revisor perpassa desde planejamento visual até os valores morais intrínsecos no conteúdo dos diferentes autores a serem divulgados, tendo em vista uma proposta/projeto maior, como no caso da revista *A Ordem*, que tinha em vista a defesa do catolicismo como intervenção social e cultural. O editor é

um autor de autores cuja “[...] função autoral e função editorial emergem conjuntamente, correlativamente, como o verso e o reverso de uma mesma moeda, dois atores de uma mesma peça, dois componentes de uma mesma estrutura” (Durand; Glinoer, 2005, p. 22). O trabalho do autor e do editor são indissociáveis e precisam estar em harmonia para atingir seu público consumidor.

Os leitores da revista *A Ordem* colaboravam com doações para que o trabalho fosse mantido, e eram lembrados em uma coluna especial para o agradecimento, entre as últimas páginas. Eram citados os nomes dos colaboradores e os valores que doaram. É possível notar a frequente colaboração de padres e bispos, e de nomes de doutores nessa coluna. Assim, identificamos como leitores da revista especialmente os católicos letrados. Quando a revista surgiu, era vendida por 500 reis avulsa ou 5 mil reis pela assinatura anual. Contavam com doações dos leitores. O preço da revista foi mantido no primeiro ano, e a partir do número 14 dobraram o valor para mil reis avulsa e 8 mil reis a assinatura anual. O valor teria aumentado por motivo de uma grande reforma material. Na décima edição da revista, declararam ter recebido 805 mil reis de doação. As primeiras edições, até a de número 13, tinham 16 páginas. A partir do número 14 o número de páginas dobrou nas próximas edições, devido ao agrupamento de mais de um mês na mesma edição, pois demoravam um pouco mais para ser publicada. No entanto, é possível notar uma variação no número de páginas em termos de conteúdos e nos valores da revista avulsa e da assinatura anual ao longo dos 7 anos analisados (1921-1928).

As primeiras edições *d'A Ordem* eram organizadas em 3 colunas de textos por página, e depois passaram para 2 colunas, ainda parecido com modelo de jornal, comum em relação a outras revistas da época, o que a difere é que algumas revistas tinham capas e *A Ordem* iniciava com conteúdo logo na primeira página. Com pouquíssimas imagens e textos em sequencias com letras pequenas, conforme podemos observar na primeira página da revista na Figura 22. Os conteúdos, durante o período analisado, buscavam aproximar o leitor da doutrina católica, de modo a incutir uma formação religiosa ao fazer relações de vários temas com o catolicismo. Um dos temas que mais se destacavam era referente a posição política adequada a ser assumida pelos católicos.

Figura 22 – Primeira página publicada da revista A Ordem

ANNO I — 1921 B C — FIC DOAÇÃO UNIVERSIDADE CATOLICA BIBLIOTECA N.º 1 — AGOSTO

ASSIGNATURA 12 numeros . 5\$000 rs.

RED. SECRETARIO PERILLO GOMES DIRECTOR JACKSON DE FIGUEIREDO

N.º avulso — 500 reis

Toda a correspondência deve ser dirigida para RUA RODRIGO SILVA, 7 Rio de Janeiro

A Ordem

NOSSO PROGRAMMA

Esta modestissima revista, desejando ter um lugar entre as publicações mais radicadas á doutrina da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não aspira, entretanto, a ser official ou officiosamente a palavra da autoridade catholica na mais importante das Archidioceses brasileiras.

Tudo quanto fôr aqui publicado é da exclusiva responsabilidade de seus redactores, a quem, unicamente, deverá ser imputado pelos inimigos da Igreja, tudo quanto lhes parecer dureza ou offensa em nossa maneira de doutrinar ou de combater os seus erros. Outros também que unicamente a nós deverão dirigir reparos ou apodos são os proprios catholicos que, em grande maioria, adoptaram, no Brazil, todas as subtilidades do mais nefando espirito accomodaticio, de que tem resultado que sejamos, desde os tempos da monarchia, uma irrisão politica e social aos nossos proprios olhos, a mais triste, a mais lastimavel e inefficiente das forças militantes na historia contemporanea de nossa patria.

Nós, que com sacrificio real emprehendemos esta cruzada, estamos, esperamos em Deus, bem preparados, para as injustiças que nos venham dos dois lados.

Queremos dizer a verdade e quando, em tributo á nossa misera humanidade, incidirmos em erro, uma parte pelo menos temos fé que se salvará dessa mesma verdade: o seu caracter subjectivo, a nossa sinceridade, a convicção com que nos abalançamos a exercer a critica em qualquer sentido.

Do que já temos dito bem se pode inferir que esta revista não

trará somente ao nosso meio social a pagina de serena apologia ou de documentada defesa do nosso credo religioso. Ella será também de combate aos erros do momento — erros que nem só os inimigos da Igreja commettem — e de applauso ás conquistas reaes da acção social e politica do Catholicismo no seio da nação brasileira.

Aqui estamos convictos, de que o mal que mais fundamente fere a nossa sociedade no regimen republicano, que o Conselheiro Ruy Barbosa vem de declarar á borda do tradicional abysmo, não é esta ou aquella doutrina mais, que parece influir nos nossos destinos, não é este ou aquelle grupinho de ambiciosos que nos exploram, este ou aquelle artigo bem ou mal interpretado da constituição politica que adoptamos — adoptamos, dizemos, e não creamos, como fôra de desejar.

O mal vem de mais longe e é o que se pode denominar de horror á luta, de horror ás posições definidas, de horror a todo e qualquer sacrificio do bem estar material no altar de qualquer idéa ou crença, por mais amada que seja.

Esquecida a sorte daquelles miseraveis que invejam todo e qualquer outro destino, que não o seu, no Inferno do Dante, a maioria absoluta da nação brasileira, mesmo encarrada no quadro das suas elites, nada mais quer que viver, sem attrahir jámais nem merecido louvor nem censura infamadoras.

Deseja-se viver — eis tudo — não importa quase se bem ou mal com a propria consciencia. Povô intelligente, encontra sempre meio de justificar-se ante si mesmo.

E foi desta forma que chegamos ate o pandemion actual em que, no seio de uma nação de trinta mi-

A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma creatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originaria das fermentações do lodo da terra.

L. Vuilliot.

lhões de individuos, não ha um só partido, uma só organização politica em derredór de uma idéa religiosa, em derredór mesmo de qualquer idéa menos elevado, mas que constituísse uma finalidade aos nossos esforços, servindo de força reguladora, harmonisadora de todos os progressos materiaes; que circumstancias especiaes da vida economica universal têm permittido que surjam entre nós, mesmo em meio de tanta desordem.

E foi desta forma que vimos cahir, tão merecida quanto destruidosamente, um throno de quase cem annos — onde meio seculo se sentara a honestidade, a bondade mesma, que nada mais tentava fazer de grande e de notavel do que enviar commendas a Renan ou confessar timidez a Victor Hugo... elle, o pobre velho, elle, no entanto, o chefe de um Estado em que a Religião Catholica era a religião official...

E foi assim que quase sem um protesto vimos separar-se a Igreja do Estado, quando o paiz adoptava as mais radicaes reformas democraticas e a maioria absoluta dos seus cidadãos era, como ainda é, catholica.

E é assim que temos assistido quase indifferentemente, nestes trinta annos de republica, os maiores attentados em materia de educação

De modo geral, o objetivo da revista, no período em que Figueiredo foi editor, foi de divulgar concepções teológicas, filosóficas, pedagógicas e políticas católicas. Em todas as edições são recomendadas bibliografias, para divulgar a literatura católica. A revista era organizada com uma sequência de artigos, poucas vezes traziam imagens, e muitas vezes apresentavam contos e poesias. Era comum a transcrição de artigos que consideravam bons, e o comentário de textos que poderiam rebater com argumentos religiosos católicos. Nesse último caso, constatamos na análise da revista, que além de apontar as heresias, citava os hereges para corrigi-los, especialmente os inimigos externos como maçons e espíritas, na maioria das vezes, e em outras vezes alguns autores que se diziam católicos, mas que iam contra os ensinamentos da Igreja, segundo a visão propagada pela *A Ordem*. Esses exemplos estão presentes no item 3.3 da pesquisa, quando discutimos elementos relacionados com a visão de educação.

Não conseguimos precisar o número de exemplares que eram vendidos nesse período para avaliarmos a disseminação dos conteúdos. No entanto, notamos que a circulação se dava no meio intelectual para o acompanhamento do pensamento católico daquele momento frente aos acontecimentos, em especial políticos e culturais. Acreditamos que nesse ponto, os católicos atingiam seu público-alvo, que era o meio intelectual no campo de forças. Nos artigos da revista, os autores defendiam a Igreja contra as críticas recebidas naquele momento histórico, sobretudo em relação ao seu papel na sociedade e com o Estado.

Até mesmo a localização geográfica da revista era estratégica. Segundo Arduini (2014), a escolha pela imprensa carioca se justifica pela experiência do Centro Dom Vital, criado em 1922 e vinculado à revista. Esta associação de leigos católicos foi fundada por Jackson de Figueiredo com apoio do arcebispo Dom Sebastião Leme com o propósito de congregar a intelectualidade católica, sendo a revista um espaço próprio de intervenção das ideias do grupo. Do Centro Dom Vital saíram funcionários para atuar no Ministério da Educação e do Trabalho. Fatos que fortaleciam o grupo católico no meio intelectual.

Durante o período analisado, vários artigos não tinham o nome de um autor ao final, portanto, poderia ser de autoria do próprio Jackson de Figueiredo, na maioria das vezes, ou de um de seus colaboradores, os quais fundaram a revista com ele, ou dos redatores que passaram a trabalhar na revista. Isso porque os estilos e características de escrita eram muito parecidos nos textos em que não citavam o autor

ao final, e porque passava pela correção do editor. Outras vezes, o nome de Jackson de Figueiredo aparece ao final de artigos. Os nomes que mais aparecem nos textos em geral são os de sua autoria e de seus redatores, que com o passar das edições começam a publicar, o exemplo que se destaca é Jonathas Serrano³⁵.

Os poemas de Durval de Moraes eram aparições frequentes. Alexandre Correa e Berillo Neves se destacaram entre outros autores que mais escreveram na revista no período analisado, nos textos em geral. Portanto, podemos acrescentar aqui, que estes escritores, juntamente com os fundadores da revista *A Ordem* faziam parte do quadro de portadores do discurso católico juntamente com o trabalho do editor Jackson de Figueiredo, pois estavam em constantes reuniões para organizar os artigos que seriam publicados.

Quem publicava fazia parte do grupo que circulava com Jackson de Figueiredo. Dos textos selecionados para a análise da educação nas páginas da revista *A Ordem*, exposta no item 3.3, podemos observar que a grande maioria dos textos não mencionam o autor ao final ou são de autoria dos organizadores da revista, sendo que algumas poucas vezes foram escritos por clérigos. No entanto, era comum a menção ou citação de escritos de clérigos.

Após sair o primeiro número de 1929 em homenagem a Jackson de Figueiredo, a revista teve alguns números especiais sobre personagens notáveis no meio intelectual católico. Depois desse número outros textos de novos colaboradores foram acrescentados sobre o fundador da revista *A Ordem* e formou-se o livro intitulado *In Memoriam* (1929). Fernandes (1989) mostra que os intelectuais que escreveram na revista não eram exclusivamente católicos engajados, com o exemplo de Alceu Amoroso Lima (assinado como Tristão de Athaíde), que escreveu seu primeiro artigo em 1925, ano em que ainda não havia se convertido ao catolicismo.

Como vimos, a revista *A Ordem* sob a direção de Figueiredo procurava divulgar concepções teológicas, filosóficas, pedagógicas e políticas católicas, entre assuntos em geral. Agora que conhecemos um pouco sobre as configurações principais da revista e do seu contexto de criação, assim como do trabalho do editor, vamos discutir nos próximos tópicos as marcas de Figueiredo como editor e posteriormente fazer um recorte da educação no conteúdo da revista.

³⁵ Nasceu em 1885 no Rio de Janeiro, foi escritor católico, jornalista e professor (Coutinho; Souza, 2001).

3.2 As marcas das mãos do editor católico

No presente tópico vamos enfatizar as marcas, discutir o legado que Jackson de Figueiredo deixou para a revista *A Ordem*, isto é, as mãos dele e os demais portadores do discurso que integravam o seu trabalho como editor. As características de Figueiredo ficam mais nítidas quando lemos comparativos da sua direção da revista em relação ao seu sucessor Alceu Amoroso Lima. Podemos iniciar nossa análise pelo caráter político, tão enfatizado no período em que Figueiredo foi o diretor/editor da revista. Até mesmo o próprio Amoroso Lima, no seu primeiro artigo como diretor, em dezembro de 1929, escreveu sobre as mudanças que os leitores passariam a notar: “A Ordem perderá naturalmente o caráter político, que em tempo possuiu, e que só a genialidade do nosso fundador conseguia manter” (Lima, 1929, p. 5). Figueiredo ficou conhecido pelo senso político católico, conforme destacado por Hamilton Nogueira (1929, p. 124):

Jackson possuía ao mesmo tempo o senso político e o senso da catolicidade. Ele previa, quase adivinhava a sucessão dos acontecimentos, e nós, que já estávamos habituados a pensar o que ele pensava, que nos amparávamos na força da sua fé, do seu patriotismo, da sua coragem, do seu entusiasmo.

Figueiredo estava por dentro dos acontecimentos políticos e na medida do possível fazia suas análises, que costumava publicar tanto na Gazeta de Notícias³⁶, quanto na própria revista *A Ordem*, seja como escritor, ou como editor, conforme podemos notar no texto *Catholicismo e Política*:

De um lado, vejamos: está o sr. Bernardes, um católico e representante das correntes Conservadoras na política nacional; do outro lado, olhemos bem fixamente, nós católicos: está o sr. Nilo, um, dos chefes da maçonaria no Brasil; demagogo, que seria vaiado no Congo, a beijar em plena rua a face da própria demagogia, a ameaçar terra e céu, tudo fazendo para subverter a ordem constitucional, empregando pela sua imprensa os mais tenebrosos meios de difamação e calúnia (Catholicismo..., 1922, p. 82).

Esse é apenas um trecho da análise comparativa que apresenta aos leitores da revista. É recorrente na revista os “conselhos políticos” de Figueiredo para os católicos. Na revista de número 16/17 de 1922, logo no primeiro texto “Lição desta

³⁶ Jornal orientado por Wladimir Bernardes, a partir de 1923 passou a noticiar sobre o movimento católico e pretendia aumentar o número de colaboradores católicos, a exemplo de Perilo Gomes (Fernandes, 1989).

hora”, Figueiredo escreve sobre a vitória de Bernardes nas eleições. Expõe uma foto que ocupa quase uma página inteira, fato que demonstra destaque na revista, já que não era frequente o uso de imagens em geral, somada a isso, escreve em defesa do candidato, conforme podemos observar na figura a seguir:

Figura 23 – Figueiredo escreve Bernardes nas eleições



Fonte: Revista **A Ordem**, n. 16/17, nov./dez., 1922, p. 81.

A posição de defesa ao candidato à presidência da república, Artur Bernardes, se dava devido ser representado por princípios próximos aos seus, de católico praticante, fazia com que Jackson de Figueiredo reagisse contra a candidatura de Nilo Peçanha, que representava a elite maçônica e espírito revolucionário, e essas exposições nas publicações culminaram em ameaças:

Jackson andou alerta. É que recebia informes, notícias da própria polícia e do Exército do lado do governo. E, com a devida autorização, andou armado. Sua atitude desassombrada contra os atos militaristas o fez vítima de ameaças anônimas e tentativas de morte. Também sua correspondência com várias pessoas foi facilmente interrompida (Fernandes, 1989, p. 346).

Seu senso político era muito visível, e uma das suas marcas era de lutar pelo que acreditava, com unhas e dentes. No livro de Fernandes (1989)³⁷ são relatados acontecimentos, que se Figueiredo não tivesse armado, teria perdido a vida. Segundo Skalinski Junior (2015), Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima apresentavam pensamentos políticos divergentes, Figueiredo defendia a ordem social, enquanto Amoroso Lima defendia ideias mais flexíveis. Trocaram muitas correspondências, especialmente, no período de 1919 até 1928. A partir do laço de amizade estabelecido, outros assuntos passaram a ser discutidos nas correspondências, a tal ponto que a temática religiosa ganhou espaço e a conversão de Amoroso Lima ao catolicismo se tornou assunto de primeira ordem. Sendo assim, a influência de Figueiredo foi significativa para a conversão de Alceu Amoroso Lima, o qual veio a receber a comunhão, em agosto de 1928, das mãos do padre Leonel Franca. Em outubro do mesmo ano, Jackson de Figueiredo faleceu e Amoroso Lima ocupou seu lugar nos cargos de direção do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*.

O padre Leonel Franca era amigo próximo de Figueiredo, trocavam correspondências com frequência, desde o período em que o jesuíta estava em Roma, sobre os mais diversos assuntos, desde acontecimentos sobre a vida pessoal até as preocupações com o andamento do país, bem como, pensavam no que poderiam fazer para contribuir no meio intelectual católico, especialmente por meio da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Franca tinha passe livre para opinar, escrever e fazer divulgações na revista, era conselheiro de Figueiredo. No Centro Dom Vital, os dois tiveram uma participação conjunta e ativa para “recatolicizar” a intelectualidade

³⁷ Os capítulos 16 ao 20 do livro de Fernandes (1989) descrevem a vida política de Jackson de Figueiredo com maior profundidade.

daquele momento. O padre Leonel Franca foi um guia para o editor e escritor Jackson de Figueiredo³⁸ (Oliveira, 2018).

Tanto a revista *A Ordem* quanto o Centro D. Vital tiveram um papel fundamental na configuração de políticas públicas para a educação no Brasil, sendo este um grande legado iniciado por Jackson de Figueiredo. O grupo de intelectuais católicos influentes na sociedade e integrantes do Centro D. Vital com frequência participavam de debates políticos relacionados aos novos rumos da educação no país, assim como também discutiam outros temas ligados aos costumes e à cultura de modo geral. É importante destacar que o Centro D. Vital contava com integrantes que atuavam no controle administrativo de escolas e na formação de professores, como é o caso de Jonathas Serrano e de Everardo Backheuser³⁹, que entre outros intelectuais, contribuíram para a renovação da Pedagogia Católica no Brasil, a partir do final da década de 1920 e do início da década de 1930 (Arduini, 2014).

Figueiredo acreditava ter uma vocação política desde cedo, pois desde a adolescência defende que todo homem é um ser político, que com seu engajamento ao catolicismo, recebeu o espírito de missão. Mesmo após ter trabalhado em favor de Bernardes nas eleições, sua idealização política o levou a decepção e frustração. A partir de certo período, se afastou das questões políticas, ficando apenas com alguns comentários esporádicos, mas sem muito envolvimento. Tanto que demonstra na própria revista *A Ordem* de 1927, no texto “Ainda Vivos”, provavelmente escrito por um dos colaboradores, que estavam a ponto de encerrá-la, mas que encontram forças para continuar o trabalho:

Quando escrevíamos, há um mês, o chamado artigo de fundo do último número da sexta série de *A Ordem*, a nossa convicção era que esta revista não se podia manter por mais tempo. Mas é certo que a mágoa mesma desta derrota tão grande era que se nos impunha como um motivo de esperança. No coração de alguns esta mágoa estaria, como no nosso, a criar energias novas, a preparar um terreno para novos sacrifícios. E foi o que, de fato, veio a acontecer. *A Ordem* reaparece, ou melhor, *A Ordem* não desaparece (Ainda vivos, 1928, p. 1).

³⁸ Para saber mais sobre a relação de amizade estabelecida entre Jackson de Figueiredo e o padre Leonel Franca, ver tese “Trajetória intelectual do jesuíta Leonel Franca: educação e catolicismo (1923-1948), de Natália Cristina de Oliveira (2018).

³⁹ Ver dissertação “Educação e catolicismo: a construção de um modelo de professor e as apropriações da Escola Nova a partir de Everardo Backheuser (1928-1946)”, de Bianca Neves Prachum (2019).

E assim seguiram com a última edição, a partir da edição de número 54, de 1927 já não aparece o nome de Figueiredo na primeira página como diretor e editor, e sim com o nome de Hamilton Nogueira. Ele nunca deixou a revista, mas desejava uma mudança de titulares para influir na sociedade, assim como ter novas ideias para A Ordem. Figueiredo era diretor e editor ao mesmo tempo, isto é, como diretor tomava outras decisões para além das atribuições do trabalho de edição da revista.

Na revisão de literatura é frequente a caracterização de Jackson de Figueiredo como reacionário⁴⁰, especialmente nos trabalhos concentrados na categoria *Jackson de Figueiredo e a educação*, pois o entendimento da sua visão política viabiliza o entendimento acerca da sua visão de educação. O próprio Jackson de Figueiredo se reconhecia como reacionário, fato notável nos seus escritos, e visível até mesmo nos títulos de suas obras, como a *Reacção do Bom Senso (1922)* e *Literatura reacionária (1924)*. Seus contemporâneos, também o consideravam desta forma:

Ha, por conseguinte, do ponto de vista cristão, absoluta coerência na política antidemocrática e reacionária de Jackson de Figueiredo. O que ele combate é a democracia ateia. A democracia que arrancou Jesus Cristo das escolas, e a sua doutrina incomparável substituiu os princípios do liberalismo revolucionário (Nogueira, 1929, p. 130).

Em outras leituras do livro *In Memoriam (1929)*, é possível notar várias passagens que o descrevem como conservador e reacionário, especialmente devido a escrita pautada em sua interpretação das doutrinas da Igreja com suporte teórico de intelectuais franceses, especialmente Maistre, que prezava pela hierarquia e autoridade. Segundo Simões (2005), a visão de Figueiredo sobre o Estado era benéfica, na medida em que exercia o poder de ordem e controle do ser humano, pensando nas inclinações negativas relacionadas ao pecado original, no catolicismo. Ao assumir uma função corretiva adequada, poderia fazer bem para a população:

Se a democracia, não fosse até hoje, pura e simplesmente "um falso espírito", o mais sórdido dos embustes á boa fé ambiciosa da maioria dos homens, a torpe sabedoria de audaciosos, que ousam explorar as sociedades mais cultas com um sistema de incitamentos e louvores ás mais baixas tendências da massa popular, não fosse isto, e não só no Brasil mas em toda a parte, poder-se-ia caracterizar por um mais forte e mais imperturbável amor da disciplina e da ordem (Figueiredo, 1922a, p. 193).

⁴⁰ Conceito próximo ao de conservador, ou seja, no sentido de manter a ordem social de forma duradoura e hostil à democracia. Enquanto o conservadorismo representa um "estado de espírito", o reacionarismo representa uma reação, ou seja, uma tendencia política de resistente em relação as mudanças observadas na vida social.

Na visão de Figueiredo (1925), a soberania e o poder não poderiam ser do povo, mas da autoridade forte e absoluta, pois o povo era incapaz de se autogovernar, no sentido de não ter preparo, e assim como na religião há um poder maior, o de Deus, para os homens a organização deveria vir do governo e da elite, que teriam melhores condições de tomar decisões para o bem de todos. É importante salientar que Figueiredo (1922a, p. 132) demarca seu entendimento acerca da diferença entre organismo republicano e o puramente democrático: “no primeiro, governa-se o povo pela voz dos seus representantes, ao passo que, no segundo, a si próprio diretamente se governaria.” Para ele, a consolidação da República representava desordem, não só no Brasil, mas desde o movimento da Revolução Francesa e os impactos em outros países, em concordância com outros intelectuais como Joseph de Maistre, que era um defensor da ordem social, da hierarquia, da autoridade, sobretudo da Igreja Católica. Portanto, a autoridade que exercia o poder deveria ser subordinada à Igreja, numa perspectiva hierárquica. Insistia nas ações ortodoxas para o Estado por acreditar que a solução para melhorar o país estava contido em “[...] um espírito doutrinário, um espírito de reação naturalmente sistemático, ordenado e metódico” (Figueiredo, 1925b, p. 233). Desse modo, controlariam os espíritos rebeldes e a sociedade seria mais harmônica.

Na revista *A Ordem*, Figueiredo demonstrava sua visão política com frequência, se mostrando preocupado com o futuro do país. Para ele: “O governo tem sido, no Brasil, o equivalente da desmoralização das nossas classes dirigentes.” (Figueiredo, 1922c, p. 82). Por isso, pregava sua visão relacionada ao catolicismo fortemente como se fosse a melhor solução para os problemas sociais, que não seriam apenas do Brasil, mas do mundo. Na condição de editor buscava apresentar cartas pastorais na revista *A Ordem* para reforçar sua visão política e mostrar que tinha respaldo da Igreja Católica no conteúdo que divulgava: “O povo brasileiro só tem agora um meio de salvação: decidir-se por uma política de todo favorável às liberdades da Igreja, e isto só se fará uma realidade com a escolha de elementos reconhecidamente católicos, que formem as maiorias em nosso Congresso” (Palavras que..., 1921, p. 19). A citação antecede argumentações pautadas na carta pastoral de Dom Leme, de 1916.

O artigo de Alves (2021) apresenta as principais mudanças e perspectivas da revista *A Ordem* ao longo dos anos. Mostra que com a entrada de Alceu Amoroso Lima na direção da revista (março de 1929), os objetivos foram alterados. Passou a ser mais aberta à cultura geral, ampliando temas aliados a perspectiva católica: “A Ordem passa agora a ser uma revista de cultura geral, visando mais a inteligência que os acontecimentos” (Lima, 1929, p. 5). A revista passou por uma reestruturação editorial, Figueiredo manteve uma sequência de números desde a primeira edição, e Lima indicou uma nova série, que passou a ser publicada por volumes. Em síntese, a fase de Figueiredo foi marcada por uma doutrina político-religiosa, enquanto a fase posterior foi marcada pela cultura geral católica.

Tanto sob a direção de Amoroso Lima, quanto a direção de Figueiredo sempre tiveram outras mentes e mãos por trás dos seus trabalhos. Segundo Alves (2021), a revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital, assim como os agentes a eles ligados, tinham os olhos das autoridades eclesiais. Os intelectuais católicos estavam apoiados na hierarquia e doutrina da Igreja, portanto a produção cultural disseminada deveria estar em consonância. Sendo assim, uma das mentes e mãos que estavam por trás da revista *A Ordem*, desde o princípio era de Dom Leme. Segundo Serry (2023), os escritores católicos adquiriram o poder de trabalhar juntamente com a emissão de opinião do clero para intervir nos debates internos da Igreja, assim como também do espaço de opinião pública, o que confere a imprensa um papel importante.

O trabalho de Velloso (1978), mostra que por mais que a Igreja Católica estava bem-posicionada no campo religioso, não assegurava um espaço necessário para ações políticas que aspiravam. A República Velha foi um período de pouca abertura para a atuação da Igreja Católica, tanto que na tentativa de introduzir algumas reivindicações na reforma constitucional de 1926 não obtiveram bons resultados como força política. É notada uma maior abertura e diálogo após os anos 30, assim como espaço para criação de projetos vindos de vários grupos de intelectuais, não só dos católicos engajados.

Alves (2021) assinala que a categoria de intelectual católico, reconhecida em diferentes agentes, não faz deles um grupo homogêneo. Ao fazer uma análise geral da revista *A Ordem*, percebe que:

A pluralidade da temática e dos autores presentes n’ *A Ordem*, por exemplo, permite verificar que se trata de um grupo diversificado, que circunscreve ideias incongruentes, em que há disputas, podendo ser verificada

interpretações doutrinárias conflitantes. Aliás, seria um equívoco afirmar que todos que nela escreveram seriam intelectuais católicos (Alves, 2021, p. 13).

Dessa forma, Jackson de Figueiredo, enquanto intelectual católico engajado, está situado no espaço de forças ao aderir o projeto político da Igreja com apoio do clero. O pensamento católico pode ser expressado por estilos bastantes distintos. O autor explica que a revista *A Ordem* ao longo do tempo foi marcada por disputas internas, sendo assim, podemos observar o exemplo posterior ao período em que Figueiredo foi editor, para entender sobre seus cuidados com os conteúdos publicados:

[...] um exemplo de disputas entre intelectuais católicos está no conflito entre Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, ocorrido no contexto do Concílio do Vaticano II e originado por divergências acerca do papel do catolicismo na sociedade, que se aprofundaram por suas diferentes interpretações dos documentos do papa João Paulo XXIII (Alves, 2021, p. 14).

O fato gerou a saída de Corção do Centro Dom Vital em 1963, e teria sido uma das causas da interrupção da revista *A Ordem* por dez anos (de 1964 a 1974). Nesse caso, podemos adicionar à análise de Alves (2021) outra marca das mãos do editor Jackson de Figueiredo, que foi mais cuidadoso em relação as publicações que poderiam parecer divergentes aos leitores, até do seu próprio pensamento católico. O número de colaboradores era mais restrito, justamente para que tivesse um maior controle da produção de conteúdo, e devido a sua postura mais rígida de pensamento católico marcado pelo conservadorismo.

Entre as aspirações dos intelectuais católicos, presente na revista *A Ordem*, está a luta pela formação de uma identidade nacional católica⁴¹, que foi importante para o projeto de neocristandade, que visava restaurar o catolicismo no país a partir de características da Igreja Romana. O Vaticano encorajou os esforços da Igreja brasileira para se fortalecer na sociedade e promover uma restauração católica. O Papa Pio XI (1857-1939, Papa desde 1922) tinha visões políticas próximas as de Dom Leme, e entendia a importância de fazer alianças com o Estado para defender os interesses católicos.

⁴¹ *Habitus* que a intelectualidade católica desejava para a sociedade brasileira, tendo em vista o contexto de disputa de projetos para a constituição de uma identidade nacional. Jackson de Figueiredo afirmava, no conjunto de sua obra escrita, a importância da organização cultural religiosa para a sociedade brasileira.

A questão do nacionalismo que vemos como relevante quando estudamos a personagem de Jackson de Figueiredo, era ponto de discordância entre alguns católicos. Segundo Rodrigues (2006), a relação entre os intelectuais e o nacionalismo era complexa no período de transição entre os séculos XIX e XX, e com o caso Dreyfus (explicado na introdução do capítulo 2 do presente trabalho) é que ganhou visibilidade em vários países.

Existiam diversos tipos de defender o nacionalismo, mesmo católico, o que nos faz identificar nacionalismos. Assim, a defesa da monarquia e das tradições do passado tornou viável, para responder ao problema da unidade nacional, fundamentar os discursos com a base religiosa católica como forma de resistência às transformações liberais. Lippi (1990) explica que o discurso nacionalista no início do século XX assumiu três formas distintas:

Uma mais ligada ao serviço militar e à construção de uma consciência cívico-patriótica, configurada na Liga de Defesa Nacional, e outra, mais preocupada com questões políticas, particularmente com a vontade do voto, exemplificada pela Liga Nacionalista de São Paulo. Havia ainda uma terceira tendência, que tinha raízes no Rio de Janeiro e que se expressou através de dois movimentos: a Propaganda Nativista e a Ação Social Nacionalista (Lippi, 1990, p. 148).

Intelectuais de diversas matizes defenderam projetos para a nação brasileira. Desse modo, a aproximação do nacionalismo com o catolicismo no campo intelectual se deu principalmente por meio da Propaganda Nativista (1919) e a Ação Social Nacionalista (1920), que eram organizações militantes nacionalistas marcadas pelo antilusitanismo. Lippi (1990) explicou que o nacionalismo era uma representação ideológica que visava definir traços específicos do seu povo, por isso existia essa luta por nacionalismos. A autora posiciona Álvaro Damasceno e Jackson de Figueiredo como principais representantes do nacionalismo católico, e cita outros ideólogos do nacionalismo brasileiro, como Álvaro Bolmizar no movimento Propaganda Nativista; Alcebíades Delamare na Ação Social Nacionalista; Graça Aranha, Oswald de Andrade com o Modernismo.

O argumento inicial, e defendido pela maioria dos intelectuais católicos, era que a Igreja Católica fazia parte das raízes do Brasil, ou seja, da unificação da população, do desenvolvimento da cultura, da constituição do território como um todo.

Seríamos resultado da ação da religião trazida pelos colonizadores. A nação tinha uma marca católica, o que faltava era a recatolicização das elites que:

[...] teve um eco muito mais forte na cruzada empreendida por Jackson de Figueiredo nos anos 20. A nosso ver, isso ocorreu devido à forte marca católica que o povo brasileiro carrega, por nascimento e formação. O que efetivamente faltava no Brasil eram elites católicas (Lippi, 1990, p. 166).

Jackson de Figueiredo desenvolveu um importante trabalho de cooptação de intelectuais católicos. A Igreja tratou-se da expansão organizacional para atuar em todo o país, até nas áreas rurais mais afastadas, juntamente com a “estadualização” do poder eclesiástico, isto é, a Igreja marcando presença nas divisões territoriais propostas pelo Estado. A instituição investiu em recursos organizacionais como escolas, seminários, congregações e associações de leigos, entre outras de modo a estar presente na vida da população brasileira, de modo a articular uma aproximação e parceria com a elite política e com ações voltadas para obras de caridade, como medidas de fortalecimento nos diversos campos sociais (Miceli, 1988).

O discurso nacionalista de Jackson de Figueiredo ia ao encontro do contexto histórico em que a Igreja Católica no Brasil começava a participar em campanhas cívicas e eventos públicos de comemoração de datas cívicas. Segundo Ribeiro (2009), o centenário da independência do Brasil foi comemorado pela Igreja em todo o país, as escolas católicas dispensaram os alunos e realizaram algumas comemorações. Com o tempo foram constituindo os feriados católicos brasileiros.

Entre o final do século XIX e início do século XX, a Igreja Católica buscava manter e difundir argumentos de origem medieval para preservar a tradição, sobre ordem, que foi propagada por intelectuais católicos. Por isso, que a maioria dos escritores católicos defendia um Estado forte com a presença do catolicismo como base, para fortalecer o movimento de inclinação à obediência religiosa e convertida em cívica, conforme podemos observar na carta pastoral (1894) de Dom Manuel de dos Santos Pereira, bispo de Olinda:

Com a Igreja amemos também a pátria; amemo-la muito, Amados filhos, amemo-la com dedicação, até o sacrifício. Entre os inumeráveis benefícios que o cristianismo, pelo seu ensino e pelo seu espírito, derrama no seio da humanidade um dos mais consideráveis é a particular eficácia com que ele desperta, sustenta e desenvolve o verdadeiro patriotismo (Pereira, 1894, p. 29-30).

Isso explica a campanha cívica de intelectuais leigos sobre o nacionalismo católico. Tinham respaldo nos discursos clericais, e a partir do argumento de que a Igreja servia à pátria, tornou-se plausível a ideia de ordem – ordenar a sociedade. Nesse sentido, Nogueira (1976, p. 126) explica qual seria o nacionalismo condenado pela Igreja: “A Igreja condena, sim, um nacionalismo, mas é o nacionalismo absoluto, neste sentido de que acima de tudo, da própria religião e da justiça, deve colocar-se o bem do Estado.” Logo, demonstrar o amor pela independência pátria não era errado. Segundo o autor, Jackson de Figueiredo demonstrava seu entusiasmo pelo nacionalismo antes mesmo de se tornar um católico engajado, devido ao seu envolvimento com as questões políticas. Em 1921, Figueiredo publicou o livro *Do nacionalismo a hora presente*, no qual, em linhas gerais mostra a necessidade de brasileiros se contraporem aos privilégios que a colônia portuguesa tinha em nosso meio. Para Figueiredo (1921b, p. 45):

O verdadeiro nacionalismo brasileiro é aquele que, amando a contribuição do trabalho de qualquer estrangeiro, em nossa pátria, quer que esse estrangeiro jamais esqueça que o povo brasileiro é o único que aqui pode ter situação privilegiada, jamais esqueça que é aqui tão estrangeiro quanto nós somos em sua pátria. E, sobretudo, por especialíssimas razões históricas, impõe aos portugueses aqui domiciliados que também jamais esqueçam que são estrangeiros, tanto quanto o francês, o alemão ou o japonês.

Não era contra os estrangeiros, especialmente os portugueses, mas queria que fossem tratados sem privilégios. Acreditava na ideia de nação na medida em que fazia parte da sua história um conjunto de costumes, valores e crenças. Dessa forma, Figueiredo identifica o nacionalismo com o passado católico no Brasil e passa a lutar pela “recuperação” da sociedade e a construção de uma identidade pautada no *habitus* religioso-católico. Na revista *A Ordem* notamos que escreve sobre o nacionalismo com frequência, e logo na primeira edição explica que se trata de um nacionalismo católico:

O nacionalismo não se apresenta, em verdade, como ligado essencialmente à Igreja Católica. Pode haver um nacionalismo turco, como lembra o crítico d'«A Águia», e ser eminentemente contrário à Igreja. Nos países católicos ele é, porém, essencialmente católico, ou não é nacionalismo. Poderá haver em tais países protestantes, maometanos, budistas a que não falte o mais sincero e ardente patriotismo, que é sentimento natural. Num país católico seria impossível, entretanto, um nacionalismo anti ou acatólico. Faltar-lhe-iam a base da tradição, os elementos históricos com que armar-se em corpo de

doutrina para a maioria absoluta dos que compõem e fazem propriamente a nação (Figueiredo, 1921d, p. 13).

Portanto, defendia o nacionalismo católico. Explicava que as diferenças entre raças e divisão de povos eram fatos que faziam parte da história do mundo, e o ponto que os unia era a Igreja Católica. O ideal de pátria estaria pautado no evangelho. Escrevia n' *A Ordem*, em nome dos católicos brasileiros, que não poderia faltar os ensinamentos de sua religião, pois era a base da sociedade. Entre outras questões que destacamos como marca do editor católico, Jackson de Figueiredo, além do nacionalismo e da educação cívica, é a defesa do ensino religioso, que vamos estudar com mais atenção no tópico seguinte do presente capítulo.

3.3 A educação nas edições d'*A Ordem*

Nesse tópico vamos apresentar uma análise do discurso referente a educação na revista *A Ordem*, no período em que Jackson de Figueiredo foi editor (1921-1928), portanto, os textos podem ser de autoria dele ou não, mas como vimos, todos os artigos aceitos para a publicação passaram pelas suas mãos, portanto, fazia parte do que ele defendia para a educação do país. Foi realizada uma leitura geral e separados alguns textos (apêndice C), os que de alguma forma discutiam sobre os temas ligados a educação. Em seguida, separamos os textos (63 no total) em categorias para organizar nossa discussão. As categorias que se sobressaíram foram: educação religiosa, educação moral, educação intelectual e educação cívica.

No apêndice C é possível visualizar os títulos, os autores, o ano de publicação e a categoria na qual se debateu o assunto, sendo que as vezes um mesmo texto contribuiu para pensar elementos de mais de uma categoria. Os textos foram organizados em ordem cronológica para a leitura e estudo das discussões dentro das categorias selecionadas. No entanto, na escrita da análise priorizamos mostrar o discurso organizado por lógicas de pensamento complementares, para captar a essência do *habitus* linguístico católico.

Como estudamos uma revista, *A Ordem*, avaliamos os produtores do discurso a partir de um grupo, ou seja, como porta-vozes autorizados. *A Ordem* foi fundada, organizada e dirigida por intelectuais católicos, o que confere uma credibilidade aos leitores, pois há um capital acumulado por eles mediante o conjunto de trabalhos.

Sendo assim, os portadores do discurso não eram vistos como autores isolados, mas como um grupo de intelectuais produtores de conteúdo na revista, os quais adquiriram um poder simbólico na sociedade com o passar do tempo, e o que demonstra que o nome da revista era mais importante que o autor, porque carregava um propósito que foi cuidadosamente elaborado pelos seus fundadores, em especial por Jackson de Figueiredo. Então, por exemplo, em um texto de Perilo Gomes, não era Gomes apenas quem defendia aquele ideal, já que o nome de Jackson de Figueiredo, e as vezes de outros intelectuais como Hamilton Nogueira e Jonathas Serrano estavam como responsáveis pela publicação. O diretor/editor e os redatores além de criarem faziam as revisões dos textos.

Por mais diversos que sejam os modos de se proferir um discurso, notamos como prática discursiva a apresentação de argumentos para fortalecer os princípios católicos defendidos, mesmo tendo que expor seus adversários/inimigos da Igreja. Sendo assim, a análise apresentada em cada categoria priorizou mostrar uma síntese do discurso produzido pelo grupo de escritores católicos referente a cada tipo de educação nas páginas da revista, dentro do nosso recorte temporal, os quais foram produzidos por diferentes autores, mas todos passaram pelo crivo do editor Jackson de Figueiredo. Dentro de cada categoria organizamos quadros com as citações e autores em ordem cronológica para evidenciar quem e o que escreveu sobre o assunto, para mostrar como a categoria aparece na revista.

3.3.1 *Educação religiosa*

Quando se trata do assunto educação na revista *A Ordem*, a educação religiosa se sobressai, ou seja, educação atrelada ao ensino religioso nas escolas. Por esse motivo que separamos a educação religiosa da educação moral, porque a educação religiosa, quando citada, se refere mais ao âmbito escolar, enquanto a educação moral é apresentada de forma mais ampla, nos âmbitos de formação da Igreja Católica e da família.

Para ilustrar a ordem de como os textos sobre educação religiosa foram dispostos nas páginas da revista *A Ordem*, de modo geral, organizamos um quadro (quadro 7) com as citações usadas para a escrita da análise. Como podemos observar notamos que partem de um texto introdutório da revista, o primeiro texto d' *Ordem*, e já expõe a preocupação com a educação. Na sequência transcrevem um trecho da

Carta Pastoral (1916) de autoria de Dom Leme, passando por outros autores, em sua maioria escritos pelos próprios redatores da revista e finalizam com Jackson de Figueiredo alertando para a importância de os católicos reagirem, já que eram a maioria da nação brasileira.

Entre os autores que escreveram sobre a educação religiosa, está Lacerda de Almeida (1843-1943), que foi jurista, professor e político (deputado estadual no Rio Grande do Sul. Escreveu artigos e livros na área do direito (Coutinho; Souza, 2001.) O francês Gioacchino Ventura de Raulica (1792-1861) foi um escritor católico ordenado sacerdote, seu texto foi exposto na revista *A Ordem* como sequência de textos com autor citado ao final, mas não estava escrito que se tratava de uma transcrição, como normalmente destacam quando acontece. Percebemos que se tratava de uma transcrição, quando pesquisamos quem foi o autor, e o ano de sua morte. Com isso, notamos que embora a fonte esteja em itálico no nome do autor, não era uma regra, porque trechos isolados de citação em sua maioria aparecem com o texto e o nome do autor, tudo em itálico, como podemos observar na figura 27, com a citação de Veuillot. Talvez por estarem nas primeiras edições ainda não tinham criado um padrão de exposição de conteúdo para que os leitores pudessem identificar se um texto foi escrito pelo autor para a revista, ou se foi escrito em outra oportunidade e transcrito.

Figura 24 – Citação de Veuillot

ANNO I — 1921 N.º 5 — DEZEMBRO

ASSIGNATURA N.º avulso — 500 reis

12 numeros . 55000 rs. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a

A Ordem

RED. SECRETARIO RUA RODRIGO SILVA, 7

PERILLO GOMES RIO DE JANEIRO

DIRECTOR

JACKSON DE FIGUEIREDO

A TREMENDA SITUAÇÃO

Em carta intima, dizia-nos ha pouco tempo um dos mais dignos representantes das virtudes do nosso Episcopado:

«As vezes chego quasi a desanimar deante da situação da sociedade contemporanea. Emfim, Quem arrancou do sepulchro a Lazaro putrido, poderá ainda salvar o outro, cujo estado pranteamos».

E note-se que quem assim nos falava tem por si as graças especiaes do seu estado; e a blindagem de uma virtude muitos annos experimentada...

Mas só mesmo Jesus Christo, só mesmo a sua infinita misericordia... Não ha ponto do horizonte que não...

em suas dobras de aço quiz suffocar a fé christã dos povos occidentaes, se antepõe a sombria onda que, em nome do instincto e da sensualidade, ha de o derrubar, cega, no seu desejo de um Estado animal, baseado unicamente na força do numero e na energia das necessidades mais baixas. O dipuvio ahi vem...

Vem, não ha negar mas tambem, por toda a parte, de novo o homem crê, e porque crê, sabe divisar entre as nevoas, vencer a propria escuridão e distinguir a luz, que salva, do fogo do raio, da fiação, que mata... E por isto, por toda a parte, novamente o grito que ha dois mil annos se ouviu pela primeira vez, se ouve mais alto: Eil-a, eil-a que ahi está tambem, eil-a de sempre, acolhedora, poderosa, capaz de...

A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmittir e deixar a vida como uma creatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originaria das fermentações do lodo da terra.

L. Veuillot.

Mas dir-se-á que enlouquecemos, nós, que não vemos a agitação de que é presa a sociedade brasileira, nós, que não avistamos nem ouvimos o tropeço e a balburdia que são mesmo o que se chama actualmente a sociedade brasileira...

Fonte: **A Ordem**, n. 5, 1921, p. 1.

Notas: Transcrição da citação de Veuillot: "A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma criatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originária das fermentações do lodo da terra."

Ainda dentro do quadro de autores que aparecem na presente categoria, vemos o padre Alcidino Pereira, que foi deputado pelo Partido Republicano com forte apoio dos católicos, apresentou em março de 1922 o Projeto de n. 40 ao Congresso Legislativo Paranaense que versava sobre o ensino religioso nas escolas públicas. Defendia no seu projeto que o ensino religioso pudesse fazer parte do currículo das escolas públicas como facultativo. As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por disputas de projetos de intelectuais no campo educacional. Sendo assim, os intelectuais católicos trabalharam em favor da Igreja para preservar espaços importantes na sociedade moderna, já que a escola laica poderia trazer prejuízos para a formação, em especial das futuras gerações (Campos, 2011).

Quadro 7 – Educação religiosa: citações e autores

(continua)

Autor	Citação	Ano e página
A redação ⁴²	E é assim que temos assistido quase indiferentemente, nestes trinta anos de república, os maiores atentados em matéria de educação dos nossos filhos, e suportamos as imensas despesas de um Congresso, que nós próprios elegemos, e em que raros são os que têm a coragem de se proclamarem defensores do nosso credo religioso, isto é, daquilo que consideramos a nossa mais sublime e insubstituível riqueza espiritual.	1921, p. 1-2
Dom Leme (texto transcrito)	Que MAIORIA CATÓLICA é essa, tão insensível quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? [...] Leigas são as nossas escolas, leigo o ensino.	1921p. 11
Dom Leme (texto transcrito)	Se nesses países, ao direito de uma minoria católica corresponde o ensino religioso facultativo, nós os brasileiros — não divididos em crença e irmanados no mesmo sentimento católico — maioria absoluta que somos, temos o direito de exigir o ensino religioso nas escolas. Aliás, se de nada valem os direitos de uma maioria absoluta, que nos valha, ao menos, o espírito liberal dos nossos estadistas.	1921, p. 19
A redação	Qualquer dos seus Títulos é prova claríssima da incompetência dos seus inspiradores em todos os domínios da Pedagogia.	1921, p. 19
A redação	Mas diante de vitórias como esta, que apontamos, dos radicais laicisadores do ensino no Brasil, não é possível reprimir, por mais tempo, a indignação de todos os bons brasileiros, o protesto de quantos não querem ver esta grande pátria completamente embrutecida. A verdade verdadeira é a seguinte: o povo brasileiro só tem agora um meio de salvação: decidir-se por uma política de todo favorável às liberdades da Igreja, e isto só se fará uma realidade com a escolha de elementos reconhecidamente católicos, que formem as maiorias em nosso Congresso.	1921, p. 19
A redação	Assim, com quanto no seu corpo docente e discente, ainda haja quem persevere fiel aos princípios de irreligião, entretanto já é numerosa a plêiade dos católicos militantes, tanto assim que existem ali várias associações católicas.	1921, p. 30
Lacerda de Almeida	Assuntos prediletos destas histórias ímpias são fatos mil vezes desmentidos, como a participação da Igreja nas crueldades e atrocidades da Inquisição espanhola, o regozijo do Papa e o seu aplauso ao massacre de São Bartolomeu, a prisão em cárcere lóbrego e as torturas infligidas a Galileu, a santidade e inocência da rainha Isabel de Inglaterra e a atrocidade de sua irmã mais velha Maria Tildar, apelidada pelos protestantes — a sanguinária, esquecidos da irmã e do pai.	1921, p. 51
A redação	Dessa incompetência foi que se originaram todas as “reformas salvadoras” que, em curto espaço de tempo, tem agravado cada vez mais o problema da nossa educação, já agora merecedor de um tratamento ditatorial que seja como um ferro, em brasa na raiz mesma da sua íntima fraqueza: o ceticismo oficial, o horror a toda sistematização, que não seja a do pedantismo cientificista, ainda assim falho em relação aos seus próprios recursos.	1921, p. 51
Ventura Raulica (texto traduzido e transcrito)	Todas as religiões de formação humana se reduzem a estas duas categorias: religiões sensuais (idolatria, paganismo, maometismo) e religiões do orgulho (heresia, protestantismo, racionalismo)	1921, p. 70

⁴² Utilizamos “a redação” quando não aparece o nome do autor do artigo. Desse modo, entendemos que foi escrito pela equipe de redatores da revista *A Ordem*.

Quadro 7 – Educação religiosa: citações e autores

(continuação)

Autor	Citação	Ano e página
Alcidino Pereira (texto transcrito)	Com abundância de citações, colhida nas melhores fontes e ainda entre os pedagogos insuspeitos de simpatia pelas crenças religiosas, mostra o orador a profunda inépcia do estado leigo que por uma falsa noção de neutralidade, interdiz nas escolas públicas o ensino da religião.	1922, p. 102
A redação	Mas o Sr. Arcebispo não se limita a formular a regra. Exemplifica e dá conselhos que a sua longa experiencia lhe sugere. Sua Excelência fere um ponto de magna importância: o ensino religioso nos colégios católicos. Parece incrível, mas é um facto que em grande parte este ensino ou é nulo ou irracional! O Sr. Dom Leme recomenda "a intensificação o aperfeiçoamento da cultura religiosa".	1923, p. 3
Perilo Gomes	E a educação é um dos maiores fatores para a atuação na sociedade. Assim a Igreja não somente por obra de caridade como também por necessidade política teve de lhe dar um grande desenvolvimento. Por toda a parte criou escolas, sendo os mosteiros verdadeiras universidades, tendo criado mesmo, para atender a este encargo, numerosíssimas congregações de ensino. A escola paroquial não é unia instituição dos nossos tempos, e o ensino universitário não é nem do nosso tempo nem instituição leiga. E até os hospitais, que eram estabelecimentos católicos, mantinham escolas públicas de ensino gratuito.	1924, p. 69
A redação	É preciso sistematização, grandes esforços de ordem material, criação de institutos de real valor, que, em todo e qualquer sentido pedagógico, valham o que valem os que nos são hostis, criação sobretudo de professores, de formação pedagógica intrínseca e extrinsecamente católica, o que quer dizer, criação de escolas normais católicas, com todo o rigor do termo. Enquanto não houver por parte do capital católico, do bom senso católico, da imprensa católica, de todas as forças católicas a convicção de que este é o máximo problema do momento brasileiro, quase, que se pode dizer que não estamos a merecer a ajuda de Deus seio para o que for	1924, p. 249
A redação	Católico nenhum, por isto mesmo que católico, NÃO TEM O DIREITO de defender a tese liberal da separação entre a Igreja e o Estado. Ela pode sernos imposta e, para evitar mal maior, pode a Igreja reconhecer a legitimidade do poder civil, que a diminui, e com cite até colaborar para o bem da sociedade, porque a verdade é que a Igreja cuida mais do bem social do que da própria defesa, ou melhor, só se defende na medida em que defende a própria sociedade. Mas nós, católicos, temos o dever de condenar esta altitude do Estado, que não é consequente com a sociedade a que rege	1925, p. 82
A redação	E, todavia, ainda há um outro assunto vital, o da educação e da escola, sobre o qual a Igreja romana fala bem alto.	1925, p. 87
A redação	Ao mesmo tempo fez a Corte salientar que essa decisão não discutia ao Estado o direito de elaborar regulamentos justos e sensatos para todas as escolas, particulares como as públicas, e de fiscalizar lhes professores e alunos, para prover a que os professores fossem de boa moral e de patrióticas intenções, bem como para que ali se ministrasse efetivamente ensino especial tendente a formar bons cidadãos e a evitar toda sorte de abusos manifestamente inimigos do bem público	1925, p. 118
Arthur Gaspar Viana	Eis, em síntese o que é a Educação. Só o catecismo pode conseguir isso, como veículo de todo conhecimento do homem, através da Igreja, em relação a salvação da sua alma. É pelo catecismo que aprendemos a resolver nossos problemas mais sérios que inquietam o espírito humano	1925, p. 118
Arthur Gaspar Viana	O ensino do catecismo tem que ser integrado as outras matérias e em harmonia com elas.	1925, p. 119

Quadro 7 – Educação religiosa: citações e autores

(conclusão)

Autor	Citação	Ano e página
Arthur Gaspar Viana	Devoções. Poesias. Cânticos religiosos. Ditados. Vida de Santos e outras matérias em que se incluam princípios religiosos e mesmo a cites obedçam. Comemorações dos dias santos, com assistência ao Santo Sacrifício da Missa e comunhões. As segundas-feiras serão reservadas para preces intensas	1925, p. 119
Arthur Gaspar Viana	Agora deve tender a formar católicos práticos. Para isso devemos tornar a escola como um centro de 89 vida religiosa. Criar hábitos de vida cristã, eis uma das principais coisas a conseguir	1925, p. 121
Jackson de Figueiredo	Quanto passaram a ser, social e politicamente, o que são no recesso do lar ou das igrejas? Quanto pugnaram por essa autonomia moral a que o grande Bispo nos impelia? Respondam por nós os fatos... Deus, no seu amor ao Brasil, trouxe depois este batalhador para o throno episcopal, que assenta no centro mesmo do nosso grande mal urbano, da nossa indefinição social, da nossa desordem política. Que não tem feito D. Sebastião Leme para levantar os ânimos católicos e dar-lhes a fisionomia de força definida, autônoma, consciente da sua significação? Responderão por mim quanto conhecem a vida social do Rio de Janeiro, nestes últimos dez anos, e, em menor número, todos quanto têm visto de perto o labor incansável e a formidável capacidade de harmonizar e pacificar do grande lutador.	1928, p. 199-200

Fonte: A autora.

Por mais que não tenham textos de autoria de Jackson de Figueiredo nesta categoria, sabemos que a educação religiosa foi uma luta constante do intelectual, que buscava chamar a atenção de todos os católicos para que se somassem a luta pelo ensino religioso no país, e não ficassem de mãos atadas. Ao transcrever trechos da carta pastoral de Dom Leme (1916), Figueiredo reforça os argumentos do arcebispo relacionados à necessidade de resiliência católica, pois deveriam mostrar que são parte da maioria da nação brasileira, e se não reagissem seriam asfixiados pelo sistema. Coloca Dom Leme, como um exemplo a ser seguido:

Quanto passaram a ser, social e politicamente, o que são no recesso do lar ou das igrejas? Quanto pugnaram por essa autonomia moral a que o grande Bispo nos impelia? Respondam por nós os fatos... Deus, no seu amor ao Brasil, trouxe depois este batalhador para o throno episcopal, que assenta no centro mesmo do nosso grande mal urbano, da nossa indefinição social, da nossa desordem política. Que não tem feito D. Sebastião Leme para levantar os ânimos católicos e dar-lhes a fisionomia de força definida, autônoma, consciente da sua significação? Responderão por mim quanto conhecem a vida social do Rio de Janeiro, nestes últimos dez anos, e, em menor número, todos quanto têm visto de perto o labor incansável e a formidável capacidade de harmonizar e pacificar do grande lutador (Figueiredo, 1927, p. 199-200).

Escrevia sem pudor, que a minoria (não católica) é que estava decidindo os rumos da sociedade nos diversos aspectos, comprometendo o futuro dos próprios católicos, e ninguém estava fazendo nada para reverter a situação. Figueiredo questionava bastante seu leitor, provocando reflexões sobre as mudanças que estavam vindo acontecer nos últimos anos, de modo a mostrar como a Igreja estava sendo menosprezada. Reforçava que era um dever do católico reivindicar por justiça, e questionava de qual lado as pessoas estavam. Se aceitavam o que estava errado, estariam indo contra os seus valores e pecando, e finalizou seu texto com a antítese que diz que de boas intenções o inferno estaria cheio. Sua escrita é marcada por uma forma direta de demonstrar suas pretensões, ele desejava mais ação por parte, especialmente, dos intelectuais católicos do país.

Com o título *Palavras que devem ser meditadas*, foi transcrito um trecho da carta pastoral de Dom Leme (1916) para a reflexão dos católicos, na qual diz que a maioria da nação brasileira era católica, mas que não eram representados na vida pública, e fazia um alerta: “Que MAIORIA CATÓLICA é essa, tão insensível quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo?” (1921, p. 11). No trecho, é demonstrada a preocupação com a luta para se viver uma vida católica e não continuar ineficientes mesmo sendo a maioria no país. Entre os temas destacados estão as escolas: “Leigas são as nossas escolas, leigo o ensino.” (1921, p. 11). É questionado como poderiam os católicos receber uma educação que não era católica.

Na segunda edição da revista *A Ordem*, é apresentada uma continuação desta discussão acrescentando, à questão da educação, uma reivindicação de que não poderia ser laica, pois as famílias eram católicas, então defendiam que o ensino religioso deveria ser ao menos facultativo aos filhos de pais católicos, era um direito:

Se nesses países, ao direito de uma minoria católica corresponde o ensino religioso facultativo, nós os brasileiros — não divididos em crença e irmanados no mesmo sentimento católico — maioria absoluta que somos, temos o direito de exigir o ensino religioso nas escolas. Aliás, se de nada valem os direitos de uma maioria absoluta, que nos valha, ao menos, o espírito liberal dos nossos estadistas (*Palavras...*, 1921, p. 19).

Portanto, o direito ao ensino religioso nas escolas públicas e o trabalho desenvolvido nas escolas particulares era uma luta dos intelectuais católicos, que não

mediam esforços para apresentar argumentos favoráveis. A pesquisa de Neves (2014) apresenta esse contexto de discussão acerca da laicização da sociedade, mostra que as lideranças católicas não tinham força no meio político, sobretudo nas votações de discussão em torno das propostas para a Constituição de 1891, tendo seus projetos rejeitados. Desse modo, a proposta de uma educação laica nas instituições de ensino públicas foram votos vencidos. O autor apresenta os tramites de negociação e as propostas de emendas sugeridas pelos católicos, bem como a rejeição destas. Esse teria sido um dos motivos que os intelectuais católicos passaram a trabalhar em prol de se fortalecer e ganhar espaço, especialmente no meio político.

Nesse sentido, Bourdieu (1993) explica que o objeto de investigação é o espaço social no qual ocorrem as lutas e o confronto entre as elites políticas. Por isso, não bastavam bons argumentos por parte dos intelectuais católicos, mas sim, força no meio político, para que conseguissem efetivar políticas favoráveis ao catolicismo. Os grupos concorrentes se organizam na estrutura do campo político para ganhar voz e falar em nome do Estado.

Catani (2017) explica que o Estado modela estruturas mentais por meio de um conjunto de instituições (sistemas escolares, judiciais e sociais) ao inculcar um ordenamento social, que é constituído como identidade nacional, que é tão evocada pelos intelectuais em geral. Assim, o Estado coordena os interesses concorrentes, priorizando alguns projetos de instituições mais fortes no meio social. As instituições sociais são meios de organizações de intelectuais, nas quais reúnem grupos de intelectuais que defendem uma determinada cosmovisão.

No mesmo texto, ainda na transcrição da carta pastoral escrita por Dom Leme, o confronto continua com os argumentos de defesa dos católicos que defendem que o Estado não poderia impor uma ciência sua, pois era preciso olhar para a sociedade que estava atendendo, e que a imposição do laicismo feria os direitos da maioria. Ao comentar a carta, possivelmente Figueiredo ou um de seus redatores da revista, já que não aparece o nome no final do artigo, escreveu que a educação das novas gerações seria comprometida com o ensino leigo, que isso “mataria o Brasil”, na medida em que representava uma violência por parte do Estado em razão de ferir os direitos da religião, e inclusive, ressaltou que os criadores do projeto de educação leiga eram incompetentes: “Qualquer dos seus Títulos é prova claríssima da incompetência dos seus inspiradores em todos os domínios da Pedagogia”

(Palavras..., 1921, p. 19). E ainda incita um protesto contra o ensino sem a presença da religião e o apontamento a políticas favoráveis a Igreja:

Mas diante de vitórias como esta, que apontamos, dos radicais laicisadores do ensino no Brasil, não é possível reprimir, por mais tempo, a indignação de todos os bons brasileiros, o protesto de quantos não querem ver esta grande pátria completamente embrutecida. A verdade verdadeira é a seguinte: o povo brasileiro só tem agora um meio de salvação: decidir-se por uma política de todo favorável às liberdades da Igreja, e isto só se fará uma realidade com a escolha de elementos reconhecidamente católicos, que formem as maiorias em nosso Congresso (Palavras..., 1921, p. 19).

Se tratava de uma luta política. Nesse sentido, Roque Spencer de Barros (1959) mostra que com a Proclamação da República e a separação do Estado com a Igreja Católica no Brasil não significou uma mudança de mentalidade, pois as mudanças sociais e culturais são construções históricas e levam um tempo para modificações. Desse modo, mostra que o catolicismo estava fragilizado muito tempo antes desse período, e a maioria da população que dizia católica, era por obrigação do contexto histórico:

O verdadeiro católico não imperava nas consciências, dominava, contudo, nas instituições. A começar pela consagração de uma religião de estado, o país oficial se definia católico. assim, ainda que o catolicismo não estivesse nos corações, ainda que outras fossem as convicções, estava ele nos códigos, na lei, no limiar das carreiras intelectuais e políticas, pela obrigação do juramento religioso, na base das famílias, pela inexistência do casamento civil [...] (Barros, 1959, p. 27).

O catolicismo tinha força com as instituições civis, e ao mesmo tempo o que fortalecia era o que causou o seu enfraquecimento. Daí iniciaram a luta dos católicos que buscavam fortalecer as instituições católicas para se contrapor ao liberalismo e a laicidade. O Pontificado de Pio IX (1846-1878, papa desde 1846) foi marcado pela luta entre o catolicismo e a civilização moderna, em que aspiravam uma monarquia absoluta favorável ao catolicismo. Inspirados pelo Papa, Dom Vital⁴³ e Dom Macedo Costa despertaram a necessidade da luta entre a mentalidade católica-conservadora, assumida por Figueiredo, e o liberalismo (Barros, 1959).

Ainda sobre a reação católica-conservadora, contra as ideias liberais e cientificistas, é possível notar uma organização do laicato católico seja por meio de

⁴³ Dom Vital (1844-1878) foi o homenageado escolhido para o Centro Dom Vital também fundado por Jackson de Figueiredo. Dom Vital e Dom Macedo da Costa (1830-1891) foram presos pelo governo imperial em 1874 por lutas em favor do catolicismo.

publicações nos livros, ou nos jornais, no trabalho nas cátedras das faculdades e na tribuna parlamentar. Conforme apresentado no primeiro capítulo, Jackson de Figueiredo explicou que quando estudou direito da Faculdade da Bahia, havia uma ideologia que o afastou ainda mais da religião. E como a religião é o núcleo da cultura, a formação das mentalidades nos cursos oferecidos nas faculdades representava móveis de luta nos meios acadêmico e religioso.

Entre as décadas de 1920 e 1930, a Igreja Católica foi marcada por uma posição de cunho conservador, tradicional e elitista, portanto, via nas universidades brasileiras um lócus de formação da futura geração de intelectuais, que seria o cérebro da sociedade. O Centro Dom Vital trabalhava com a criação de propostas para alavancar o catolicismo na sociedade e formar uma elite católica nacional. Por isso, fazia parte dos planos de Jackson de Figueiredo a criação de cursos superiores católicos, como lugar estratégico de formação intelectual, no entanto, não chegou a participar diretamente da criação das faculdades católicas a partir de 1941 (Sacardo, 2008).

Mesmo após instaurado o sistema republicano no Brasil, havia diferentes posicionamentos entre os católicos que continuaram a defender a monarquia, como é o caso de Jackson de Figueiredo, que parte do pensamento de autores franceses que defendem que a relação do catolicismo com a monarquia como se fosse uma aliança ideal, por ser mais equilibrada nas questões políticas e religiosas em termos de direcionar a população e manter a ordem. Se contrapõe as ideias da Revolução Francesa, que segundo Bonald causou desordem social. A monarquia e o catolicismo, segundo esses autores, era um processo natural. As obras *Théorie du pouvoir politique et religieux* (1796) e as *Considerações sobre a França* (1797), de Joseph De Maistre são marcos do pensamento conservador contra-revolucionário, segundo Rodrigues (2006).

Jackson de Figueiredo defendia a ideia de uma monarquia cristã sob a vanguarda da Igreja Católica, pois acredita que “[...] a democracia, máxime na forma com que a adotamos, é uma anarquia pratica, pela insegurança e incoerência dos princípios diretores da atividade, é desconfiança em relação ao poder e discussão em relação a tudo e a todos” (Figueiredo, 1925b, p.115). Atacava os processos revolucionários, e lutava contra o liberalismo: “[...] combato o Liberalismo porque estou convicto que é a maior fonte de injustiça social, a origem principal de todas as tiranias políticas, que desonram o mundo moderno e contemporâneo” (Figueiredo, 1925b,

p.258). Relatava não acreditar na vontade do povo. Por isso notamos em muitos trabalhos da revisão de literatura que Jackson de Figueiredo era chamado de reacionário, devido a esse tipo de pensamento.

Na primeira página da revista, com o título de *Nosso programa*, é explicado o objetivo d' *A Ordem*, que não aspirava ser a palavra oficial de autoridade da Igreja católica, mas que buscava combater os erros cometidos pelos inimigos do catolicismo, e ressaltava a luta do povo católico, que aceitou a separação da Igreja e do Estado sem protestar e que isso acarretaria problemas futuros:

E é assim que temos assistido quase indiferentemente, nestes trinta anos de república, os maiores atentados em matéria de educação dos nossos filhos, e suportamos as imensas despesas de um Congresso, que nós próprios elegemos, e em que raros são os que têm a coragem de se proclamarem defensores do nosso credo religioso, isto é, daquilo que consideramos a nossa mais sublime e insubstituível riqueza espiritual (*Nosso programa...*, 1921, p. 1- 2).

Portanto, era preciso zelar pelo bem maior do povo brasileiro, que seria a riqueza espiritual no meio social, entre os quais estava o lugar da educação, afetada com a laicidade, vista como uma ameaça para católicos. No mesmo artigo, o autor, que embora não mencionado, possivelmente era Jackson de Figueiredo, escreveu que acreditava na capacidade moral e intelectual dos católicos para seguirem os ensinamentos repassados da Igreja a fim de preservarem as tradições herdadas, de modo a estarem atentos ao que dizem as autoridades eclesiásticas.

Na revista *A Ordem*, são comentadas criticamente algumas bibliografias, como a *História da Reforma de D'aubigné* as *Histórias do Império Romano de Gibbons*, do Reinado de Fernando e Isabel de Prescott, as quais, na visão dos católicos são mentiras históricas, pois faziam propaganda de impiedade. Citam o nome da Igreja como responsável por atrocidades:

Assuntos prediletos destas histórias ímpias são fatos mil vezes desmentidos, como a participação da Igreja nas crueldades e atrocidades da Inquisição espanhola, o regozijo do Papa e o seu aplauso ao massacre de São Bartolomeu, a prisão em cárcere lóbrego e as torturas infligidas a Galileu, a santidade e inocência da rainha Isabel de Inglaterra e a atrocidade de sua irmã mais velha Maria Tildar, apelidada pelos protestantes — a sanguinária, esquecidos da irmã e do pai (Almeida, 1921, p. 51).

O mesmo texto, cuja autoria é de Lacerda de Almeida (1921), acusava a influência dos governos de ímpios, agnósticos e ateus, que mentiam para fomentar o

ensino leigo e eram contra o catolicismo em almas infantis. A disseminação falsa da história contra a Igreja traria prejuízos para a formação humana, pois tratava-se de perseguição aos católicos e de um espetáculo de hipocrisias. O autor escreveu sobre justiça, e se não tiverem o direito de contar o seu lado da história, seriam julgados por Deus, porque Ele é justo e justiceiro.

Um dos argumentos dos católicos para incluir a educação católica como importante para a formação humana, era de que seria a única que continha um equilíbrio ideal entre a questão da autoridade e da razão, ou seja, que pregava o respeito à autoridade e o uso legítimo da razão, enquanto outras religiões prezavam pelo orgulho e pelo movimento de enaltecer a autoridade e desconsiderar a razão, ou usar da razão para não reconhecer a autoridade. Foi transcrito na revista *A Ordem*, um texto de Ventura Raulica, sem mencionar o ano da publicação original que: “Todas as religiões de formação humana se reduzem a estas duas categorias: religiões sensuais (idolatria, paganismo, maometismo) e religiões do orgulho (heresia, protestantismo, racionalismo)” (Todas as religiões..., 1921, p. 70).

É transcrita na revista *A Ordem* a fala do padre Alcidino Pereira para reforçar a importância do ensino religioso facultativo nas escolas públicas, alegando que a neutralidade não existiria na prática:

Com abundância de citações, colhida nas melhores fontes e ainda entre os pedagogos insuspeitos de simpatia pelas crenças religiosas, mostra o orador a profunda inépcia do estado leigo que por uma falsa noção de neutralidade, interdiz nas escolas públicas o ensino da religião (Padre..., 1922, p. 102).

Dessa forma se somam argumentos católicos para a intervenção na educação pública. O projeto de número 40 é citado por ter sido apresentado no Congresso Legislativo Paranaense para defender o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, pelo padre Alcidino. Em edições posteriores na revista *A Ordem* são comentados os ataques que estavam sofrendo por defender a proposta, e citam exemplos de vários países que permitiam o ensino religioso nas escolas.

Em várias edições da revista *A Ordem* são apresentados comentários gerais da situação do catolicismo em outros países, sendo que em um destes, mostra que nos Estados Unidos, a pedido da Consagração das Irmãs dos Santos Nomes, que eram mantenedores de escolas paroquiais e uma escola leiga, reivindicaram a presença do ensino religioso e tiveram como resposta:

Ao mesmo tempo fez a Corte salientar que essa decisão não discutia ao Estado o direito de elaborar regulamentos justos e sensatos para todas as escolas, particulares como públicas, e de fiscalizar lhes professores e alunos, para prover a que os professores fossem de boa moral e de patrióticas intenções, bem como para que ali se ministrasse efetivamente ensino especial tendente a formar bons cidadãos e a evitar toda sorte de abusos manifestamente inimigos do bem público (Como nos estados..., 1925, p. 118).

No mesmo texto é explicado como o ensino religioso nas escolas deve ser trabalhado, ou seja, constituído por lições de catecismo correspondentes a fé católica e que devem estar em harmonia com as demais disciplinas. O objetivo da disciplina de ensino religioso seria aproximar as almas do Criador, que em síntese é apresentado da seguinte forma:

Eis, em síntese o que é a Educação. Só o catecismo pode conseguir isso, como veículo de todo conhecimento do homem, através da Igreja, em relação a salvação da sua alma. É pelo catecismo que aprendemos a resolver nossos problemas mais sérios que inquietam o espírito humano (Viana, 1925, p. 118).

O ensino católico visava repassar conhecimentos úteis para a vida social, dando a todos a chance de poder salvar suas almas, deste modo produziriam bons frutos para a Igreja e para a pátria, uma vez que estariam repassando valores morais a serem seguidos. Segundo o autor, só a Igreja poderia oferecer uma disciplina moral para manter a harmonia social, e evitar que as crianças sejam futuras “vítimas de suas paixões”, como assinala.

Viana (1925) defendeu que as aulas de catecismo deveriam ser correspondentes as aulas de leitura e escrita. O professor teria a tarefa de tornar a aula atraente para os alunos, bem como partir dos exemplos dos ensinamentos da Igreja para a ministração das demais disciplinas, para evitar conflitos entre a fé e a ciência. Explica que o ensino religioso não poderia ser trabalhado de forma separada, ou isolado das demais disciplinas, porque colocam o ensino facultativo como não sendo o ideal, portanto, percebe-se que a proposta de articulação se soma aos demais argumentos de defesa do ensino religioso nas escolas públicas: “O ensino do catecismo tem que ser integrado as outras matérias e em harmonia com elas” (Viana, 1925, p. 119). Portanto, não como proposta de disciplina isolada e facultativa.

A respeito do melhor horário para ministrar as aulas de ensino religioso, Viana (1925) defendeu que seja no último horário, com 25 a 30 minutos, e para o método de ensino, recomendou o manual pedagógico de Edmoad Gabriel, usado nas escolas católicas da França. Ressaltou a importância de ter um planejamento assim como os

professores já fazem para as outras matérias, com lições que instiguem a curiosidade dos alunos, com variados exemplos e interrogações e sem explicações muito longas. Aconselhou o processo socrático de indução como base epistemológica. Entre os exemplos e sugestões de atividades que o autor cita estão:

Devoções. Poesias. Cânticos religiosos. Ditados. Vida de Santos e outras matérias em que se incluam princípios religiosos e mesmo a cives obedecem. Comemorações dos dias santos, com assistência ao Santo Sacrifício da Missa e comunhões. As segundas-feiras serão reservadas para preces intensas (Viana, 1925 p. 119).

Acrescentou que na biblioteca da escola seria indispensável a disponibilidade de livros para incentivar a leitura espiritual e conhecer sobre a vida de Jesus, que pudesse levar para a casa e estimular o contato com a família para discutir sobre o que estavam aprendendo na escola. Se possível, ter algumas aulas com auxílio de aparelhos de projeção cinematográficos, assim como educadores da França e dos Estados Unidos usavam para passar filmes sobre o evangelho.

É evidenciado o quanto os escritores *d'A Ordem* desejavam a incorporação do *habitus* católico na comunidade escolar por meio de tais métodos. Viana (1925) explicou que, assim como no ensino profissional se formam para a teoria e a prática, o ensino religioso serviria para conhecer a parte teórica e realizar na vida: "Agora deve tender a formar católicos práticos. Para isso devemos tornar a escola como um centro de vida religiosa. Criar hábitos de vida cristã, eis uma das principais coisas a conseguir" (Viana, 1925, p. 121). Até porque se só aprendessem e não praticassem o catolicismo não valeriam de nada as aulas. Por isso incentivam que mandem lições para que os pais pudessem auxiliar em casa, como preces simples a serem feitas em família.

Além de explicações acerca da sugestão de organização do ensino religioso nas escolas, são citadas algumas falas de Dom Sebastiao Leme sobre os colégios católicos, que precisavam ser fortalecidos, pois nessas instituições o ensino religioso era considerado quase nulo ou irracional e deveria ser melhorado:

Mas o Sr. Arcebispo não se limita a formular a regra. Exemplifica e dá conselhos que a sua longa experiencia lhe sugere. Sua Excelência fere um ponto de magna importância: o ensino religioso nos colégios católicos. Parece incrível, mas é um facto que em grande parte este ensino ou é nulo ou irracional! O Sr. Dom Leme recomenda "a intensificação o aperfeiçoamento da cultura religiosa" (A ação..., 1923, p. 3).

Dom Leme, nos trechos transcritos, chamou a atenção para um ponto importante referente ao ensino religioso, que seria melhorar, primeiramente, o ensino religioso nos colégios católicos, para então lutar por espaço nas escolas públicas, pois ressalta que os meios católicos deveriam ser fortalecidos, já que necessitavam de uma base organizada, e sem isso, dificilmente avançariam nos seus projetos. De encontro com esse discurso, encontramos em outros textos a necessidade de expandir a cultura católica:

É preciso sistematização, grandes esforços de ordem material, criação de institutos de real valor, que, em todo e qualquer sentido pedagógico, valham o que valem os que nos são hostis, criação sobretudo de professores, de formação pedagógica intrínseca e extrinsecamente católica, o que quer dizer, criação de escolas normais católicas, com todo o rigor do termo. Enquanto não houver por parte do capital católico, do bom senso católico, da imprensa católica, de todas as forças católicas a convicção de que este é o máximo problema do momento brasileiro, quase, que se pode dizer que não estamos a merecer a ajuda de Deus seio para o que for (O máximo..., 1924, p. 249).

As escolas católicas foram criticadas, pelos próprios católicos, por não apresentarem programa e métodos próprios e consistentes. Era necessária uma base religiosa mais aprofundada, pois estavam abrindo espaço para pensamentos agnósticos e falhando na educação das futuras gerações. Apontam fortemente a organização de um sistema escolar católico, ainda mais no Brasil e frente ao contexto que defendia uma educação sem a presença da religião nas escolas públicas.

Segundo Jonatas Serrano (1923), não seria justo que os pais não pudessem ter a liberdade de escolher que os filhos tivessem o ensino religioso, pois se trata da base de formação para os católicos, e tudo o que mais aprendessem seria a partir de tais fundamentos religiosos. Perilo Gomes (1924a) explicou que a educação é um dos fatores mais importantes de atuação da Igreja Católica na sociedade:

E a educação é um dos maiores fatores para a atuação na sociedade. Assim a Igreja não somente por obra de caridade como também por necessidade política teve de lhe dar um grande desenvolvimento. Por toda a parte criou escolas, sendo os mosteiros verdadeiras universidades, tendo criado mesmo, para atender a este encargo, numerosíssimas congregações de ensino. A escola paroquial não é unia instituição dos nossos tempos, e o ensino universitário não é nem do nosso tempo nem instituição leiga. E até os hospitais, que eram estabelecimentos católicos, mantinham escolas públicas de ensino gratuito (Gomes, 1924a, p. 69).

A partir do trabalho desenvolvida por diversas instituições de vínculos com a Igreja, se pensava na importância de fomentar a educação católica. Desse modo,

Perilo Gomes rebateu críticos que diziam que a Igreja nunca trabalhou em favor da educação das massas.

Com o título *Catholicismo nas escolas*, é anunciado a Conferência Nossa Sra das Vitórias, uma ação para ajudar as pessoas mais pobres que viviam perto da escola, como iniciativa de alunos católicos da Escola Polytechnica. O grupo organizou a *Sociedade São Vicente de Paula* para fazer ações de caridade, e a revista *A ordem* anunciou os dias em que se reuniam para fazer os projetos, para incentivar que o grupo crescesse, ressaltando a importância da militância católica: “Assim, com quanto no seu corpo docente e discente, ainda haja quem persevere fiel aos princípios de irreligião, entretanto já é numerosa a plêiade dos católicos militantes, tanto assim que existem ali várias associações católicas” (*Catholicismo...*, 1921, p. 30). Assim, por meio da caridade poderiam evangelizar.

A discussão do ensino religioso ficou ainda mais forte por parte dos intelectuais católicos quando passaram a discutir a reforma da Constituição. No texto *A Igreja e a reforma constitucional*, sem mencionar o autor, é ressaltada a importância da presença católica nas instituições, em especial nas de ensino. Alerta os católicos que não poderiam defender a separação da Igreja Católica com o Estado:

Católico nenhum, por isto mesmo que católico, NÃO TEM O DIREITO de defender a tese liberal da separação entre a Igreja e o Estado. Ela pode ser-nos imposta e, para evitar mal maior, pode a Igreja reconhecer a legitimidade do poder civil, que a diminui, e com cite até colaborar para o bem da sociedade, porque a verdade é que a Igreja cuida mais do bem social do que da própria defesa, ou melhor, só se defende na medida em que defende a própria sociedade. Mas nós, católicos, temos o dever de condenar esta altitude do Estado, que não é consequente com a sociedade a que rege (*A Igreja e a reforma...*, 1925, p. 82).

Demonstrava um modo de não deixar de lutar pelos interesses da Igreja da sociedade, que acabou, conforme comentado, tendo seu poder diminuído socialmente, pois deixou de ser uma religião oficial. E a via da educação era vital nessa luta: “E, todavia, ainda há um outro assunto vital, o da educação e da escola, sobre o qual a Igreja romana fala bem alto” (*A Igreja e a crise...*, 1925, p. 87). Ressaltou a questão de preservar por meio da educação toda a nossa história e tradição. Então, por mais que não conseguissem que o catolicismo voltasse a ser a religião oficial do Estado, o ensino religioso deveria existir nas escolas oficiais.

Em um breve texto intitulado *Ensino desmantelado e sem ideal*, sem menção de um autor, é feita uma crítica as propostas de reformas de ensino, na 4 edição da revista. Chamam os organizadores do ensino do país de incompetentes:

Dessa incompetência foi que se originaram todas as “reformas salvadoras” que, em curto espaço de tempo, tem agravado cada vez mais o problema da nossa educação, já agora merecedor de um tratamento ditatorial que seja como um ferro, em brasa na raiz mesma da sua íntima fraqueza: o ceticismo oficial, o horror a toda sistematização, que não seja a do pedantismo cientificista, ainda assim falho em relação aos seus próprios recursos (Ensino..., 1921, p. 51).

Nesse período já havia o movimento de luta contra a laicidade na educação. No artigo, chamam esse movimento laicista de “anarquia das consciências”. Na revista *A Ordem* faziam propagandas de literatura católica para as crianças, como necessária para a educação moral. Destacavam as publicações da Sociedade dos Publicistas Catholicos, entre as quais estavam: *O anjo das criancinhas*, *As mais bellas Fábulas e o Pequeno Exame de Consciência*. A Pedagogia católica se fazia importante para a formação moral e intelectual das crianças, e deveria ser incentivada pelos pais, pois se tratava de uma forma didática e complementar de passar os ensinamentos da Igreja.

3.3.2 Educação moral

A educação moral aparece de forma mais abrangente na revista *A Ordem*, advinda dos ensinamentos da Igreja Católica, no sentido de um modelo de comportamento a ser seguido. Por meio das leituras identificamos a educação moral como correspondente a uma identidade católica a ser conservada e propagada, como um *habitus* que deveria permanecer. E as estratégias dos intelectuais católicos eram demonstradas na revista *A Ordem* por meio do combate do que consideravam fontes de imoralidade e pelas recomendações da Igreja de um *habitus* desejável.

Ao organizar o quadro, notamos que a maioria dos textos analisados sobre educação moral foram escritos pelo grupo organizador da revista. Plínio Barreto (1882-1958) foi comentado pelas suas produções, as quais os organizadores da revista *A Ordem* buscaram transcrever e explicar. Nascido em São Paulo, Barreto foi jornalista e se destacou como escritor da área do direito. Participou da criação da Ordem dos Advogados no Brasil. Na dissertação de André de Costa Cabral (2009) é

possível encontrar algumas cartas que Jackson de Figueiredo enviou para Plínio Barreto. Nas cartas é possível perceber os embates entre os pensamentos dos autores:

Logo que li seu artigo de 17 lhe fiz uma carta áspera ou triste, não sei bem como a julgue. Mas reli hoje o artigo e verifico que não tenho razão para indignar-me com suas teimosias e incompreensões. Muitas razões, sim, para lhe responder publicamente. E vou fazê-lo. Espere, pois pelo artigo e certo de que, ainda dessa vez, nada você perdeu do pouco que lhe pode dar o velho coração amigo do Jackson (Figueiredo, 1928).

A carta datada de 23/24 de março de 1928 mostra as tentativas de diálogo com Plínio Barreto, as quais não pareciam ser fáceis, mas respondidas de modo respeitoso. Figueiredo sabia que Barreto era um intelectual influente na sociedade, por isso considerava importante o diálogo por meio de respostas, pública e individual, dos seus textos. Com exceção de Pierre Arthuys, que embora tenha sido apresentado como autor ao final do artigo, pode ter sido transcrito, os demais textos nas quais as citações se encontram foram escritos pela equipe de redação da revista *A Ordem*.

Quadro 8 – Educação moral: citações e autores

(continua)

Autor	Citação	Ano e página
Hamilton Nogueira	[...] quando os pais acompanham cuidadosamente a educação de seus filhos, iniciando-os desde a infância na prática da religião católica.	1921, p. 29
Perilo Gomes	De facto, que é a educação? É disciplina, é subordinação dos nossos atos impulsivos aos ditames da moral privada ou social. E que outra concepção de moral, que não a cristã, pode existir, que não seja errônea, frágil, viciosa na forma e no fundo, sem força imperativa, sem explicação, sem coerência e sem finalidade.	1921, p. 118
Perilo Gomes	Um moço, filho de pais católicos que a escola leiga corrompe até identificá-lo com os princípios da maçonaria, leva vicia dissoluta progredindo ao mesmo tempo no ódio contra a Igreja.	1922, p. 173
A redação	Na preservação da moral, o Sr. Arcebispo faz notar que cumpre antes de tudo agir sobre as fontes da imoralidade. Sua Excelência as designa: leituras, teatros, cinemas, modas e bailes.	1923, p. 2
Perilo Gomes	Não pode haver instrução sem educação, nem educação sem moralidade religiosa.	1923, p. 17
Hamilton Nogueira	Mas, no que diz respeito à moral, com toda a franqueza, confessamos não nos ter agradado. Basta lembrar que a ilustre publicista se diz católica apostólica romana, praticante, e ao mesmo tempo bendiz o divórcio, como salutaríssimo meio de proteção à mulher.	1923, p. 30
Perilo Gomes	[...] o combate pela fé católica e pela moralidade das letras.	1923, p. 155
A redação	O ensino da Igreja, pois, não deixa lugar a dúvidas: é categórico, é formal: sob as espécies consagradas está Jesus, o Cristo Redentor.	1924, p. 232
A redação	A experiência e a prática na educação a Igreja tem-nas de sobra.	250; 1924

Quadro 8 – Educação moral: citações e autores

		(conclusão)
Autor	Citação	Ano e página
A redação	Não podem reconhecer direitos ao Estado de lhes impor qualquer espécie de educação moral que não seja religiosa, isto é, que não seja católica.	1925, p. 81
A redação	Consideremos agora o Papado. Ele propõe uma moral que reivindica a universalidade. É o centro da obediência de cerca de 200 milhões de indivíduos no inundo inteiro.	1925, p. 87
Jackson de Figueiredo	A força mais útil da educação sendo, não resta dúvida, o hábito ou o costume, o que há a fazer é educar a criança em sãos princípios de moralidade e habituá-la a amar os seus antepassados.	1922, p. 101
A redação	Deploro com o sr. Jackson de Figueiredo que a moralidade esteja em declínio no Brasil, e não estou longe de acreditar, com ele, que esse declínio advenha da crescente descristianização das massas.	1925, p. 111
Plínio Barreto (texto transcrito)	A moralidade nacional baixou não tanto porque a Igreja se desligou 94 do Estado, mas porque o Estado se esqueceu de que a moral é uma das bases da educação.	1925; 112
Plínio Barreto (texto transcrito)	Assim como me parece errônea a proibição do ensino religioso nas escolas públicas, errônea parece-me também a franquia de tal ensino exclusivamente a uma determinada corporação religiosa. Mais profícua para a formação moral do cidadão tenho eu que é o estudo da história das religiões do que o estudo da história dessa malta de aventureiros que, através dos séculos, pelo saque, e pelo morticínio, com o título de reis e conquistadores, escravizaram os homens e degradaram a natureza humana.	1925, p. 112
A redação	O fenômeno da formação da pessoa coletiva, da pessoa moral, que é a nação, opera-se com a comunicação e pela convergência espontânea ou refletida dos pensamentos, dos sentimentos, das vontades, para um acordo e conceito, que não é uma soma de parcelas, mas uma só unidade resultante, da mesma natureza e alcance das unidades convergentes. Nesta natural coincidência e lógico assentimento dos animas, donde deriva o sentimento público, a opinião pública, tal como, na física, emana o calor e vibra a luz, o fenômeno da enunciação da pessoa moral, efetua-se na série dos pactos jurídicos pelos órgãos que se lhe adaptam, que são os governos investidos de poder de representação, para o desempenho da ordem /ou mandato, e 99 consiste o seu maior merecimento na finalidade de representação.	1925, p. 115
Pierre Arthuys	Progredir, é, pois, dar ao homem todos os meios de libertar-se completamente do seu fim, que é Deus.	1927, p. 120
A redação	A família não é somente a continuação da raça, ela não é somente a educação moral e intelectual das crianças, não é somente a preparação da geração futura, ela é o estaleiro onde se forjam as almas, onde Deus trabalha.	1927, p. 136
Plínio Barreto (texto transcrito)	Concordo que a educação moral continua a ser, no Brasil, problema sem solução e que, enquanto não for solvido, não sairemos do barco onde nos debatemos. Acho, também, que para a solução desse problema é precioso, senão indispensável, o concurso do cristianismo e, especialmente, do catolicismo.	1928, p. 36

Fonte: A autora.

A partir das citações, possivelmente o próprio Jackson de Figueiredo, ou um de seus redatores, comentam uma fala de Dom Sebastiao Leme na Ação Católica, de modo a ressaltar a importância da preservação da moral católica e como ela pode ser

feita: “Na preservação da moral, o Sr. Arcebispo faz notar que cumpre antes de tudo agir sobre as fontes da imoralidade. Sua Excelência as designa: leituras, teatros, cinemas, modas e bailes” (A ação..., 1923, p. 2). Portanto, tudo o que não condizia com os ensinamentos da Igreja, seria imoral e deveria ser combatido pelos católicos. Citavam exemplos que condutas e atividades não consideravam ser corretas.

Em várias passagens encontramos que a Igreja era a principal formadora da moral: “O ensino da Igreja, pois, não deixa lugar a dúvidas: é categórico, é formal: sob as espécies consagradas está Jesus, o Cristo Redentor” (Conferência..., 1924, p. 232). O autor, que não teve o nome citado ao final do artigo, explica que a Igreja Católica trabalhou desde o princípio como formadora intelectual: “A experiência e a prática na educação a Igreja tem-nas de sobra” (Escola..., 1924, p. 250). Argumentou que foi com o ensinamento da Igreja Católica que guiaram os povos para a civilização, como se fosse a mãe formadora das nações.

O reconhecimento da Igreja referente a educação moral, segundo os escritores da revista *A Ordem*, deveria ser reivindicado pelos católicos, pois fazia parte de uma luta que não era só nacional já que a Igreja Católica transpassava fronteiras: “Consideremos agora o Papado. Ele propõe uma moral que reivindica a universalidade. É o centro da obediência de cerca de 200 milhões de indivíduos no inundo inteiro” (A Igreja e a crise..., 1925, p. 87). A religião era considerada como a base moral da sociedade que estava sendo modificada e inclinando as pessoas para o mal, pois estavam mudando toda uma ordem social já instituída e organizada.

Conforme comentamos, um campo não está restrito a fronteiras geográficas, ou circunscrito ao perímetro do Estado-nação, nós é que costumamos fazer alguns recortes nas pesquisas, como por exemplo conhecer determinada realidade presente no campo educacional brasileiro. No entanto, quando tratamos do campo religioso, e discutimos a Igreja Católica, em especial, sabemos que tem suas especificidades no contexto brasileiro, mas atende a uma perspectiva transnacional. Desse modo, “[...] a construção de identidades nacionais é operada em um processo transnacional de circulação desse modelo de um país para outro” (Sapiro; Stella, 2019, p. 239). Sendo assim, o catolicismo se propõe como um propagador de categorias universais, fato que está relacionado ao seu poder simbólico, de modo a se utilizar da categoria universal para estabelecer uma unidade, e exercer suas práticas religiosas.

Assim, a circulação de agentes remonta para uma perspectiva mais fluida para entender um campo, e de visualizar a Igreja Católica. A Igreja está para além de

estados aglomerados, na medida em que há uma grande interação entre eles, formando o sentido de unidade como uma comunidade internacional. Essa questão de união dos católicos para além das fronteiras era um assunto constantemente difundido na revista *A Ordem*, no período estudado, de forma a evidenciar uma identidade moral católica.

O estudo de Christiane Jalles de Paula (2013) sobre a obra *A reacção do bom senso: contra o demagogismo e a anarchia militar*, de Jackson de Figueiredo, apresenta como conclusão que, para o autor, a moral católica deveria ser o fio condutor das condutas humanas. Os escritos e a ação política de Figueiredo como intelectual católico estavam submetidas a ordem do catolicismo. A autora destaca que a questão da moralidade era um dos assuntos predominantes na produção geral escrita de Jackson de Figueiredo, ao lado dos temas: catolicismo, nacionalismo, ordem, autoridade e contra-revolução. Sendo assim, a educação perpassa os assuntos e é desse modo que a encontramos nas páginas da revista *A Ordem*. São poucos os textos que tratavam especificamente sobre a educação, mas o assunto perpassava várias discussões apontadas como importantes para a formação humana, dentro de diversos temas.

A revista *A Ordem* defendia que o Estado deveria reconhecer os direitos dos católicos na educação das crianças, como um ponto fundamental já que trabalhava a mentalidade social como um todo, e não admitiriam uma educação que não fosse de base religiosa católica: “Não podem reconhecer direitos ao Estado de lhes impor qualquer espécie de educação moral que não seja religiosa, isto é, que não seja católica” (A Igreja e a reforma..., 1925, p. 81). É exposto um artigo de Plínio Barreto, escrito em primeira mão em março de 1925 para o jornal O Estado de São Paulo, no qual diz que: “A moralidade nacional baixou não tanto porque a Igreja se desligou do Estado, mas porque o Estado se esqueceu de que a moral é uma das bases da educação” (Um artigo..., 1925, p. 112). Frequentemente apelavam para que o Estado reconhecesse a moral católica no meio educacional.

O artigo de Barreto (Um artigo..., 1925) é comentado, provavelmente, pelo redator da revista *A Ordem* daquele momento, Arthur Gaspar Viana, porque cita o pensamento de Jackson de Figueiredo, sobre a questão moral: “Deploro com o sr. Jackson de Figueiredo que a moralidade esteja em declínio no Brasil, e não estou longe de acreditar, com ele, que esse declínio advenha da crescente descristianização das massas” (Um artigo..., 1925, p. 111). É interessante notar que a revista *A Ordem*

apresenta algumas transcrições ou tece comentários sobre o trabalho intelectual de outros escritores, mesmo não estando totalmente de acordo com o pensamento católico. O caso de Plínio Barreto é um exemplo. É ressaltado que embora o autor tenha demonstrado desconhecimento da doutrina católica, era um excelente autor. No artigo de Barreto encontramos uma afirmação negativa em relação a ministração do ensino religioso nas escolas públicas:

Assim como me parece errônea a proibição do ensino religioso nas escolas públicas, errônea parece-me também a franquia de tal ensino exclusivamente a uma determinada corporação religiosa. Mais profícua para a formação moral do cidadão tenho eu que é o estudo da história das religiões do que o estudo da história dessa malta de aventureiros que, através dos séculos, pelo saque, e pelo morticínio, com o título de reis e conquistadores, escravizaram os homens e degradaram a natureza humana (Um artigo..., 1925, p. 112).

Barreto foi elogiado como intelectual escritor, sobretudo por ter publicado nas suas crônicas bibliográficas duas obras de Figueiredo (*Literatura reacionária; Afirmações*). Teve seu texto publicado na revista, acreditamos que como modo de agradecimento, e com a ressalva de que “não pertencia ao batalhão sagrado”, ou seja, um intelectual não católico. Portanto, por mais que Jackson de Figueiredo, como diretor e editor da revista *A Ordem* tenha permitido a transcrição de um artigo considerado parcialmente incoerente com a doutrina católica, ao final sempre eram comentadas as ressalvas e explicadas.

Encontramos alguns textos na revista *A Ordem* (1923) que citavam autores e seus conceitos de moralidade, como o conceito de Feuerbach, que defendia que não há diferença entre Deus e o Homem, e a moral, portanto, não seria imposição do Criador, mas consequência da organização da própria humanidade. Citam o exemplo de Hegel que baseia a moral não na teologia, mas na má inclinação, e a moral de Kant, que nos igualava a Deus, e que procuramos em Deus o que temos em nós mesmos. Os escritores da revista *A Ordem* classificavam estes autores como precursores do niilismo e do anarquismo.

Nos ensaios de crítica doutrinária de Perilo Gomes (1923, p. 155) foi enfatizado “[...] o combate pela fé católica e pela moralidade das letras”, ou seja, ressaltou o poder da literatura como forma de doutrinação, o que é importante para a formação intelectual e moral da sociedade. A moral católica era trabalhada por vários autores na literatura, entre os quais são citados como bons exemplos: Tasso da

Silveira e Xavier Marques. Desse modo, seria um alerta de investimento para católicos escritores, para que lembrassem a filosofia católica nas suas produções escritas.

Ao comentar a obra *Minha Terra, Minha gente*, de Afrânio Peixoto, Jackson de Figueiredo (1921d) expôs dois modos de expressar a cultura pedagógica brasileira, e ressaltou que: “A força mais útil da educação sendo, não resta dúvida, o hábito ou o costume, o que há a fazer é educar a criança em sãos princípios de moralidade e habituá-la a amar os seus antepassados” (Figueiredo, 1922d, p. 101). Destacou que os pais, ou pessoas mais velhas em geral deveriam ser exemplos para os mais novos, assim como prezar pela cobrança de respeito, para que os mais jovens reconhecessem a autoridade hierárquica e para que aprendessem os “bons” costumes e os seguissem.

A fala de Ticiano Basílio no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância que ocorreu no Rio de Janeiro em 1922, sobre os castigos, foi comentada pelos intelectuais da revista *A Ordem* (1923) que demonstraram concordância no aspecto em que a educação serviria para preparar a criança para conviver em sociedade, e que a forma de educar era um ponto importante para o desenvolvimento humano. Os meios de correção deveriam atender a sensibilidade da criança. Ensinar por meio de exemplo era um dos caminhos, assim como, mostrar as consequências dos atos errados. Outra questão que destacam na educação, é sempre cumprir o que falou para o filho para usar como repressão, seja por meio de castigo ou de recompensa. A punição deveria ser uma sequência imediata do ato incorreto praticado. Deveria ser praticado o castigo quando realmente necessitasse, e de forma firme, de modo a mostrar que cumpriu com a palavra/promessa.

Perilo Gomes (1921), ao escrever sobre o noticiário dos jornais, ressaltou a não neutralidade dos fatos, que para chamar a atenção, os redatores costumavam trabalhar numa perspectiva impressionista. Sem citar nomes de autores ou jornais, Gomes desenvolveu uma reflexão acerca o assunto, e a respeito de “romantizar os crimes” na literatura jornalística, acusa a falta de educação e religião, e registra o seu entendimento:

De facto, que é a educação? É disciplina, é subordinação dos nossos atos impulsivos aos ditames da moral privada ou social. E que outra concepção de moral, que não a cristã, pode existir, que não seja errônea, frágil, viciosa na forma e no fundo, sem força imperativa, sem explicação, sem coerência e sem finalidade? (Gomes, 1921, p. 118).

Na perspectiva apresentada por Perillo Gomes, a educação serviria para conter nossos impulsos e respeitar a moralidade social, que em especial, a moral cristã seria a ideal a ser seguida. Assim sendo, por meio da moral cristã não se cometeriam tantos crimes como estavam vivenciando naquele momento, visto a quantidade de notícias trágicas nos jornais. Se tratava de mais um motivo para reforçar a educação religiosa católica.

Em outro texto, Perillo Gomes (1922b) comentou o livro *A Lei de Caim* (1921) de Monsenhor José Landim, que conta a história de uma novela francesa em que uma família foi destruída devido a falha na sua formação religiosa: “Um moço, filho de pais católicos que a escola leiga corrompe até identificá-lo com os princípios da maçonaria, leva vicia dissoluta progredindo ao mesmo tempo no ódio contra a Igreja” (Gomes, 1922b, p. 173). Desse modo, destacou, mais uma vez, que mesmo tendo uma formação familiar católica, a formação escolar leiga pode corromper toda a formação humana. Ao final da novela, o filho se suicida e a mãe acaba enlouquecendo com a situação. Perillo Gomes se utiliza de diferentes exemplos que, embora não fossem reais, poderiam acontecer na realidade, o que implica diretamente na educação e formação humana.

Hamilton Nogueira comentou o texto de Mário Alcantara de Vilhena, *Da continência ao factor eugênico*, o qual argumenta que somos diferentes dos outros animais porque temos alma, a qual é dotada de inteligência e vontade, por isso somos capazes de conter nossos instintos, principalmente por meio da educação, para dominarmos os nossos próprios sentidos. Sendo assim, os ensinamentos morais e religiosos seriam relevantes na educação católica, sobretudo: “[...] quando os pais acompanham cuidadosamente a educação de seus filhos, iniciando-os desde a infância na prática da religião católica” (Nogueira, 1921c, p. 29). Nesse texto se discute a importância da castidade, entre outros assuntos, e coloca-se a religião católica como a única capaz de produzi-la.

Padre Gomes (1923, p. 17) escreveu que os católicos estavam deixando de lutar pelos seus direitos, sendo este um fato que comprometia o futuro da sociedade brasileira, pois novos valores estavam surgindo e impactando diretamente na educação moral: “Não pode haver instrução sem educação, nem educação sem

moralidade religiosa." Para os católicos todo professor era um educador⁴⁴, e aprendemos fortemente pelo exemplo, ou seja, por tudo o que vemos e ouvimos no dia a dia, por isso ressaltava a presença da moral religiosa para todos. O padre faz uma crítica às famílias que simplesmente deixavam a educação dos filhos a cargo do Estado, sem pensar nas consequências que poderiam gerar em relação a educação moral da nova geração. Destacava a importância educação, da disciplina e da fé na formação das crianças. A presença e formação de professores católicos era uma das preocupações dos católicos para garantir um ensino efetivo fora do âmbito familiar.

Hamilton Nogueira (1923a) escreveu uma crítica do livro "A mulher", de Emília de Souza Costa, que escreveu sobre a mulher na sociedade, ressaltava que se a autora que se dizia católica jamais poderia escrever certas coisas, que a Igreja condenava, como a questão do divórcio:

Mas, no que diz respeito à moral, com toda a franqueza, confessamos não nos ter agradado. Basta lembrar que a ilustre publicista se diz católica apostólica romana, praticante, e ao mesmo tempo bendiz o divórcio, como salutaríssimo meio de proteção à mulher (Nogueira, 1923a, p. 30).

Nogueira (1923a) insistia que não bastava se considerar católico, era preciso seguir os ensinamentos da Igreja, em favor da fé e dos costumes, sendo assim, os católicos não podem aceitar o divórcio, e muito menos incentivar as mulheres a isso, pois seria moralmente incorreto, e péssimo exemplo as futuras gerações. Portanto, notamos que tudo o que escreveram na revista *A Ordem*, seja para exaltar ou para criticar algum livro em circulação, era observado pelos intelectuais escritores e editor por lentes católicas mais conservadoras.

Vieira (1926) explicou que na ordem moral, o primeiro ponto importante era a liberdade do homem, que não significava a liberdade de escolher o fim, mas de escolher um dos caminhos que poderiam levar a esse fim, portanto, a liberdade estaria no meio, enquanto Deus é quem designava os fins. Em outro texto, foi explicado que a moralidade era o último fim da criação, e que o mundo moderno estava transformando o progresso moral das pessoas: "Progredir, é, pois, dar ao homem todos os meios de libertar-se completamente do seu fim, que é Deus" (Arthuys, 1927,

⁴⁴ Para maiores informações sobre o trabalho do professor na Pedagogia católica, ver o artigo "Características desejáveis ao professor: um estudo dos manuais pedagógicos de Everardo Backheuser – 1933 a 1946" (2020), de Bianca Neves Prachum e Oriomar Skalinski Junior.

p. 120). Assim, com o mundo moderno, os meios que permitiam a liberdade do homem, estavam sendo corrompidos e impedindo ou dificultando para que chegasse ao fim, que seria Deus, por meio da salvação.

A família era considerada importantíssima para a educação moral das crianças: “A família não é somente a continuação da raça, ela não é somente a educação moral e intelectual das crianças, não é somente a preparação da geração futura, ela é o estaleiro onde se forjam as almas, onde Deus trabalha” (Comunitário..., 1927, p. 136). Por isso a importância de trabalhar com a família, que era considerada como a instituição base da educação, estando abaixo apenas da Igreja na hierarquia da educação católica. Sendo assim, a família deveria ser um bom exemplo moral para os filhos. Com frequência é apontado que o país passava por uma crise moral:

Concordo que a educação moral continua a ser, no Brasil, problema sem solução e que, enquanto não for solvido, não sairemos do barco onde nos debatemos. Acho, também, que para a solução desse problema é precioso, senão indispensável, o concurso do cristianismo e, especialmente, do catolicismo (Barreto, 1928, p. 36).

Nesse texto, especificamente, foi citado Jackson de Figueiredo e a doutrina de ordem, que seria trabalhada por meio do progresso moral da sociedade. Era defendido que uma educação em comum seria ideal para a convivência na coletividade, pois segundo os argumentos registrados por escritores católicos da revista *A Ordem*, precisamos ter valores comuns para definirmos melhor as regras de convivência e a definição do que seria considerado certo e errado, e nenhuma instituição mais qualificada que a Igreja seria capacitada para essa missão de educar moralmente:

O fenômeno da formação da pessoa coletiva, da pessoa moral, que é a nação, opera-se com a comunicação e pela convergência espontânea ou refletida dos pensamentos, dos sentimentos, das vontades, para um acordo e conceito, que não é uma soma de parcelas, mas uma só unidade resultante, da mesma natureza e alcance das unidades convergentes. Nesta natural coincidência e lógico assentimento dos animas, donde deriva o sentimento público, a opinião pública, tal como, na física, emana o calor e vibra a luz, o fenômeno da enunciação da pessoa moral, efetua-se na série dos pactos jurídicos pelos órgãos que se lhe adaptam, que são os governos investidos de poder de representação, para o desempenho da ordem /ou mandato, e consiste o seu maior merecimento na finalidade de representação (Um artigo..., 1925, p. 115).

Desse modo, temos uma definição do entendimento acerca da formação e da incorporação moral na sociedade, ou seja, por meio da convivência na vida social, com respaldo nos meios jurídicos que desempenham o poder de manter a ordem. Segundo o discurso a educação moral católica seria a ideal por representar a nação brasileira, já que o catolicismo foi a base da tradição nacional. A Igreja era considerada uma formadora universal, que pregava uma educação moral no mundo inteiro e há séculos.

3.3.3 *Educação intelectual*

A educação intelectual, almejada pelos católicos produtores do discurso da revista *A Ordem*, objetivava a formação do intelecto da pessoa, de modo a adquirir conhecimentos para gerir o pensamento e a ação com base nos princípios religiosos defendidos. A partir disso, encontramos vários textos que, em geral, buscavam aproximar a ciência da religião, de forma sempre complementar.

Para mostrar a ordem de como os textos sobre educação intelectual foram dispostos nas páginas da revista, organizamos um quadro com as citações usadas na presente categoria de análise. Como podemos observar notamos que partem do texto de autoria de Hamilton Nogueira, que inicia a discussão acerca da relação entre ciência e fé para o intelecto humano, passando por outros autores, que diferente das demais categorias, apresentam mais autores que não estão entre o quadro de redatores da revista para discutir o assunto e afirmar um mesmo propósito de que a educação intelectual verdadeira é aquela que tem Deus como base do seu conhecimento.

O escritor católico Alexandre Correia, que embora não fizesse parte do quadro de organizadores no período analisado, tinha publicações na revista *A Ordem*. Ao buscar sua biografia encontramos que foi professor e defendeu sua tese “Política de Joseph de Maistre” na Universidade de Louvain, na França. Traduziu alguns livros católicos, como a Suma Teológica de São Tomás de Aquino. Seguiu a mesma linha de estudos de Jackson de Figueiredo (Nogueira, 1984).

Quadro 9 – Educação intelectual: citações e autores

Autor	Citação	Ano e página
Hamilton Nogueira	Vemos, pois, que o espiritismo não pôde ser considerado como ciência; não somente porque não obedece ao método da experimentação, mas também porque o seu fim, o seu objetivo principal, é a explicação das causas primeiras e dos fins últimos, contrariamente ao fim da verdadeira ciência que é a constatação e a verificação dos fatos na ordem natural.	1921, p. 9
Lacerda de Almeida	O sábio só crê no que vê, isto é, não admite senão aquilo de que lhe dão testemunho os próprios sentidos. Entretanto, essa mesma ciência, em nome da qual ele fala, nos ensina que não podemos nos fiar no testemunho dos nossos sentidos.	1921, p. 43
Perillo Gomes	Assim, é estéril, inútil, a aplicação dos processos matemáticos às ciências naturais e morais; tanto quanto a aplicação dos processos de qualquer destas ciências, às matemáticas.	1922, p. 56
Hamilton Nogueira	A meia ciência afasta o homem de Deus; a ciência verdadeira aproxima-o de Deus.	1922, p. 136
A redação	Quero dizer que se todas as matérias do curso geral podem e devem partir o ensinamento religioso, a base indispensável da educação moral e da educação cívica.	1924, p. 251
A redação	A cultura científica, diz o eminente jesuíta, é o instrumento mais poderoso que nos deu o Criador, para firmamos o centro da nossa soberania sobre o mundo sensível; a cultura religiosa é a que é essencialmente necessária para seguir os divinos destinos da nossa natureza. Mas, pela cultura científica, conscientes ou inconscientes da sublimidade da sua missão, os cientistas elevam o mais belo monumento a glória do Criador, fundamentam o mais inconcusso pedestal às verdades da religião revelada; e do vértice desta pirâmide, construída pelos maiores dentre os gênios, sente a consciência cristã desprender-se o voo para as alturas da fé, inacessíveis aos cálculos, inatingíveis aos instrumentos.	1924, p. 251
A redação	É a ciência que tem por objeto ensinar a maneira de demonstrar a verdade da religião crista e defendê-la contra a investida dos inimigos.	1924, p. 252
A redação	1) Que a ciência moderna, por definição nada pode contra a Religião; 2) Que o espírito científico não é incompatível com o espírito religioso; 3) Que a ciência não basta ao homem; 4) Que o alto pensamento contemporâneo regressa à Igreja; 5) Que a Igreja corresponde às aspirações mais profundas e universais da natureza humana.	1925, p. 26
Alexandre Correia	Bem se vê, pois, que diferentes são os domínios da ciência e da religião; a ciência é um conhecimento, vida é a religião: como se podem contradizer? A ciência só pode contradizer a Revelação, deixando de ser a ciência. Mas, se não é a ciência, será o espírito científico que se opõe a religião.	1925, p. 106
A redação	O mal do Brasil como o do mundo é o esquecimento do problema moral para cair nos braços, nos tristes braços do cientificismo.	1925, p. 171
A redação	Mas, a ciência aceitou a existência do mundo, sem saber explicá-la. E a existência do mundo, é o mais estupendo dos milagres. A ciência, negando o milagre, chega a afirmá-lo. [...] Um milagre que a ciência aceita, como o mais ignorante dos crentes.	1926, p. 33
Pierre Arthays	Progredir", diz, significa para toda natureza, "tender ao seu Princípio" — Que é, que será para uma inteligência humana que só possui imperfeito conhecimento das coisas.	1927, p. 291

Fonte: A autora.

Ao explorar a educação intelectual, Mario Serrano (1923) explicou que diferente do que muitos pensam, não existia antagonismo entre ciência e religião, eram apenas ideias pré-concebidas e preconceitos. Segundo ele, o homem seria um ser religioso por natureza, e se não amamos a Cristo, amamos outras coisas, se não cremos em Deus, cremos em outras coisas, seriam visões de mundo que passaram a ser pregadas de formas diferentes.

A educação religiosa viria antes da educação científica, portanto, seria primordial nas escolas: “Quero dizer que se todas as matérias do curso geral podem e devem partir o ensinamento religioso, a base indispensável da educação moral e da educação cívica” (Escola..., 1924, p. 251). É citada uma diferenciação entre a cultura científica e a cultura religiosa, com base na explicação do padre Leonel Franca:

A cultura científica, diz o eminente jesuíta, é o instrumento mais poderoso que nos deu o Criador, para firmamos o centro da nossa soberania sobre o mundo sensível; a cultura religiosa é a que é essencialmente necessária para seguir os divinos destinos da nossa natureza. Mas, pela cultura científica, conscientes ou inconscientes da sublimidade da sua missão, os cientistas elevam o mais belo monumento a glória do Criador, fundamentam o mais inconcusso pedestal às verdades da religião revelada; e do vértice desta pirâmide, construída pelos maiores dentre os gênios, sente a consciência cristã desprender-se o voo para as alturas da fé, inacessíveis aos cálculos, inatingíveis aos instrumentos (Escola..., 1924, p. 251).

A explicação do autor é de que atingimos a educação científica graças a religião, pois Deus que criou tudo e nos deu a graça de poder aprender. No mesmo texto é comentado como a natureza estava em constante harmonia e é citado o livro de Lúcio José dos Santos, Historicidade da existência de Jesus Cristo, para completar seu argumento de que as ciências são meios de demonstrar a religião: “É a ciência que tem por objeto ensinar a maneira de demonstrar a verdade da religião crista e defendê-la contra a investida dos inimigos” (Escola..., 1924, p. 252). Desse modo, ressaltou que a ciência verdadeira se entende por meio da religião, e quando as ciências se opõem, são consideradas inimigas da Igreja, pois estariam afastando as pessoas de Deus.

Em outro texto, é comentado sobre o livro de Cerejeira, chamado “A Igreja e o pensamento contemporâneo” (1924), que trabalhava com o assunto da ciência moderna diante da religião, e apresentou cinco teses dessa relação, as quais eram:

- 1) Que a ciência moderna, por definição nada pode contra a Religião;
- 2) Que o espírito científico não é incompatível com o espírito religioso;

- 3) Que a ciência não basta ao homem;
- 4) Que o alto pensamento contemporâneo regressa à Igreja;
- 5) Que a Igreja corresponde às aspirações mais profundas e universais da natureza humana. (N. R.; 1925, p. 26).

A revista *A Ordem* defendia os interesses católicos em todas as áreas da sociedade, e com a questão da educação e os avanços de teorias científicas, tinha essa missão de cuidar para que os fiéis não deixassem a religião, ou fossem “contaminados” pelas novas teorias. O livro é recomendado especialmente para alunos do ensino superior. Destacavam o editor da revista *A Ordem* como intelectual católico e exemplo de defensor dos princípios católicos na sociedade para conservar “a unidade moral” que seria essencialmente católica. Os autores defendiam que a religião estava para além das ciências porque resolvia problemas que transcendiam a existência e a natureza, pois tratava-se de domínios diferentes:

Bem se vê, pois, que diferentes são os domínios da ciência e da religião; a ciência é um conhecimento, vida é a religião: como se podem contradizer? A ciência só pode contradizer a Revelação, deixando de ser a ciência. Mas, se não é a ciência, será o espírito científico que se opõe a religião (Correia, 1925, p. 106).

Segundo os textos da revista *A Ordem* (1925), somos seres naturalmente religiosos por sermos criação divina, e a razão era um ponto fundamental e complementar. Correia (1925) explicou que é como se a religião fosse um aprofundamento das ciências, por isso defendeu que um ateu, em regra, não pensa, porque se “fecha” apenas no conhecimento do homem. Em outro texto, é comentada a obra de Luiz Delgado na revista *A Ordem*, e registrado que: “O mal do Brasil como o do mundo é o esquecimento do problema moral para cair nos braços, nos tristes braços do cientificismo” (Um artigo do Sr..., 1925, p. 171). No sentido de uma ciência que se desvinculava da religião, e afastava as pessoas de Deus, que passavam a seguir uma “ordem moral de macacos soltos”, ficando sem regras e causando desordens sociais.

No texto intitulado “Milagre”, Karam (1926) conta a história de um milagre e aproveita para fazer uma articulação com a ciência ao indagar por que a ciência dizia não aceitar o que não conseguia explicar, assim como a existência de Deus, para não aceitar um milagre, mas em contrapartida aceitava inúmeras teorias de tudo: “Mas, a ciência aceitou a existência do mundo, sem saber explicá-la. E a existência do mundo,

é o mais estupendo dos milagres. A ciência, negando o milagre, chega a afirmá-lo.” (Karam, 1926, p. 33). É como se as ciências filtrassem os conhecimentos que reconheceriam. O mundo veio do nada, isso a ciência aceitava, mas que foi um milagre: “Um milagre que a ciência aceita, como o mais ignorante dos crentes.” (Karam, 1926, p. 33). Desse modo, ressaltou que a ciência era necessária, no entanto, não resolvia tudo, pois aconteciam muitas coisas inexplicáveis, que eram os milagres. Segundo o autor, os milagres dependiam da incompreensível vontade de Deus.

É citado Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) para argumentar que nos assuntos de educação evidenciamos o conhecimento científico e desdenhamos os depoimentos humanos, menosprezando a nós mesmo, sobre coisas que a ciência não explicava, e com isso instituíamos um ensino desumano. A educação era apontada como reforma urgente no Brasil. Seria preciso mudar os métodos cuidadosamente, de forma que a Pedagogia moderna fosse aplicada da forma como deveria, e de forma articulada ao ensino religioso no ensino primário e com a criação de cursos de Teologia nas universidades.

O argumento mais utilizado pelos católicos quando questionados sobre a relação do catolicismo com as ciências é de que não são opostas, sendo que a religião seria a base da ciência, e quando estas não estavam em sintonia seria uma falsa ciência. Explicavam que não era possível confiar só na ciência, porque estava interligada com a religião, de modo que não poderíamos confiar apenas no que vemos, pois nossos sentidos eram considerados falhos: “O sábio só crê no que vê, isto é, não admite senão aquilo de que lhe dão testemunho os próprios sentidos. Entretanto, essa mesma ciência, em nome da qual ele fala, nos ensina que não podemos nos fiar no testemunho dos nossos sentidos” (Almeida, 1921, p. 43).

Em síntese, podemos perceber argumentos tomistas, ou seja, com base no pensamento teológico e filosófico de São Tomás de Aquino (1225-1274), o qual teve como fontes principais as sagradas escrituras, as produções de Aristóteles, Santo Agostinho e Platão. Embora Jackson de Figueiredo tenha demonstrado inclinações a Filosofia agostiniana, o tomismo foi base fundamental para produções católicas em geral, no início do século XX, inclusive quando se trata de Pedagogia Católica. Na obra *De Magistro*, São Tomás de Aquino apresenta uma concepção educacional marcante na história da educação católica. Nela defende que temos acesso ao conhecimento por meio da iluminação divina, portanto, se temos acesso ao conhecimento seria porque o intelecto era visto como manifestação divina, e um meio

de conhecer Deus. No entanto, como o homem poderia ser mestre ao ensinar outro homem, estavam passíveis de erro, porque o homem é um ser falho. A verdade seria encontrada por meio da fé e da razão ao mesmo tempo, pois ambas vêm de Deus, e o contrário disso seria uma falsidade (Aquino, 2000). O Papa Pio XI inicia a carta encíclica *Stodiorum Ducem* (1923, p. 1) confirmando a validade dos escritos de São Tomás de Aquino:

Veneráveis Irmãos, saúde e Bênção Apostólica.
Com uma recente Carta Apostólica [Oficiorum omnium de 1º de agosto de 1922] confirmamos o que já estava estabelecido pelo Direito Canônico e ordenamos que Tomás de Aquino fosse considerado o principal guia nos estudos das disciplinas superiores.

Desse modo, as obras de São Tomás de Aquino eram citadas como referência para as explicações expostas na revista *A Ordem*, inclusive quando se tratava da educação, de conhecer as coisas: “A resposta de São Tomás é de magnífica sobriedade: “Progredir”, diz, significa para toda natureza, “tender ao seu Princípio” — Que é, que será para uma inteligência humana que só possui imperfeito conhecimento das coisas” (Arthays, 1927, p. 291). O autor do texto “A Igreja e o mundo moderno”, explica a partir de argumentos tomistas que Deus é causa primária, ou seja, a primeira imutável e única verdade. E se o conhecimento vem de Deus, no sentido primário, para nós é no sentido secundário.

De acordo com estes argumentos, em outro texto, Almeida (1921) explicou que temos conhecimento limitado. Usa o exemplo do arco-íris para explicar que se tratava de uma ilusão de ótica, e que as miragens que ocorriam no deserto eram fenômenos reais, como aconteceu com os soldados de Napoleão no Egito. Somada a explicações de sobre os avanços das ciências, que sempre estavam em busca de um conhecimento último, ressaltaram que o conhecimento total e último das coisas pertencia somente a Deus. Portanto, os intelectuais céticos não deveriam confiar no que viam, e sim desconfiar do testemunho de seus olhos, e saber que as explicações presentes das coisas poderiam não ser as mesmas do futuro, por isso a importância da base religiosa. E nem tudo se explicaria pela ciência, pois havia fatos que desafiavam a inteligência dos conhecimentos acumulados dos mais sábios.

Segundo os escritos encontrados na revista *A Ordem* (1921, 1922), o conhecimento completo e adequado do universo pertencia somente a Deus, portanto a ciência perfeita seria a Dele. A classificação das ciências desde Aristóteles, Bacon,

Descartes, entre outros, corresponderiam a uma ciência particular, pois eram diferentes tentativas de classificações criadas ao longo do tempo, mas que em rigor, foram todas criticadas. No texto de Perillo Gomes (1922c, p. 56) é explicado que cada ciência particular possuía seu método explicativo próprio: “Assim, é estéril, inútil, a aplicação dos processos matemáticos às ciências naturais e morais; tanto quanto a aplicação dos processos de qualquer destas ciências, às matemáticas.” O que quer dizer que não se explicaria uma ciência a partir da outra, eram complementares, mas cada uma com suas especificidades. Assim como no caso da religião, que se explica primeiramente pela fé, pelos milagres etc.

Hamilton Nogueira (1922) argumentou que as ciências tinham mistérios, tudo o que vinha sendo descoberto ao longo do tempo teve como ponto de partida um mistério a ser explicado, por esse motivo que o conhecimento sempre avançaria, porque não se esgotava na maioria das ciências. Ressaltou que a Igreja era constantemente acusada de se opor ao progresso científico, o que era uma acusação injusta, pois a Igreja era cautelosa, na medida em que se afastavam dos princípios essenciais, pois: “A meia ciência afasta o homem de Deus; a ciência verdadeira aproxima-o de Deus” (Nogueira, 1922, p. 136).

Hamilton Nogueira (1922) escreveu no texto *Espiritismo e Ciencia*, que o espiritismo via como um caminho a possibilidade de seduzir os homens “mimetizando-os” com a ciência, e fez uma crítica. Explicou que a maioria dos filósofos consideravam como conhecimento verdadeiro o que poderia ser observado e testado pelo método experimental, ou ainda, nas hipóteses científicas, que apresentavam fortes probabilidades, com resultados mais ou menos exatos. A partir disso, mostrou que o espiritismo se dizia como ciência das ciências, pela sua capacidade de síntese, mas que isso não seria verdade.

Nogueira (1921a) apresentou uma citação na qual dizia que espiritismo seria uma ciência vasta que fornecia conhecimentos sobre o espírito e o corpo, sobre ensinamentos de ordem moral e intelectual. Deste modo, questionou se estas afirmações seriam com base na comunicação dos espíritos. Pois, não era possível aplicar o método experimental nas ciências positivas, e os espíritos só se manifestavam por intermédio de um médium, o que comprometia o estudo dos fenômenos, chegando à conclusão de que:

Vemos, pois, que o espiritismo não pôde ser considerado como ciência; não somente porque não obedece ao método da experimentação, mas também porque o seu fim, o seu objetivo principal, é a explicação das causas primeiras e dos fins últimos, contrariamente ao fim da verdadeira ciência que é a constatação e a verificação dos fatos na ordem natural (Nogueira, 1921a, p. 9).

Segundo o autor, o espiritismo não poderia se considerar ciência, nem ao menos uma hipótese científica, portanto, deveriam parar de se enganar e enganar os outros com essas afirmações. A verdadeira ciência seria aquela que considerava a causa primeira e o fim das coisas. Em outro texto da revista *A Ordem*, Nogueira (1921a) explicou que no espiritismo falavam muito de ciência, mas com ignorância, tentavam provar o que não se provaria e não seria explicável para que todos pudessem entender, o que deixaria de fazer parte do caráter científico. É comum encontrarmos textos na revista *A Ordem* que fazem uma crítica ao espiritismo. Evidenciavam que nunca jamais existiu uma escola de disciplina formadora como a Igreja Católica.

O trabalho de Pereira (2020) apresenta uma análise dos embates entre o catolicismo e o espiritismo no campo religioso, e explica a força que a Igreja Católica exercia no poder público e como ela combatia qualquer discurso que contrariasse seus dogmas. No final do século XIX os embates entre Roma e o Imperador teriam permitido aberturas para a entrada do espiritismo no Brasil. O espiritismo sofreu muitos ataques do catolicismo por muito tempo:

Nesse contexto, há disputas em várias frentes: o catolicismo lutando para permanecer como religião oficial, lutando para conter os avanços da coroa em detrimento do poder que dispunha, bem como a luta contra novas religiões que se inseriam nas camadas letradas, o que de fato gerou incômodo. O espiritismo luta para se instalar, rebatendo as críticas eclesiásticas, e buscando se distanciar das religiões afro, como forma de não ser marginalizado (Pereira, 2020, p. 149).

Até a Proclamação da República e a separação da Igreja Católica com o Estado, não havia liberdade de culto, as religiões eram praticadas de modo mais privado nas células familiares. Quando alguns intelectuais passaram a promover outras religiões, como o espiritismo, os católicos tomaram essa luta para si, e passaram a combater. O espiritismo se tornou um inimigo porque estava se destacando e ganhando fiéis, especialmente das camadas letradas, como o autor apontou. Por isso era comum notar as críticas na revista *A Ordem*.

Os católicos escritores da revista *A Ordem* citavam obras que provavelmente estavam sendo amplamente divulgadas para expor suas críticas e promover um debate no campo educacional, sempre incentivando a Pedagogia católica. Hamilton Nogueira (1923a), por exemplo, fez uma crítica a publicação de Emília de Souza Costa sobre a educação infantil, na medida em que a autora defendia um modelo de educação com base duvidosa, ainda ressaltou que ela se dizia católica praticante. A autora teria apresentado alguns princípios de hereditariedade com base em doutrinas materialistas, por esse motivo foi colocado como alerta para os católicos que fizeram a leitura do seu livro, pois a ciência poderia ser apresentada por diferentes vertentes de análise.

3.3.4 Educação Cívica

No que se refere a educação cívica, notamos que os textos, em geral, se aproximam muito com as ideias defendidas por Jackson de Figueiredo sobre o nacionalismo e o patriotismo. São apontadas algumas recomendações acerca da educação cívica, assim como foram comentadas algumas obras que tratavam do assunto. Segundo os textos encontrados na revista *A Ordem*, a educação cívica deveria estar presente desde o ensino primário até os mais variados tipos de formação humana. No entanto, tratavam sempre de um civismo integrado em uma nação majoritariamente católica.

A categoria de educação cívica foi a que mais se fez presente nas manifestações de menções de Jackson de Figueiredo, por estar relacionada as discussões dos seus livros quando trata da questão do nacionalismo, em especial católico, o que de certa forma se relaciona com as demais categorias. O autor de um dos textos analisados, Conego Clementino Contente, teve poucas publicações dentro do nosso recorte teórico, mas assim como o Bispo Adalberto e o texto transcrito de Dom Leme, representavam uma voz da Igreja para comentar sobre educação. Berilo Neves nasceu em 1899 na Paraíba e morreu em 1974 no Rio de Janeiro, diplomado em medicina, foi professor, militar, jornalista, escrevia contos, sendo alguns católicos, como *A costela de Adão*, e *a Mulher o Diabo*, por exemplo (Coutinho; Souza, 2001). Os demais textos foram escritos e comentados pelos redatores da revista *A Ordem*.

Quadro 10 – Educação cívica: citações e autores

(continua)

Autor	Citação	Ano e página
Jackson de Figueiredo	Esta revista terá, ou melhor, tem, pois que já vive, caráter acentuadamente nacionalista. Dentro de seu programa de catolicismo integral, faremos tudo quanto um católico pode e deve fazer contra o bastardo espírito de cosmopolitismo, que é talvez o fator principal do nosso ceticismo, até o presente.	1921, p. 1-2;
Jackson de Figueiredo	Este é, como disse, uma doutrinação, uma sistematização, uma orientação prática a que se quer sujeitar as energias patrióticas, e o nome não foi mesmo criado senão para diferenciar que o patriotismo tem de puramente sentimental e instintivo do que contém de possibilidades racionais, utilitárias, no bom sentido, e transformá-las em ideias-forças, digamos assim, em ação intelectual.	1921, p. 13
Jackson de Figueiredo	Entre os povos católicos poder-se-á estabelecer uma unidade cada vez maior, mas o nacionalismo pugna pela conservação do caráter próprio de cada um destes povos, caráter que foi sempre respeitado pela Igreja, a qual, se se bate pela a unidade — que é de domínio moral.	1921, p. 13
A redação	Ora, nós sabemos as dificuldades que vão vencendo os nossos Bispos na obra em favor das vocações religiosas, sabemos que eles, de modo algum, podem dispensar o concurso do clero estrangeiro, máxime das Ordens Religiosas, que, aqui, como em toda a parte, têm papel importante na formação do caráter popular, e, mais do que isto: — sabemos que eles, os nossos Bispos, como chefes, que são, sabem mais do que nós das necessidades da Igreja	1921, p. 19
Bispo Adalberto	Dependesse de nós, e o manual cívico que devera ser distribuído em todas as escolas públicas do Estado seria a «Ilusão americana» do saudoso paulista Eduardo Prado.	1921, p. 74
Raul Tavares (texto transcrito)	O materialismo, o ateísmo, as teorias evolucionistas de princípios que não tem fundamento na divindade, não podem penetrar nas famílias como sistema de educação.	1921, p. 104
A redação	Como quer que seja, fica patenteado que a Igreja que tanto contribuiu para a nossa formação como povo e por conseguinte para a nossa independência, como elemento preponderante nessa jornada gloriosa que determinou o grito do Ipiranga, cem anos depois soube afirmar que era digna do passado, vibrando ainda aos estos de inflamado amor por essa terra, a terra de Santa Cruz, que ela descobriu, que ela desbravou que ela civilizou e por fim libertou da metrópole insaciável do seu ouro e da cupidez dos colonizadores	1922, p. 29
A redação	O Ministro da Instrução da Nova Galles do Sul ordenou que uma vez por semana todas as crianças das escolas públicas repitam as seguintes frases: Honro ao meu Deus, sirvo ao meu Rei e saúdo a: minha bandeira. Depois desta saudação os alunos cantam o hino nacional.	1922, p. 84
A redação	É esse desprezo o que caracteriza a educação moderna. O Estado o erigiu a categoria de -doutrina. Os pais, por sua vez, estão adoptando as normas do Estado. Esta pobre criancinha foi vítima da educação dos nossos dias. Decerto esqueciam de levá-la à igreja, mas, em compensação, lhe facultavam assiduamente as entradas nos cinematógrafos.	1922, p. 84
A redação	Além disto, o livrinho revela um pedagogo de mérito sob todos os seus aspectos. É uma pequenina apologia cristã, muito bem levada a efeito através dos mil pequeninos casos comuns da vida de colégio. Tem-se feito isto muitas vezes. Com tanta felicidade, porém, é que é raro ver-se.	1922, p. 151

Quadro 10 – Educação cívica: citações e autores

(conclusão)

Conego Clementino Contente	Não se pensa em deveres, e só se fala em direitos.	1922, p. 191
Conego Clementino Contente	Se não me engano A Ordem, essa pequena e modesta revista, fundada por dois jovens corajosos e resolutos, apresenta-se na arena social com esse grandioso programa de levantar as ideias sans, os princípios cristãos, a religião de Cristo, unir a base forte e inabalável da sociedade moderna.	1922, p. 191
Jonatas Serrano	Nem há como negar a importância do conhecimento das noções elementares referentes aos deveres e direitos dos cidadãos, a organização dos poderes públicos, aos limites da autoridade, aos meios garantidores da ordem e assim por diante.	1923, p. 231
Jonatas Serrano	Ora em um país como o Brasil, onde domina uma religião aceita e professada pela imensa maioria, o poder social não tem 'direito de pretender - que tal religião seja proscrita do ensino. A benéfica influência do ensino religioso, proclamam-no os mais eminentes pedagogos; e dentre os maiores, Maria Montessori, a insigne autora do Método dela Pedagogia Científica.	1923, p. 232
Jonatas Serrano	Praticamente a absoluta neutralidade em matéria religiosa é quase impossível e as mais das vezes degenera em franca hostilidade e ateísmo.	1923, p. 232
Berilo Neves	Se o patriotismo é um dos mais belos sentimentos humanos, mais formoso se torna quando integrado pelo sentimento religioso.	1923, p. 234
Dom Leme (texto transcrito)	[...] a vitalidade da inteligência católica, visa influir na restauração espiritual da mentalidade brasileira.	1924, p. 226
Hamilton Nogueira	Somente dominando pelo número, e forçosamente fazendo prevalecer em todas as nossas instituições o espírito nacional, poderemos manter a integridade da nação de que nos honramos de ter filhos.	1924, p. 240
Hamilton Nogueira	missão de educação que a pátria espera da sua inteligência, da sua cultura	1925, p. 159

Fonte: A autora.

Nas discussões referente a categoria analisada, se destaca o manual cívico de Araújo Castro de 1923 que é comentado por Jonathas Serrano (1923), que começou explicando que o material fazia parte dos programas de escolas primárias para o estudo sobre a constituição, não só no Brasil, mas em vários países, e ressaltou a importância desse estudo: “Nem há como negar a importância do conhecimento das noções elementares referentes aos deveres e direitos dos cidadãos, a organização dos poderes públicos, aos limites da autoridade, aos meios garantidores da ordem e assim por diante” (Serrano, 1923, p. 231). Destacou como indispensável a promoção do trabalho em torno das noções da vida civil e política, e da importância de respeitar as leis e de respeitar a autoridade.

Serrano (1923), explicou que o mesmo autor, Araújo Costa, escreveu um manual da constituição brasileira, que era muito usado por alunos do curso de Direito.

Aos alunos do ensino primário, no manual cívico, evidenciava que deveriam servir a sua pátria e trabalhar pelo progresso intelectual e moral da sociedade, em favor do coletivo e não somente do individual. Costa e Serrano discordavam de alguns pontos constitucionais, como no exemplo de uma das lições que perguntava se poderia ter ensino religioso nas escolas públicas, e a resposta era que não porque assim estava na constituição que o ensino leigo deveria ser ministrado. Serrano (1923) defendia a liberdade religiosa (católica) no Brasil:

Ora em um país como o Brasil, onde domina uma religião aceita e professada pela imensa maioria, o poder social não tem 'direito de pretender - que tal religião seja proscrita do ensino. A benéfica influência do ensino religioso, proclamam-no os mais eminentes pedagogos; e dentre os maiores, Maria Montessori, a insigne autora do Método da Pedagogia Científica (Serrano, 1923, p. 232).

Desse modo, era importante discutir algumas questões constitucionais, mas de modo que não ferisse os direitos da maioria da população que era católica. Sendo assim, era um instrumento de instigar a luta por uma educação católica somado ao argumento de que a neutralidade não existe: “Praticamente a absoluta neutralidade em matéria religiosa é quase impossível e as mais das vezes degenera em franca hostilidade e ateísmo” (Serrano, 1923, p. 232). Completou com o argumento de que as próprias leis que temos na nossa Constituição Federal são frutos de uma construção histórica, de uma mentalidade e cultura construídas com base no catolicismo. Segundo Serrano (1923), não poderiam esquecer do Brasil católico, pois estava nas nossas raízes, e essa seria a liberdade religiosa, poder professar a religião católica como filosofia de vida, nas mais variadas instituições possíveis.

Segundo o Bispo de Ribeirão Preto, D. Alberto (1921, p. 74): “Dependesse de nós, e o manual cívico que deverá ser distribuído em todas as escolas públicas do Estado seria a «Ilusão americana» do saudoso paulista Eduardo Prado.” O bispo pediu alerta aos brasileiros católicos em relação a disseminação de manuais norte-americanos nas escolas, pois alguns seriam inimigos do catolicismo. Na 7ª edição da revista *A Ordem*, é transcrito um trecho da fala de Raul Tavares (1921, p. 104) aos novos aspirantes da Marinha que foram benzer as espadas: “O materialismo, o ateísmo, as teorias evolucionistas de princípios que não tem fundamento na divindade, não podem penetrar nas famílias como system de educação.” Isso mostra

que a literatura disseminada nos meios de formação humana era uma grande preocupação dos católicos.

A obra *Honra ao mérito* (1922) de Hubert Rohden foi comentada na revista *A Ordem* (1922), sob a qual ressaltam que embora o autor fosse estrangeiro, tratava de uma educação necessária para o contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que acusava que nos faltavam bons materiais educativos para reforçar a educação cívica cristã no país:

Além disto, o livrinho revela um pedagogo de mérito sob todos os seus aspectos. É uma pequenina apologia cristã, muito bem levada a efeito através dos mil pequeninos casos comuns da vida de colégio. Tem-se feito isto muitas vezes. Com tanta felicidade, porém, é que é raro ver-se (*Honra...*, 1922, p. 151).

Reforçavam a importância do consumo de literatura católica como ponto fundamental para a formação humana. Segundo Hamilton Nogueira (1925, p. 159), ainda eram poucos os escritores católicos que tomaram para si a: “missão de educação que a pátria espera da sua inteligência, da sua cultura.” Ou seja, faltavam escritores católicos para atuarem, especialmente no campo educacional e auxiliarem na luta pela presença religiosa do catolicismo.

Segundo o comentário da fala do Dr. Berilo Neves (1923, p. 234), a partir de Conferência realizada em setembro de 1922, no Cinema Palace: “Se o patriotismo é um dos mais belos sentimentos humanos, mais formoso se torna quando integrado pelo sentimento religioso.” A fala de Neves foi elogiada por demonstrar um equilíbrio entre o patriotismo e a religiosidade, e enfatizar que o elemento religioso contribuiu com a formação da nacionalidade. Portanto, o nacionalismo e a educação cívica defendida seriam de cunho religioso católico.

Nogueira (1924) instigava os leitores, que na condição de maioria católica deveria reivindicar direitos nacionais para manter a integridade moral da nação brasileira: “Somente dominando pelo número, e forçosamente fazendo prevalecer em todas as nossas instituições o espírito nacional, poderemos manter a integridade da nação de que nos honramos de ter filhos” (Nogueira, 1924, p. 240). A nação era considerada católica, por jugarem ser a maioria que constituía a nação, e o civismo era uma forma de reforçar o *habitus* católico.

Ao comentar sobre o objetivo do Centro Dom Vital, em uma carta datada de setembro de 1924, teve seu texto transcrito na revista, de modo a enfatizar que “a

vitalidade da inteligência católica, visa influir na restauração espiritual da mentalidade brasileira” (Pelo centro...,1924, p. 226). Restauração esta, que é vista como uma oportunidade patriótica de defender os interesses católicos na sociedade, uma missão para os católicos brasileiros. É como se a educação cívica fosse um dos meios alternativos da educação religiosa para tomar espaço na educação brasileira.

Em linhas gerais, os textos incentivam ao patriotismo, da forma como Jackson de Figueiredo defendia quando escrevia sobre o nacionalismo. Viatte (1925) explicou que para Jackson de Figueiredo, o nacionalismo era o próprio patriotismo na mais alta expressão, assim, ressaltava a importância de conhecer sobre o próprio país, sua história, religião, cultura, recursos naturais, entre os mais variados aspectos, de modo a valorizar e cultivar o que temos de bom. Jackson de Figueiredo (1921b) ao escrever um texto em resposta a alguns comentários que teria recebido do seu livro *O nacionalismo na hora presente*, escreveu que o catolicismo não repelia ideais patrióticos, nem o nacionalismo:

Este é, como disse, uma doutrinação, uma sistematização, uma orientação prática a que se quer sujeitar as energias patrióticas, e o nome não foi mesmo criado senão para diferenciar que o patriotismo tem de puramente sentimental e instintivo do que contém de possibilidades racionais, utilitárias, no bom sentido, e transformá-las em ideias-forças, digamos assim, em ação intelectual (Figueiredo, 1921b, p. 13).

O nacionalismo nos países católicos, teria a essência do catolicismo, ou do contrário, suas práticas não poderiam ser consideradas nacionalistas. Desse modo, a cultura nacionalista, a educação cívica e nacionalista teria como base o catolicismo, pois fazia parte da história e tradição do país, e seria preciso pensar em como a nação foi construída e como se constituía a maioria da população brasileira. Figueiredo (1921) alertou que as nações cristãs estabeleceram relações de luta ou de amizade com outras nações, conforme os interesses e os ideais de cada um em cada momento histórico. A relação seria de amizade com outras nações católicas e de combate com nações não católicas, de modo a buscar uma unidade:

Entre os povos católicos poder-se-á estabelecer uma unidade cada vez maior, mas o nacionalismo pugna pela conservação do caráter próprio de cada um destes povos, caráter que foi sempre respeitado pela Igreja, a qual, se se bate pela unidade — que é de domínio moral (Figueiredo, 1921d, p. 13).

A Igreja Católica seria o espírito de unidade que trabalharia por todos os povos. Figueiredo (1921d) explicou que o amor e o respeito eram importantes na relação com os semelhantes, e nesse ponto que ele se considerava como nacionalista, e que lutaria por isso, para que o Brasil fosse exemplo para outras nações.

Barreto (1923, p. 132) comentou sobre o livro *A reação do bom senso*, de Jackson de Figueiredo, e o enalteceu como bom exemplo de católico para ideias cívicas: “Com estas reservas, aplaudimos, sem constrangimento, as ideias cívicas que o sr. Jackson de Figueiredo, como católico e cidadão, ou melhor, como cidadão católico, propugna no seu livro.” Isso porque Figueiredo estimulava nos seus escritos uma sociedade onde reinaria a paz, a ordem e o respeito a organização jurídica e aos poderes constituídos.

Foi inspirado nele, que o Colégio “Jackson de Figueiredo” apresentou no seu regimento interno questões sobre a educação cívica como referência de suas normas:

Art. 1º - O colégio fundado em 1938, pelo professor Benedito Alves de Oliveira, em Aracaju, capital de Sergipe, no intuito de ensinar e educar a infância e esforçar-se-á quanto possível, para desenvolver em seus alunos, os germes da Virtude e do Dever, do amor ao trabalho e da educação cívica, sólidas bases em que se assenta a prosperidade da pátria. [...]

Art. 2º - A educação cívica e a cultura cívica merecendo especial cuidado, o Colégio instrui os alunos nos conhecimentos dos nossos grandes homens, na apreciação dos seus feitos e nas datas memoráveis da pátria (Revista... *apud* Pimentel, 2014, p. 59).

Desse modo, notamos um pouco da herança deixada por Jackson de Figueiredo em relação a importância da educação cívica nas escolas. Era uma exigência aos alunos o comprometimento com a valorização da moral e do valor à pátria no processo educativo trabalhado no colégio, como parte do processo de formação do *habitus* católico.

Na revista *A Ordem*, o pensamento católico da educação foi reforçado, por meio de uma citação de Papaterra Limongi, que evidencia que por mais que a vida contemporânea tivesse suas exigências, deveria ser feita obedecendo nossa história e tradição que tinha raízes na religião nacional dos brasileiros, que seria a católica. Assim a pátria teria espaço para avançar. Foi apontada a importância do clero para a formação da população, e ressaltada a importância da obediência dos católicos:

Ora, nós sabemos as dificuldades que vão vencendo os nossos Bispos na obra em favor das vocações religiosas, sabemos que eles, de modo algum,

podem dispensar o concurso do clero estrangeiro, máxime das Ordens Religiosas, que, aqui, como em toda a parte, têm papel importante na formação do caráter popular, e, mais do que isto: — sabemos que eles, os nossos Bispos, como chefes, que são, sabem mais do que nós das necessidades da Igreja (Palavras que..., 1921, p. 19).

Deste modo, os bispos estariam mais preparados para repassar os ensinamentos da Igreja, primordiais para a formação humana. Eles saberiam como trabalhar e conheciam as necessidades de cada momento que a Igreja enfrentava. Foi ressaltado que o ideal seria termos no Brasil um clero mais forte, para que a moral fosse mais bem trabalhada com a população. E que por mais que considerassem importante a presença de sacerdotes estrangeiros, os católicos gostariam que o número de sacerdotes brasileiros fosse bem maior.

O trabalho de Paula (2013) mostra que os intelectuais leigos, embora tivessem conquistado espaço e voz, tinham um papel secundário na estrutura da Igreja Católica, pois o período em que Jackson de Figueiredo trabalhou como escritor e editor foi o marco na atividade intelectual leiga católica no Brasil, então precisavam contar com o apoio do clero. Desse modo, Jackson de Figueiredo estabeleceu fortes laços com Dom Leme. Para que tivessem o reconhecimento da Igreja, seus projetos necessitavam da presença de uma autoridade eclesiástica, assim como tinham na revista *A Ordem* e no Centro Dom Vital. A Igreja inaugurava uma nova fase de luta com a vida moderna.

No texto *Feliz iniciativa*, Clementino Contente tratou sobre a sociedade moderna, e evidenciou que parece que estava cada vez mais difícil agradar as pessoas, pois não se contentavam com que já tinham e estavam sempre em busca de novos valores. Se focassem em exercer os deveres corretamente enquanto cidadãos, não precisariam cobrar tanto pelos direitos. As pessoas queriam sempre mais: “Não se pensa em deveres, e só se fala em direitos” (Contente, 1922, p. 191). Deste modo, esqueciam dos seus deveres e deixavam de lado seus princípios, os quais deveriam ser inegociáveis, e o catolicismo seria o refúgio para que não se desviassem do caminho considerado moralmente ideal para se viver em sociedade:

Se não me engano *A Ordem*, essa pequena e modesta revista, fundada por dois jovens corajosos e resolutos, apresenta-se na arena social com esse grandioso programa de levantar as ideias sãs, os princípios cristãos, a religião de Cristo, unir a base forte e inabalável da sociedade moderna (Contente, 1922, p. 191).

Era comum esse tipo de texto na revista para fortalecer a religião nos espaços sociais. O texto de Perillo Gomes (1922a), “A defesa da sociedade”, ressaltou que a defesa da sociedade estava diretamente ligada à defesa da religião, já que o país era formado por católicos em sua maioria. E no texto sobre os cem anos da Independência foi reforçada a defesa de que a Igreja sempre contribuiu para a formação da nação:

Como quer que seja, fica patenteado que a Igreja que tanto contribuiu para a nossa formação como povo e por conseguinte para a nossa independência, como elemento preponderante nessa jornada gloriosa que determinou o grito do Ipiranga, cem anos depois soube afirmar que era digna do passado, vibrando ainda aos estos de inflamado amor por essa terra, a terra de Santa Cruz, que ela descobriu, que ela desbravou que ela civilizou e por fim libertou da metrópole insaciável do seu ouro e da cupidez dos colonizadores (O centenário..., 1922, p. 29).

No texto sobre o movimento católico estrangeiro, que era uma categoria fixa na revista *A Ordem*, tinha o objetivo de mostrar o que estava acontecendo no universo católico em outros países, mostrava alguns exemplos de organizações em alguns países em prol da religião, entre os quais destacamos o exemplo de uma escola da Austrália, na qual:

O Ministro da Instrução da Nova Galles do Sul ordenou que uma vez por semana todas as crianças das escolas públicas repitam as seguintes frases: Honro ao meu Deus, sirvo ao meu Rei e saúdo a: minha bandeira. Depois desta saudação os alunos cantam o hino nacional (Movimento..., 1922, p. 37).

A medida apresentada seria simples, mas mostra que havia uma importância dada à religião católica para a formação humana. Havia outras situações que ainda precisam ser melhoradas, como um número baixo de missionários de outras religiões em relação ao número de missionários católicos, e se não houvesse um trabalho na sociedade, abriria possibilidades para que as pessoas pudessem migrar para outras religiões. O exemplo australiano chamou a atenção na medida em que defendeu a educação religiosa e cívica nas escolas públicas. Jackson de Figueiredo procurou chamar a atenção dos seus leitores para evidenciar que a revista tinha um caráter nacionalista e defenderia os direitos dos católicos:

Esta revista terá, ou melhor, tem, pois que já vive, caráter acentuadamente nacionalista. Dentro de seu programa de catolicismo integral, faremos tudo quanto um católico pode e deve fazer contra o bastardo espírito de cosmopolitismo, que é talvez o fator principal do nosso ceticismo, até o presente (Nosso programa..., 1921, p.1-2).

Em textos complementares, a revista *A Ordem* apresenta os cidadãos católicos como elementos fundamentais que integravam o Estado, e a educação como ponto essencial de se trabalhar o civismo e religião católica, e apontavam para reflexões sobre o resultado de uma educação moderna. Sem mencionar o nome do autor ao final, foi apresentado um texto, cujo título era “Um suicídio que, mais que os outros, faz meditar”, no qual comentaram um acontecimento recente em que uma criança tirou a própria vida em São Paulo. Eram usados argumentos de que se tivesse uma educação religiosa e os pais a levassem para a Igreja, a tragédia poderia ter sido evitada:

É esse desprezo o que caracteriza a educação moderna. O Estado o erigiu a categoria de -doutrina. Os pais, por sua vez, estão adoptando as normas do Estado. Esta pobre criancinha foi vítima da educação dos nossos dias. Decerto esqueciam de levá-la à igreja, mas, em compensação, lhe facultavam assiduamente as entradas nos cinematógrafos (Um suicídio..., 1922, p. 84).

A citação mostra que os intelectuais católicos usavam de várias oportunidades, inclusive de notícias para ressaltar que a educação religiosa era fundamental para uma sociedade mais harmônica e feliz. O autor escreveu que os pais deveriam guiar os filhos para uma educação católica, para evitar os perigos, e que era primordial que os levassem para a Igreja, e evitassem lugares que ofereciam más influências como os cinemas, por exemplo, que tiravam a inocência das crianças. O resultado da educação moderna, sem a presença da religião acarretaria tragédias cada vez mais frequentes na nação brasileira.

Cunha (2007), ao examinar as relações entre as disciplinas de Ensino Religioso e Educação Moral e Cívica, em anos posteriores (1931-1997), mostra que sempre tiveram relacionados “numa perspectiva oscilante” no Brasil, e foram parte da luta de católicos nos campos religioso, político e educacional ao longo do tempo. No entanto, demarca nas suas conclusões que o ensino religioso teve seu início de movimento com discussões no interior do campo religioso, passando pelo campo político para ter resultado no campo educacional, quando voltou a ser facultativo nas escolas públicas em 1931.

Com a educação moral e cívica o caminho foi um pouco diferente, porque partiu do campo político, teve apoio do campo religioso e chegou no campo educacional, com a inserção num primeiro momento da educação cívica em 1937, e

posteriormente das disciplinas de educação moral e cívica relacionadas, em 1969 como parte do currículo obrigatório. A partir disso, vemos que parte da luta de Jackson de Figueiredo para o campo educacional, ao defender a importância da educação moral e cívica, foi concretizada anos mais tarde, mesmo que por movimentos iniciais empreendidos no campo político. As disciplinas eram significativas para atender aos objetivos de manter o controle, e a ordem, pois a Igreja Católica era vista por parte do Estado como uma instituição que contribuía como “elemento de manobra”, nas palavras de Cunha (2007).

A revista *A Ordem* era um meio de reflexão para que os fiéis católicos continuassem ou se tornassem firmes diante da era moderna que os apresentava muitas opções, mas as quais não seriam corretas, reforçando assim, a importância da obediência aos ensinamentos da Igreja. O trabalho desenvolvido pela revista era visto como fundamental para defender a verdade católica. Ao pleitear uma educação moral com base no catolicismo e reivindicar pelo ensino religioso nas escolas públicas, os intelectuais católicos sob a revisão do editor Jackson de Figueiredo, faziam obra de patriotismo, especialmente quando afirmavam que a maioria dos brasileiros eram católicos e esse direito deveria ser respeitado, diante da argumentação da inexistência de uma educação neutra. E devido a toda essa importância dada pelos escritores, recomendavam que ministraram o ensino científico nas escolas e universidades, de modo que não houvesse divergências entre religião (católica) e a ciência. Desse modo, por mais que estivessem separadas para análise, as categorias referentes a educação eram complementares e giravam em torno da doutrina católica.

Considerações finais

A partir da análise da trajetória intelectual de Jackson de Figueiredo, sustentamos o argumento de que ele converteu as atividades de escritor e editor em estratégias para reordenar e impulsionar o poder institucional e simbólico da Igreja Católica no contexto brasileiro da década de 1920, assim como para congregar outros intelectuais católicos no seio desta instituição religiosa e nas disputas dos meios culturais e políticos.

Ao reconstituir o processo formativo de Jackson de Figueiredo, de modo a enfatizar o seu percurso de leitor a escritor, ficou evidente o volume de capital herdado. O avô paterno, Jacintho de Almeida Martins de Figueiredo, era influente na sociedade sergipana, foi um dos fundadores da Associação Comercial de Sergipe e da Loja de Maçonaria de Sergipe, um dos primeiros prefeitos de Aracaju. O pai de Jackson de Figueiredo, Luiz de Figueiredo, foi farmacêutico e professor, tinha biblioteca em casa, que era um refúgio para o filho. Do lado materno, destacamos familiares que ficaram conhecidos no campo literário brasileiro, como Castro Alves, que era primo de sua mãe, Regina. A mãe de Jackson de Figueiredo costumava escrever poemas.

Jackson de Figueiredo foi alfabetizado em casa, com auxílio de professora particular, com livros à disposição na biblioteca de casa e um *habitus* familiar de leitor, que resultou nas primeiras produções de poemas, publicados pela família quando ele ainda era adolescente, aos 17 anos de idade, quando escreveu *Bater Asas* (1908). E, na sequência, vieram outras produções de poemas, e de ensaios de crítica literária, conforme ia conhecendo obras de outros autores.

A formação de Jackson de Figueiredo como escritor foi se construindo na medida em que ele ia consumindo obras de outros escritores, e dialogando com elas. Quando escrevia poemas, tinha suas inspirações de referência. Nas suas críticas literárias, ia constituindo e reforçando sua identidade de escritor, na medida em que ia tecendo uma autobiografia, por meio do qual foi possível identificar parte do processo do seu engajamento ao catolicismo.

As primeiras publicações de Figueiredo, poemas e ensaios críticos, abriram espaço para que ele pudesse adentrar ao meio literário e ampliar sua rede de contatos, assim como a sua percepção de realidade. A partir da análise das fontes, identificamos a obra *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* (1916) como

um divisor de águas em relação a sua conversão inicial a escritor católico, ou seja, representa a marca dos seus primeiros passos na fase em que inicia o engajamento na causa religiosa. Na obra, é possível acompanhar este processo, pois Figueiredo dividiu seu pensamento em partes, conforme avançava na escrita católica. A conversão engajada ao catolicismo foi propulsora para sua ascensão no meio intelectual.

Ao publicar *A Questão Social da Filosofia de Farias Brito* (1919), já demonstrava maturidade na produção intelectual católica. Farias Brito foi uma importante inspiração na sua escrita. Trabalhamos com a ideia de conversão engajada, na medida em que Figueiredo voltava para o catolicismo, por entender que foi católico, fez alguns sacramentos, mas acabou tendo um período de afastamento e até descrença, que superou ao longo do tempo, especialmente por meio de novos contatos sociais.

A rede de contatos que foi estabelecendo e ampliando pelos lugares que passou, como Maceió, Bahia e Rio de Janeiro, foi significativa para o impulsionar no meio literário. As indicações de leitura tiveram uma parcela de contribuição para que ele começasse a consumir a literatura católica, incorporando, assim, o *habitus* religioso. Figueiredo relatou que começou a ler Farias Brito em 1910, período em que ainda se considerava agnóstico, e em 1914 teve a oportunidade de conhecer o escritor no Rio de Janeiro, e passou a frequentar a casa dele, desde então passou a ler as obras ligadas a religião com maior frequência, o que em suas palavras o elevou a outro patamar, ou seja, o reaproximou do catolicismo. Com isso, passou a escrever a partir das convicções religiosas incorporadas.

Outro marco importante, que Figueiredo adquiriu ao incorporar o *habitus* católico, foi de congregar outros intelectuais para fortalecer o seu engajamento e protagonismo, o que ocorreu especialmente por meio da Livraria Católica, da criação da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Desse modo, conseguiu reunir uma rede de intelectuais católicos no seio da instituição religiosa e nas disputas ocorridas nos meios culturais e políticos, que impactaram no campo educacional, com destaque pela luta de incluir o ensino religioso nas escolas oficiais.

Dom Leme (1922), na revista *A Ordem*, destacou Jackson de Figueiredo como o responsável por iniciar o movimento intelectual leigo católico no Brasil, para contribuir com a restauração espiritual que a Igreja almejava. O Centro Dom Vital teve um grande alcance religioso e social no país em pouco tempo. A instituição reuniu

intelectuais de várias áreas, formando uma biblioteca significativa para auxiliar nos debates em torno da Pedagogia católica. Fundaram as escolas primárias católicas Arcoverde, e apoiaram a criação da Escola Normal Católica, pois visavam a formação de professores sob a orientação religiosa, sem contar que foi um período marcado por várias conversões da elite intelectual ao catolicismo, o que favoreceu que ocupassem diversos espaços sociais e defendessem o projeto político da Igreja.

Nos livros analisados escritos por Figueiredo, pouco perpassa a educação de forma direta, fato inesperado de acordo com as expectativas iniciais da pesquisa, já que na revisão de literatura encontramos várias citações das propostas educacionais do intelectual católico. Com isso, concluímos que nos seus livros, assim como nos achados na revisão de literatura, sua visão de educação ultrapassa questões pedagógicas, pois está embasada no argumento de direito natural da Igreja Católica em conduzir a educação da nação.

O engajamento ao catolicismo e a missão que tomou para si de “reconquistar a inteligência nacional”, visto que a elite brasileira teria se afastado do catolicismo, ou ainda, não estava vivendo plenamente a religião, como teria diagnosticado, corroborou com a formação do seu pensamento em relação à educação. Fundamentado em autores franceses como Burke, Maistre e Bonald, os quais eram defensores da ideia de ordem social, pois criticavam a modernidade e defendiam a estabilidade social, a autoridade, a hierarquia, e a tradição dos valores morais, Jackson de Figueiredo passou a defender a educação como um caminho possível para superar as crises do período. A questão mais entusiasta no campo educacional foi o ensino religioso como base fundamental da formação humana. Explicava que todos tinham que ter uma educação religiosa, que serviria como uma “blindagem anticatólica”.

Ao abordarmos como era a educação naquele contexto histórico de transição republicana no país, em que o sistema diferenciava as classes pelo acesso e continuidade nos estudos nas instituições de ensino, e a educação era uma marca distintiva da elite política, pois apenas o ensino primário era gratuito, entendemos por que Jackson de Figueiredo comentava as diferenças entre a educação para o povo e a educação para a elite. A educação para o povo deveria ser ministrada de modo que a obediência e a hierarquia fossem pontos fundamentais para se manter a ordem social, enquanto a educação para as elites deveria desenvolver a capacidade

intelectual para manter a ordem social e evitar conflitos. Entendia a importância do trabalho intelectual desenvolvido nos diversos campos sociais.

Nesse sentido, a congregação de intelectuais católicos iniciada por Jackson de Figueiredo, juntamente com Dom Leme, teria sido fundamental ao movimento em prol da educação, entendida no sentido amplo, de formação humana. Ao organizar um grupo em torno da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, Jackson de Figueiredo trabalhava sua concepção de educação, na medida em que objetivava consolidar a formação de uma elite intelectual representante da Igreja Católica no país, que ocuparia os variados espaços na vida pública social e cultural. Notamos que o público da revista *A Ordem* era voltado para discussões entre intelectuais, ou seja, a elite pensante, sendo a revista um instrumento de informação e formação.

A formação de um grupo de intelectuais católicos seria significativa na luta pela organização do sistema educacional, a partir dos princípios que defendiam, e dos critérios que priorizavam, como a educação religiosa, por exemplo. Desse modo, teriam mais espaços de atuação, representando um primeiro passo, que foi seguido por seus sucessores, como Alceu Amoroso Lima, por exemplo, que entre outros intelectuais católicos contribuíram com a renovação da Pedagogia católica no país, em meio ao contexto de modernização. Por mais que as ideias defendidas tivessem mudado, conforme notamos na revisão de literatura, foi com Jackson de Figueiredo que o movimento católico ganhou forma e força para lutar, especialmente nos campos político e educacional.

A atuação da intelectualidade católica tinha duas frentes a partir do direcionamento de Figueiredo. A primeira era o trabalho de divulgação dos escritos católicos entre a elite; e a segunda, era produção de materiais direcionados aos trabalhadores, especialmente entre professores e jornalistas, para que contribuíssem com a formação da opinião pública. O grupo católico, organizado em torno do Centro Dom Vital, promoveu debates em torno dos currículos educacionais desde o ensino primário até o ensino superior, dividiu tarefas para a produção e divulgação de obras católicas. O Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, que permanecem até os dias atuais, foram marcos importantes de luta na história do catolicismo no país, sendo uma das heranças de Jackson de Figueiredo.

Tais questões nos levaram a pensar: e se não fosse Jackson de Figueiredo ao lado de Dom Leme, o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem* existiriam? O movimento de organização da intelectualidade teria ocorrido da forma como foi?

Acreditamos que poderiam ter existido sem Jackson de Figueiredo, mas que talvez tivessem tomado rumos diferentes na condução dos acontecimentos, devido a sua singularidade – a mente do escritor e as mãos do editor. Poderia ter surgido uma revista católica que marcaria a história do catolicismo, mas esta não teria o título de *A Ordem*, pois é marca registrada deste intelectual, fruto das apropriações do escritor e do editor. Figueiredo nos apresentou uma essência política de ordem.

Embora a ideia de ordem não fosse apenas disciplinar e repressiva, mas em termos cosmológicos representasse as coisas segundo a sua natureza, nos termos católicos, o representava enquanto intelectual escritor, pois estava presente nos seus escritos a ideia de “tirar o país da desordem”, ou seja, mantendo um movimento constante disciplinar, marcado pelo seu pensamento de autoridade e obediência na vida social, da ordem moral com base na religião. A ideia de ordem era importante para que tudo se desenvolvesse da maneira como aconteceu, representou força no projeto intelectual católico.

Figueiredo foi responsável pela conversão de vários intelectuais, período que mostra números significativos na história do Brasil, em termos de engajamento católico, que teve reverberação nos variados campos sociais, entre outras questões que ficaram evidentes quando comparamos com os períodos posteriores vividos no Centro Dom Vital e na revista *A Ordem*. A construção da presente tese foi possível, em grande parte, devido a incorporação do *habitus* católico por Jackson de Figueiredo, pois foi o principal marco de sua ascensão intelectual.

Ao se reaproximar do catolicismo, verificamos a força intelectual que Figueiredo ganhou nos diversos campos sociais. A historiografia nos mostrou que Jackson de Figueiredo era conhecido e reconhecido como intelectual católico brasileiro, e que embora tenha publicado em gêneros textuais variados, foram os argumentos católicos que marcaram a sua trajetória intelectual de escritor. Outro fato evidenciado na historiografia é que Jackson de Figueiredo é muito mais lembrado e associado ao trabalho e fundação do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*, em comparação com o seu trabalho propriamente dito de escritor e editor, elementos que se somam no seu engajamento intelectual – a mente do escritor e as mãos do editor.

A partir da leitura de Vieira (2011) sobre aspectos que marcam o comportamento social de intelectuais no campo educacional, acrescentamos, a partir da nossa revisão de literatura, algumas outras características complementares que encontramos nos católicos, entre as quais estão a ligação com a imprensa, ou seja,

são escritores; o engajamento ao catolicismo propiciado pelo sentimento de missão ou dever social, realizado por meio da atuação na interseção dos campos político e educacional; a elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade a partir da concepção católica; e a defesa do projeto político da Igreja Católica na educação.

Na revista *A Ordem*, analisamos os escritos sobre educação no período em que Figueiredo foi editor, e para organizar as discussões, destacamos as seguintes categorias: educação moral, educação religiosa, educação intelectual e educação cívica. A educação católica era defendida como a base da formação humana, ou seja, uma formação integral, pois os autores dos artigos da revista *A Ordem* argumentavam que a maioria do país era de católicos e, portanto, deveriam reivindicar que a educação moral da sociedade tivesse a religião presente, e que se estendesse na educação escolarizada por meio do ensino religioso, que foi um ponto de discussão importante nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, separamos a educação moral da religiosa nas categorias de análise, porque a primeira é apresentada de forma mais ampla, nos âmbitos de formação da Igreja Católica e da família, e a educação religiosa, se refere mais ao âmbito escolar.

As escolas começaram a se ampliar no país, assim como as propostas de ensino laico nas instituições públicas, o que afetava a luta dos intelectuais católicos, que trabalhavam a partir de um conjunto de princípios e valores da longa tradição da Igreja, nos diversos setores da vida social, como nos meios cultural e educacional. Para os católicos, era de extrema importância que o ensino religioso estivesse presente nos currículos oficiais.

A educação intelectual, por sua vez, deveria ser trabalhada de modo que as ciências estivessem relacionadas com a educação religiosa católica, na medida em que não tivessem divergências, pois segundo as publicações encontradas no período analisado, a verdadeira ciência é a que aproxima de Deus, não a que deixa dúvidas e afasta. A educação intelectual tinha como objetivo a formação do intelecto da pessoa, de modo relacionado com os princípios religiosos católicos como base fundamental do conhecimento.

A educação cívica ia ao encontro dos argumentos encontrados nas demais categorias, somado a percepção particular que encontramos nas publicações de Jackson de Figueiredo na revista *A Ordem*, que era um defensor do nacionalismo católico. Argumentava que não havia como separar a nação brasileira do catolicismo,

já que fazia parte da sua história e cultura, e que representava a base moral da nossa sociedade. Para ele, cada nação tem suas características, e a nossa era essencialmente católica. Desse modo, a obediência religiosa era convertida a partir do modelo de educação cívica, com o propósito de recuperar o *habitus* religioso católico.

A educação nas páginas da revista *A Ordem* era discutida sempre de maneira relacionada ao catolicismo. Por mais que tenhamos destacado algumas categorias que se sobressaíram, estas se apresentavam como complementares nas páginas da revista. Evidenciamos que Jackson de Figueiredo foi um mediador no jogo cultural e político por meio do seu trabalho de escritor e editor, fato que culminou especialmente no processo de formação de intelectuais que passaram a marcar presença nos diferentes espaços de poder, engajados no catolicismo.

Referências

- A AÇÃO Católica no Brasil contemporâneo e a palavra de Dom Sebastião Leme. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 1-3, ago./set.,1923.
- A IGREJA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 45, mai.,1925.
- A IGREJA E A CRISE universal. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar.,1925.
- A IGREJA E A REFORMA constitucional. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar.,1925.
- A Águia — Órgão da Renascença Portuguesa, vol. XIX — 2a serie (Janeiro a Julho de 1921). **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1 p. 13, ago., 1921d.
- AINDA VIVOS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 57, jan.,1928. ALMEIDA, L. História da Reforma de D'aubigné as Histórias do Império Romano de Gibbons. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 4, nov. 1921.
- ARTHUYS, P. A igreja e o mundo moderno. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 54, abr./jun.,1927.
- ARTHUYS, P. A igreja e o mundo moderno (continuação). **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 56, abr./jun.,1927.
- ARQUIVO DA PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS NO BRASIL, Cartas e anotações. Rio de Janeiro, consultas em mar.2016.
- ADORNO, T. W. **O ensaio como forma**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1994.
- AGOSTINHO, S. **A Trindade**. Tradução e introdução de Agustino Belmonte, revisão e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994. 726 P. (Coleção Patrística, n. 7).
- ALENCAR, F. D. L. Jackson de Figueiredo, fundador de A Ordem. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. 101, ano C, p. 191-213, 2021.
- ALMEIDA, C. A. **Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária: 1907/1937**. 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ALVES, F. S. O centenário A Ordem: mudanças e perspectivas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. 101, ano C, p. 6-21, 2021.
- ALVES, R. **Protestantismo e repressão**. Coleção Ensaios. São Paulo: Ática, 1979.
- ALVES, M. Perspectivas para o ensino católico no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 6, n. 19, p. p.127–140, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3151>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ARDUINI, G. R. O Centro Dom Vital: Estudo de caso de um grupo de intelectuais católicos no Rio de Janeiro entre os anos de 1920 e 1940. In: RODRIGUES, C. M.; JALLES, C. **Intelectuais e militância católica no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2012. p. 41-70.

ARDUINI, G. R. **Os soldados de Roma contra Moscou**: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro. 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

AUTORES e livros: Jackson de Figueiredo. **Jornal A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 209- 240. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/066559/per066559_1941_00012.pdf>. Acesso em 08 de jul. 2023.

AQUINO, S. T. **De Magistro**: Sobre o ensino (Questões discutidas sobre a verdade, XI). Tradução de Maurício J. O. Camello. São Paulo: U. E. Lorena, 2000.

BANDEIRA, M. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARRETO, P. O idealismo religioso e a ordem democrática. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 18/19/20, jan./mar., 1922.

BARRETO, P. Obra e ação doutrinária do Centro Dom Vital. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 59, mar., 1928.

BARROS JR, F. M. A poesia brasileira do fim do século XIX e da Belle Époque: parnasianismo, decadentismo e simbolismo. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 16-27, jan./jun., 2009.

BARROS, R. S. M. **A ilustração brasileira e a ideia de universidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1959.

BATISTA, E. L. Os intelectuais católicos nos primórdios do século XX no Brasil. **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 141-155, jan./jun. 2020.

BOMFIM, P. R. A. **Território e Movimento Integralista**: uma contribuição ao Estudos das Ideologias geográficas no pensamento autoritário brasileiro das décadas de 1920-1930. 2001. 210 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paula, 2001.

BOURDIEU, P. **A distinção**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. São Paulo: Edusp, 2007a.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Tradução de Olívia Alves Barbosa. Vol. 62-63, pp. 69-72, jun. 1986.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 9 ed. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2007c.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. Tradução de vários tradutores. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, P. **Esprits d'État: genèse et structure du champ bureaucratique**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris: ARSS, v. 96-97, p. 49-62, 1993.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da Ciência**. Tradução de Denice Bárbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004b.

BOURDIEU, P. **Sociologia Geral**. vol. 1: lutas de classificação: curso no Collège de France (1981-1982). Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOURDIEU, P. **Sociologia Geral**. vol. 2: *habitus* e campo: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Réponses**: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

BUENO, A. A poesia pré-modernista brasileira: uma crítica da crítica. **A Palo Seco—Escritos de Filosofia e Literatura**, p. 7-26, 2017.

CABRAL, A. C. **Escritores Brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CALDEIRA, R. C. Os caminhos de um conservador: Blaise Pascal no pensamento de Jackson de Figueiredo. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 9, n. 2, p. 261-271, 15 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2962>>. Acesso em: 08 de jun. 2024.

CAMPOS, N. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Práxis Educativa**, v. 17, p. 1-18, 2002.

CAMPOS, N. Debate sobre ensino religioso na capital paranaense: entre a tribuna e a imprensa (1922-1931). **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 27, p. 65-92, 2011.

CANDIDO, F. Niilismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar., 1925.

CATANI, A. M. et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 214, 2017.

CATHOLICISMO e Política. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 6, jan., 1922.

CATHOLICISMO nas escolas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 2 p. 30, set., 1921.

CARVALHO, J. M. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

CHARTIER, R. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.

CHRISPIM, A. S. Intelectuais católicos no século XX: ao mais ativos no Brasil, **Cadernos de Pós-Graduação – Educação**, São Paulo, v. 8, p. 107-120, 2009.

CODATO, E.; OLIVEIRA, M. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 271-301, 2004.

COMO NOS ESTADOS Unidos se procede na magna questão de educação. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 45, mai.,1925.

COMUNITÁRIO da encíclica VBI ARCANUM. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 54, abr./jun.,1927.

CONFERÊNCIA de eucaristia de Arnold Amaral. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 37, nov.,1924.

CONGRESSO Brasileiro de Proteção à Infância. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 18/19/20, jan./mar., 1922.

CONTENTE, C. Feliz iniciativa. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 13, ago., 1922.

CORREIA, A. A Igreja e o pensamento contemporâneo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 44, abr.,1925.

COUTINHO, A.; SOUSA, J. G. **Enciclopédia de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, v. 2, 2001.

COSTA, M. T. Fé e Obras: a construção da intelectualidade católica leiga no Brasil contemporâneo - os casos de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. **Coletânea**, Rio de Janeiro, Ano XIV, Fascículo 27, p. 134-158, jan./jun. 2015.

COSTA, G. S. **Protestantes na “Atenas Sergipense”**: conflitos religiosos na inserção do presbiterianismo em laranjeiras (1884-1899). 2018, 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

CUNHA, L. A. Sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil – 1931-1997. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, maio/ago. 2007.

DA INTERPRETAÇÃO filosófica na evolução dos fatos históricos. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.,1926.

DURAND, P. GLINOER, A. **Nascimento do editor**. Bruxelas: Les Impressions Nouvelles, 2005.

ENSINO desmantelado e sem ideal. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 51, nov., 1921.

ESCOLA normal católica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 38, dez., 1924.

ESTEVES, G. "O Crepúsculo Interior", de Jackson de Figueiredo. **Mafuá**, Florianópolis, n. 37, 2022.

ETELVINA Amália de Siqueira Disponível em:
<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/46071?locale-attribute=pt_PT>
Acesso em: 28 de jun. 2023.

EULÁLIO, A. O ensaio literário no Brasil. **Língua e Literatura**, v. 17, p. 9-54, 1989.

FERNANDES, C. A. F. **Jackson de Figueiredo**: uma trajetória apaixonada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

FIGUEIREDO, J. **A reacção do bom senso**: contra o demagogismo e a anarquia militar. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

FIGUEIREDO, J. **Affirmações**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital. 1925a.

FIGUEIREDO, J. **Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito**: profissão de fé espiritualista. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1916b.

FIGUEIREDO, J. **Auta de Souza**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1924a.

FIGUEIREDO, J. **Bater de asas**. Aracaju: Livraria Brasileira, 1908.

FIGUEIREDO, J. **Carta à Plínio Barreto**. Rio de Janeiro, 1928.

FIGUEIREDO, J. Discurso pronunciado no dia 22 de abril de 1925. In: MENEZES, J. R. **Jackson de Figueiredo**: trechos escolhidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

FIGUEIREDO, J. **Do nacionalismo na hora presente**: carta de um catholico sobre as razões do movimento nacionalista no Brazil e o que, em tal movimento, é possível determinar. Rio de Janeiro: Catholica, 1921.

FIGUEIREDO, J. **Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1925c.

FIGUEIREDO, J. **Garcia Rosa**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1915.

FIGUEIREDO, J. **Humilhados e luminosos**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1921c.

FIGUEIREDO, J. **Incenso e oiro**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917.

FIGUEIREDO, J. **O crepúsculo interior**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1918b.

FIGUEIREDO, J. **Pascal e a inquietação moderna**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922b.

FIGUEIREDO, J. **Zíngaros**. Salvador: Typ. Bahiana, 1910.

FONTES, J. S. L. **Jackson de Figueiredo**: sentido de sua obra. Aracaju: Livraria Regina, 1952.

GABATZ, C. A influência do liberalismo e do Protestantismo na constituição da sociedade brasileira. **SEMINA** - Revista Dos Pós-Graduandos Em História Da UPF, v. 10, n. 1, 2011.

GOMES, P. **A defesa da sociedade**. A Ordem, Rio de Janeiro, n. 13, ago., 1922a.

GONÇALVES, M. **As tentações integralistas: um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908-1937)**. 2009. 361 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GONÇALVES, M. Missionários da 'boa imprensa: a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 63-84. 2008.

GURGEL, E. A. **Imprensa e Igreja Católica no início do século XX: convergências e divergências**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GROPPO, C. M. **Ordem no céu, ordem na terra: A revista "A Ordem" e o ideário anticomunista das elites católicas (1930- 1937)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

HOBSBAWM, E. Introdução. In: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A Invenção das Tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOMEM, B. A. S. M. O. **Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital: à luz das publicações da Revista A Ordem**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2016.

HONRA ao mérito" — Vultos e factos dos tempos de colégio evocados por Hubert Rohden. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 10, mai., 1922.

IN MEMORIAM: Jackson de Figueiredo. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1929.

JALLES, C. Dois católicos na cidade: uma análise da amizade e da ação pública de Dom Sebastião Leme e Jackson de Figueiredo. In: STEKEL, E. L.; LIMA, L. C. VENEU, M. G. (ORGs). **Rio 456 anos: a Igreja na história da cidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021. p. 211-228.

KARAM, F. O milagre. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan., 1926.

KLAUCK, S. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX, **Revista de Humanidades**, [s. l.], v. 12, n. 29, 2011.

LEÃO XIII. **Humanum Genos**. Carta Encíclica do Papa promulgada em 1884.

LECLERC, G. **Sociologia dos intelectuais**. Tradução de Paulo Neves. São Leopoldo, RS: USINOS, 2003.

LEITE, F. L. A. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima: A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

LEME, S. **Carta Pastoral, saudando os seus diocesanos**. 1. ed. Petrópolis: Typ. Vozes de Petrópolis: 1916.

LEME. D. S. Centro Dom Vital: aprovação dos seus estatutos pela autoridade eclesiástica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 161, jun., 1922.

LEME. D. S. Centro Dom Vital: aprovação dos seus estatutos pela autoridade eclesiástica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 161, jun., 1922.

LICEU Alagoano Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-liceu-alagoano-o-colegio-estadual-de-alagoas.html>>. Acesso em 08 de jul. 2023.

LIMA, A. A. **A Ordem**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5, 1929.

LIMA, A. A. **Companheiros de viagem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

LIPPI, L. L. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MAINWARING, S. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARIN, J. R. Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 38(3), p. 197-217, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rj/rs/a/5XrCTGSfCVtrkBgz7tcpZch/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 de jun. 2023.

MENEZES, J. R. **Jackson de Figueiredo**: trechos escolhidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

MICELI, S. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MOURA, C. A. S. **Histórias cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910-1942). 2015, 443 p. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2015.

MOVIMENTO católico estrangeiro. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 37, set., 1922.

NOGUEIRA, H. Espiritismo e ciência. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1, ago., 1921a.

NOGUEIRA, H. **Jackson de Figueiredo**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

NOGUEIRA, R. B. Professor Emérito Alexandre Correia. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, n. 79, 1984, p. 17-21.

NEVES, F. R. **Vozes da reação**: atuação católica e laicização do Estado brasileiro (1890-1891). 2014. 209 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

NUNES, M. T. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

OLIVEIRA, L. L. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, M. M. As Origens da Educação no Brasil Da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. **Ensaio**: avaliação de política pública em Educação, Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 945-958, out./dez. 2004.

OLIVEIRA, N. C. de. **Trajetória intelectual do jesuíta Leonel Franca**: educação e catolicismo (1923-1948). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PALAVRAS que devem ser meditadas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 11, ago., 1921.

PAULA, C. J. O antiliberalismo católico no Brasil. Um estudo da atuação de Jackson de Figueiredo. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27,, 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/27/1364952696_ARQUIVO_O_antiliberalismocatoliconoBrasil.pdf>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

PAULO II, J. **Código de Direito Canônico**. Tradução Conferência Nacional dos Bispos no Brasil. São Paulo: Loyola, 1983.

PAVIANI, J. O ensaio como gênero textual. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GENEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caixias do Sul. **Anais Eletrônicos...** Caixias do Sul: SIGET, 2009. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf>>. Acesso em: 29 de set. 2023.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, M. A. M. L. A revista A Ordem e o "flagelo comunista": na fronteira entre as esferas política, intelectual e religiosa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 69, p.279-300, 2015.

PEREIRA, F. J. O espiritismo no campo religioso brasileiro. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 144-164, 2020.

PEREIRA, D. M. S. **Carta Pastoral do Exm. e Revm. Snr. Bispo de Olinda D. Miguel dos Santos Pereira saudando aos seus diocesanos**. Bahia: Lytho – Typografia V. Oliveira & C., 1894.

PEREIRA, F. H. **Os jornalistas intelectuais no Brasil**: identidades, práticas e transformações do mundo social. 2008, 469 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PIMENTEL, C. R. C. **Instruir e educar**: práticas de formação no colégio Jackson de Figueiredo (1938-1980). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Sergipe, Sergipe, 2014.

PINHEIRO FILHO, F. A. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil, Tempo Social, **Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, p. 33-49, jun. 2007. Acesso em: < <https://www.scielo.br/j/ts/a/rxDWxHmbYzBps6WKBb7SkFp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

PIO XI. Carta encíclica **Studiorum Ducem**. 1923.

PIO XI. Carta encíclica **Rerum Omnium Perturbationem**. 1923.

PRACHUM, B. N. **Educação e catolicismo**: a construção de um modelo de professor e as apropriações da Escola Nova a partir de Everardo Backheuser (1928-1946). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

PRACHUM, B. N; SKALINSKI JR, O. Apropriações católicas da Escola Nova a partir dos Manuais Pedagógicos de Everardo Backheuser (1933 -1946). **Práxis educativa**, v. 16, p. 1-19, 2021.

REIS, M. V.F.; SOUTO, J. F. A relação Igreja-imprensa: O nascimento da imprensa católica no Brasil no século XIX, **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 152-182, 2016.

RIBEIRO, E. S. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional - práticas e estratégias intelectuais**: 1889-1930. 2009. 275 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

RODRIGUES, C. M. A revista católica A Ordem no Brasil de princípios do século XX. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. 101, ano C, p. 22-36, 2021.

RODRIGUES, C. M. **Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica - 1928-1946**. 2006. 318 f. Tese (doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93434>>. Acesso em 02 mar. 2023.

RODRIGUES, C. M. Imprensa católica no Brasil entre os anos 1928-1940: a revista A Ordem. Albuquerque: **Revista de História**, Campo Grande, v. 5, n. 9, p. 161-193, jun. 2017.

SACARDO, V. A. **Autoridade acima de tudo: O pensamento geográfico de Jackson de Figueiredo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

SANTOS, E. C.; CARVALHO, M. Contar história do Liceu Alagoano: uma possibilidade de se entender o ensino da matemática em Alagoas. In: XIV SEMINÁRIO TEMÁTICO, 14., 2016, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <https://xivseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2016/05/EDLENE_SANTOS_T1_VF.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

SAPIRO, G. Campo literário. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 88-90.

SAPIRO, G, STELLA, M. A noção de campo de uma perspectiva transnacional: a teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. **Plural**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 233-265, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcso.2019.159917. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159917>. Acesso em: 1 mar. 2024.

SGARBI, A. D. **Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma “civilização cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)**. 2001. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SKALINSKI Jr, O. Alceu Amoroso Lima e a pedagogia católica no Brasil: “Princípios Pedagógicos” (1936) nas páginas da revista A Ordem. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. 101, ano C, p. 214-243, 2021.

SKALINSKI Jr, O. **Alceu Amoroso Lima ea renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1945): uma proposta de espírito católico e corpo secular**. Editora CRV, 2015.

SERRY, H. Literatura e catolicismo na França (1880-1914): contribuição de uma sócio-histórica da crença. In: CAMPOS, N.; SKALINSKI JUNIOR, O.; GARAY, G. [et

al.]. **Os intelectuais em contextos nacionais e internacionais**. Porto Alegre: Fi, v. 3, p. 293-326, 2023.

SILVEIRA, D. O. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <
<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1667/2/Eduardo%20Amaral%20Gurgel.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2023.

SILVEIRA, D. O.; ARDUINI, G. R. Intelectuais Católicos: Brasil e Portugal/Europa. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 8, n. 14, p. 21-23, jan./jun. 2016.

SIMÕES, R. D. **Integralismo e Ação Católica**: Sistematizando as Propostas Políticas e Educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no Período de 1921 a 1945. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TAVARES, L. G. P. A Thyptografia Bahiana, de Concinnato José Melchiades. In: I Congresso da Redecom, 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: FIB, 2002. Disponível em:
 <https://www.academia.edu/33334219/I_CONGRESSO_DA_REDECOM_GT_de_Prod%C3%A7%C3%A3o_Editorial_A_TYPOGRAPHIA_BAHIANA_DE_CINCINNATO_JOS%C3%89_MELCHIADES>. Acesso em 02 de jan. 2023.

TOMÉ, D. C. **Mariana Coelho e a educação das mulheres**: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940). 2020. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2020.

VELLOSO, M. P. A. A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica. **Ciência Política**, 21 (3): 117-160, Rio de Janeiro, 1978.

VIATTE, A. A crítica francesa e o Brasil. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 42, abr.,1925.

VILLAÇA, A. C. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VICTOR, N. **Cartas a Gente Nova**. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil, 1924.

VIEIRA, A. L. M. Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.,1926.

VIEIRA, C. E. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crença dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: LEITE, J. L.; ALVES, C. (org). **Intelectuais e História da Educação no Brasil**: poder, cultura e política. Vitória: EDUFES, 2011.

Apêndice A

Produções de acordo com o tipo de trabalho e a área do conhecimento

TIPO	QT.	ÁREA DE CONHECIMENTO/ QT.	ANO/ QT.
TESE	7	História (5) Sociologia Comunicação social	1952 2002 2009 (2) 2014 2015 2017
DISSERTAÇÃO	12	História (4) Ciências da Religião (2) Geografia (2) Educação (2) Sociologia (2)	1990 1992 1998 2001 2003 2005 2007 2008 2014 (3) 2016
ARTIGO	17	História (7) Ciências da Religião (2) Ciência política Filosofia Educação (4) Comunicação (2)	2006 2007 (2) 2008 2009 (3) 2010 2011 (2) 2013 (2) 2015 2016 (2) 2018 2020 2021
TOTAL	35		

Apêndice B
Produções acadêmicas organizadas em categorias

(continua)

CATEGORIA/ Qt.	AUTOR/ ANO	TÍTULOS DOS TRABALHOS	TIPO DE TRABALHO
Jackson de Figueiredo como intelectual católico (10)	Batista (2020)	Os intelectuais católicos nos primórdios do século XX no Brasil	Artigo
	Ribeiro (2009)	Modernidade no Brasil, Igreja católica, identidade nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889 1930	Tese
	Chripim (2009)	Intelectuais católicos no século XX: os mais ativos no Brasil	Artigo
	Costa (2016)	Fé e Obras: a construção da intelectualidade católica leiga no Brasil contemporâneo—os casos de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção	Artigo
	Jalles (2021)	Dois católicos na cidade: uma análise da amizade e da ação pública de Dom Sebastião Leme e Jackson de Figueiredo	Artigo
	Paula (2013)	O antiliberalismo católico no Brasil. Um estudo da atuação de Jackson de Figueiredo	Artigo
	Leite (2014)	A reconversão de Alceu Amoroso Lima: A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928	Dissertação
	Pinheiro Filho (2007)	A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil	Artigo
	Caldeira (2009)	Os caminhos de um conservador: Blaise Pascal no pensamento de Jackson de Figueiredo	Artigo
	Fontes (1952)	Jackson de Figueiredo: sentido de sua obra	Tese
Jackson de Figueiredo e a revista A Ordem (5)	Arduini (2014)	Os soldados de Roma contra Moscou: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (RJ, 1922-1948)	Tese
	Grosso (2007)	Ordem no céu, ordem na terra: A revista "A Ordem" e o ideário anticomunista das elites católicas (1930 – 1937)	Dissertação
	Homem (2016)	Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital: à luz da revista A Ordem	Dissertação
	Pereira (2015)	A revista A Ordem e o "flagelo comunista": na fronteira entre as esferas política, intelectual e religiosa	Artigo
	Rodrigues (2017)	Imprensa católica no Brasil entre os anos 1928-1940: a revista A Ordem	Artigo
Jackson de Figueiredo e a educação (2)	Simões (2005)	Integralismo e Ação Católica: Sistematizando as Propostas Políticas e Educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no Período de 1921 a 1945	Dissertação
	Sacardo (2008)	A Autoridade Acima De Tudo! O Pensamento Geográfico De Jackson De Figueiredo	Dissertação

Produções acadêmicas organizadas em categorias

(conclusão)

CATEGORIA/ Qt.	AUTOR/ ANO	TÍTULOS DOS TRABALHOS	TIPO DE TRABALHO
Imprensa católica (9)	Gurgel (2017)	Imprensa e Igreja católica no início do século XX: convergências e divergências	Tese
	Almeida (2002)	Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária: 1907/1937	Tese
	Amâncio (2014)	Um burel a plenos pulmões: atuação de Frei Pedro Sinzig na educação franciscana e imprensa católica (1900-1920)	Dissertação
	Gonçalves (2008)	Missionários da 'boa imprensa': a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX	Artigo
	Marin (2008)	Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil	Artigo
	Klauck (2011)	A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX	Artigo
	Reis e Souto (2016)	A relação Igreja-imprensa: O nascimento da imprensa católica no Brasil no século XIX	Artigo
	Silveira (2013)	A peleja pela "Boa Imprensa": reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil	Artigo
	Sgarbi (2001)	Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma "civilização cristã" e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)	Tese
Igreja católica no Brasil no início do período republicano (7)	Moura (2015)	Histórias Cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 - 1942)	Tese
	Ribeiro (2009)	Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional - práticas e estratégias intelectuais: 1889-1930	Tese
	Gonçalves (2009)	As tentações integralistas: Um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908- 1937)	Tese
	Bomfim (2001)	Território e Movimento Integralista: Uma Contribuição ao Estudo das Ideologias Geográficas no Pensamento Autoritário Brasileiro das Décadas de 1920-1930	Dissertação
	Neves (2014)	Vozes da reação: atuação católica e laicização do Estado brasileiro (1890-1891)	Dissertação
	Alves (2006)	Perspectivas para o ensino católico no Brasil	Artigo
	Casemiro (2010)	Estado, igreja e educação no Brasil nas primeiras décadas de república: intelectuais, religiosos e missionários na reconquista da fé católica	Artigo

Apêndice C

Textos analisados sobre educação na revista *A Ordem*

(continua)

TÍTULO	AUTOR	ANO	CATEGORIA
Nosso programa	A redação	1921	Educação religiosa
Palavras que devem ser meditadas	A redação	1921	Educação religiosa
Da continência ao fator eugênico	Hamilton Nogueira	1921	Educação religiosa
Ensino desmantelado e sem ideal	A redação	1921	Educação religiosa
-----	Ventura de Raulica	1921	Educação religiosa
França e Brasil de Amanhã	A redação	1921	Educação religiosa
Catolicismo nas escolas	A redação	1921	Educação religiosa
Palavras que devem ser meditadas (parte 2)	A redação	1921	Educação religiosa
História da Reforma de D'aubigné as Histórias do Império Romano de Gibbons	Lacerda de Almeida	1921	Educação religiosa Educação intelectual
Espiritismo e ciência	Hamilton Nogueira	1921	Educação intelectual
A Águia — Órgão da Renascença Portuguesa, vol. XIX — 2a série (Janeiro a Julho de 1921)	Jackson de Figueiredo	1921	Educação cívica;
Moléstias da alma	M. G. Ribeiro	1921	Educação intelectual
Os fenômenos espíritos	Hamilton Nogueira	1921	Educação intelectual
"Honra ao mérito" — Vultos e factos dos tempos de colégio evocados por Hubert Rohden,	A redação	1922	Educação cívica;
Ramos do Saber — Classificação das ciências e de todos os ramos do saber	A redação	1922	Educação intelectual
-----	Alcidino Pereira (texto transcrito)	1922	Educação religiosa
Catolicismo e Política	A redação	1922	Educação cívica;
Feliz iniciativa	Clementino Contente	1922	Educação cívica; Educação moral
Lição desta hora	Jackson de Figueiredo	1922	Educação cívica; Educação moral
Capítulo de um ensaio sobre a obra de Afrânio Peixoto	Jackson de Figueiredo	1922	Educação moral
Um suicídio que, mais que os outros, faz meditar	A redação	1922	Educação religiosa; Educação moral;
As ciências naturais e os dados da fé católica	Hamilton Nogueira	1922	Educação intelectual
Movimento católico estrangeiro	A redação	1922	Educação cívica; Educação religiosa;
O centenário	A redação	1922	Educação cívica;
A defesa da sociedade	Perilo Gomes	1922	Educação cívica;
Considerações sobre a eucaristia	Perilo Gomes	1922	Educação intelectual
A Lei de Caim - de Monsenhor José Landim – Centro Boa Imprensa – Petrópolis, 1921	Perilo Gomes	1922	Educação moral;
A glória de Pasteur	Hamilton nogueira	1923	Educação intelectual
1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância	A redação	1923	Educação religiosa;

Textos selecionados para análise sobre educação na revista *A Ordem*

(continuação)

TÍTULO	AUTOR	ANO	CATEGORIA
O idealismo religioso e a ordem democrática	Plínio Barreto	1923	Educação cívica;
O Espírito Cristão e a sua influência no movimento da Independência.	A redação	1923	Educação cívica; Educação religiosa; Educação moral;
Folhas dispersas	Mario Serrano	1923	Educação intelectual
Palavras esmo	Pe. M. F. Gomes	1923	Educação religiosa; Educação moral;
A mulher	Hamilton Nogueira	1923	Educação moral
Educação infantil	Hamilton Nogueira	1923	Educação intelectual
A Ação Católica no Brasil contemporâneo e a palavra de Dom Sebastião Leme	A redação	1923	Educação religiosa; Educação moral;
Pelo futuro da nacionalidade	Hamilton Nogueira	1923	Educação cívica; Educação cívica;
A questão social da teosofia	Perillo Gomes	1924	Educação religiosa
Ensaio de crítica literária	Perillo Gomes	1924	Educação moral
Conferência de eucaristia de Arnold Amaral	A redação	1924	Educação cívica; Educação moral
O malthusianismo: sério problema social que é também brasileiro	Hamilton Nogueira	1924	Educação cívica
Pelo Centro Dom Vital	Dom Leme (texto transcrito)	1924	Educação cívica
O máximo problema	A redação	1924	Educação cívica; Educação moral; Educação cívica; Educação intelectual
Escola normal católica	A redação	1924	Educação intelectual
A Igreja e o pensamento contemporâneo	A redação	1925	Educação intelectual
A crítica francesa e o Brasil	Augusto Viatte	1925	Educação cívica;
A Igreja e a Reforma Constitucional	A redação	1925	Educação religiosa; Educação moral;
A Igreja e a crise universal	A redação	1925	Educação religiosa; Educação moral;
Nilismo	Frei Candido	1925	Educação moral;
Um artigo de Plínio Barreto (transcrição)	A redação	1925	Educação religiosa; Educação moral; Educação cívica
A Igreja e o pensamento contemporâneo	Alexandre Correia	1925	Educação religiosa; Educação moral
Como nos Estados Unidos se procede na magna questão de educação	A redação	1925	Educação religiosa

Textos selecionados para análise sobre educação na revista *A Ordem*

(conclusão)

TÍTULO	AUTOR	ANO	CATEGORIA
Ensino religioso na escola primaria	Arthur Gaspar Viana	1925	Educação religiosa
A Igreja	A redação	1925	Educação moral; Educação cívica
A doutrina de ordem	Hamilton Nogueira	1925	Educação moral
Um artigo do sr. Luiz Delgado	A redação	1925	Educação moral
O milagre	Francisco Karam	1926	Educação intelectual
Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos	A. L. de Mello Vieira	1926	Educação moral
Comunitário da encíclica <i>VBI ARCANUM</i>	A redação	1927	Educação moral
A igreja e o mundo moderno	Pierre Arthuys	1927	Educação moral
A igreja e o mundo moderno	Pierre Arthuys	1927	Educação moral Educação intelectual
Quase como há trinta, quase como há dez anos atrás	Jackson de Figueiredo	1927	Educação religiosa
Obra e ação doutrinária do Centro Dom Vital	Plínio Barreto	1928	Educação moral
Um parecer sobre o ensino	A redação	1928	Educação religiosa

Apêndice D

As fontes que compõe a pesquisa

A AÇÃO Católica no Brasil contemporâneo e a palavra de Dom Sebastião Leme. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 1-3, ago./set.,1923.

A IGREJA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 45, mai.,1925.

A IGREJA E A CRISE universal. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar.,1925.

A IGREJA E A REFORMA constitucional. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar.,1925.
A Água — Órgão da Renascença Portuguesa, vol. XIX — 2a serie (Janeiro a Julho de 1921). **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1 p. 13, ago., 1921d.

AINDA VIVOS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 57, jan.,1928. ALMEIDA, L. História da Reforma de D'aubigné as Histórias do Império Romano de Gibbons. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 4, nov. 1921.

ARTHUYS, P. A igreja e o mundo moderno. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 54, abr./jun.,1927.

ARTHUYS, P. A igreja e o mundo moderno (continuação). **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 56, abr./jun.,1927.

BARRETO, P. O idealismo religioso e a ordem democrática. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 18/19/20, jan./mar., 1922.

BARRETO, P. Obra e ação doutrinária do Centro Dom Vital. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 59, mar.,1928.

CANDIDO, F. Nihilismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 43, mar.,1925.

CATHOLICISMO e Política. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 6, jan., 1922.

CATHOLICISMO nas escolas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 2 p. 30, set., 1921.

COMO NOS ESTADOS Unidos se procede na magna questão de educação. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 45, mai.,1925.

COMUNITÁRIO da encíclica VBI ARCANUM. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 54, abr./jun.,1927.

CONFERÊNCIA de eucaristia de Arnold Amaral. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 37, nov.,1924.

CONGRESSO Brasileiro de Proteção à Infância. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 18/19/20, jan./mar., 1922.

CONTENTE, C. Feliz iniciativa. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 13, ago., 1922.

CORREIA, A. A Igreja e o pensamento contemporâneo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 44, abr.,1925.

CUNHA, L. A. Sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil – 1931-1997. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, maio/ago. 2007.

DA INTERPRETAÇÃO filosófica na evolução dos fatos históricos. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.,1926.

ENSINO desmantelado e sem ideal. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 51, nov., 1921.

ESCOLA normal católica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 38, dez.,1924.

FERNANDES, C. A. F. **Jackson de Figueiredo**: uma trajetória apaixonada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

FIGUEIREDO, J. **Afirmações**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital. 1925a.

FIGUEIREDO, J. **Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito**: profissão de fé espiritualista. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1916b.

FIGUEIREDO, J. **Auta de Souza**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1924a.

FIGUEIREDO, J. **Bater de asas**. Aracaju: Livraria Brasileira, 1908.

FIGUEIREDO, J. **Carta à Plínio Barreto**. Rio de Janeiro, 1928.

FIGUEIREDO, J. Discurso pronunciado no dia 22 de abril de 1925. In: MENEZES, J. R. **Jackson de Figueiredo**: trechos escolhidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

FIGUEIREDO, J. **Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1925c.

FIGUEIREDO, J. **Garcia Rosa**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1915.

FIGUEIREDO, J. **Humilhados e luminosos**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1921c.

FIGUEIREDO, J. **Incenso e oiro**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917.

FIGUEIREDO, J. **O crepúsculo interior**. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1918b.

FIGUEIREDO, J. **Pascal e a inquietação moderna**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922b.

FIGUEIREDO, J. **Zíngaros**. Salvador: Typ. Bahiana, 1910.

GOMES, P. **A defesa da sociedade**. A Ordem, Rio de Janeiro, n. 13, ago., 1922a.

HONRA ao mérito" — Vultos e factos dos tempos de colégio evocados por Hubert Rohden. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 10, mai., 1922.

IN MEMORIAM: Jackson de Figueiredo. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1929.

KARAM, F. O milagre. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.,1926.

LEME, D. S. Centro Dom Vital: aprovação dos seus estatutos pela autoridade eclesiástica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 161, jun., 1922.

MOVIMENTO católico estrangeiro. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 37, set., 1922.

NOGUEIRA, H. Espiritismo e ciência. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1, ago., 1921a.

NOGUEIRA, H. **Jackson de Figueiredo**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

PALAVRAS que devem ser meditadas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 11, ago., 1921.

VIATTE, A. A crítica francesa e o Brasil. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 42, abr.,1925.

VIEIRA, A. L. M. Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos. **A Ordem**, Rio de Janeiro, n. 49, jan.,1926.

ANEXO A

Poema Andorinha ferida

Quase morta que estás, e inda parece
Que o vento vem acariciar-te as penas;
Teus olhos têm um êxtase de prece,
E por eles o mundo não condenas!...

Que dor a tua! E que tristezas mansas
Trouxeste-me nas penas doloridas!
Peça-me um bando de desesperanças,
Vendo-te as asas frouxas e partidas!...

De onde vinhas, quem sabe? Pra onde irias?
Que mares refletiram teu olhar?
A quantos olhos tu inspirarias,
Saudades e lembranças de Além-mar?

E as ilhas? E o teu bando alvorotado,
As tristezas do outono em vão fugindo...
Ruínas do castelo abandonado...
Velas que andaste no alto mar seguindo!...

Quantos crepúsc'los diferentes viste,
Roxos de cismas e melancolia!...
E o esvoacar do bando, à hora triste,
A cada badalar da Ave-Maria...

E os lagos que beijaste à flor das águas!
E estradas mudas pelo Sol bailadas!
Conventos onde o vento canta mágoas,
Nas trinchas das janelas esquecidas...

E quanta coisa mais!... Algum poeta...
E o teu ninho num canto denegrido...
Os fios telegráficos e a seta
De um pára-raio para o céu erguido!...

E hei de te ver morrer... que dor a minha!
Assim, aos poucos, muda, na ansiedade...
E voarás de então, triste andorinha,
No céu da minha lírica saudade!

E hei de te ver tentar a asa ferida,
Apressando no esforço a própria morte...
E em vendo-te de todo já sem vida,
Cismando ficarei na tua sorte...

Sorte de um romantismo amargurado,
Como a de certas ilusões queridas,
Que andaram assim em bando alvorotado,
E depois destacaram-se perdidas!...

Sonhos azuis, fantasmas e desejos
 Audazes ilusões que foram minhas...
 Sempre em revolta revoada e adejos,
 Como um bando de loucas andorinhas!

Cada qual delas, como tu andaste,
 Andou também pelos longínquos mares...
 E pousou como tu também pousaste
 No alto cimo das torres seculares!

Viram também crepúsculos de França!...
 Prantos de António Nobre desgraçado...
 E nos muros amigos da Esperança,
 Construíram seu manso gasalhado!

Depois, uma após outra foi ficando
 No caminho da Vida turbulento...
 Umas que o Inverno surpreendeu, tombando
 No gelo tão fatal do Esquecimento!

Outras que a água do mar andou beijando,
 E que desfaleceram nos seus braços...
 Mar de tristeza e dúvida execrando,
 De espumas venenosas e sargaços...

Umas que se ficaram tortecidas,
 Vendo uma chama azul no Chimborazol...
 Outras que foram como tu feridas,
 Neste encontro infeliz do bruto acaso...

E hei de te ver morrer... que dor a minha!
 Assim aos poucos, muda, na ansiedade...
 E hás de voar de então, triste andorinha,
 No céu da minha lírica saudade!